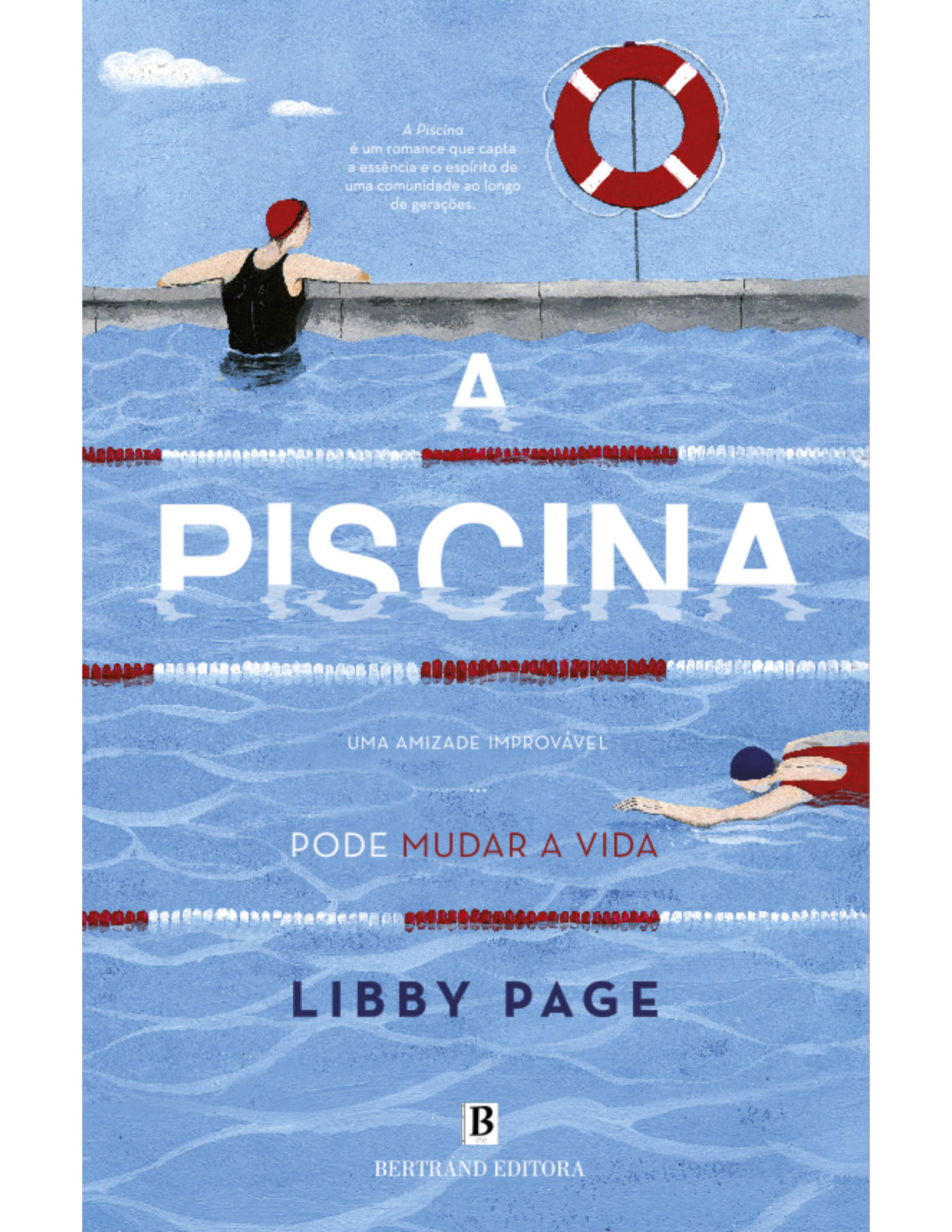




A Piscina
é um romance que capta
a essência e o espírito de
uma comunidade ao longo
de gerações.

A PISCINA

UMA AMIZADE IMPROVÁVEL

...
PODE MUDAR A VIDA

LIBBY PAGE



BERTRAND EDITORA



Libby Page é uma jovem autora inglesa que começou a trabalhar em *marketing*, mas que sempre continuou, em paralelo, a atividade regular de escrita que mantinha desde criança.

Com 16 anos, já publicara um livro ilustrado, chamado *Love Pink*, para angariação de fundos destinados ao combate contra o cancro da mama. Licenciou-se em Comunicação Social no London College of Fashion e posteriormente tornou-se jornalista do diário *The Guardian*.

Depois da escrita, a sua segunda paixão é a natação.

Título: A Piscina

Título original: The Lido

1.ª edição em papel: fevereiro de 2019

Autora: Libby Page

Tradução: Sofia Gomes

Revisão: Miguel Freitas

Design da capa: Rute Selésio

Imagens da capa: Susa Monteiro

The Lido © 2018 by Elisabeth Page

[Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.]

Bertrand Editora

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.º 1

1500-499 Lisboa

www.bertrandeditora.pt

editora@bertrand.pt

Tel. 217 626 000

ISBN: 978-972-25-3814-5

Alex Page
Minha irmã, companheira de natação

CAPÍTULO 1

Sai-se da estação de metropolitano de Brixton e é um carnaval de tambores de aço, ruído de fundo do trânsito e aquele homem à esquina a gritar «Deus ama-vos» até aos mais odiosos.

— Bilhetes para esta noite na Brixton Academy — berra um candongueiro à entrada da estação. — Compra e venda de bilhetes para a Brixton Academy! — Os passageiros sacodem a cabeça aos promotores e pregoeiros que se esforçam por lhes enfiar folhetos nas mãos fechadas. Abre-se caminho por entre a multidão e passa-se pelo rastafári que vende incenso e discos à porta do Starbucks. Do outro lado da rua fica o Morleys, o grande armazém que ali resiste há anos. «Love Brixton» brilha em tubos de néon na montra da vizinha TK Maxx.

Hoje, flores primaveris dispostas em baldes exibem as suas pétalas na banca do florista: narcisos, túlipas e peónias repolhudas. O florista é um velho de avental verde-escuro com as unhas sujas da terra e um cordão de ouro ao pescoço. Faça o tempo que fizer, vende pedidos de desculpa e declarações de amor a preços razoáveis. Embrulhados em papel pardo e atados com uma fita.

A seguir à estação fica a Electric Avenue: palpita com gente e bancas onde se vende de tudo, desde hortaliças a carregadores para telemóveis. O ar cheira a melões doces com um travo a peixe. Os peixes jazem em camas de gelo, passando de brancos a vermelhos ao correr do dia e recordando-nos também que nunca devemos comer neve cor de rosa.

Os comerciantes desferem preços uns aos outros na rua, descontos arremessados como *frisbees*. Apanham-nos e voltam a lançá-los.

— Três por dez, *trêspordez*.

— Não perca, três por cinco, *TRÊSPORCINCO*.

— Três por cinco? Eu faço cinco por cinco!

Uma jovem mãe com um bebé atravessa o mercado com um carrinho de compras a reboque, navegando por entre caixas de cartão achatadas e folhas de bananeira. Caminha devagar, para de vez em quando para examinar legumes, pega neles e revira-os como um criador a examinar um cachorro. Os eleitos são trocados por moedas que ela saca da mala. Um homem fotografa uma banca, os olhos fixos nas cores dos vegetais vistos através da lente da câmara do seu telemóvel. Em seguida, dá meia-volta e vai comprar comida na loja de congelados Iceland.

Do outro lado da rua, Kate apressa-se na direção oposta, rumo a casa vinda do seu emprego de jornalista no *Brixton Chronicle*. Não tem tempo para examinar legumes. Ou talvez não saiba o que procurar neles. Pode ser primavera, mas Kate vive sob uma nuvem carregada. Que a segue para onde quer que ela vá e da qual, por mais que tente, não consegue fugir. Serpenteia por entre as pessoas, desesperada por voltar ao seu apartamento, fechar a porta e meter-se na cama. Quando não está a trabalhar, é na cama que passa a maior parte do tempo. Na rua, procura bloquear os sons que a rodeiam, para eles não a invadirem e esmagarem. Mantém os olhos baixos, cravados no passeio.

— Com licença — diz, ao ultrapassar uma idosa rechonchuda sem levantar a cabeça.

— Desculpe — responde Rosemary, desviando-se. Olha para as costas da jovem que se afasta com pressa. É uma mulher de pequena estatura, com um rabo de cavalo castanho-claro que lhe chega a meio das costas e balouça ao ritmo das suas passadas. Rosemary sorri, recordando como era ter pressa. Aos oitenta e seis anos, não tem pressa de ir a lado nenhum. Pelo contrário, carrega as suas compras e caminha pausadamente em direção ao seu apartamento nas imediações de Brockwell Park. Está vestida com

simplicidade mas bom gosto, de calças, sapatos rasos e uma gabardina de primavera, o cabelo grisalho e ondulado penteado para trás e preso com um gancho. Ao longo dos anos o seu corpo modificou-se a ponto de ela mal o reconhecer, mas os olhos estão na mesma — azul-claros e sorridentes, mesmo quando a boca não o está.

Hoje é dia de Rosemary ir às compras. Fez a ronda das suas lojas e bancas preferidas, cumprimentou Ellis, o homem das frutas e hortaliças, e recolheu o saco castanho semanal de produtos. Passou pelo alfarrabista dirigido por Frank e o sócio Jermaine. Os três conversaram durante algum tempo, Rosemary sentada no banco da janela com *Sprout*, o *golden retriever* deles, e passando os olhos pelas prateleiras em busca de novidades ou qualquer coisa que lhe tivesse escapado na semana anterior. Gosta de parar ali e sentir o cheiro a bafio de centenas de livros.

Depois da livraria partilha uma fatia de bolo com a amiga Hope no café preferido delas no Brixton Village, o mercado coberto atrás da Electric Avenue. Para Rosemary e Hope continua a ser o Granville Arcade, o antigo mercado e o único sítio onde Hope encontrava os alimentos caribenhos de que tantas saudades sentiu quando se mudou para Brixton, aos doze anos. Hoje está repleto de restaurantes, lojas e bancas. A mudança ainda as perturba, mas gostam do café onde o jovem empregado já as conhece e começa a preparar o pedido mal as vê aproximarem-se da montra. E o bolo é delicioso.

Assim que Rosemary entra no Village é de imediato atingida pelo perfume das especiarias e pelo rumor das pessoas que conversam e comem pelos corredores — os sons e os cheiros a que ela se habituou nas suas visitas semanais. O mercado é arejado e alguns restaurantes fornecem mantas para as pessoas cobrirem os ombros e o colo enquanto comem. Fios com lâmpadas pendem do teto alto, fazendo o mercado parecer uma feira de Natal mesmo na primavera.

Hope e Rosemary bebem café e conversam, Hope falando com orgulho da neta Aiesha e da filha Jamila — como sempre, cheia de trabalho. Rosemary recorda com ternura o dia em que Jamila, sua

afilhada, terminou o curso de medicina. Enviou-lhe flores com um cartão que dizia: «Querida senhora doutora...»

Hope e Rosemary recordam o tempo em que trabalhavam juntas na biblioteca, como fazem todas as semanas.

— Lembras-te da primeira vez que Robert se encheu de coragem e te convidou para sair? — pergunta Rosemary com um sorriso. O marido de Hope, Robert, foi motorista de autocarro antes de se reformar, há uns anos, e quando eram jovens ele ia à biblioteca todos os dias no fim do turno e olhava em volta, procurando avidamente a figura elegante de Hope.

— Demorou bastante tempo — responde Hope. — Nunca me vou esquecer de ti em cima do escadote a fingir que ias arrumar livros só para ele não ter outro remédio senão falar comigo.

As duas mulheres riem ao mesmo tempo, ambas deliciadas com aquele momento da sua semana. Mas agora os pés de Rosemary doem-lhe e ela quer ir para casa.

— Para a semana à mesma hora? — pergunta Rosemary quando se despedem, abraçando a amiga e apercebendo-se de que, aos sessenta e oito anos, Hope também é agora uma idosa. Aperta-a um pouco mais — para Rosemary ela será sempre a rapariga alegre que foi trabalhar para a biblioteca aos dezoito anos e que Rosemary tomou sob a sua asa.

— Para a semana à mesma hora? — repete Hope, acenando uma última vez e descendo a rua para ir buscar Aiesha à escola (a parte melhor do seu dia).

Rosemary passa pelas filas de pessoas à espera de autocarro e atravessa o cruzamento onde o velho cinema se ergue a uma esquina, os títulos dos filmes da semana inscritos em letras brancas no quadro preto. Em frente há um grande largo onde velhotes sentados em cadeiras fumam enquanto adolescentes andam de *skate* à volta deles.

À medida que ela se vai afastando da estação, as lojas são substituídas por moradias geminadas e prédios. Acaba por alcançar o Hootananny, o antigo e degradado *pub*, famoso pela sua música ao vivo. O cheiro a marijuana ergue-se dos bancos corridos do exterior onde grupos se sentam a beber imperiais e a fumar. Aí ela

vira à esquerda, entra na rua que contorna o extremo do parque e vai dar às torres de apartamentos onde vive.

O elevador, frequentemente avariado, está a funcionar, o que é um alívio.

Rosemary mora ali há muito tempo. Mudou-se para lá com o marido, George, tinha o quartoirão acabado de ser construído e eram eles recém-casados. A porta da entrada abre logo para a sala, onde o que dá imediatamente nas vistas é a estante que cobre toda a parede da direita.

A cozinha adjacente contém uma mesa, duas cadeiras e uma televisão colocada em cima da máquina de lavar roupa. Depois de tirar as compras do saco, Rosemary abre as portas e vai à varanda. O seu fato de banho azul-marinho pende do estendal como uma bandeira. Há plantas ali fora: apenas umas alfazemas envasadas, nada de extravagante — não seria o estilo dela. Dali Rosemary vê o Brockwell Park estender-se mesmo à sua frente, uma vista que a faz esquecer o ruído e a multidão da Electric Avenue.

A primavera está a chegar e o parque exhibe um viçoso tom verde. Veem-se árvores, campos de ténis, um jardim e uma pequena colina com uma antiga mansão agora usada para eventos e para vender gelados e guloseimas a crianças de dedos pegajosos. Duas vias férreas circundam o parque: a verdadeira, que atravessa o sul de Londres, e uma em miniatura que só funciona no verão para crianças muito pequenas. O Sol começa a pôr-se e Rosemary observa as pessoas que dão uma volta depois do trabalho, aproveitando os dias mais longos. Desportistas sobem e descem a colina a correr. E, na orla do parque mais próxima da sua varanda, uma construção baixa em tijolo vermelho abraça um retângulo perfeito de água. A piscina está dividida em pistas por cordões e há toalhas espalhadas pelo deque envolvente. Nadadores flutuam na água como pétalas. É um local que ela conhece bem. É o lido, o seu lido.

CAPÍTULO 2

Todas as manhãs, quando vai para o trabalho, Kate cruza-se com rostos desconhecidos que esperam o autocarro ou saem das suas casas a correr e entram em automóveis estacionados por ali. Mas também há os que lhe são familiares. Vê-os todos os dias, com roupa e penteados que mudam com as estações do ano, assinalando a passagem do tempo.

Na avenida principal passa por um homem louro e alto com uma testa grande que anda sempre de blusão de cabedal preto, faça chuva ou faça sol. Consoante está adiantada ou atrasada, passa por ele em determinado ponto da rua. Se passa por ele no princípio da avenida, sabe que tem tempo para tomar um café; se passa por ele já ao fundo, acelera e segue, meio a andar, meio a correr.

Depois há a jovem de cabelo escuro e rosto animado que abana a cabeça ao ritmo da sua música e frequentemente canta por cima dela. Às vezes, está acompanhada por um jovem calçado com *Doc Martens*. Se vai com ele, pendura os auscultadores ao pescoço e conversa, dando-lhe o braço. Hoje está sozinha.

Quando se cruzam, Kate quase acena, mas depois lembra-se de que não a conhece de lado nenhum. Não sabe como ela se chama nem para onde vai todas as manhãs no sentido contrário ao seu. Nunca foram apresentadas mas o rosto dela é-lhe tão familiar como a H&M ao cimo da rua, o cinema ou o mercado. Faz tanto parte de Brixton como os tijolos que a constroem.

O céu primaveril escurece de repente e começa a chover. Kate pragueja — deixou o guarda-chuva em casa. O aguaceiro encharca-

a num instante e ela chega ao escritório do *Brixton Chronicle* a pingar. Ao chegar depara-se com Jay, o fotógrafo do jornal, nas escadas. Ele sorri-lhe, a boca sublinhada por uma barba louro-avermelhada, o cabelo encaracolado lembrando um halo em volta da sua cabeça. Alto e entroncado, mas um pouco desajeitado, ocupa quase todo o espaço da escadaria. Não trabalham juntos com frequência, mas cumprimentam-se sempre de manhã e acenam um ao outro quando se cruzam em Brixton. Ele parece estar constantemente a sorrir e mesmo nos dias piores fá-la sorrir também, ainda que a boca dela não o mostre.

— Bom dia! — diz ele encolhendo-se para caberem os dois no degrau. A sua voz profunda tem um sotaque acentuado do sul de Londres.

— Bom dia. Vais sair?

— Sim, tenho um trabalho para fazer — aponta para o saco com a câmara fotográfica que leva ao ombro —, uma crítica. Um restaurante novo vai ser inaugurado no espaço onde havia um *pub*. O meu pai diz que se lembra de ir lá beber copos quando tinha a minha idade.

— Muito bem, até logo — responde Kate. — E não te esqueças do teu...

Antes de ela acabar a frase, ele aponta para o guarda-chuva pendurado na mochila.

Ela anui com a cabeça e segue para o escritório.

— Estiveste a nadar, não? — pergunta-lhe o diretor, quando ela pendura o casaco molhado nas costas da cadeira.

Phil Harris é um homem cujo corpo não foi tratado com grande gentileza. As faces estão sempre roxas, da mesma cor do clarete que bebe todas as noites no *pub* local com a esposa ou, dizem as más-línguas, por vezes com a sua não esposa. É visível uma acumulação de bifos e batatas fritas em volta da cintura, uma espécie de boia que acabará por arrastá-lo para a morte. Não é rico — nunca alcançou o topo da hierarquia jornalística — mas para ele a riqueza está em comer e beber.

Kate sacode a cabeça:

— Não, foi a chuva que me apanhou desprevenida. Nem sequer sei nadar.

É mentira. Ela sabe nadar. Se caísse acidentalmente numa piscina conseguiria chegar à borda. Conhece os princípios básicos, o que os braços e as pernas devem fazer para nos mantermos à tona. Só que não nada desde a adolescência. Tinha natação na escola, mas, assim que pôde escolher, desistiu. Foi mais ou menos na puberdade, quando os corpos das raparigas lhes parecem roupas desconfortáveis de que só pensam em livrar-se. Lembra-se da transformação: à borda da água, as amigas bem-dispostas transformaram-se num grupo cabisbaixo, os braços em volta de si mesmas a disfarçarem a enorme vergonha dos seus corpos imperfeitos, hediondos.

— Isso pode ser um problema — diz Phil. — Temos um trabalho para ti no lido. Claro, não é indispensável saberes nadar... mas dava jeito para entrares mais na história, sabes, perceber porquê tanta polémica...

Kate sente o gosto do cloro e do medo de ficar seminua diante dos seus colegas de turma. Sem mais explicações, Phil atira-lhe um folheto todo dobrado por cima da pilha de livros que separa as suas secretárias, que aterra no teclado dela. Na frente vê-se uma fotografia a preto-e-branco de uma piscina ao ar livre. Há uma prancha alta e um homem fotografado a meio do mergulho, de braços estendidos como as asas de uma andorinha. No interior está uma fotografia do que Kate presume ser o lido na atualidade: água azul brilhante e crianças agarradas à borda batendo vigorosamente os pés.

«Salvem o nosso lido» está manuscrito em grandes letras no folheto. Kate lê o texto do interior: «O nosso lido, aberto desde 1937, está ameaçado. O município anunciou problemas financeiros e uma irrecusável oferta de compra do edifício por uma empresa de construção, a Paradise Living. Querem converter o nosso querido lido num ginásio particular só para sócios. Vamos permitir que isso aconteça? Se acha que pode ajudar a campanha, informe-se junto dos funcionários do Brockwell Lido».

«Os nadadores do Brockwell Lido» é a assinatura por baixo. Kate pensa que tudo aquilo deve ter sido feito com uma tesoura e uma fotocopiadora. É uma suposição correta.

— Quer que eu escreva sobre isto? — pergunta.

Atualmente, Kate escreve no *Brixton Chronicle* sobre animais de companhia, previsões de obras na estrada ou planeamento de projetos. Aqueles artigos perto do fim, mas não na última página, dedicada ao desporto. Aquelas notícias que ninguém lê. Aquelas histórias que nem mostraria aos professores do seu mestrado em jornalismo. Contudo, a sua mãe ainda as vai guardando, coladas num caderno, o que torna tudo ainda pior.

— Quando fores famosa, vais ficar contente por eu as ter guardado — dizia ela, e Kate afundava-se ainda mais no embaraço que usava como um casaco.

— Sim — responde Phil —, acho que há qualquer coisa de positivo nisso tudo. Sabias que a Paradise Living já construiu quatro quarteirões em Brixton? Vendem os apartamentos por milhões. Acham que haver um ginásio particular no Brockwell Lido vai ajudar a vendê-los ainda melhor. — Vira-se para Kate: — Disseste que querias uma história. Aí a tens.

As histórias eram as amigas de Kate antes de ela começar a dar-se com pessoas. Seleccionava-as, escondia-se no meio delas na biblioteca e mergulhava nas suas páginas. Assumia a personalidade de Hermione Granger de *Harry Potter*, de Zé de *Os Cinco*, ou de Catherine Morland de *Northanger Abbey* e tentava ser uma delas por um dia. Quando entrou para a escola secundária, as suas amigas eram as personagens com quem travava conhecimento nas páginas dos seus livros. Sentavam-se a seu lado na biblioteca enquanto ela comia sanduíches atrás dos livros para a bibliotecária não ver (a bibliotecária via sempre, mas fingia que não).

Agora, conta histórias de outras pessoas. Mesmo que se trate apenas de entrevistar alguém que perdeu um gato, Kate acha sempre interessante. Por vezes os seus interlocutores espantam-se com as perguntas que ela lhes faz. «Qual é a memória mais antiga que tem de *Smudge*?» «Acha que a sua vida teria sido diferente se

não tivesse comprado *Milo*?» «Se *Bailey* falasse, mas só pudesse dizer uma palavra, o que acha que ele diria?»

Na maior parte das vezes, as suas entrevistas são cortadas, ficando reduzidas à informação básica: «*Smudge*, um gato malhado com três anos de idade, desapareceu da casa dos Oliver a 3 de setembro. Dão-se alvíssaras» — mas ela armazena-as na cabeça, revirando-as como se fossem páginas de um estimado livro antigo.

Esta história é uma espécie de bola que o diretor lhe atira e ela não a vai deixar cair.

CAPÍTULO 3

Uma piscina tem um ar desolado sem os seus nadadores. É cedo e o nadador-salvador retira a cobertura e enrola o plástico, sonolento e em silêncio. Da varanda onde se encontra, Rosemary vê o vapor erguer-se da superfície, como se a água fosse um ser vivo e respirasse. O céu pode estar azul, mas o ar continua tão frio que arrepia. Aquece as mãos na taça de papa de aveia e vê o nadador-salvador vestir o seu polar e voltar para dentro assim que termina a tarefa e a água está livre.

Reina o silêncio até chegar o casal de patos-reais, deslizando pela superfície onde pousam. Têm a piscina por sua conta. Rosemary gosta de as observar de manhã, as duas aves desfrutando da piscina vazia onde os reflexos do sol parecem confetes.

Chegam os primeiros nadadores. Estão calados, em parte devido ao sono e em parte por respeito para com o sossego e os patos. Conhecem bem os patos e nadam à volta deles até o casal resolver que está na hora de partir e apressar-se a fugir da água e voar por cima do muro do lido.

O nadador-salvador vigia a piscina da sua cadeira, como um árbitro de ténis no alto do seu trono. Ver os nadadores mergulhar e emergir é a sua meditação matinal, sua e de Rosemary. Ela acaba a papa, entra em casa e pega no saco da natação que está no seu lugar junto à porta.

Rosemary chega ao lido às sete da manhã todos os dias. Assim que está pronta, abre a porta do vestiário e sai para o frio. Correria

se pudesse. Em vez disso, caminha até à borda, onde os seus pés chegam três minutos depois da sua mente. O seu corpo não é tão forte como a sua vontade: o envelhecimento obrigou-a a ser paciente.

Ao dirigir-se aos degraus examina os outros nadadores: uma piscina cheia de braços rompendo a superfície. Só os praticantes de *crawl* têm rostos reconhecíveis.

Desce os degraus e sente-se como uma árvore fustigada pelo vento. Os seus ramos rangem. Larga-se da escada e deixa-se cercar pela água, permitindo que aquele frio a rodeie e habituando-se à temperatura antes de agitar suavemente os pés. Começa a dar braçadas firmes sob a neblina. Não vê o lado mais fundo da piscina, mas sabe que se continuar a bater os pés acabará por lá chegar. Rosemary tem oitenta e seis anos, mas na água não tem idade.

Rosemary vive em Brixton desde que nasceu. Até mesmo durante a guerra foi uma das poucas crianças que lá ficou. Exceto quando a água era sugada pelos bombeiros para apagar fogos nas redondezas, o lido nunca fechou e ela ia nadar sempre que podia. Ao princípio sentia-se culpada por estar dentro de água ao mesmo tempo que o seu pai, e os pais dos seus amigos, combatiam. Apanhou alguns sustos, como quando caíram bombas de noite no parque adjacente ao lido e na Dulwich Road, que lhe é paralela. Lembra-se de ir ao parque no dia seguinte aos bombardeamentos e ver famílias de olhos vermelhos cambalear por entre os destroços enquanto os vizinhos tentavam ajudar a resgatar alguma coisa das suas casas destruídas.

Mas apesar de tudo isso, o lido ali estava. E com o passar dos meses Rosemary deixou de viver o tempo todo triste — seria como estar vestida permanentemente com roupa domingueira. Acabaria sempre por ter de ajeitar a blusa, desentalá-la, descalçar-se e voltar a ser uma adolescente. Ao longo desses anos o lido era silencioso: as crianças de Brixton tinham quase todas sido evacuadas da cidade para a segurança do campo e, com os homens fora e as mulheres a trabalhar, tornava-se difícil recrutar nadadores-salvadores. Era frequente ter a água fresca e azul só para si.

Atrás do muro do lido, um autocarro arranca de uma paragem. Também ouve o ruído de um comboio, uma paragem em Herne Hill antes de seguir caminho a assobiar, para Loughborough Junction. A vida de Rosemary construiu-se dentro das paredes desses nomes, os nomes de todas as colinas: Tulse Hill, Brixton Hill, Streatham Hill, Herne Hill. Em seguida, as «aldeias»: Dulwich, West Norwood, Tooting. Os nomes têm um sabor tão familiar como o da pasta de dentes na sua boca. Conhece os números dos autocarros pela sua silhueta e os nomes das ruas pelos seus sons — App-ach. Strad-ella, Dal-keith, Holling-bourne, Tal-ma.

Também conhecia todas as montras, mas começa a ter dificuldade em recordá-las. Por vezes pensa que anda alguém a pregar-lhe partidas. Sempre que um estabelecimento bem conhecido é substituído por outro, tem de riscar o antigo do mapa que tem dentro da sua cabeça e trocá-lo pela nova imobiliária ou pelo novo café. É difícil acompanhar as mudanças, mas faz o que pode. Se não conhecesse esses lugares perder-se-ia numa cidade nova que já não é sua. Gostaria que houvesse algum tipo de reconhecimento pela quantidade de informação que foi reunindo ao longo da vida. Se eliminasse da cabeça todos os números, nomes e topónimos que a ocupam, talvez então conseguisse aprender alguma coisa de útil, como falar uma língua estrangeira ou tricotar. O tricô daria jeito no inverno.

Rosemary nada *crawl* com braçadas regulares, mergulhando e levantando a cabeça, deixando que a água lhe inunde os ouvidos. Vê à sua frente os seus próprios dedos enrugados do frio, embora não saiba até que ponto é da água ou da idade. As suas rugas surpreendem-na sempre. As jovens não têm rugas. Ela é uma jovem a nadar de manhã sob os olhares atentos do grande relógio antigo e do nadador-salvador que rola o apito na mão. Está a nadar antes de ir para o trabalho na biblioteca — terá de se vestir depressa se quiser chegar a horas. O cabelo pingar-lhe-á costas abaixo com as subidas e descidas às prateleiras.

— Já atravessaste o Canal a nado, Rosy? — vai perguntar George quando ela chegar a casa no final do dia.

— Ainda não cheguei lá.

Agora, porém, a biblioteca está fechada e o George não está aqui. Para no lado menos fundo da piscina e encosta-se à parede antes de se dirigir muito lentamente para os degraus. Imagina aquele lido como um ginásio privado, para uso exclusivo dos residentes, e embora esteja habituada à água fria, estremece. Quando sai, já não é jovem e está dolorosamente consciente da existência dos seus joelhos. Nunca reparava que tinha joelhos quando era nova; tal como o passe da terceira idade, é um elemento da sua vida que ressenete. Continua a pagar o bilhete normal, por uma questão de princípio.

CAPÍTULO 4

O trajeto de Kate do trabalho para casa leva-a a atravessar as construções que circundam a avenida principal. De vez em quando, passa por apartamentos e desce ruas residenciais, espreita as janelas das casas e imagina as histórias no interior dos edifícios.

Uma família janta na sala da frente, o clarão da televisão projeta-se nos seus rostos e revela expressões de surpresa, tristeza e tédio. Uma jovem pratica num violino em segunda mão e o inesperado som de Bach escoá-se do quinto piso de uma torre de apartamentos.

No andar por baixo da violinista, um casal partilha um charro na varanda. Estão os dois completamente vestidos, mas têm os pés descalços e tão próximos que quase se tocam, como o resto dos seus corpos. O cheiro doce é a primeira coisa em que a mulher da porta ao lado repara quando chega do trabalho. Abre a janela da varanda, atira o casaco para o sofá e deita-se em cima dele, as mãos cruzadas sobre a barriga e a respirar profundamente.

Na cozinha de um apartamento do rés do chão, um casal idoso toma a sua refeição da noite. Estão sentados lado a lado e olham pela janela para uma raposa que deixa o seu rasto no jardim comunitário. Quando acabam de comer, dão as mãos por baixo da mesa.

Numa moradia grande uma família espalha-se pelas respetivas divisões, cada um vivendo à sua maneira mas todos debaixo do mesmo teto. Na porta ao lado duas raparigas vestem-se, uma de

princesa, outra de Homem-Aranha. A princesa e o Homem-Aranha dão as mãos e pulam em cima da cama.

Por detrás de algumas janelas as histórias são tristes, por detrás de outras há risos e amor que podem não ser exuberantes nem dramáticos, mas preenchem serenamente os quartos, como uma alcatifa.

Enquanto caminha, Kate imagina que, algures na cidade, há alguém como ela, sentada sozinha a comer manteiga de amendoim diretamente do frasco. Não sabe se algum desses desconhecidos a compreenderia se ela lhes contasse o que não pode contar às pessoas da sua família — que há dias em que não lhe apetece sair da cama e que se esqueceu de como é ser feliz.

É claro que não confessa a ninguém que se sente só. Não é suposto uma pessoa sentir-se só aos vinte anos. Os vinte anos são para fazer amigos para a vida, ter namorados condenáveis e férias loucas, em que se bebem *shots* uns atrás dos outros e se goza a melhor fase da vida. Ela vê no Facebook pessoas a festejar os seus aniversários, a sair à noite e a divertir-se à grande. No ecrã do seu telemóvel, parecem brilhar! É como se a vida fosse servida aos outros e não sobrassem restos para ela. Pelo menos, assim parece. Não conta a ninguém que às vezes se sente um pobre urso de peluche com o pelo coçado, daqueles que se encontram esquecidos por baixo de um banco na estação do metropolitano. Só quer que alguém pegue nela e a leve consigo para casa.

Kate partilha uma casa com outros quatro inquilinos — dois estudantes e duas pessoas que ela não sabe bem o que fazem. Entram a horas diferentes e fecham as portas dos quartos, passando de vez em quando em direção à (única) casa de banho. São pessoas que ela já ouviu gemer no calor do sexo (paredes finas) e cujos pelos púbicos ela já retirou do ralo do chuveiro, mas não sabe onde estavam antes de irem para aquela casa, nem quais são os seus filmes preferidos. Pode dizer-se que não os conhece.

E seguramente elas não a conhecem. Mas afinal o que há para saber? Irmãos: sim, uma irmã mais velha, a Erin. Pais: uma mãe, um padrasto e um pai que vive em Antígua com a namorada e só telefona em dias especiais (aniversários, Natal e licenciaturas).

- Parabéns, K.
- Obrigada, pai. Continua a haver sol por aí?
- Podes crer. Continua a chover por aí?
- Podes crer.
- Tenho saudades tuas.
- Está bem. Adeus, pai.
- Adeus, Kate.

Kate e Erin cresceram nos subúrbios de Bristol com a mãe e o padrasto Brian. A mãe trabalhava numa agência criativa, vestia roupa de cores garridas e gostava de contar anedotas. Brian sempre foi muito mais discreto. Um académico, especializara-se numa fase específica da história medieval, que Kate nunca se lembrava de qual era. Usava camisolas de lã grossas e óculos de aros redondos e achou muito divertido quando soube por Erin que aquele modelo de óculos era agora muito popular entre os seus colegas da escola. Brian foi viver lá para casa quando Kate tinha sete anos, ainda demasiado pequena para questionar fosse o que fosse: nessa altura, achava que a sua vida era uma coisa que lhe acontecia e não algo em que ela pudesse interferir. Erin, seis anos mais velha, reagiu de forma mais destemida, como os gatos que gostam de manter as visitas ao largo e correm para debaixo do sofá a qualquer movimento súbito. No entanto, com o tempo habituaram-se os quatro a ser uma família. Cada um tinha o seu papel e desempenhava-o bem: a mãe de Kate levava-as a galerias de arte e perguntava-lhes a sua opinião sobre os quadros, o que lhes faziam sentir; Brian lia em voz alta o jornal, oferecia-se para ajudar com os trabalhos de casa e de vez em quando dava dinheiro às escondidas a Erin para ela poder sair com os amigos. Kate e Erin também desempenhavam papéis específicos: Kate era a tímida irmã mais nova com a cabeça enfiada nos livros e Erin, mais arrogante, mandava em Kate e a mostrava-lhe o seu afeto de vez em quando, como quem dá um biscoito a um cão bem-comportado. No primeiro dia de Kate na escola secundária, a irmã mais velha ensinou-a a

ajustar o uniforme de modo a que o comprimento da saia ou o número de riscas na gravata não levasse ninguém a chamar-lhe nem «marrona» nem «problemática».

Kate frequentou a universidade em Bristol, em parte porque saía mais barato viver em casa, mas também porque ainda não se sentia preparada para partir. Terminado o curso foi para Londres fazer um mestrado em jornalismo e depois arranjou emprego num jornal regional em Brixton.

Quando se mudou para Londres, Kate partiu do princípio de que ia conhecer muitas pessoas. Mas já lá estava há dois anos e isso ainda não acontecera. Só tem os colegas de apartamento, que deixam a roupa suja amontoar-se no meio da cozinha, como num jogo de *jenga*, e acham que o bolor é a decoração perfeita para uma casa de banho.

Os seus amigos de Bristol continuavam a viver lá e nunca queriam ir a Londres. Diziam gostar de estar num sítio onde conheciam toda a gente e que Bristol servia muito bem se quisessem sair à noite. Achavam que em Londres era tudo muito caro e que não viam necessidade de lá ir. Estavam certos relativamente a ser um sítio muito caro, mas Kate não tinha dinheiro para ir a Bristol com regularidade. Há cerca de um ano deixara de ir. Ninguém reparou e desde então nunca mais falou com os amigos de Bristol.

A solidão de Kate manifesta-se ora através de indigestão, ora através de uma dor persistente atrás dos olhos ou de uma sensação de peso excessivo nas pernas, em comparação com o resto do corpo. Quando precisa de apanhar o metropolitano, gosta de ler a *Time Out* e imaginar o que podia estar a fazer — talvez *speed dating* em Shoreditch ou dançar numa discoteca silenciosa no topo de um edifício na cidade, ou aprender a fazer umas irónicas calças de crochê num bar que é também um local onde se realizam festas *rétro*. Mas depois lembra-se que o *speed dating* mais não é do que repetir o nome e a ocupação a trinta desconhecidos, que as discotecas silenciosas são menos divertidas para quem vai sozinho e que as calças irónicas não têm graça nenhuma quando só nós rimos delas.

Portanto, em vez disso, todas as tardes quando sai do trabalho vai direita para casa, a não ser que o frigorífico se encontre completamente vazio, altura em que tem de ir ao supermercado próximo buscar a sua refeição pronta preferida e o vinho que estiver em promoção. Chegada ao seu apartamento, espera três minutos que a comida aqueça no micro-ondas e em seguida fecha-se no quarto.

O quarto não é grande, mas tem espaço suficiente para uma cama de casal e uma secretária pequena. Não tem estantes, de modo que os livros se equilibram instavelmente em pilhas encostadas a uma das paredes. Em cima da secretária colocou um computador portátil e uma planta raquítica envasada que a mãe lhe comprou quando ela para ali foi. «Felicidades no teu novo lar» lê-se num cartão em forma de abelha preso ao vaso.

Uma vez lá dentro, abre o vinho e senta-se na cama a ver documentários com títulos como *O Rapaz que Quer Amputar o Braço*. E chora porque, por estranho que pareça, sabe perfeitamente o que é sentir vontade de rastejar para fora do próprio corpo, ou, caso isso não seja possível, escortinhá-lo e flutuar para fora dele. Ou talvez seja só do vinho. Todas as noites bebe demasiado, porque depois se sente toldada, o que é melhor do que estar consciente do medo que está sempre presente e da nuvem por cima da sua cabeça.

Fica acordada até tarde, fitando o clarão do ecrã do computador, na esperança de aí encontrar algum consolo, de sentir uma afinidade com as pessoas cujos rostos estão a ser iluminados pelos seus computadores. Quando se farta de fazer pesquisas, fecha o portátil e coloca-o junto à cama. Às vezes chora e ensopa o travesseiro em volta do rosto. Procura não fazer barulho, para os colegas não ouvirem, mas frequentemente dá por si a chorar convulsivamente e a ficar sem fôlego, como se estivesse a afogar-se. Nessas alturas em que grita alto, pergunta-se se no fundo não quererá que alguém a ouça: que alguém bata à porta, a abrace e lhe diga que vai passar. Mas nunca ninguém fez isso. Esgotadas as lágrimas, deita-se às escuras com os olhos bem abertos, sentindo-se entorpecida da cabeça aos pés. Acaba por adormecer.

CAPÍTULO 5

As crianças do clube de natação não têm medo de nada. Rosemary vê-as ondular como girinos nas pistas, para a frente e para trás. São suficientemente jovens para aguardarem, numa inconsciência total, de pé na borda da piscina, a sua vez de mergulhar. Metem-se umas com as outras enquanto esticam as toucas coloridas por cima da cabeça.

Observando-as do café ela identifica as que já nasceram atletas: as que têm corpos demasiado compridos para a idade e troncos afilados como cones de gelado. Algumas crianças são mais pequenas e têm barrigas que criam pequenas colinas nos fatos de banho, mas a sua intrepidez surpreende-a quando as vê saltar para a água. Mal o instrutor apita, mergulham umas atrás das outras como garrafas derrubadas, certas de que a água as vai receber com um sorriso e que os seus corpos saberão reagir e o que devem fazer uma vez submersos. Rosemary só queria ter a mesma confiança no seu corpo — nem sempre está garantido que ele vai obedecer às suas ordens.

— É a Rosemary?

Rosemary desvia o olhar da piscina e fixa-o na jovem de pé a seu lado. Traz na mão um caderno e uma pilha de papéis. A roupa que veste, em vários tons de cinzento, parecem ter caído em cima dela e o cabelo está preso atrás num rabo de cavalo meio despenteado.

— Espero que não se importe que eu tenha vindo ter consigo — diz a jovem. — Disseram-me na receção que a senhora é a pessoa

ideal para me falar do lido.

— Sou a Rosemary, sim. Que deseja saber acerca do lido?

— O meu nome é Kate Matthews. Trabalho no jornal da região. Estamos a pensar escrever um artigo sobre o potencial encerramento do lido. Foi a senhora que fez isto?

A jovem mostra o folheto «Salvem o nosso lido».

Rosemary cora. Sente vergonha de aquilo ter sido escrito à mão e fotocopiado — só agora repara no aspeto amador do papel.

— Fui, sim. Mas não sei se posso ajudá-la.

Ouve-se o plástico a raspar na pedra quando Kate puxa de uma cadeira para se sentar. Ela segue o olhar de Rosemary até à piscina.

— São tão giros — comenta Kate. — E nadam tão bem. — Viram-se as duas para verem as crianças obedecer às ordens do instrutor: «Estica os braços!», «Bate mais os pés!». Apesar de tão pequenos são velozes como peixes.

— Gostava de ajudar. — Rosemary olha fixamente para a piscina, para a água tornada branca e espumosa por pés e braços desejosos de agradar. A aula chega ao fim de uma série de piscinas e as crianças mais rápidas já estão a sair e a saltitar. O último grupo ainda demora algum tempo, batendo os pés ainda com mais força do que os seus colegas mais acelerados.

— Não quero ficar de braços cruzados. Mas dizem que a Paradise Living ofereceu uma fortuna e o município não se pode dar ao luxo de recusar a oferta.

Rosemary faz uma pausa, olha para a água. O sol reflete-se à superfície e incide sobre as crianças que nadam, vigorosas, para cima e para baixo.

— Paradise Living — diz Rosemary com uma gargalhada. — Eles sabem lá o que é viver no paraíso.

— Já ouvi falar deles — observa Kate. — O nosso jornal publicou um artigo sobre a empresa há uns tempos... uns quarteirões novos e luxuosos que eles construíram. — Pausa. — Gostaria de entrevistá-la, Rosemary.

— Entrevistar-me para quê?

— É para o jornal. Acho que era ótimo ter o seu perfil a acompanhar a notícia. O artigo ganharia bastante se focasse também o aspeto humano... se ouvisse pessoas que vêm aqui há anos explicar o que o lido significa para elas. O gerente disse-me que a Rosemary é a nadadora mais fiel do lido.

Rosemary sorri e pensa em Geoff, o gerente do lido que conhece tão bem. Em seguida olha para Kate pensando se poderá ou não confiar nela. Como é natural, desconfia dos jornalistas. Apesar de na verdade nunca ter falado com nenhum. Esta jovem não se parece nada com a ideia que Rosemary tinha de uma jornalista. Parece uma criança.

— Há quanto tempo frequenta o lido? — pergunta Kate.

— Oh, desde sempre.

Rosemary não se lembra de um único dia da sua vida sem o lido — faz tanto parte da sua rotina quotidiana como o chá que bebe na varanda.

— Gosta de nadar? — pergunta a Kate.

— Oh, não, nem por isso, quer dizer, eu... — a voz de Kate vai esmorecendo e ela enterra-se cada vez mais na cadeira. Ao fundo, um homem executa um salto encarpado perfeito para dentro de água. Rosemary vê Kate a observar o homem ansiosa. O seu rabo de cavalo meio desfeito bem precisava de uma lavagem e tem olheiras escuras. Está bem afundada na cadeira, os ombros ligeiramente inclinados para a frente como se estivessem a tentar proteger o resto do corpo de alguma coisa. A desconfiança anterior de Rosemary quebra-se como a superfície da água com o mergulho do nadador.

— Dou-lhe a entrevista se em troca vier nadar — propõe Rosemary.

Kate fica pasmada, os seus olhos castanhos dardejам, inseguros. Por instantes não responde, mas acaba por anuir com a cabeça.

— Está bem — diz, lentamente. — Quando é que lhe dá jeito, então, fazermos a entrevista?

— Não — replica Rosemary. — Primeiro nada, depois marcamos uma data. Este é o meu endereço eletrónico. Quando tiver nadado,

avise-me. E não se preocupe. É como andar de bicicleta. Nunca mais se esquece.

A caminho de casa, depois de se despedir de Kate, Rosemary pergunta a si mesma por que raio terá obrigado a jovem desgraçada a tal acordo. No entanto, qualquer coisa lhe diz que Kate está a precisar de umas boas braçadas.

CAPÍTULO 6

No lido, uma grávida muda de roupa. O corpo dela espanta-a. Ela é uma bola de praia, um balão tenso, um planeta, um mundo. Puxa o *top* do biquíni para cima da barriga. Só que aquilo já não é uma barriga — é uma montanha. Sente os pontapés dele no interior do seu globo.

— Pronto, meu amor — diz a mulher em voz baixa. — Vamos nadar, querido.

Ninguém no vestiário parece importar-se por ela estar a falar sozinha. A loucura é, pelos vistos, tolerada numa grávida, tal como as mudanças de humor, as idas frequentes à casa de banho e comer dois (está bem, três) hambúrgueres por semana.

A parte de baixo do biquíni mal lhe chega às ancas e uma lua de carne espreita por baixo do *top*. Servia-lhe a semana passada. A mulher equilibra a toalha em cima da montanha enquanto guarda a roupa no saco e fecha o cacifo, volta a pegar na toalha e põe-na ao ombro.

Uma adolescente segura-lhe a porta. Ela vai ter saudades da gentileza que parece irradiar da sua gravidez. Sorri, sai para o deque e o sol do lido retribui-lhe o sorriso. Os seus pés pisam suavemente o cimento húmido. Tem os tornozelos inchados e as unhas dos pés por arranjar; já não consegue esticar-se por cima da barriga para as pintar. Percebe que estão a observá-la enquanto caminha até ao fim da piscina, sentindo inúmeros olhos em cima de si.

Nunca conversou tanto com desconhecidos como durante a gravidez. A gravidez é como o tempo: um tema sobre o qual não há quem não goste de falar. Têm-lhe recomendado que se deite virada para a esquerda para combater o inchaço dos tornozelos, mostrado inúmeras fotografias de netos, sugerido uma infinidade de planos de gravidez. Na verdade, tanta atenção agrada-lhe. É bom saber que há uma coisa que é dela e não do marido. Não que ela o admita seja a quem for, mas tem medo que o seu bebé goste mais do pai do que dela.

Descer os degraus para a piscina é uma luta, mas, assim que entra na água, o peso ganho ao longo de oito meses desaparece — a água suporta-os aos dois. É um frio agradável. Um frio que aplaca um corpo agora tantas vezes quente com o peso do seu filho.

Enquanto nada pensa em coisas banais como *não me posso esquecer de comprar comida para gato e será que recolheram o contentor das embalagens hoje e tenho de telefonar à minha sogra a agradecer o almoço*. As suas braçadas são lentas mas fortes, e os dois deslocam-se na água como um navio a patrulhar a costa. O céu está salpicado de nuvens cor de pele de elefante e uma brisa debate-se com as árvores. Enquanto nada à sombra dos seus ramos, pensa se o pequeno jardim em forma de cotovelo comportará um balouço. Talvez seja melhor ele aprender primeiro a andar. Qual é a primeira coisa que eles aprendem? Talvez encontrem um balouço próprio para bebés.

Ela bate os pés e sente-o bater os dele.

Uma mulher sentada na borda enfia uma touca de banho na cabeça do seu filho e sorri à grávida. *Deve ser assim a vida daquelas pessoas exceccionalmente bonitas*, pensa enquanto nada.

É o marido a fazer o jantar esta noite; na verdade, ultimamente é quase sempre ele quem cozinha. Pergunta si mesma qual será a ementa — espera que não seja nada salteado; o seu corpo retorce-se ao pensar em esparguete, embora não o deteste particularmente.

Quando lhe contou que estava grávida, romperam os dois em lágrimas de felicidade. Nessa noite ele não parou de lhe beijar a barriga. Os seus lábios pressionaram com ternura o umbigo dela e depois entre as coxas.

Umas semanas depois choravam de terror. Ela nem se lembra porquê, mas de repente sentiu-se uma criança a quem tinham confiado um segredo demasiado pesado. Primeiro a notícia empolgou-a, depois apavorou-a. O marido deve ter sentido o mesmo porque ambos choraram e tremeram e só queriam voltar a ser os dois sozinhos. Tinham apenas dois remos e a força e a experiência necessárias para continuarem a remar a direito. Uma terceira pessoa ia seguramente fazer com que se desviassem da rota.

Foi ele quem conseguiu sossegá-la. Comprou-lhe livros e obrigou-a a lê-los com ele. Ela andava a evitá-los, receando que as referências a bombas para extrair leite e à moleza dos crânios dos bebés a aterrorizassem. Mas leram e aprenderam juntos, como dois estudantes a prepararem-se para os exames, e correu tudo bem.

No lado menos fundo ela repousa um momento, as costas encostadas e as mãos sobre o tecido molhado e esticado sobre a sua barriga. Costumava achar horrível as grávidas afagarem as barrigas daquela maneira — parecia-lhe demasiado íntimo. Mas agora não consegue evitá-lo.

Está desejosa de que o bebé nasça. O corpo dói-lhe de o carregar e o coração aperta-se-lhe de tanta vontade de o ver. Mas enquanto nada deseja que seja sempre assim — só os dois, numa intimidade que nunca terão com outra pessoa. A água sustenta-os e eles sustentam-se um ao outro.

CAPÍTULO 7

Kate não esperava que comprar um fato de banho fosse um desafio tão grande. De pé sob a lâmpada fluorescente do gabinete de provas, examina o seu corpo. Sempre foi pequena e magra mas no último ano engordou um pouco por viver à base de refeições prontas e manteiga de amendoim. No espelho vê uma pessoa que mal reconhece. Ancas: demasiado largas. Coxas: demasiado arredondadas e cravejadas de celulite. Seios: continuam demasiado pequenos.

Kate não gosta lá muito de andar nua. Entra no chuveiro rapidamente e sai da casa de banho já vestida. Até o pijama é enfiado à pressa. Quando era pequena, os pais não costumavam atravessar despidos o corredor do quarto para a casa de banho. Não vem de uma família de adeptas de *topless* ou grandes decotes. O pudor corre-lhe nas veias.

A sua roupa amontoa-se a um canto do gabinete de provas. Os *jeans* conservam a forma das suas pernas mas pendem para o lado, como se fossem a sua sombra amarrotada no chão. Está desejosa de vesti-los mas ainda falta experimentar um fato de banho — o quarto. Precisa de tomar uma decisão.

Quando Rosemary lhe disse que concedia a entrevista se ela nadasse, Kate esteve mesmo para dizer que não. Mas aquela era a sua primeira história propriamente dita, uma hipótese de mostrar o que valia a Phil e começar a escrever artigos capazes de deixar a sua mãe orgulhosa.

E as palavras de Rosemary não lhe saem da cabeça: «É como andar de bicicleta. Nunca mais se esquece». Porque houve um tempo em que Kate gostava de nadar. Quando era criança, antes de ser infetada pela vergonha, ia com Erin à piscina local, onde tinha golfinhos e focas pintados no fundo e um repuxo borrifava crianças que guinchavam. Erin nadava por baixo de água e passava entre as pernas de Kate, emergindo com ela às cavalitas. Lembra-se da felicidade e da despreocupação que sentia dentro de água na companhia da irmã. Se pelo menos tentar entrar na água, talvez consiga voltar a ter essa sensação.

Kate confronta a sua barriga no espelho. É macia e uma fila de pelos pretos desenha um risco do umbigo à cintura das calças. Pelos que foram uma parte assustadora do crescimento. Porque tinham todos aqueles pelos brotado nos sítios mais improváveis? Desde os catorze anos que se esforçava por suprimi-los com lâminas, cera e cremes de depilação que cheiravam a plasticina. No entanto, ninguém elimina, arranca ou faz desaparecer o desconforto adolescente da descoberta de todos aqueles pelos.

Pega no fato de banho caído a seus pés e puxa-o para cima até aos seios. O cheiro a licra cola-se à sua garganta e fá-la sentir que está a afogar-se ainda antes de entrar na piscina. Está calor na loja, tanto que ela começa a sentir a familiar comichão nas axilas e a cabeça a andar à roda.

É o Pânico. *Agora não*, diz para consigo, *aqui não*. Mas o Pânico já está dentro do gabinete de provas com ela, tornando o espaço insuportavelmente exíguo. Está em toda a parte, preenchendo o minúsculo cubículo, empurrando-a de fora para dentro. Obriga-a a baixar-se até estar ajoelhada de fato de banho; respira com dificuldade, abre e fecha a boca, ofegante. Não há ar suficiente. Precisa de água mas a mão que vasculha a mala informa-a de que deixou a garrafa em casa. Os seus pulmões arfam e esforça-se por mantê-los cheios. O Pânico pouisa as mãos nas suas têmporas e carrega com força.

Não chores, não chores, diz para consigo ao mesmo tempo que as lágrimas lhe inundam o rosto.

Um. *Está demasiado calor.* Dois. *Para, peço-te.* Três. *Não sou capaz.* Quatro. Respira fundo. Cinco. Seis. Sete. Oito. Nove. Em poucos minutos consegue recuperar o controlo da sua respiração. Permanece sentada no cubículo. O espelho está rachado ao meio. *É sempre assim,* pensa. Continua acocorada no chão, exausta.

Kate teve o seu primeiro ataque de pânico na zona de cuidados de beleza de uns grandes armazéns. Foi logo depois de chegar a Londres e iniciar o mestrado em jornalismo. Cresceu com a ansiedade sempre à espreita nos bastidores, à coca. Nunca gostou de multidões; quando outras crianças a convidavam para festas em parques temáticos ou cinemas ela dizia à mãe que lhe doía a barriga e que não podia ir, quando na verdade apavorava-a a ideia de estar no meio de muita gente. Preferia ficar sossegada a ler um livro. De vez em quando, a mãe dava com ela aninhada dentro do roupeiro, a dormir, com um livro aberto no colo. Era para lá que ia ler. Sentia-se segura naquele espaço limitado, protegida pela roupa e pelo cheiro do perfume da mãe.

Kate sentia-se mais confortável nos seus livros do que na vida real. Gostava de reler as suas histórias preferidas: saber o que ia acontecer dava-lhe uma sensação de calma, como se ela própria as conduzisse. E se não gostava da direção que um livro novo tomava, podia simplesmente fechá-lo, pô-lo de lado e regressar quando se sentisse capaz, ou passar a uma história diferente. A vida real, porém, não era assim.

Quando foi para Londres, sentiu-se assustada, como se a sua vida fosse um carro que a levasse a reboque, sacudindo-a e arremessando-a contra o asfalto. Tudo era novo, grande e desconhecido; sentia-se pequena e só.

No primeiro dia do mestrado, o professor passeou-se pela sala de aula pedindo aos alunos que dissessem algo sobre eles próprios. Kate falou de Bristol, da família, e disse que agora vivia em Brixton.

— E, como uma verdadeira mulher de Brixton, adoro cidra.

Em seguida falaram os outros estudantes.

— Chamo-me Josh e fui diretor do jornal da minha universidade. A minha série de investigação sobre o racismo no campus teve uma nomeação para um prémio nacional.

— Sou a Henrietta. Os meus artigos de opinião têm sido publicados com regularidade no *Independent* e no *Guardian*.

— O meu nome é Lucas e tenho uma licenciatura em Literatura Inglesa da Universidade de Cambridge, onde fui também dirigente da associação de estudantes e tive a melhor nota do meu curso.

E assim por diante. A cada novo orador, Kate mais pequena se sentia. Ficou cheia de dúvidas: que estava ali a fazer? Na verdade, admirava-os, mas não poder falar de si nos mesmos termos embaraçava-a.

Depois da aula foi a Oxford Street, o primeiro sítio de que se lembrou para ir comprar um presente de anos para a mãe. Era hora de ponta e nunca tinha visto tantos corpos esmagados uns contra os outros no metro. Foi levada pela multidão como um pedaço de madeira à deriva no mar, empurrada plataforma fora, depois portas dentro, indo embater contra o corpo de um desconhecido.

Uma vez na rua, a situação não melhorou. Homens de fato a caminho de casa ziguezagueavam por entre multidões de turistas que entravam e saíam das lojas. Kate conseguiu chegar ao cruzamento e depois desceu a rua devagar. De tantos em tantos passos tinha de se desviar para dar passagem a um carrinho de bebé ou a um grupo de pessoas. Sentia o seu ritmo cardíaco acelerar sempre que alguém lhe dava um encontrão ou a atingia com os sacos das compras. Estava em finais de um setembro invulgarmente quente e ela suava em bica, mas nem para tirar o casaco tinha espaço.

Não se lembrava de ter decidido entrar nos grandes armazéns, mas de repente deu por si em plena secção de perfumaria com ávidos assistentes de vendas a borrifá-la com perfume, sorrisos agressivos pintados com perfeição nos seus rostos.

— Precisa de ajuda? — perguntou uma mulher de uniforme branco, igual ao das assistentes dentárias, quando Kate passou por ela. A boca de Kate estava cheia com o aroma de tantos perfumes.

Os cheiros eram enjoativos e adocicados, como rebuçados de pera esquecidos durante demasiado tempo no bolso de um casaco.

As pessoas à sua volta lembravam enxames de insetos. Sentiu-se tonta e viu a sua imagem refletida mil vezes nas mil faces espelhadas — nos lados das escadas rolantes, nos pilares, nos balcões dos artigos de maquilhagem, nos espelhos pequenos que as assistentes de vendas estendiam quando as clientes queriam experimentar uma nova cor de batom. Até o chão era polido e a sua superfície preta e brilhante exibia o seu rosto aterrorizado.

Tudo era quente e pesado e os olhos ardiam-lhe como se alguém tivesse puxado as cortinas deixando a luz de um sol insuportavelmente quente incidir diretamente sobre a sua cabeça. Então apercebeu-se de que não conseguia mexer-se. Estava encolhida junto ao balcão da *Estée Lauder*, apavorada. Desatou a chorar e a maquilhagem começou a escorrer-lhe pelo rosto e a salpicar de preto a sua blusa branca.

Kate nunca imaginou que algum dia fosse capaz de se sentar no chão no meio de uma loja a chorar sem saber porquê. Se pudesse sair do seu corpo e olhar para si mesma de longe, perguntar-se-ia quem era aquela maluca e que raio se passava com ela.

De regresso à loja de desporto, volta a vestir-se e limpa o rosto. Ajeita o cabelo, abre a porta do gabinete e dirige-se ao balcão.

— Já decidi, obrigada — anuncia. — Levo este.

Não passaria pela cabeça de quem olhasse para Kate que ela era uma jovem visitada pelo Pânico. Só ela sabe disso.

CAPÍTULO 8

O lido esvazia-se de pessoas quando chove. Rosemary observa-o da sua varanda, abrigada do aguaceiro de primavera pela varanda do andar de cima. Só há dois nadadores na piscina. Não percebe porquê; nadar à chuva é um dos seus maiores prazeres. É uma indulgência secreta, como a colher de açúcar mascavado que põe a mais na papa da manhã ou a sensação de enfiar os pés em meias que estiveram a aquecer em cima do aquecedor.

Quando chove, a linha entre o céu e a água não se distingue. «Em cima» e «em baixo» passam do preto e do branco a um cinzento turvo onde tudo é água. Os poucos nadadores entreolham-se com um ar superior, como jovens pais orgulhosos pelo facto de o seu bebé ser mais bonito do que todos os outros. Sabem que possuem uma coisa muito especial e não veem mais nada à frente.

Também chovia há algumas semanas, quando ela soube que o lido ia fechar. Preparava-se para dar as suas braçadas habituais quando Geoff a procurou para lhe dar a notícia. Era um homem de meia-idade com um rosto que Rosemary definia como amável. Insistia em ir de casaco e gravata para o emprego e os ténis eram a sua única concessão ao local de trabalho. De um vermelho-vivo, sorriam debaixo da bainha das elegantes calças cinzentas.

— Senhora Peterson, antes que se vá embora, preciso de falar consigo — disse quando a viu passar pela receção. Foi então que ele contou que o lido lutava com dificuldades financeiras há muito tempo e que uma empresa de construção, a Paradise Living, tinha recentemente feito uma oferta ao município. Explicou que queriam

transformá-lo num ginásio só para residentes, uma mais-valia que ia ajudar a vender os apartamentos em construção por todo o lado, em Brixton.

— E não sei se faço bem em dizer-lhe isto — continuou ele —, mas ouvi dizer que eles até tencionam cimentar a piscina e construir em cima um campo de ténis. Acham que o ténis é mais popular entre os residentes do que a natação.

Explicou que não tinha a certeza, mas que tudo o indicava.

— Lamento tanto — disse Rosemary. — As suas crianças lindas.

Geoff tinha fotografias dos seus dois filhos, um rapaz e uma rapariga de oito e dez anos, num placar informativo por trás da receção. Nadavam ali todos os fins de semana e em geral iam a correr abraçá-lo quando saíam da piscina, encharcando-lhe as calças. Ele nunca se importava.

— O município arranja-lhe outro emprego?

— Espero bem que sim — respondeu Geoff. No entanto, não parecia nada esperançoso.

Nesse dia, enquanto nadava, Rosemary esforçou-se por banir da sua cabeça imagens da sua piscina cheia de cimento e para sempre fechada ao público. Só quando chegou a casa é que se permitiu chorar.

Uns dias depois, fez os folhetos numa biblioteca local. Colocou fotos do seu álbum na fotocopiadora por baixo do papel onde escrevera a sua mensagem. Teve de esperar bastante tempo que as cem cópias saíssem. Sentou-se e leu todos os folhetos que estavam em exposição — anúncios de eventos no cinema do bairro, de aulas de ioga e um muito informativo sobre saúde sexual. Quando as cópias ficaram todas feitas, a pilha de papéis estava quente como roupa de algodão acabada de passar a ferro. Curiosamente, também o cheiro era igual.

Decidiu deixar alguns na biblioteca. Foi assim que começou a distribuir os folhetos que, como migalhas de pão, formaram um rasto em redor do lido. Introduziu-os por baixo das portas da sua rua e deixou um monte no café do lido e nos vestiários. Os homens fizeram um ar ligeiramente espantado quando a viram colar papéis aos espelhos do lado masculino.

— Tenho oitenta e seis anos, não acham que já vi tudo isso antes? — disse apenas, com um gesto vago.

De regresso ao seu apartamento, Rosemary levanta-se da cadeira da varanda e vai para dentro, mantendo a porta aberta para poder ouvir a chuva. Dirige-se à cozinha, tira um caderno de capa preta de cima do micro-ondas e folheia as páginas manuscritas até encontrar a receita que procura. A sua mão pousa na página um instante, contornando as curvas das letras familiares com as pontas dos dedos. Em seguida, pega nos sacos castanhos com compras que estão no frigorífico e começa a preparar a famosa empada de legumes de George. Enquanto cozinha, seleciona uma recordação do fundo da memória e põe-na a tocar na sua cabeça como se fosse um disco muito querido. O cheiro do cozinhado invade o apartamento e Rosemary revive o dia em que conheceu George.

A cidade inteira celebrava, unindo-se ao resto da Europa numa festa que ultrapassava estradas e fronteiras. Na sua rua, mães encostaram mesas, formando um tampo comprido que ia até ao cruzamento lá ao fundo. Havia guirlandas penduradas nas árvores e bandeiras britânicas esvoaçavam nas janelas. As famílias aglomeravam-se de um e outro lado, desdobrando toalhas que os vizinhos ajudavam a estender em cima das mesas. As mães usavam vestidos rodados feitos de sobras de cortinas e casacos de malha tricotados com a lã das camisolas velhas dos filhos. Mas naquele dia exibiam-nos com orgulho. Aproveitar e remendar tinha-as ajudado a suportar a guerra.

As portas abriram-se e a comida saiu das casas como bagagem de um hotel. A louça não condizia: os pratos azuis e brancos do número doze misturavam-se com os de padrão de flores do número catorze e copos provenientes de todos os armários da rua. Jarros expunham ramos de flores meio secas colhidas no parque.

Era dia de não olhar a gastos, de esquecer o racionamento: almôndegas de porco com molho de cebola e puré de batata, tarte de batata, alho-francês e queijo, sanduíches suculentas. Os bolos de fruta sem ovos competiriam em silêncio. Todos levavam os mesmos ingredientes, portanto, era óbvio que sabiam exatamente ao mesmo. Mas não seria o da senhora Mason mais húmido — ou menos seco? Ou o da senhora Booth mais doce?

Rosemary guarda uma foto desse dia e todas as crianças têm um ar asseado e estão vestidas com cuidado e esmero. Na fotografia ela está acocorada com os braços em volta dos filhos da vizinha. Como tinha acabado de fazer dezasseis anos, foi escalada para ajudar as mães a tratar dos mais pequenos. As meias dos rapazes estavam puxadas para cima, os joelhos redondos a espreitar da bainha dos calções. Laços enfeitavam os caracóis das meninas. Os bebés gatinhavam nos seus fatos com mangas de balão. Na fotografia ela vê sorrisos e chávenas antigas na mesa atrás deles, e o bonito gato malhado do número vinte e um a deliciar-se com a carne enlatada que caiu para cima do passeio.

Mas lembra-se de outra coisa. Lembra-se da fogueira.

Levantaram as mesas, deixando apenas umas côdeas no chão para as raposas. Os pequeninos foram para a cama, ignorando a importância do dia que acabavam de viver e cansados de tanto barulho e tanto agitar de bandeiras. Depois de crescerem haviam de fazer um esforço e fingir lembrar-se.

Para as crianças mais velhas era uma oportunidade de fugirem — uma breve e desejada liberdade, até o recolher obrigatório das dez e meia as mandar para a cama. Foram para o parque. Ela não viu quem teve a ideia, mas ao fim de algum tempo bastou seguir o fumo e as faúlhas que caíam do céu para perceber qual era o plano. Lembra-se do calor do lume a chegar-lhe à barriga e a avermelhar-lhe o rosto. Como um coração a bombear calor; a fogueira parecia viva e fê-la sentir-se viva. Várias pessoas formavam uma roda irregular, algumas lançando ramos para as labaredas. Muitas raparigas, com bandeiras drapeadas pelas costas, dançavam a conga.

O cheiro do fumo chegou-lhe à garganta. Sentiu-se salva por ele, como se ele lhe pudesse fortalecer os joelhos, pegar nela e levá-la dali para fora. Na escuridão atrás do fogo viu o contorno do seu lido. Perguntou a si mesma se a água da piscina saberia a fumo.

Os amigos deram-lhe as mãos e fizeram-na rodar em cima da relva. Tinham os lábios vermelhos do sumo de beterraba roubado da despensa e as faces rosadas do ardor. Enquanto dançava viu a cena em fragmentos: uma bandeira a ondular por cima das chamas, um casal a beijar-se, o rodar de saias aos quadrados. O fogo cantava dentro dela.

Estava ela a dar voltas e mais voltas quando reparou num rapaz que permanecia imóvel. Depois de tomar consciência da presença dele, não conseguiu parar de olhar para ele ali de pé, como uma bailarina a fixar um ponto para não se desequilibrar na *pirouette*. Quando os amigos a largaram, ela continuou a rodar, tonta, no meio da relva. Ele observava-a com a confiança de um rapaz de dezasseis anos que sabe que não vai ter de ir para a guerra.

Ele acenou-lhe. Ela não se virou para ver a rapariga bonita que estava mesmo a seu lado, porque de alguma maneira teve a certeza de que era para si que ele fazia sinal. Ele era uma sombra indefinida, com o cabelo desalinhado, pernas compridas, nariz direto e uma boca cor de rosa e branca que sorria no escuro. Tinha as mãos enfiadas nos bolsos das calças castanhas largas.

— Sou o George — disse, e não foi preciso mais nada.

Conversaram a noite toda. Rosemary ficou a saber que ele vivia a três ruas dela, mas chegara há pouco de Devon, para onde fora evacuado no princípio da guerra.

Falou dos pais que eram proprietários da frutaria da estação e disse que o pai nunca fora destacado para as fileiras da frente porque fazia parte do corpo de vigilantes de ataques antiaéreos e que quando era chamado a intervir entregava à mãe a direção da loja. Contou-lhe que recebeu uma carta da mãe a dizer que a casa em frente da deles fora atingida e que os vizinhos tinham morrido.

Conhecia os rapazes que lá viviam — continuavam em Dorset com um familiar e ele não sabia se alguma vez regressariam, se alguma vez voltaria a vê-los.

Não tinha irmãos nem irmãs e ambos confessaram não conhecer outro filho único. Na casa de Devon para onde o enviaram moravam cinco rapazes. Em qualquer quarto onde entrasse, deparava-se com pelo menos uma pessoa, disse, e o único lugar onde podia estar sozinho era o abrigo antiaéreo. A não ser que um dos rapazes estivesse a brincar às escondidas e se encontrasse lá dentro, o que era frequente.

Contou-lhe que ajudava a tratar dos jardins de Devon e falou-lhe do que lá cultivavam. Descreveu-lhe a noite em que as famílias da aldeia saíram das suas casas para ver o sol vermelho quando Exeter ardeu.

Rosemary contou a George que nunca tinha saído de Brixton. A mãe não quis que ela partisse. «Sou a tua mãe, que seria de ti sem a tua mãe?», dizia ela, embora Rosemary pensasse que o mais provável era ela não querer ficar sozinha.

A mãe dela trabalhava na lavandaria, mas durante a guerra passou a maior parte do tempo a tratar do punhado de crianças que não tinham sido evacuadas. Quando a escola foi ocupada para funcionar temporariamente como quartel de bombeiros, Rosemary ajudou-a a improvisar uma escola na cozinha lá de casa. Em vez de roupa lavada, penduraram mapas-múndi na corda por cima do fogão. Rosemary adorava o som do giz a raspar debaixo das suas unhas e o cheiro dos livros que pertenciam ao pai.

Disse-lhe como foi permanecer na cidade. Descreveu os ataques aéreos e contou que ela e a mãe iam com os vizinhos para o abrigo dos Andersen, situado no quintal comum das traseiras. Falou-lhe do silvar das bombas e do barulho medonho, à medida que as explosões se aproximavam cada vez mais, e depois do alívio que sentiam quando elas voltavam a afastar-se. Explodiam por toda a cidade de Brixton, arrasando habitações e demolindo o teatro. As bombas e as mortes eram então uma nova e aterradora normalidade.

Mas também falou da sensação de liberdade assim que o Blitz terminou; do que foi entrar sozinha nos edifícios com as fachadas destruídas mas ainda mobiladas no interior, não ter de ir à escola porque não havia crianças e professores suficientes para manter uma única aberta, ir ao lido sempre que podia, mergulhar e durante algum tempo nem se lembrar de que havia uma guerra. Por vezes, disse-lhe, quando boiava de costas e olhava para o céu vazio quase se convencia de que o bairro estava exatamente como era antes de a guerra começar.

George falou de Devon. Ela nunca tinha visto o mar e ouviu-o com atenção descrever tempestades e a sensação de ter constantemente areia debaixo das unhas e sal nos ouvidos.

— E se estiveres na rua e passares a língua pelos lábios, eles sabem-te a peixe frito com batatas fritas.

Embora o ar estivesse cheio do fumo da fogueira, Rosemary sentiu o gosto a mar.

— Rosemary, porque não estás a dançar? — perguntou-lhe a amiga Betty, precipitando-se na direção dela, o rabo de cavalo meio despenteado e os pés descalços, os sapatos bons atirados para a relva onde se erguia uma pilha de pares semelhantes. Parou em frente dos dois e fitou-a.

— Quem é esse? — perguntou, de mãos nas ancas do vestido de gola redonda e saia pelos joelhos que lembrava a Rosemary a sua mãe.

— É o George.

— Bem, porque é que o George não te pede para dançar?

Mas se eles tivessem estado a dançar não se tinham ouvido um ao outro. Betty suspirou e voltou para junto da fogueira.

Quando ficaram de novo a sós, George virou-se para Rosemary e perguntou:

— Ainda não fui ao lido desde que voltei, que tal irmos juntos... no próximo sábado?

Rosemary demorou um segundo a perceber que estava a ser convidada para sair com um rapaz, coisa que nunca lhe acontecera. Mas tinha dezasseis anos e a guerra terminara; não se punha a hipótese de recusar.

CAPÍTULO 9

Todas as pessoas são iguais quando estão quase nuas. Dentistas, advogados, donas de casa e polícias de folga, todos se cruzam na receção, mas dentro de água são apenas corpos dentro de porções variáveis de licra. Dos homens vêm muitas surpresas: quais os que usam calções curtos e quais os que usam bermudas? Convencemo-nos de que sabemos a resposta com base no que vestem em terra firme, mas não é verdade.

Por vezes, os nadadores mais rápidos são aqueles que nunca pensávamos que o fossem. Como o homem gordo de costas peludas e o dos calções demasiado justos que é uma bala dentro de água. O contrário também é verdadeiro: há homens que cumprimentam toda a gente e se colocam em posição lateral como os profissionais, mas nadam como borboletas de asas partidas.

A água fria desperta uma jovem médica que terminou agora o turno da noite. O seu corpo está exausto, mas precisa disto. O sol da manhã ilumina-lhe o rosto. Mais tarde, irá para casa e fechará as cortinas ao dia. Nada um *crawl* rápido, batendo na parede antes de iniciar outra piscina. Quando nada, descontrai-se. Tudo é água.

A seu lado, um condutor de autocarro vai na nona piscina; os seus braços musculosos empurram a água deixando um rasto de salpicos semelhantes a estrelas. Ouve Mozart num MP3 para uso subaquático.

Jermaine, da livraria, também cá está. Hoje o seu parceiro Frank ficou a gerir a loja, por isso tem a manhã livre. Na noite anterior estiveram a discutir sobre finanças e o corpo dói-lhe do cansaço.

Trabalharam até tarde, mas mesmo assim ele levantou-se cedo. De roupão e descalço, desceu do apartamento deles no andar de cima e foi beber um café no meio dos livros e da vida que eles conceberam para si próprios.

Foi Frank quem persuadiu Jermaine a deixar o emprego na firma de contabilidade da família e abrir uma livraria com ele. Frank trabalhara em livrarias a maior parte da sua vida, primeiro só aos sábados numa loja de livros antigos em York, onde cresceu, e depois aos fins de semana quando foi para Londres estudar Filosofia. Os seus colegas de curso consideravam-no um boémio — e é verdade que adorou a liberdade de Londres, em especial os bares para homossexuais onde os amigos o levaram, e sentiu pela primeira vez que podia ser ele próprio. Mas os fins de semana eram sagrados, porque ia trabalhar na Waterstones em Picadilly. Depois de se licenciar, um emprego a tempo inteiro na Waterstones era a única coisa que fazia sentido.

Jermaine pensa em Frank enquanto nada — no seu otimismo inabalável, que considera ingenuidade nos momentos mais tensos (por exemplo, durante a discussão da noite anterior), mas que não obstante o encanta. Apaixonara-se por Frank com uma ferocidade que o surpreendeu: sempre foi reservado, parecia viver no interior de um círculo que ninguém transpunha. Quando conheceu Frank, foi como se pisasse a circunferência por ele próprio desenhada em volta de si mesmo. Quando percebeu que lá dentro havia espaço suficiente para outra pessoa, nunca mais o largou.

Os pais de Jermaine ficaram arrasados; eram religiosos, tradicionais, e não lhes passava pela cabeça que o filho fosse homossexual. A mãe desatou a chorar e acusou-o de lhe partir o coração.

— Nem digo nada ao teu pai — acrescentou. — Como sabes, ele sofre do coração. Isto podia matá-lo.

Jermaine não quis discutir. Em vez disso foi para casa ter com o seu namorado que o abraçou e lhe disse que ele devia deixar o emprego para começarem um negócio juntos. A convicção de Frank nessa ideia, e na sua pessoa, comoveu Jermaine. Nascido numa família religiosa, Jermaine conhecia a força da fé. Andara a dirigi-la

às pessoas erradas. Pela primeira vez não hesitou: disse imediatamente que sim.

Jermaine põe-se de costas para ver o céu enquanto nada. Deixa a água correr por cima do seu corpo, na esperança de que ela leve consigo algumas das suas preocupações e o limpe das palavras duras que na véspera gritou à pessoa que mais ama no mundo. Um avião rompe uma nuvem, arrastando atrás de si riscas brancas contra o azul.

CAPÍTULO 10

Não há compartimentos livres no vestiário comum, de modo que Kate despe-se atrás da sua toalha. O medo de que a vejam nua gera uma flexibilidade que ela não sabia ter. O Pânico pesa-lhe nos ombros enquanto se veste e aperta-lhe a garganta, o peito, a cabeça. Ela usa toda a sua energia para se manter calma e segurar firmemente a toalha em volta do corpo enquanto se retorce para fora da roupa.

Os outros nadadores estão mais familiarizados com a nudez, ao que parece. Uma mulher mais velha sai do chuveiro para o vestiário nua, só com uma toalha enrolada na cabeça. O cacifo dela é contíguo ao de Kate. A mulher abre a respetiva porta e tira do interior o saco da natação. Desenrola a sua coroa e começa a escovar o cabelo curto e grisalho. Não parece ter pressa de se vestir.

No entanto, não é só a senhora de idade. Duas mulheres da idade de Kate conversam enquanto se mudam, a pele luzidia do creme hidratante que partilham, passando-o de uma para a outra. Kate dá por si a olhar para os seios maravilhosos e pesados delas. Não sente atração; é uma coisa mais simples — curiosidade. Apercebe-se de que não vê outra mulher nua desde a infância.

— Alguém me troca uma moeda de cinquenta *pence*? — pergunta uma delas. Há qualquer coisa no facto de alguém completamente nu se dirigir de forma tão direta aos presentes que Kate acha impressionante. Ela quer ser aquela mulher. Mas não tem cinquenta *pence* trocados, nem tanta autoconfiança, por isso enfia o

fato de banho, enrola a toalha à volta do corpo, guarda a roupa no cacifo e prende a chave ao pulso.

Vai para a piscina sempre a agarrar, envergonhada, a toalha que a embrulha. Olha em volta, a ver se alguém está a olhar para ela. Ninguém está, mas mesmo assim sente os olhos das pessoas em cima de si. Lembra-se de praticar natação na escola quando era adolescente e do quanto detestava o seu corpo — e continua a detestar. Caminha o mais depressa que pode. Dentro de água ao menos ninguém a vê.

Quando se aproxima dos degraus da escada e se prepara para as primeiras braçadas, receia que Rosemary a tenha enganado. E se ela se esqueceu mesmo de como era?

Foi Erin, a sua irmã, que a ensinou a nadar. Kate tinha seis anos e Erin doze. Quando era pequena, Kate nunca achou a diferença de idade entre elas invulgar; pensava que as irmãs mais velhas eram todas glamorosas e incríveis. Depois de crescida, percebeu que ela fora uma tentativa vã de salvar o casamento dos pais.

Erin andava de bicicleta sem rodas estabilizadoras e sem mãos, dava-se bem com a matemática e sabia de cor a tabela periódica, percebia de roupa e maquilhagem e *ainda por cima* tinha um cabelo muito comprido que caía em caracóis castanhos perfeitos. E nadava que nem uma foca.

Foi num sábado durante as férias escolares que Erin se dispôs (com relutância) a tirá-la de casa para a mãe delas poder trabalhar. As paredes da sala estavam cobertas de folhas A3 com fotografias e palavras que Kate não conseguia ler.

— Mas eu não sei nadar — disse Kate quando Erin sugeriu irem à piscina. Tinha começado a aprender na escola mas ainda não sabia criar a magia necessária para nadar de um lado ao outro da piscina sem ajuda.

— É muito fácil — respondeu Erin. — Basta chapinhar na água, como fazemos na praia, só que estamos em cima da água e batemos também as mãos. Eu ensino-te.

Era demasiado tarde para Kate se opor; Erin, já com os fatos de banho delas num saco e junto à porta, certificou-se de que nenhum colega da escola estava a olhar antes de dar a mão à irmã.

— Eu não te largo, prometo — disse Erin, segurando com os braços por baixo da cintura de Kate, enquanto esta batia furiosamente os pés. Com água até ao queixo, Kate viu a sua irmã mais velha, de biquíni como as crescidas, sorrir-lhe como só uma irmã mais velha sabe sorrir.

— Prometes?

Erin prometeu e depois tirou os braços de debaixo de Kate. Por instantes o mundo e a fé de Kate nele desapareceu enquanto se afundava, com água nos olhos, na boca e a começar a inundar-lhe o nariz. Mas, em seguida, veio à superfície, esbracejando até flutuar, depois deslocando-se.

A primeira coisa que viu quando abriu os olhos e pestanejou para afastar as lágrimas de cloro, foi Erin a sorrir, orgulhosa.

A mãe delas ficou furiosa quando chegaram as duas a casa com o cabelo molhado.

— Levaste-a à piscina? — berrou. — Ela não sabe nadar!

— Não te finjas preocupada com o que fazemos quando te queres ver livre de nós — respondeu Erin.

— Já sei nadar! — exclamou Kate.

As pessoas têm razão, claro: nadar é uma coisa que se aprende e nunca mais se esquece. Com o choque da entrada na água, Kate lembra-se do sorriso tranquilizador da irmã e daquela primeira sensação de voo. O frio põe-lhe o coração aos pulos. Sente-o no sangue, nos dedos dos pés, nos mamilos. Grita e mergulha. A água agita-se à sua volta, em seguida faz-se silêncio. As mãos parecem-lhe pálidas, quando as vê à sua frente, investigando o azul. Novo movimento dos pés e os seus braços impelem-na para o ar. Há salpicos e o som de crianças aos gritos de alegria incontida e em seguida o alívio da tranquilidade quando volta a mergulhar.

Sente o coração abrandar à medida que se habitua à temperatura e encontra um ritmo. O frio é doloroso, mas desperta-a. Arde-lhe na pele, despertando a sua sensibilidade ao fim de tanto tempo de dormência. Enquanto nada respira fundo.

As suas braçadas são lentas. A perna direita sobe quando ela nada de bruços como se houvesse um fio atado ao seu pé direito e um bonecreiro a puxá-lo. Apesar dos ensinamentos do instrutor, na escola, nunca conseguiu corrigir o movimento dos pés.

Sabe que não é elegante, nem graciosa, nem forte. Mas está a nadar. E dentro de água sente-se calma.

Quando sai, a tremer, estende imediatamente a mão para a toalha que deixou caída à beira da piscina e embrulha-se nela. No vestiário um dos compartimentos está livre e ela corre lá para dentro, fechando a porta, aliviada. Senta-se um instante na toalha estendida em cima do banco, recuperando o fôlego. Tem uma sensação de dever cumprido, mas também está exausta de toda a emoção. Lembra-se dos colegas na universidade que se julgavam os donos do mundo e pensa na irmã e nas saudades de ser criança ao lado dela — ser ensinada a nadar num tempo em que as preocupações eram mínimas e a irmã mais velha estava sempre pronta a ampará-la. O Pânico que sentiu junto à piscina regressa e domina-a. Encosta a cabeça aos joelhos e chora, com a mão a tapar a boca para quem estiver no vestiário não a ouvir.

CAPÍTULO 11

À noite a piscina pertencia-lhes e eles pertenciam um ao outro.

— Encontramo-nos no portão do parque ao anoitecer — sussurrou George no cabelo de Rosemary ao beijar-lhe o rosto numa tarde de calor. Desde o dia em que se conheceram, uns meses antes, viam-se quase diariamente. Escapuliam-se nos intervalos do almoço — George do seu emprego na loja de frutas e legumes e Rosemary da biblioteca onde trabalhava — e iam de bicicleta para o Brockwell Park. Se pedalassem muito depressa podiam estar vinte minutos juntos. Deixavam as bicicletas encostadas à árvore, a dele com os almoços embrulhados em jornais — sanduíches de geleia e uma maçã rara que partilhavam deliciados. Rosemary fazia colares de margaridas e conversava sem pensar no que dizia. Ele escutava-a e praticava o pino.

Tinha mais jeito para o pino na piscina, mas estava determinado a dominá-lo também em terra. Começou encostando a cabeça à base da árvore e dando aos pés, as pernas esticadas contra o tronco, vendo o mundo ao contrário.

— Tens de ver o mundo nesta posição! — disse-lhe. Ela atirou o fio de flores murchas para a relva e fez o pino ao lado dele. Uma jovem mãe empurrava um carrinho de bebé ao longo de um rio cinzento que serpenteava pelo parque e pássaros esvoaçavam pelo céu.

— Vais ter comigo, não vais? — perguntou ele à despedida. Ela nunca violava as regras e tinha algum medo do escuro.

— Está bem — respondeu ela ao fim de um momento. — Eu vou.

Ao jantar, nessa noite, esteve num desassossego. Não tinha fome, mas como não queria que os pais desconfiassem de alguma coisa comeu até mais do que o costume.

— Que grande apetite para uma rapariga — comentou o pai enquanto ela enfiava mais uma garfada de batata na boca. Ajudou a mãe a levantar a mesa e a lavar a louça. Estavam ao lado uma da outra, os cotovelos quase a tocar-se enquanto tentavam que os flocos de sabão fizessem espuma, o silêncio entre elas pesava como um braço pousado suavemente nos ombros de cada uma.

Rosemary queria dizer qualquer coisa à mãe, referir alguma recordação feliz ou episódio engraçado que a fizesse sorrir e dizer «Rosy» daquela maneira que a fazia sentir-se pequena outra vez. Mas não se lembrou de nada que levasse a sua mãe a rir dessa maneira. Só pensava no portão do parque às escuras.

Uma vez a mesa levantada e os pratos arrumados nas prateleiras onde iam passar a noite, Rosemary deu um beijo ao pai, outro à mãe e desejou-lhes boa noite. Eles sentaram-se nas suas poltronas junto à lareira a ouvir a telefonia e ela foi para o quarto ler.

Só que não conseguiu ler, limitou-se a escovar de novo o cabelo e a olhar pela janela, à espera de que o sol fosse para cama para ela poder sair da sua.

O quarto passou de dourado a cinzento quando a luz desapareceu. Às escuras, vestiu o seu vestido mais bonito. O padrão estava desmaiado, mas ainda encantador — flores brancas num fundo azul-marinho. Tinha bolsos que ela coseu para esconder os rasgões da frente e uma faixa que atou à cintura.

Tão silenciosamente quanto possível, abriu a janela. Uma brisa quente fez abanar as cortinas. Agarrou-se ao caixilho, levantou os pés, saltou e caiu em cima de um dos canteiros do rés do chão. As flores fizeram-lhe cócegas nas pernas nuas enquanto o atravessou, deixando pegadas na terra molhada.

O som da telefonia prolongava-se rua abaixo. Toda a gente tinha as janelas abertas essa noite para deixar entrar o vento. Quando chegou ao parque, George estava lá à sua espera, encostado ao

portão com uma perna dobrada e o pé encostado à grade. Parecia ter penteado o cabelo, para variar. Apesar da posição, estava nervoso, ou pelo menos ela assim o achou. Mal ela apareceu, sorriu. O sorriso dele era sempre por si só um «olá», largo e franco e exclusivamente para ela, como uma mão aberta ou um aceno alegre.

— Vamos lá — disse ele, juntando as mãos em concha e ajoelhando-se à sua frente. Ela pôs um pé em cima das mãos dele, esticou o braço e agarrou-se às barras do portão, tomando balanço para alcançar o cimo do gradeamento enquanto ele suportava o seu peso. Uma vez lá em cima, rodou as pernas e saltou para o outro lado. O vestido enfunou-se com o pulo.

— Espero que não estejas a olhar para as minhas cuecas, George Peterson.

— Nunca me atreveria, Rosemary Phillis.

Trepou à vedação como uma aranha, desceu e pegou logo na mão dela.

Passearam pelo parque. As luzes das casas foram desaparecendo à medida que avançavam, mas havia luar e George conhecia o caminho. Rosemary nunca olhou para trás.

Ele apertou-lhe a mão enquanto desciam o carreiro, as árvores criando manchas de escuridão profunda e luz pálida.

Em geral conversavam, as vozes jovens deles chilreavam enquanto contavam tudo um ao outro, mas naquela noite, não. Ela só ouvia o som dos passos deles e o coração a bater-lhe nos ouvidos. Reparou no perfil dele enquanto caminhavam. Reconheceria a forma daquele rosto até na escuridão total. Beijara-o por toda a parte, descobrindo, fascinada, a que sabe o rosto de um homem.

Em breve alcançaram uma zona de uma escuridão densa que, à medida que se aproximaram, se transformou no muro em tijolo da piscina. Havia uma velha árvore cujos ramos inferiores quase se encostavam à parede do fundo do lido. No escuro, parecia um gigante de braços abertos.

De repente começaram a correr para a árvore. Tropeçaram em tufos de relva, as lâminas arrancadas colando-se aos joelhos

enlameados de ambos como a farinha se pega aos dedos.

A árvore parecia mais alta agora que estavam por baixo dela.

— Não sei se consigo.

— Conseguimos, pois — respondeu ele.

Mais uma vez pegou nela, desta vez para a ajudar a subir ao ramo inferior da árvore que estava húmido do musgo. As unhas enterravam-se-lhe na polpa verde enquanto ela trepava, segurando-se com força. Por um momento sentiu medo, mas teve vergonha de pedir para voltar para trás. Portanto, soltou-se do tronco e ficou pendurada com as pernas para o outro lado, o rosto virado para o muro e os pés a abanar até finalmente encontrarem a firmeza de um banco de madeira.

Virou-se e saltou do banco para o deque da piscina.

Tudo estava silencioso como um segredo. A Lua subira entretanto no céu e a sua luz prateada banhava o recinto. Uma cobertura de lona escondia a superfície da piscina, lembrando, no escuro, uma placa de gelo sobre a qual se podia patinar. Ao fundo da orla de cimento, viu a cadeira do nadador-salvador vazia, vigiando, calada, a noite do lido. A custo distinguiu a face do relógio e os novelos de corda enrolada no chão, por baixo, como uma serpente adormecida.

Ouviu um ruído e George apareceu ao lado dela, a limpar os joelhos e a esfregar as mãos nos calções.

Ficou parada, sentindo o coração bater contra as suas costelas como um balão que, se o soltassem, atravessaria a sua garganta e seguiria para o céu.

Sem dizer palavra, ela aproximou-se da piscina e levantou uma ponta do manto que cobria a água. Viu um relampejo prateado. George dirigiu-se ao outro lado e puxou por essa ponta; juntos, retiraram a lona até a piscina ficar exposta, exibindo a sua superfície perfeita e frágil.

Estavam agora em pontos opostos da piscina. Às escuras, era difícil discernir o rosto um do outro.

Rosemary inclinou-se e desatou com cuidado os atacadores dos sapatos. Pousou-os cuidadosamente no chão e descalçou as meias brancas. Do outro lado, viu a silhueta de George fazer o mesmo.

Em seguida, olharam um para o outro, descalços mas vestidos. E saltaram. Talvez ela tenha saltado primeiro, ou se calhar ele adiantou-se um minuto, mas os salpicos deles foram um ponto de exclamação líquido.

Debaixo de água ela era um emaranhado de vestido e cabelo. A noite estava completamente negra, como se ela tivesse entrado num buraco que ia dar ao frio e à escuridão do subsolo. Detetou movimentos do outro lado da piscina — havia alguém dentro do buraco com ela.

Subiu à superfície como uma rolha de cortiça. George flutuava de costas, com os dedos dos pés de fora da água. Ria à gargalhada.

Nadou para junto dele, puxando atrás de si a noite com as pontas dos dedos. Depois virou-se e começou também a flutuar de costas. A Lua podia ter sido desenhada no céu por uma criança e as estrelas pareciam penduradas com molas da roupa. Olhou para o céu e imaginou-o a vigiá-la. Fê-la sentir-se triste e a tristeza ardeu-lhe no peito.

Rosemary mergulhou, lavando as suas lágrimas salgadas com lágrimas de cloro. Nadou de bruços duas piscinas e depois saiu.

George continuava a boiar. Estava imóvel à exceção dos dedos que deslizava pela água ao lado do corpo, criando círculos concêntricos na escuridão.

— Achas que vou ser alguém na vida, Rosemary?

Ela sentou-se na borda com os joelhos dobrados encostados ao peito e observou-o, a pingar.

— Que queres dizer com isso?

— Achas que vou ser uma pessoa mesmo importante?

— Porquê essa pergunta?

— O céu é tão grande quando olhamos para ele assim. Parece tão importante.

— Acho que és importante.

— Então achas que vou ser alguém?

— Sim. Vais ser. Eu sei.

O deque de cimento arranhava-lhe os pés descalços. O cabelo escorria-lhe pelo rosto e o coração agitava-se dentro dela. Doía-lhe

o estômago. Só queria entrar no corpo dele e ver se ele lhe servia, sentir como seria ser aquela pessoa, circular pelo sangue dele e nadar no seu cérebro. Não se lembrava de querer mais nada.

Sentiu-o sorrir embora não estivesse a vê-lo. Ele virou-se de barriga para baixo e foi a nadar até ao fundo da piscina. Depois de sair pegou na mão dela e puxou-a até estarem os dois de pé, frente a frente, os braços molhados apertados em volta um do outro. Ela estremeceu como uma criança e beijaram-se como dois adultos.

Há coisas que não se ensinam. O corpo dela gemeu enquanto se beijavam e exploravam a boca um do outro com a língua. Havia dentro dela um fogo que a consumia. O escuro já não lhe metia medo.

Soltaram-se, o complexo *origami* de corpos separando-se apenas o suficiente para tirarem a roupa.

Despiram-se e foi como se estivessem a ver-se pela primeira vez. Dois corpos nus, nervosos, à frente um do outro na borda da piscina.

— Não quero magoar-te — disse ele.

— Não magoas.

Pousaram a roupa molhada no chão e deitaram-se, o calor dela tornando-se o calor dele e o calor dele tornando-se o dela. Ele beijou-lhe o rosto, as pálpebras, a boca. O chão era duro, picava-lhes a pele, os cotovelos e os joelhos ossudos, e doía, e ela chorou e o seu coração dilatou e ele apertou-a contra si e ela sentiu-se viva, ousada, a nadar e a cair.

Perder a virgindade não a fez sentir que tinha perdido alguma coisa. Na escuridão procuraram-se e abraçaram-se com força.

Quando chegou a casa, subiu para o quarto pela janela, sem fazer barulho. Pendurou o vestido nas costas da cadeira para ele secar e meteu-se na cama, tapando-se com os lençóis às flores cor de rosa. Antes de adormecer pensou que a lua estava a vê-la e não sabia se havia de sentir vergonha, mas depois lembrou-se de que

provavelmente ela já tinha visto tudo aquilo ao longo de milhares de anos.

CAPÍTULO 12

Nessa noite, Kate telefona a Erin pela primeira vez em semanas.

— Já não era sem tempo — diz Erin ao atender.

— Eu sei, desculpa — responde Kate, sentada aos pés da cama com o queixo sobre os joelhos dobrados. — Tenho andado ocupada.

— Na farra?

— Mais ou menos.

Kate ouve um estardalhaço ao fundo: imagina Erin de um lado para o outro na sua moderna cozinha «aberta» a preparar o jantar para o seu marido, Mark, o telefone entalado entre a orelha e o ombro. Vê à sua frente as superfícies polidas e a impecável sala ao fundo com os seus sofás beges imaculados. Provavelmente Mark está a encher um copo de vinho para cada um com um sorriso que diz tudo o que eles alguma vez precisaram de saber. Quando pensa na vida de Erin — nas importantes funções que desempenha numa empresa de relações públicas em Bath, no novo negócio do marido e nos amigos ricos e chiques deles —, Kate sente que ficou para trás, como se Erin tivesse desatado a correr deixando-a imobilizada na linha de partida, assustada com o disparo anunciador do início da corrida.

— Como estás? — pergunta Kate.

— Bem, acabei de regressar de uma corrida... a terceira esta semana.

— Uau, isso é fantástico, que bom para ti.

— Faz-me bem à cabeça.

— A mim pareces-me ótima da cabeça.

Erin ri.

— Isso é porque não vives comigo. O Mark é capaz de não concordar. O trabalho é estafante, não me lembro da última vez que tive um fim de semana como deve ser, o apartamento precisa de obras, que nos vão custar sabe Deus quanto, e continuamos sem engravidar. Há dias que nem consigo vestir roupa lavada. Mas ainda bem que pareço ótima.

Kate não sabe o que dizer. Acredita na irmã e na felicidade da irmã tal como acredita que a força dos tijolos impede o vento e a chuva de entrar em sua casa. Erin tem de ser feliz, para seu bem, mas igualmente para o normal bom funcionamento do mundo tal como Kate o conhece. No entanto o que Erin acabou de dizer — é a primeira vez que o diz ao longo de uma vida perfeita, ou foi a primeira vez que Kate o ouviu? Kate não sabe o que dizer, portanto, com o embaraço a prender-lhe a boca, não diz nada.

— Desculpa, não queria ser rabugenta contigo — diz Erin. — E tu... que tens feito?

Antes sequer de digerir as palavras saídas da boca da irmã, Kate conta:

— Comecei a nadar. Num lido. Sobre o qual estou a escrever um artigo.

— Boa — diz Erin. — Um lido é uma piscina ao ar livre, certo? Bem, és mais valente do que eu.

Aninhada na cama, a porta bem fechada para impedir qualquer interação com os colegas de apartamento, Kate sente vontade de chorar. Em vez disso, cala-se.

Erin também faz uma pausa — o estardalhaço na cozinha é interrompido. Por instantes a linha telefónica não transporta senão o sussurro da respiração das duas irmãs.

— Está tudo bem contigo, Kate? — pergunta Erin ao fim de um momento.

Kate sabe que aquela é uma oportunidade para desabafar com a irmã — uma mão estendida na sua direção. Há muito para dizer e de certo modo nada para dizer.

— Estou ótima — responde num tom alegre. — Agora vou jantar... Voltamos a falar em breve?

— Claro. Sabes onde me encontrar.

Depois de dizerem adeus e de desligar, Kate debruça-se sobre a secretária e abre o seu portátil, ligando-se à internet. Vira-se instantaneamente para a porta, a certificar-se de que está fechada, depois vai ao Google e pesquisa «exercício físico e ansiedade». Quando os resultados aparecem, sente o coração bater mais depressa e um nó no estômago, como se estivesse a pesquisar o que não devia no computador dos pais.

«Nadar ao ar livre em água fria provoca uma euforia inimitável», diz um artigo. «Quando estou em baixo, vou dar umas braçadas ao ar livre. Faz-me sempre bem.»

Fecha o portátil e prepara-se para ir para a cama, pensado na sua conversa com Erin. Lembra-se de chorar na John Lewis e no vestiário do lido. Não faz ideia do que a poderá ajudar, mas puxa o edredão para cima e decide que vale a pena tentar tornar verdadeira a mentira que contou à irmã. De certeza que consegue fazer só mais uma tentativa — e depois logo vê. *Só mais uma vez*, diz para consigo, e adormece.

CAPÍTULO 13

Na manhã seguinte, Ahmed, um jovem alto vestido com um polar onde se lê *Brockwell Lido*, está sentado ao balcão da recepção e sorri aos nadadores que vão chegando. Usa o cabelo curto, espetado em cima, barba rala no queixo e uma caneta atrás da orelha. À sua frente vê-se um livro aberto. Ahmed lê os seus manuais escolares nos intervalos entre clientes. Precisa de ter três notas boas para ir para a universidade estudar gestão. Nos últimos testes teve dois insuficientes e um fraco. Finge que não quer saber das notas, mas quer e muito. Tanto que às vezes até tem medo de tentar, não vão os seus esforços ser insuficientes.

— Bom dia — diz, num tom caloroso, aos alunos, e alguns dos mais assíduos param para dar dois dedos de conversa.

Vê-os passar pelo torniquete em direção aos vestiários, certifica-se de que não está ninguém à porta e retoma os seus estudos, de costas para o azul perfeito da água lá fora.

Há uns anos, não se preocupava com a escola. Andava com um grupo de amigos para os quais isso seria motivo de troça. Foi o seu irmão mais velho, Tamil, que o convenceu a mudar de ideias. Tamil já andava na universidade e certo fim de semana, tinha Ahmed quinze anos, os pais lá cederam e deixaram-no ir visitar o irmão. Tamil levou Ahmed ao bar dos alunos e pediu duas imperiais. «Não digas nada à mãe», pediu, empurrando um dos copos na direção de Ahmed. Tamil contou que estava a gostar muito do curso, de não viver em casa dos pais e da sua nova sensação de liberdade. De

vez em quando, alguém entrava no bar e cumprimentava Tamil. Ele acenava-lhes e sorria, mas nunca largou o irmão.

— Sabes, os teus amigos na verdade não são teus amigos — disse Tamil de repente. Ahmed começou a contradizê-lo, mas o irmão interrompeu-o:

— Sei que achas que são, mas só querem que sejas como eles... Desperdiçam as suas vidas porque não se dão ao trabalho de fazer seja o que for. Se continuares assim, nunca mais vais sair de casa. Não terás nada disto que aqui vês. É isso que tu queres?

Ahmed fitou, cabisbaixo, a sua cerveja, o corpo desengonçado dobrado como se fosse uma criança e não um adolescente prestes a tornar-se homem.

— Só estou a dizer-te isto porque gosto muito de ti.

Ao ouvir tais palavras, Ahmed levantou os olhos para o irmão. Nunca o ouvira dizer tal coisa. Tamil estava corado, a olhar em volta, talvez a verificar se alguém o ouvira. Ficou claramente embaraçado, mas disse o que tinha a dizer.

— Está bem — respondeu Ahmed. Porque, embora não fosse capaz de o admitir, sabia que o irmão tinha razão.

— Posso beber outra imperial?

— Vou buscar-te uma metade. Mas, se contares à mãe, mato-te.

Às vezes, os antigos amigos de Ahmed vão à receção e tentam convencê-lo a ir fumar erva com eles ou beber cervejas no parque depois de sair do trabalho. Mas, sempre que os vê chegar, Geoff convida-os a retirarem-se caso não desejem nadar nem usar o ginásio.

— É uma sorte para nós trabalhares connosco — diz frequentemente Geoff a Ahmed depois de saírem, e o corpo de Ahmed quase rebenta com um calor que só mais tarde percebe tratar-se de orgulho.

CAPÍTULO 14

O saco da natação de Rosemary está sempre pronto. O seu lugar é em cima de uma cadeira junto à porta de casa, tal como a gabardina e o guarda-chuva. Lá dentro está um fato de banho; ela tem três do mesmo modelo azul-marinho do *Marks and Spencer*. Fica admirada cada vez que lê o tamanho na etiqueta. Compra o «S». Sente-se uma jovem magra, embora vista modelos para velhas gordas. No saco estão também a toalha, os óculos de natação, uma touca roxa, um pente, um frasco de creme *Astral* e uma lata de mostarda *Colman's* cheia de moedas de cinquenta *pence* que chocalha quando anda.

Nesta tarde, porém, deixa o saco onde está quando sai de casa em direção ao lido. A caminho do café para a fim de cumprimentar Ahmed na receção.

— Como vão os estudos, Ahmed? — pergunta.

— Devagarinho, senhora P — responde Ahmed. — Devagarinho.

— Bem, todos sabemos o que aconteceu à lebre.

Rosemary empurra o torniquete que vai dar ao deque do lido. Depois de o percorrer paralelamente à piscina, chega ao Lido Café. Escolhe uma das mesas viradas para a água e senta-se.

Kate enviara-lhe um *email* logo de manhãzinha.

«Ontem fui nadar», dizia ela. «Tive tanto frio! Portanto, já me pode dar a entrevista? Podia ser esta tarde, se estiver disponível?»

Rosemary chegou cedo — gosta tanto de estar sentada simplesmente a contemplar o seu lido como de nadar nele. Vê as crianças molharem-se umas às outras na parte menos funda e

lembra-se de quando aprendeu a nadar, logo após a inauguração do lido com uma festa em que o *mayor* atirou uma jovem completamente vestida para dentro de água (o pai da jovem ficou todo orgulhoso por tal honra ter recaído sobre a sua filha).

— Prometo que não te largo — disse a mãe de Rosemary enquanto a filha batia vigorosamente os pés. — Não te largo, vai correr tudo bem.

A mãe largou-a naquele mesmo dia e Rosemary foi ao fundo, fartando-se de engolir água. Mas correu tudo bem.

— Desculpe o atraso.

O som interrompe as cogitações de Rosemary, que levanta os olhos; Kate está de pé a seu lado, a sorrir.

— Não chegou atrasada, eu é que vim cedo — responde Rosemary.

Kate senta-se e tira o caderno e o gravador da mochila.

— Obrigada por aceder em encontrar-se comigo, Rosemary — diz. Um empregado aproxima-se e Kate pede chá para as duas.

— Então como foi nadar? — pergunta Rosemary.

A boca de Kate retorce-se num quase sorriso.

— Foi muito frio! Não sei como consegue fazê-lo todos os dias.

Rosemary ri.

— Vai ver. É viciante.

— Gostei muito... depois do choque do frio — confessa Kate.

Rosemary faz um ar espantado e ri.

O empregado chega trazendo dois bules pequenos. Quando ficam de novo a sós, Rosemary pega na sua mala de mão.

— Trouxe uma fotografia para lhe mostrar — diz, vasculhando o conteúdo. Puxa de um livro; a fotografia está entre as respetivas páginas.

— Só resto eu — diz Rosemary, deixando a marca do polegar na fotografia quando a passa a Kate.

Há três filas de raparigas, algumas abraçadas, outras de mãos nas ancas ou com os braços firmemente cruzados em frente do peito achatado. Os fatos de banho são lisos e de uma só peça, terminando muito abaixo das ancas, como calções. Devem ter entre dez e treze anos e sorriem a preto-e-branco. As crianças da

fotografia têm um ar tão enérgico que Rosemary ainda acha incompreensível ser a única sobrevivente.

— As mais velhas estão atrás, as pequeninas à frente.

— Qual delas é a Rosemary?

Rosemary sorri e aponta para uma menina da frente com o cabelo curto salpicado de água e o rosto cheio de sardas.

— Olá, Rosemary — diz Rosemary. Olha para si mais nova com a ternura com que uma mãe olharia para a filha. Quando levanta a cabeça, dá com Kate a observá-la.

— Quando for da minha idade, vai compreender — diz. — Começamos a ter saudades de nós próprios.

Kate olha para a fotografia e em seguida para a velha senhora sentada ao seu lado.

— Tem irmãos ou irmãs, Kate? — pergunta Rosemary.

Kate ri e depois tapa a boca como se o barulho a tivesse surpreendido.

— Desculpe — diz ela. — Só que devia ser eu a entrevistá-la! Mas, sim, tenho uma irmã mais velha, a Erin.

— Gosta dela?

Kate parece aturdida por um momento, mas depois sorri:

— É a pessoa que eu mais adoro.

Rosemary olha na direção dela.

— Quem me dera ter uma irmã — diz. — Ou um irmão. Sou filha única.

Kate toma notas no seu caderno

— E diz que vem ao lido desde que se lembra? Conte-me como era isto na sua infância.

Há tanto para contar, mas as palavras não chegam. Imagens, sons e sensações enchem Rosemary como hélio até ela começar a sentir-se tonta.

— Quando as pessoas nos falam da infância, o sol está sempre a brilhar. Na memória delas, também fomos anjos. É mentira, pode crer.

Dirige a Kate um sorriso. Kate levanta os olhos dos seus apontamentos e faz o mesmo.

— Havia dias de verão gloriosos, claro que havia, mas é de nadar à chuva que me lembro. Lembro-me de vir aqui ter aulas de natação com a escola antes da guerra. Muito embora fôssemos muito pequenos nessa altura, os nossos professores obrigavam-nos a ir para a água fizesse sol ou chuva. Normalmente não nos importávamos porque adorávamos o lido. Adorávamos sair da sala de aula, atravessar o parque — se bem que fôssemos quase sempre a correr.

»Portanto, de uma maneira geral gostávamos muito de ir nadar mesmo que o sol não aparecesse. Mas houve um dia... acho que foi numa quinta-feira porque já sentíamos todos aquela preguiça dos fins de semana, no entanto não estávamos ainda tão felizes como à sexta-feira... Enfim, nessa tarde havia aula de natação e chovia a cântaros. Tinha chovido o dia todo. O asfalto do recreio estava alagado e na sala de aula ouvíamos ao longe o barulho dos autocarros a passar por cima das poças de água.

»Suplicámos aos professores que não nos obrigassem a ir. Algumas das raparigas mais atrevidas disseram-lhes que podíamos ficar com hipotermia ou pé de trincheira. Os professores limitaram-se a repreendê-las dizendo que com as trincheiras não se brinca.

»Nessa tarde ninguém correu. Agrupámo-nos debaixo de guarda-chuvas e apertámos as gabardinas, as poças a ensopar-nos os pés. Quando chegámos, mudámos de roupa devagar, enquanto os professores nos aguardavam devidamente abrigados.

»Não me lembro de quem teve a ideia, mas de repente decidimos vingarmo-nos dos professores. Quando saímos dos vestiários, os alunos todos iam de gabardina por cima do fato de banho. Antes que os professores tivessem tempo de fazer fosse o que fosse, desatámos a correr e saltámos para a piscina, as gabardinas abertas como se fossem vestidos rodados. Todos começaram a nadar nesses preparos.

»Os professores ficaram furiosos, claro. Levaram-nos dali para fora e disseram que nos tínhamos portado de forma vergonhosa. Mandaram-nos para casa a pingar e as nossas mães ficaram fora se si ao ver todas aquelas gabardinas ensopadas. Mas o meu pai achou hilariante. Passou o resto da noite a rir.

— Que maravilha — diz Kate. — E agora? Há outras piscinas na região, porquê esta?

Rosemary vira-se para observar uma mãe com o seu filho na piscina dos pequeninos. A criança, determinada, nada à cão na direção da mãe que está de braços abertos, radiante. Por cima delas é céu aberto. Ao vê-las, Rosemary pensa se era mesmo preciso perguntar para saber a resposta. Não pode dizer tudo, por isso, conta-lhe apenas parte da verdade.

— É-me familiar — responde. — É especial, familiar, as outras não são a mesma coisa. A maneira como o sol incide sobre ela de manhã. O lido visto do topo da colina no Brockwell Park. Até o cheiro é diferente. Quando atravesso o parque para vir até aqui, começo a senti-lo ainda antes de chegar ao muro de tijolo. É o cimento húmido que cheira a tempestade, misturado com a fragrância da relva cortada que vem do parque. E o cloro... A minha pele cheira sempre a cloro.

Rosemary leva o braço ao rosto e inspira. Lá está ele, o cheiro do cloro que permeia a sua pele, tal como o fumo das fogueiras se entranha no pano das tendas. Fecha os olhos. George costumava dizer que não precisava de lhe oferecer perfumes porque ela possuía o do lido. O cloro era o seu perfume, dizia ele.

Depois de se casarem não foram em lua de mel. Não tinham dinheiro e o tempo estava de tal maneira perfeito em Brixton nesse verão que não precisavam de ir para lado nenhum. Tiraram uma semana de férias e todos os dias nadavam no lido. George estendia-se ao sol e ficava castanho como madeira tingida e Rosemary sentava-se à sombra a observá-lo como se ele fosse um floco de neve capaz de derreter de um segundo para o outro. Quando estavam os dois com calor, mergulhavam e nadavam para cima e para baixo — George na pista rápida e Rosemary na média. Não fazia mal não nadarem ao mesmo ritmo porque estavam a partilhar a mesma experiência da água fria sobre a pele quente e do modo como a luz formava um xadrez no fundo da piscina. Com George, nadar era como voar.

Quando ficavam os dois cansados, saíam da piscina, enfiavam roupa por cima dos fatos de banho e regressavam a casa. Assim

que ouviam a porta fechar-se, despiam-se um ao outro como se estivessem a descascar avidamente fruta madura e deitavam-se no chão da sala, limpando, aos beijos, o cloro do corpo um do outro. Ele beijava-a por toda a parte, inspirando o cheiro dela, o cheiro deles, da piscina, do verão e da paixão deles pelas tardes.

Rosemary abre os olhos.

— Os seus filhos também gostam de nadar? — pergunta Kate.
Rosemary sente um arrepio percorrê-la.

— Quero dizer — corrige Kate, ansiosa —, se é que tem filhos.

— Pergunta seguinte.

— Isso é um «não»?

— Sim. É um «não».

— Desculpe.

Rosemary olha para a piscina e novamente para Kate.

— Qual é a pergunta seguinte?

— Porque nada?

Rosemary ri.

— Perguntar-me porque nado é como perguntar-me porque me levanto todos os dias. A resposta é a mesma.

Conversaram mais trinta minutos. No final da conversa, Kate tem o material de que precisa para o seu artigo e Rosemary vai para casa a pé e a sorrir.

— Para a próxima encontramos-nos na piscina? — perguntou Rosemary a Kate quando se despediram. A expressão do rosto de Kate suavizou-se, um esboço de sorriso.

— Talvez — respondeu. — E envio-lhe uma cópia do artigo quando ele estiver pronto.

Chegada a casa, Rosemary fecha a porta à chave, despe-se e veste o fato de banho. Em seguida, pega na gabardina, põe-na aos ombros e senta-se a ver televisão até serem horas de ir para a cama.

CAPÍTULO 15

No fim dessa semana Kate cumpre a promessa feita a si própria e tenta outra vez nadar. Desta vez veio preparada, com o fato de banho vestido por baixo da roupa. Tudo menos aquela sensação aflitiva de estar nua à frente de desconhecidos.

Tira a roupa a um canto e ouve as conversas no vestiário, concentrando-se e desconcentrando-se nelas como se estivesse a sintonizar um radio. Ouvi-las ajuda-a a manter-se calma.

Uma mulher mais velha com um forte sotaque caribenho:

— Não te rias...

— Que é isso? Por onde andaste?

— Fui de férias com um grupo de solteiros a França.

— Miúda! Que bom para ti! Então e encontraste um belo Jean-Marc?

— Bem, trocámos endereços eletrónicos...

As duas mulheres entreolham-se, erguem as sobrancelhas e riem.

As conversas são acompanhadas pelo ruído de fundo dos chuveiros e dos autoclismos que aumenta cada vez que alguém abre a porta e sai.

Kate fecha a sua roupa num cacifo, embrulha-se outra vez na toalha, sai e desce os degraus para a pista lenta o mais rápido possível para não poder mudar de ideias. Desta vez o frio choca-a menos. Está preparada para ele e sente um orgulho inesperado quando ouve uma pessoa ao seu lado soltar um pequeno grito ao entrar na água. Kate sente de novo o seu corpo acordar, como um

cão sonolento a arrebitar as orelhas à voz de alguém. Mergulha o corpo, respira fundo e começa a nadar.

Enquanto nada olha em seu redor. O nadador-salvador bebe de um termos e conversa com uma mulher de meia-idade, talvez uma utilizadora regular da piscina, que dá a mão a um rapazinho vestido com uns calções de banho com tubarões. Na outra ponta, um homem de peito e ombros musculados, com uma touca de nadador branca e óculos de natação vermelhos, dá um mergulho impecável e prossegue a esticar, de forma alternada, os braços para fora de água. Ondas elevam-se e as cabeças dos outros nadadores viram-se à passagem do homem que se transformou numa mariposa.

O céu estende-se sobre ela e por instantes Kate sente-se completamente livre. Vira-se de barriga para cima e tenta nadar de costas para poder ver os pássaros voar de um lado para o outro e os botões de flor a balouçar nos ramos das árvores em volta do muro do lido. Para de nadar um instante e flutua; pela primeira vez desde há muito tempo, consegue relaxar. A água ampara-a. Respira fundo, a água batendo-lhe nas faces. Quase sente vontade de chorar, mas não se importa.

Volta a pôr-se de barriga para baixo, nadando lentamente de bruços em direção ao lado menos fundo. É então que vê Rosemary. A velha senhora nada com elegância na sua direção. Veste um fato de banho azul-marinho e uma touca roxa. Quando ela se aproxima, Kate repara que os seus olhos são da cor do lido. Rosemary reconhece-a e sorri.

— Olá! — cumprimenta Kate, parando de nadar e levantando a mão para lhe acenar.

— Então, voltou — diz Rosemary.

— Voltei.

Rosemary nada até à lateral e encosta o pescoço à parede, batendo os pés suavemente. Com um gesto, convida Kate a ir ter com ela e, após um momento de hesitação, Kate vai. Por um instante ficam ambas assim. Kate inclina a cabeça para trás e olha para os outros nadadores. O sol quente incide-lhe sobre o rosto.

— E o que está a pensar disto? — pergunta Rosemary. — Já se habituou ao frio?

— É estranho, eu sei, mas o frio até me sabe bem — responde Kate. — Acorda-me.

— Porque é que pensa que eu venho aqui todas as manhãs?

As duas desatam a rir.

— Acho que começo a perceber — diz Kate, olhando em volta. O seu coração bate depressa mas ela sente-se calma. — Quero dizer, porque gosta tanto de aqui vir.

— Não há nada igual — replica Rosemary, recuando um pouco até ter os dedos dos pés à superfície. Kate observa-a, aquela idosa de fato de banho azul-marinho que toda a vida nadou. Imagina o que será ver a cidade onde nascemos mudar e perder o lugar onde nos sentimos em casa. Enquanto pensa, lembra-se da sua conversa com Erin, de ouvir a irmã dizer-lhe que as coisas não lhe estavam a correr bem e de não ter respondido nada — feito nada.

— Quer mesmo salvar isto, não quer? — pergunta Kate ao fim de uns instantes.

— Quero, pois.

— Talvez eu possa ajudá-la.

Assim que acaba de falar apercebe-se de que, sem saber exatamente como ou porquê, precisa mesmo de fazer aquilo. Tem de continuar a nadar e quer ajudar Rosemary Peterson a salvar o seu lido.

Rosemary observa-a um momento e a expressão preocupada que Kate viu nela quando se conheceram regressa. Mas depois ela sorri.

— Combinado, então — diz Rosemary.

— Combinado, então — responde Kate.

CAPÍTULO 16

A um canto do vestiário dos homens, um rapaz de catorze anos enfia uma touca de nadador na cabeça. Vê-se ao espelho enquanto puxa a touca para cima das orelhas, com a testa franzida e uma expressão demasiado séria para o seu corpo jovem e magro. Endireita os ombros e estende os braços em frente do peito.

Chegado ao deque, mergulha sem demora e começa a nadar um *crawl* perfeito.

Ninguém o viu sair de casa. Na noite anterior, desceu para beber um copo de água e viu-os sentados na sala a beber vinho. Ninguém reparou nele, por isso ficou algum tempo a observá-los, gozando aquele raro momento de calma. E então ouviu uma conversa que dava tudo para não ter ouvido: ouviu-os concordar em divorciarem-se assim que ele saísse de casa. A cena pareceu-lhe demasiado serena para algo que o deixou doente. Terminaram o vinho calmamente e sentaram-se ao lado um do outro no sofá, fitando a cornija da lareira onde estavam expostas fotografias de família. Talvez estivessem muito cansados para gritar, como dois leões velhos com demasiadas cicatrizes, mas de certo modo o silêncio perturbou-o mais do que uma discussão.

Devia estar na escola àquela hora. Nunca tinha faltado; nunca entregara um trabalho fora do prazo ou chegara atrasado a uma aula. Nessa manhã, quando acordou, fez os habituais duzentos abdominais no quarto e contou os pelos do peito (onze). Em seguiu desceu as escadas de pijama e preparou o pequeno-almoço na cozinha. Comeu sozinho, lendo tudo o que estava em cima da

mesa, da parte de trás da caixa de cereais à embalagem do sumo. Enquanto comia, ouviu o som abafado da sua mãe a chorar no andar de cima. Quis levantar-se e ir confortá-la, mas não sabia o que lhe havia de dizer. As palavras enroscavam-se dentro dele como um novelo de cordel impossível de desembaraçar. Queria ajudá-la a consertar o casamento; só queria ter cem anos para, tendo vivido tanto, saber que conselhos lhe dar. Mas contava apenas onze pelos peitorais de vida e sabia que isso não chegava para a ajudar.

As palavras na parte de trás da caixa de cereais misturaram-se até deixarem de fazer sentido e os seus olhos encheram-se de lágrimas. A mesa estava uma balbúrdia, suja de sumo de laranja sem açúcar e manteiga biológica. Apetece-lhe gritar como um bebé e esvaziar os pulmões de toda a raiva que vivia dentro do seu peito. Em vez disso, levantou a mesa e subiu sem fazer barulho. No quarto, vestiu o fato de treino e uma camisola com capuz, atirando o uniforme da escola para dentro do roupeiro. Pegou no saco da natação e pô-lo ao ombro. A caminho do lido telefonou para a escola e disse-lhes que o seu filho estava doente.

— Desejamos-lhe rápidas melhoras — retorquiu a rececionista da escola.

Depois de nadar uma piscina, mergulha e senta-se de pernas cruzadas no fundo. Sustém a respiração e conta até dez. Olha para cima. O sol desenha um padrão reticulado na superfície, como se tivesse apanhado a piscina numa rede. A água pressiona-lhe o peito e entra-lhe pelo nariz; sopra um fio de bolhas e vê-as dançar diante dos seus olhos. Os seus pais acham que está na escola; os professores pensam que ele ficou em casa com febre. Ninguém que o conheça sabe que ele está sentado no fundo da piscina.

O lido recebeu-o como um daqueles amigos que se sentam connosco em silêncio, sabendo que não é preciso dizer nada; ali estava um sítio onde podia ser ele próprio.

De vez em quando, os pais entram-lhe pela cabeça dentro. Pergunta-se se será o culpado e se eles continuariam juntos se não tivessem tido um filho. Tem os olhos a arder, mas diz para consigo

que deve ser do cloro que lhe entra pelos óculos quando nada debaixo de água.

Lamenta não ter guelras para poder ali ficar eternamente, deitado no fundo áspero a fitar o céu. Ali ninguém o encontra, nada o magoa e ele não é um rapaz, mas sim um peixe.

CAPÍTULO 17

Formavam um par, como as aspas no princípio e no fim de uma frase. Encaixavam um no outro e faziam com que se sentissem menos assustados e menos sós. George tinha medo de não ser ninguém; com ela era alguém. Rosemary temia ser deixada para trás: ele dava-lhe a mão e levava-a com ele.

Os amigos conheciam-nos como Rosemary e George, George e Rosemary. Eram inseparáveis, como o sal e a pimenta.

Em cinco anos tinham feito milhares de piscinas, dado centenas de voltas ao parque (caminhando extremamente devagar, para poderem estar mais tempo de mãos dadas) e crescido juntos.

Ele pediu-a em casamento de calções de banho. A piscina acabara de abrir, terminado o inverno, e eles iam dar as primeiras braçadas da época. Ainda estava frio; o nadador-salvador usava um casaco de lã grossa com a gola virada para cima a fim de se proteger melhor do frio.

Foi num domingo, portanto, a frutaria que George herdara dos pais estava fechada. Tinham a manhã por conta deles até começarem as entregas para o dia seguinte.

Nadaram juntos como focas e depois sentaram-se no deque embrulhados nas toalhas e encostados um ao outro para se aquecerem. Pediram duas chávenas de chá da loja do senhor Fry e, de mãos dadas, viram o vapor erguer-se das chávenas e da superfície da água da piscina.

A calma era como um guarda-chuva, abrigava-os. Inspiraram o cheiro do lido e da chuva que se anunciava. Rosemary pensou na

primeira vez que tinham feito amor sobre o pavimento frio, mais ou menos no ponto onde se encontravam. Pensou no dia em que o viu pela vez, o dia em que a guerra acabou e a sua vida começou.

Foi então que ele se virou e olhou para ela. Não se ajoelhou. Não houve música e o sol não apareceu a sorrir atrás de uma nuvem. De facto, foi num dia absolutamente normal — o céu estava da cor do cimento.

— Casa comigo, Rosy — disse ele. Sem ponto de interrogação. Não era preciso nenhum ponto de interrogação. Rosemary já sabia que ele era a resposta a todas as perguntas.

CAPÍTULO 18

— Como está a correr a história? — pergunta Phil alguns dias depois da conversa de Kate com Rosemary.

Kate tira da sua mala a entrevista datilografada e a história que redigiu para acompanhar e entrega-lhas. Ele senta-se à secretária e lê, ao mesmo tempo que afaga a sua enorme barriga — um hábito que Kate considera desconcertante. É como se estivesse a digerir as suas palavras e estas lhe causassem azia. Detesta esperar que as pessoas leiam o seu trabalho — faz o Pânico subir-lhe à garganta.

Jay está no gabinete e ela fita-o pelo canto do olho. Trocam sorrisos.

Ao fim de algum tempo Phil anui com a cabeça.

— Ótimo — diz. — Pessoas... é essa a essência do nosso jornal. Os leitores gostam de ver o lado humano de tudo.

Kate sorri, sentindo-se de novo na escola a ouvir os elogios do professor. Continua a ser uma boa sensação, ainda que ela se envergonhe do facto de um elogio tão pequeno lhe provocar um prazer tão grande.

— Devíamos fazer uma série... acompanhar os desenvolvimentos, falar com outros frequentadores do lido. A junta de freguesia... já falaste com a junta de freguesia? Faz isso a seguir. Ou melhor, começa já a fazer.

Kate anui e guarda as suas coisas, a cabeça numa roda-viva. Nunca escreveu uma série na vida, o que a empolga e ao mesmo tempo a assusta. Acena para Jay e vai-se embora.

Como jornalista devia estar habituada a juntas de freguesia e câmaras municipais mas estas ainda a intimidam. Do mesmo modo que bancos e igrejas a fazem sentir pequena. Provavelmente é essa a intenção, pensa.

Vê-se a torre do relógio do edifício da câmara municipal ao longe. Está virado para o cruzamento movimentado em frente do cinema e do McDonald's que continua a ser recordado por um tiroteio que houve na fila. O relógio assistiu a tudo. Colunas altas e um escudo em pedra guardam a entrada ao cimo da escadaria que conduz ao edifício da câmara municipal, escadaria essa que costuma estar coberta de confetes.

Uma vez lá dentro, pedem-lhe que aguarde. Um homem idoso está sentado na ponta oposta do banco à sua frente. As suas mãos tremem sobre o colo. Veste um casaco comprido, calças cinzentas e sapatilhas. Kate repara que os atacadores não correspondem. O homem mete a mão no bolso e tira um pacote de rebuçados de mentol.

— Quer um? — pergunta com um forte sotaque do sul de Londres.

— Não. Mas muito obrigado.

— Recebi uma ordem de despejo, para o caso de querer saber o que estou aqui a fazer. É como quando vamos ao médico, não é? Pomo-nos a pensar, mas não ousamos perguntar. Tentamos adivinhar se tal pessoa está a fingir-se constipada ou a morrer. Gosto especialmente de falar com as grávidas. Têm sempre um ar assustado como o caraças, as pobres pegas.

Kate ergue uma sobrancelha. O velho ri e chupa o rebuçado. Faz um barulho seco.

— Desculpe, sei que as senhoras detestam quando digo «pega».

Uma mulher sai de uma das portas que dá para o corredor e atravessa a sala. Olha para os presentes antes de entrar na casa de banho. Kate e o homem não falam enquanto ela passa.

— Puseram-me na rua — insiste o homem. — Vão deitar abaixo o prédio onde vivo para construir um prédio chique com ginásio e isso tudo. As casas estão velhas, mas cumprem a sua função, compreende? Vivo lá há quarenta anos. É o meu lar.

Mexe-se na cadeira e põe outro reбуçado na boca. Kate olha para ele e imagina a história — para onde irá ele e quem o acompanhará quando partir.

— Lamento — diz, ao fim de um momento. — Lamento ter de deixar a sua casa. — E lamenta mesmo.

Ele funga e sacode a cabeça.

— Por acaso lembra-se do nome da empresa que vai construir os apartamentos novos?

O homem solta uma gargalhada.

— Paradise! Paradise Living é como se chama. Põem-me na rua para dar lugar ao «paraíso».

Kate sobressalta-se quando ouve o nome, a pensar no lido.

— Trabalho para o *Brixton Chronicle* — diz. — Tenho a certeza de que a sua história lhes interessa...

Remexe na mala e tira um cartão de visita que entrega ao homem. Ele observa-o por breves instantes, depois baixa a cabeça e guarda-o no bolso. Uma porta abre-se e uma mulher com um dossiê na mão vira-se para o homem.

— Faça o favor de entrar.

O homem levanta-se devagar e dirige-se à porta.

— Prazer em conhecê-la. Espero que não esteja grávida, nem a morrer. — Pisca o olho a Kate e segue a mulher ao longo do corredor.

— Olá? — grita Kate ao entrar em casa, sabendo que ninguém lhe vai responder. A porta fecha-se com um clique atrás dela e, encolhendo-se para não chocar com a bicicleta que está no corredor, dirige-se para o seu quarto.

A reunião não correu bem. Tentou ser autoritária, mas tem um aspeto demasiado jovem. E é mulher. Está habituada a não ser levada a sério.

O vogal era um homem de meia-idade com um fato cinzento coçado. Ofereceu-lhe um café e levantou-se para o preparar numa máquina que estava do outro lado da sala sufocante. No decorrer da

conversa foi ouvindo as palavras que esperava ouvir: «recuperação», «verbas insuficientes», «pouco rentável», «tentámos tudo».

— Lamento — concluiu o vogal. — Também não queremos fazer isto, mas a oferta da Paradise Living... bem, de momento parece-nos a única opção. É uma pena, sabemos. Mas são coisas que acontecem. Os bairros mudam, as cidades mudam. É mesmo assim.

Kate tomou notas e fez as perguntas que escrevera no caderno, mas enquanto falava não conseguia deixar de pensar no que dissera a Rosemary: «Talvez possa ajudar».

Não ia conseguir ajudar. Talvez nem sequer fosse escrever outro artigo. Era uma péssima jornalista e uma pessoa fraca, com ar de criança de treze anos, como se sentia a maior parte do tempo. Vivia numa casa suja com pessoas que queriam lá saber se o dia de trabalho lhe correra bem ou se se afogara no canal.

Sentira comichão na pele e a sala a encolher durante a conversa com o vogal. O café cheirou-lhe a queimado, o que a fez sentir-se enjoada, tudo a fez sentir-se enjoada.

Do armário ao lado da secretária, já no seu quarto, tira uma embalagem de manteiga de amendoim e uma colher.

Quando a reunião terminou, só queria sair dali e percebeu que o vogal também só a queria ver pelas costas. Mas, pouco antes de ela sair, ele disse a primeira coisa útil de toda a conversa:

— Vamos ter uma assembleia na câmara municipal daqui a duas semanas. Convidamos todos os residentes locais a aparecer e a partilhar o seu ponto de vista.

Kate leva a colher bem cheia à boca e depois para. Irá à assembleia, decide. E não irá sozinha. Talvez não possa ajudar, mas pode tentar. E, com um sorriso, devora aquela cremosa colherada de conforto.

BROCKWELL LIDO AMEAÇADO DE ENCERRAMENTO

A assembleia municipal de Lambeth anuncia dificuldade

em manter o lido local em funcionamento, por Kate Matthews

Foram recebidas várias propostas de particulares para a aquisição e a requalificação da piscina exterior e do ginásio de Brixton desde que a assembleia municipal de Lambeth anunciou dificuldades financeiras no lido. A oferta mais interessante veio da empresa de construção Paradise Living, que quer transformar o lido num ginásio privado, destinado aos residentes dos seus novos apartamentos.

Dave French, porta-voz da assembleia municipal de Lambeth, declarou: «Posso confirmar que estamos neste momento a estudar as opções referentes ao Brockwell Lido e ao seu futuro. Ainda não foi tomada uma decisão, mas é verdade que os custos de manutenção são elevados. Estamos a analisar as propostas, incluindo a da Paradise Living. Não se sabe se a piscina continuará a funcionar.»

Ao longo do verão a piscina recebe centenas de pessoas diariamente, sendo menos procurada nos meses mais frios.

Geoff Barclay, gerente do Brockwell Lido, afirmou: «Como é natural, a notícia deixou-nos a todos apreensivos. O Brockwell Lido é um local especial para a nossa comunidade.»

«Um ginásio particular será uma mais-valia para as nossas habitações», declarou um porta-voz da Paradise Living. «Os inquilinos e os compradores dos nossos edifícios teriam acesso exclusivo a instalações topo de gama.»

A assembleia está de momento a rever todas as propostas e dará mais notícias nos próximos meses.

CAPÍTULO 19

Está escuro e uma raposa fareja um saco de lixo à porta de uma casa numa rua de Brixton. A raposa enfia o focinho no plástico até o rebentar como um balão e lhe verter o jantar. Ementa de hoje: um pão de leite meio comido, pingos do molho de uma lata de cavala em conserva e os últimos resquícios de um frasco de manteiga de amendoim. A raposa come bem e depressa. Investiga uma última vez o saco para se certificar de que não lhe escapou nada e, em seguida, corre carreiro abaixo em direção à estrada. A rua é constituída por duas filas de casas geminadas. Algumas têm carros estacionados à porta, mas a maioria não. Há cancelas e sebes baixas no exterior de algumas, caminhos empedrados à porta de outras. Algumas têm, de um lado e do outro das portas, vasos onde as flores estão prestes a desabrochar.

A raposa vira à esquerda para investigar à pressa um caixote de lixo, caído num jardim abandonado, onde ervas daninhas se misturam com peças de bicicleta velhas. Faz uma excelente descoberta: uma embalagem de frango frito que não está inteiramente vazia.

Ao longo da estrada, o clarão dos candeeiros de iluminação pública incide sobre o seu dorso de tantos em tantos passos. Mas esta raposa urbana não tem medo da luz. Continua a descer a rua a grande velocidade até chegar à avenida movimentada, junto a uma paragem de autocarro onde um casal se beija encostado ao poste que a assinala. Da mulher, vê-se apenas um sapato. Tem uma perna dobrada e apoiada no poste e o namorado abraça-a com

força. Ao lado deles, uma mulher fardada de enfermeira espreita por entre os corpos entrelaçados, tentando ver que autocarro deve apanhar.

A raposa passa por eles sem ninguém dar por isso e segue atrás dos autocarros que descem ruidosamente a avenida. Explora alguns caixotes cujas tampas de metal se encontram encostadas ao passeio. Uma loja ainda está aberta: um pedaço de carne gira num eixo de metal na montra e uma fila aguarda à porta. A raposa delicia-se com batatas fritas lançadas para a rua como pontas de cigarro descartadas.

Logo a seguir ao estabelecimento das espetadas, dobra uma esquina e vai dar a uma praceta sossegada cercada por um gradeamento de metal e sebes. Edifícios altos erguem-se de frente para a praceta e de uma janela sai o choro de um bebé e a voz de um pai a cantar. Percorre um arruamento que atravessa o pequeno jardim ladeado de bancos corridos, onde corpos jazem, imóveis, raramente mudando de posição dentro dos sacos-cama e cobertores húmidos do orvalho. Debaixo de um dos bancos vê-se uma mochila de onde espreita metade de um pão. A raposa puxa pela mochila com os dentes e arrasta-a para o outro lado da praceta, onde come rapidamente, largando-a depois de vazia.

A noite está a tornar-se manhã nos cantos mais baixos do céu. Formas que eram negras ficam azul-escuras. A raposa deixa o jardim e regressa sem demora à estrada, a cauda a curvar-se como uma vírgula enquanto ela corre.

Um pequeno grupo juntou-se em volta de um jovem que caiu na estrada. Dois homens com coletes de alta visibilidade, que iam a caminho do trabalho, puxam-no pelos ombros e sentam-no no passeio. Agacham-se a seu lado, põem os braços à sua volta e perguntam-lhe se está bem. A raposa salta por cima da carteira que o jovem deixou cair para a sarjeta.

— Não perca isto, amigo — diz um dos homens, recuperando a carteira e enfiando-a na mão do jovem.

A raposa continua o seu percurso ao longo das paragens de autocarro e do recreio adormecido da escola, depois salta para outra rua orlada de habitações até chegar ao limite do parque.

Esgueira-se por baixo do gradeamento e desaparece na escuridão que a manhã transforma lentamente em claridade.

CAPÍTULO 20

— Não compreendo — diz Rosemary ao telefone.

— A reunião é daqui a duas semanas. É a nossa oportunidade para dizer o que pensamos relativamente aos planos para encerrar o lido — explica Kate.

Rosemary está na sua sala, as portas para a varanda abertas e o corpo quente do sol do final da manhã. O seu fato de banho está pendurado no estendal, já quase seco das braçadas da manhã. Contemplava a hipótese de dormir uma sesta — a simples existência pode ser fatigante nos dias que correm.

— É uma oportunidade única para persuadirmos a assembleia municipal a não vender o lido à Paradise Living... a não fechar o lido — continuou Kate. — Mas precisamos de mais pessoas; acha que consegue angariar mais gente?

Uma das coisas que acontece com o envelhecimento é constatarmos que o nosso círculo de amigos encolheu. Estão sempre a morrer. Rosemary pensa nos funerais em que esteve presente nos últimos dez anos. Recorda Maureen, uma das outras crianças que ficaram em Brixton durante a guerra e ajudaram Rosemary e a mãe a improvisar uma escola na cozinha. Perdê-la, perder essa última ligação a essa fase marcante da infância, abalara Rosemary. O marido de Maureen, Jack, seguiu-a poucos meses depois — e Rosemary voltou a vestir o seu fato de saia e casaco preto. Houve também os que ninguém esperava ver morrer, como a sua amiga Florence, que conheceu na biblioteca quando ela era professora e levava os alunos a conhecer livros. Só que não foi ao

funeral de Florence — foi ao da filha dela. Rosemary não via Florence há muito tempo — agora vivia num lar de idosos em Dulwich e se tivesse ido visitá-la ela não a reconheceria.

Rosemary respira fundo.

— Mas viveu aqui a sua vida toda — disse Kate. — Deve conhecer pessoas tão preocupadas como a Rosemary.

— Não quero pedir ajuda.

— Mas não está a pedir nada para si — insistiu Kate. — É para o lido.

Rosemary faz uma pausa. Imagina George a abrir os olhos quando estavam os dois debaixo de água, sorrindo-lhe. Pensa nas pessoas que conhece em Brixton: Frank e Jermaine, da livraria, Hope, Ahmed, Ellis e o filho, Jake... E imagina o lido transformado em campo de ténis, atestado de cimento.

— Sim — concorda ao fim de um instante —, sim, tem razão. Temos de salvar o lido, Kate.

Ao dizê-lo sente uma dor no peito. Ainda com o telefone numa mão, pousa a outra na borda do sofá e, para ganhar força, olha para a fotografia de George que tem na estante. *Tentarei não te deixar ficar mal*, diz para consigo, fitando o rosto que ama desde os dezasseis anos.

— Creio que sei o que fazer — continua Rosemary. — Está livre mais logo?

Encontram-se junto à estação de metropolitano, Kate munida de bloco e uma pilha de folhetos, Rosemary apoiada num carrinho de compras vazio.

— Olá — cumprimenta Kate, equilibrando os folhetos e cadernos num braço e acenando a Rosemary quando ela se aproxima. Hoje tem o cabelo caído e preso atrás das orelhas. Rosemary volta a pensar na sua juventude e não consegue deixar de lhe sorrir.

— Pronta para conhecer Brixton? — pergunta Rosemary.

Kate anui com a cabeça e partem, Rosemary e o carro das compras abrindo caminho e Kate, ao lado, seguindo-a devagar.

Começam pela Electric Avenue, onde percorrem as barracas da feira.

— Rosemary! — chama um homem de quarenta e tal anos, com a barba por fazer e uns fios brancos no cabelo preto. Tem os ombros largos e os braços fortes dos anos a carregar caixotes de fruta e legumes. Veste uma camisola polar verde, *jeans* e está sempre de botas pesadas, mesmo na primavera e no verão; usa um saco preto com dinheiro à cintura. Dirige um sorriso largo a Rosemary.

Ellis é proprietário de uma das muitas bancas de fruta e legumes existentes no mercado, aquela onde Rosemary vai todas as semanas abastecer-se. Foi de Santa Lúcia para Brixton quando era rapazinho. Conheceu George — a quem Ken, o pai de Ellis, apresentou o quiabo e a mandioca. Pelos anos fora Ellis foi ajudando cada vez mais o pai até ele ter dificuldade em gerir a banca. Ken e a mulher, Joyce, voltaram então para as Caraíbas. E, quando o negócio está especialmente mau, Ellis fala em fazer o mesmo. Mas Rosemary não acredita — Brixton é a sua terra e além disso há Jake, o filho adolescente de Ellis, que vai muitas vezes ajudá-lo na banca, tal como o pai fazia com o avô. Ellis e Jake são muito semelhantes, quer fisicamente, quer em termos de temperamento, e Rosemary sempre teve um carinho muito grande por ambos.

— Ellis, como tens passado? Como está a família?

— Não me posso queixar, não me posso queixar. E como vai, senhora P.?

— Ainda de pé!

— Quem é esta, Rosemary, nunca me disse que tinha uma irmã?

Rosemary vira-se para Kate, que continua de pé ao seu lado, sorrindo a Ellis e às pilhas de hortícolas de cores vivas.

— É a Kate — responde Rosemary. — A minha jornalista.

Kate sorri e apresenta-se, apertando a mão de Ellis por cima das frutas e hortaliças.

— A Rosemary está a fazer campanha contra o encerramento do lido local — explica Kate. — Tome, leve um dos folhetos dela.

Ellis olha pelo canto do olho para Rosemary e sorri com ternura.

— Ora, ora. Sempre achei que tinha um lado rebelde, senhora P — diz, piscando-lhe o olho.

Ela responde com um sorriso e ele pega no folheto, olhando atentamente para o mergulhador da capa.

— Ouvi falar disso — diz Ellis, ao fim de um momento. — Lembro-me de, em pequeno, vê-la a si e ao George a nadar no lido e ele mergulhava sempre à nossa frente, os miúdos, para nos molhar. E fazia uns pinos inacreditáveis.

Rosemary sorri.

— Fazia o pino como ninguém.

E desatam os dois a rir.

Kate fala da assembleia na câmara.

— Não falto — declara.

Despedem-se e Rosemary vira-se para seguir caminho.

— Espere, não se vão já embora — chama Ellis.

Entrega a Rosemary um saco com cerejas e outro a Kate, cheio de tomates com um perfume divino.

— As minhas preferidas... é muito amável, Ellis — diz Rosemary, inclinando-se para guardar o saco no carrinho de compras. Quando se endireita, vê Kate completamente vermelha, embalando o saco de tomate como se estivesse a pegar pela primeira vez num bebé, sem saber muito bem como se faz.

— Tem a certeza? — pergunta.

— Tenho, claro, são um presente — responde Ellis.

Rosemary vê Kate corar até à raiz dos cabelos e proteger os tomates com as mãos quando dão meia-volta para seguirem. Percebe que Kate não está habituada a manusear frutas e legumes e uma onda de preocupação atravessa-a. Mas Kate está a sorrir, por isso ela faz o mesmo.

Durante o resto da tarde percorrem lentamente a avenida principal e as ruas que nela desembocam, como afluentes. Os passeios estão cheios de pessoas que esperam o autocarro ou descem a rua apressadas, e é com dificuldade que manobram o carro de compras de Rosemary por entre a multidão.

Vão à loja solidária, onde puxam logo uma cadeira para Rosemary se sentar e a convidam a escolher o que quiser para

levar como oferta. Rosemary não leva nada, mas deixa lá uma pequena pilha de folhetos.

— Dei-lhes várias coisas aqui há tempos — explica Rosemary. — No entanto, é simpático ainda se lembrarem.

Depois da morte de George, teve de se livrar de muita roupa. Não tendo a quem dar, ofereceu tudo à loja solidária.

— Este casaco está novo — explicou ao gerente —, até tenho os botões sobresselentes. Trouxe-os na minha mala, espere só um minuto.

Tirou da mala de mão uma pequena bolsa cheia de botões e meteu-a no bolso do casaco.

— E esta máquina de barbear. Juro que ainda funciona.

Rosemary olhou em volta à procura de uma tomada elétrica. Os seus joelhos estalaram quando se baixou, depois tirou a máquina da embalagem e ligou-a. O ronco de um motor atravessou a loja. Um bebé, sentado numa cadeirinha junto a porta, desatou a chorar.

Ficou com os livros, a touca de natação dele e algumas peças de roupa. Mas deu sete sacos grandes cheios de camisas, gravatas, calças e sapatos. No dia seguinte, voltou à loja à procura de um casaco. Tinha-se esquecido de que George ia precisar de roupa apresentável para o funeral.

— Lamento, mas o casaco foi vendido ontem à tarde.

— Pois, era um casaco muito bom — disse Rosemary. — E estava novo.

No fim, George foi enterrado de camisa e camisola e sem casaco.

Ainda lhe custa ir à loja, mas sente-se grata pela cadeira e pela conversa. Depois da loja solidária visitam a livraria de Frank e Jermaine.

Rosemary sente o cheiro do papel mal empurram a porta para entrar e faz uma festa a *Sprout*, que ocupa o seu posto habitual à janela. Abana a cauda assim que vê Kate — uma amiga nova. Kate inclina-se para o afagar, esfregar as orelhas do cão e dar-lhe palmadinhas no dorso.

— Que cão encantador — diz ela, endireitando-se e olhando em volta. — E que loja encantadora! Como é possível eu nunca ter

dado por ela?

Rosemary observa o espaço familiar e tenta imaginá-lo visto pela primeira vez: as pilhas confortavelmente confusas de livros, o placar informativo a abarrotar de folhetos e cartões de visita e os bancos espalhados pela loja em cantos perfeitos para a leitura.

— Sim, como é possível? — diz Frank, quando ouve Kate do seu lugar atrás do balcão. Está vestido de forma descontraída, com uns *jeans* desbotados e uma camisa aos quadrados por cima de uma *t-shirt*. O seu sorriso é largo e afável e empurra as faces para os olhos verdes. Jermaine, de pé, mesmo ao lado, é mais alto e magro do que Frank e está vestido de forma mais elegante, com uns *jeans* pretos e uma camisa azul-clara de gola à Mao. Tem uma barba bem cuidada da mesma cor do cabelo curto e grisalho.

Ambos acenam com a cabeça para Rosemary quando ela e Kate caminham na sua direção.

— Então, esta é a Kate? — comenta Jermaine.

Rosemary cora, ao ver revelado o quanto fala de Kate desde a primeira vez que esteve com ela.

— É como se já a conhecêssemos — acrescenta Frank, estendendo a mão a Kate por cima do balcão.

— Este é o Frank e aquele o Jermaine — diz Rosemary.

— Sei que viemos aqui com uma missão, Rosemary, mas importa-se que eu dê uma vista de olhos? Esta loja é o máximo!

Rosemary agradece, em segredo, a pausa. Puxa um banco para a frente do balcão e senta-se.

— Volte quando quiser! — grita Jermaine, e Kate desaparece por uma das filas labirínticas de livros.

Frank vira-se para Rosemary, debruçado sobre o balcão.

— Já sabemos do lido — diz. — O Ahmed esteve cá no início da semana e contou-nos. É horrível.

Jermaine sacode a cabeça, a sua habitual postura desaparecendo enquanto continua, zangado:

— Paradise Living! Como se Brixton precisasse de mais apartamentos a um milhão de libras... e de um ginásio exclusivo para os seus inquilinos! Oh, claro é disso que uma comunidade precisa. E não lidos, bibliotecas, livrarias...

A voz dele esmorece e Frank põe um braço em volta dos ombros do namorado. Jermaine olha em volta, sem expressão. Rosemary observa-o, notando como ele está cansado.

— E as coisas por aqui? — pergunta. — O negócio pegou?

Jermaine suspira.

— Nem por isso. Quem me terá convencido a abrir uma livraria? Ah, foste tu, Frank.

Vira-se para Frank, abana a cabeça e dá-lhe um beijo na face. Frank sorri.

— Ainda há esperança — diz Frank, animado, — tal como ainda há esperança para o lido. Conte com a nossa ajuda, Rosemary. Não é verdade, Jermaine?

Rosemary vê-os sorrirem um para o outro. Os joelhos doem-lhe e, de repente, sente-se muito cansada. Jermaine concorda e ambos viram-se para Rosemary.

— Sim, claro — concorda Jermaine. — Faremos tudo o que pudermos.

Enquanto conversam, Rosemary não perde de vista Kate, que se agacha para tirar um livro de uma prateleira inferior, inclina a cabeça para ler os títulos ou contempla simplesmente a loja, uma expressão deliciada no rosto. Por fim, volta para junto deles com três livros na mão.

— É de facto uma loja linda — diz ela.

— Ainda bem que gosta — diz Frank e, depois, para Jermaine: — Vês? Há esperança. Temos mais uma nova cliente!

Enquanto Kate paga, Jermaine tira um folheto «Vamos Salvar o Lido» da pilha e fixa-o no meio do painel comunitário.

— Já está — diz, recuando um passo. — Esperemos que resulte. Rosemary tem vontade de o abraçar.

— Bem, é melhor irmos andando — diz, levantando-se com cuidado do banco, os joelhos a protestar. — Pronto, Kate?

Kate concorda e despede-se:

— Voltarei muito em breve — diz, e as duas saem sob o olhar atento de *Sprout*, à janela.

Dirigem-se ao Morleys, o grande armazém onde um segurança ajuda Rosemary a subir as escadas com o seu carro de compras.

Vão à farmácia e à loja que vende tudo, desde coadores e máquinas de secar roupa a fatos de cerimónia. Pelo caminho passam por várias pessoas que Rosemary cumprimenta, tratando-as pelo nome, ou acenando simplesmente com a cabeça, quando apenas as conhece de vista.

Param um instante nos correios para falar com Betty, uma das amigas de infância de Rosemary, que está a enviar um monte de cartas aos membros da sua numerosa família.

— Como vão os pequenos? — pergunta Rosemary.

Betty tem dois filhos, um rapaz e uma rapariga, três netos e uma bisneta. Ao contrário de Rosemary, Betty foi evacuada durante a guerra para o País de Gales. Regressou com um leve sotaque galês, que desapareceu assim que começou a trabalhar no Bon Marché, o armazém topo de gama ao pé da estação de Brixton, e a sair com os amigos do lido todos os fins de semana. Uns anos após ter voltado para Brixton, um rapaz galês chamado Tom foi viver para o bairro. Descobriram que se conheciam dos tempos da guerra — ele era o filho dos vizinhos da família que a acolheu e tinha prometido casar com ela. Betty não o levou a sério, mas continuaram a escrever-se e quando os dois fizeram dezanove anos ele foi para Brixton e arranjou trabalho na construção civil no sul de Londres. Dois anos depois casaram e nunca mais se separaram.

— Eu bem disse que a Rosemary devia ter muitos amigos por aqui — diz Kate quando se despedem de Betty.

Rosemary pensa nas pessoas que conhece em Brixton, colocando-as como pionesas coloridos no mapa mental dos seus locais preferidos.

— Sim, tenho alguns.

Em pouco tempo esgotam os folhetos.

— Não faz mal, eu posso imprimir mais lá no trabalho — diz Kate.

Rosemary apoia-se pesadamente no carro das compras. Kate oferece-se para acompanhá-la a casa, mas ela recusa, mesmo quando Kate lhe garante que lhe fica em caminho.

— Nem pensar, já me disse um dia que vive no outro lado de Brixton. Lá por eu ter oitenta e seis anos, isso não significa que

estou senil.

— Então, está bem — responde Kate. — Obrigada pelo dia de hoje. Vai ser útil para a reunião. Mas, além disso, eu gostei muito.

Tem as faces coradas e está a sorrir. Fica completamente diferente quando sorri — menos rato de biblioteca e mais mulher.

Despedem-se e Rosemary vira para casa, caminhando devagar pelas ruas que conhece desde que nasceu.

CAPÍTULO 21

Kate desce muitas vezes a Electric Avenue, mas nunca tinha lá comprado nada. Lá não vendem refeições prontas nem vinho. Quando despeja o saco de tomates para uma tigela, pensa na banca de Ellis — inspirou profundamente e o cheiro recordou-lhe o esparguete à bolonhesa da sua mãe. Ela fazia sempre o esparguete à bolonhesa e o molho de tomate de raiz. Quando Kate ainda vivia em casa, às vezes ajudava-a. Adorava descascar os tomates quentes e sentir a polpa carnuda nas mãos. Há muito tempo que não tinha energia suficiente para pelar tomates.

Abre armários e gavetas, pensando nas pessoas todas que Rosemary conhece em Brixton. Nos subúrbios de Bristol, Kate estava habituada aos empregados das lojas e a cumprimentar as pessoas que encontrava na rua. Quando se mudou para Londres, a maior parte das pessoas que conheceu foi por causa das entrevistas. Hoje gostou imediatamente de todos os amigos de Rosemary — Ellis, Betty, Frank e Jermaine. Eles chamaram a sua atenção para uma coisa acerca do local onde vive em que ela ainda não tinha reparado. Afinal, talvez não seja assim tão diferente do sítio onde nasceu.

Enquanto escolhe um tacho e o coloca em cima do bico do fogão, lembra-se da loja de livros em segunda mão e pergunta a si mesma porque levou tanto tempo a dar com ela. Talvez por não a ter visto: é difícil ver quando se caminha de olhos cravados no chão.

Kate ferve água na chaleira e rega os tomates com ela. Depois estende a mão para o saco das compras pousado em cima da mesa

— o saco que encheu no supermercado depois de se despedir de Rosemary. Pela primeira vez em meses — ou, para ser totalmente honesta, anos — escolheu com cuidado o que comprou e, em vez de ir direita à secção de pronto-a-comer, trouxe cebolas, cogumelos, carne picada e alhos.

Limpa a gordura e as nódoas da bancada da cozinha, empilha a roupa suja dos colegas de apartamento no lava-louça e dispõe sobre a mesa os ingredientes para o seu cozinhado. Depois, lentamente, tenta lembrar-se da receita da mãe.

Esquece-se do alho e põe sal a mais a ponto de, no final, o esparguete ficar quase intragável. A cozinha fica mais caótica do que quando começou e o prato menos apetitoso do que a refeição caseira de que se lembra. Mesmo assim, senta-se para saboreá-lo e bebe três copos de água para compensar o sabor demasiado salgado. Claro que não é bem o esparguete à bolonhesa da sua mãe. Mas é um começo.

De repente, sente uma vontade incontável de enviar a Erin uma fotografia da refeição, mas revelar-lhe um resultado tão inferior equivaleria a admitir que ultimamente anda a comer muito mal. Assim, prefere enviar-lhe uma foto do lido tirada há dias e pergunta-lhe como lhe têm corrido as provas. Depois volta a pousar o telefone e termina a sua refeição.

Come cansada, por causa do dia fatigante, mas também com uma calma que não sentia há muito tempo. Pensa no lido. Só quer que os folhetos resultem numa enorme afluência à assembleia marcada para daí a duas semanas. Também escreveu um artigo para o *Chronicle* acerca da reunião, incitando os residentes a marcar presença e a dar a sua opinião acerca do futuro do lido. Espera que tudo corra bem e ao pensar nisso percebe até que ponto começa a estar envolvida na campanha. Tal como cozinhar as suas refeições e voltar a nadar, é algo que ela precisa de fazer.

CAPÍTULO 22

Rosemary e George decidiram casar no registo civil situado no edifício da câmara. Seria apenas um pequeno grupo: os pais deles, alguns amigos da escola e um ou outro colega dela da biblioteca. A mãe fez-lhe o vestido de casamento. Ficava-lhe acima dos tornozelos, deixando ver os sapatos brancos com um salto baixo e um pequeno laçarote. Na véspera do casamento, Rosemary e a mãe passaram o dia a decorar o bolo dos noivos com papel e outros materiais. Não tinham açúcar suficiente para uma cobertura mas, visto de longe, estava lindo.

Os pais de ambos tentaram convencê-los a alugar um automóvel para os levar à conservatória, mas eles não acharam necessário visto ser tão perto das suas casas. Queriam chegar juntos, de mãos dadas.

Rosemary vestiu-se no quarto da sua infância. Estava repleto de caixas: George tinha encontrado um apartamento num dos prédios novos que despontavam em Brixton, mesmo à frente do lido, para onde se mudariam no dia a seguir ao casamento. Depois de desfazerem as malas e de uma lua de mel caseira, dariam início à sua vida de casados: — George a gerir a frutaria da família e Rosemary no seu emprego na biblioteca. Para Rosemary a questão de continuar ou não a trabalhar nunca se pôs — a sua mãe sempre trabalhara, os pais de George também e com ela seria a mesma coisa. Tinha amigas que iam para o Canadá ou estavam noivas de homens ricos. Nenhuma delas tinha emprego, mas muitas tinham frigorífico. Rosemary preferia ter um emprego a ter um frigorífico,

mas nunca lhes disse. Uma vida simples era mais do que suficiente para Rosemary, desde que George fizesse parte dela e eles pudessem viver numa casa sem ninguém a incomodá-los e abraçar-se se a meio da noite se a chuva ou um pesadelo os acordasse.

— Estás nervosa? — perguntou a mãe, compondo o cabelo da filha, colocando o véu de modo a cair-lhe sobre o rosto.

O pai, encostado a uma pilha de caixas, observava-as, com o ramo de noiva nas mãos, enquanto elas ajeitavam o véu.

Mas ela não estava nervosa.

Diante do pequeno grupo sentado em cadeiras de madeira dobráveis na conservatória, prometeram amar-se na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença. George não precisou de esperar pelo sinal para beijar a sua noiva.

Saíram das portas da conservatória envoltos numa nuvem de confetes cor de rosa e brancos e entraram no resto das suas vidas.

CAPÍTULO 23

O cinema só vende pipocas sofisticadas, com sabores a pimentão-doce e sal marinho, mas o cheiro permeia as paredes, a alcatifa, o ar. O pó das pipocas infiltra-se em todos os cantos. Os jovens empregados atrás do balcão da bilheteira, com tatuagens e bonés de pala, sorriem enquanto vendem bilhetes e tabletes de chocolate. Encorajam os clientes a assinar cartões de fidelidade ou a comprar lugares VIP.

Um filme terminou e a multidão de espectadores jorra da porta de dois batentes, alguns direitos ao *foyer*, outros virando para o bar. O *foyer* torna-se, de repente, ruidoso.

— Bem, mal-empregado dinheiro!

— Que estás para aí a dizer? Eu adorei!

— Não estávamos à espera que acabasse assim, pois não?

— Aquela parte fez-me saltar na cadeira.

— Saltei porque tu saltaste!

De uma maneira geral, as pessoas caminhavam aos pares, algumas em grupos maiores em que todos falam ao mesmo tempo. Entre elas está Rosemary, sozinha no meio da multidão.

— Desculpe, peço desculpa — diz uma mulher ao dar-lhe um encontrão, impelida pelo mar de gente.

— Não tem importância — responde Rosemary, grata por dizer algo.

Sorri à mulher, disposta a perguntar-lhe se gostou do filme, mas ela já desapareceu. Rosemary atravessa lentamente a multidão.

Rosemary adora o cinema. Vai lá uma vez por mês, com os bolsos cheios de guloseimas, e encosta-se a uma almofada que leva de casa. Gosta de estar sentada por baixo do grande ecrã, de olhos levantados para os enormes atores e sentindo os sons reverberar por toda a sala e nos seus pés. O que vê nem importa muito — escolhe os filmes pelo título, sem ler as sinopses. Se achar o título suficientemente interessante, compra o bilhete.

Escolhe um lugar na fila da frente para não ter de subir escadas. Chega sempre com antecedência, mas só se sente mesmo confortável quando a luz diminui e, como ela, todos se perdem no filme. Estica o pescoço para o ecrã e vê a comédia romântica, o *thriller* ou o filme de espionagem escolhido este mês, chorando ou rindo em coro com os outros espectadores. A emoção flui pela sala como uma onda. Quando assiste a um filme, não está sozinha, faz parte de algo maior, um rosto sem nome numa grande plateia de rostos sem nome.

Só quando o filme termina e o público se escoa, deixando-a para trás, é que sente falta de companhia. Imagina o grupo como uma árvore que a acolhia num dos seus ramos. O ramo parte-se quando as pessoas se dispersam, como as folhas que caem e se espalham.

Um homem segura a porta para ela passar; está a fumar com um amigo e Rosemary agradece e sai do cinema virando para a direita. Pelo caminho olha para os autocarros, lê os números e põe-se à prova, tentando lembrar-se dos seus destinos. O 59: Telford Avenue. O 159: Streatham Station. O 333: Tooting Broadway. O 250, para onde vai o 250? Começa por «C», não é Clapham, nem Crystal Palace. Ah! 250: Croydon Town Centre. Nunca vai a Croydon, na verdade, nem aos outros finais de linha, mas é importante lembrar-se.

Pensa se George teria gostado do filme. Ela gosta da maioria dos filmes — vai vê-los pelo ambiente, pelo grande ecrã e pela música. Mas George era mais exigente. Havia atores que ele adorava (Sean Connery, Michael Gambon, Judi Dench) e ia ver todas os filmes em que eles entrassem, mas de resto dizia sempre que os antigos eram os melhores. Por vezes o cinema passava clássicos — esses ele queria sempre ver. *Não, ele não devia ter*

gostado deste, pensa Rosemary enquanto caminha. *Era demasiado escabroso*.

Continua a descer a rua em direção ao metropolitano. Esta noite ainda não lhe apetece ir para casa, voltar ao seu apartamento vazio. Há um sítio que ela quer ir visitar. Vira à direita para a rua da estação.

A rua está silenciosa. As lojas debaixo das arcadas têm os estores metálicos puxados para baixo. Alguns dos estores estão pintados. Um tem a bandeira da Jamaica pintada, mas na maioria estão pintados *slogans*: «Salvem as nossas arcadas», «Fim aos despejos», «Não ao aumento das rendas». As palavras de ordem lembram-lhe o lido e imagina-o de portas fechadas e sem uma única pessoa a nadar na piscina. Só de pensar nisso sente um arrepio percorrer-lhe o corpo.

Desce até ao meio da rua, passando por um grupo de adolescentes aglomerados à entrada da estação a fumar e a ouvir música num radio portátil. Vestem um uniforme que nem percebem estar a usar; tem vontade de rir e de lhes dizer que eles são iguaizinhos a todos os grupos de adolescentes com que se cruzou pelos anos fora.

Durante a maior parte da vida nunca teve medo de andar sozinha pelas ruas. Mesmo em tempo de guerra gostava da liberdade de ser um dos que ficaram. Nessa altura também ela era jovem: tinha sobrevivido e não duvidava de que voltaria a sobreviver.

Quando os tumultos de 1981 tiveram lugar, era muito mais velha e a idade abria brechas na sua autoconfiança de adolescente como se tivesse raspado o reboco entre os tijolos. Foi no princípio de abril, ao ir da biblioteca para casa, viu carcaças de automóveis meio ardidas numa rua, labaredas erguendo-se para o céu e um muro de agentes da polícia protegidos por escudos de plástico. O fogo e o fumo não lhe permitiram perceber bem o que estava a acontecer, mas ouviu gritos e viu pessoas à frente da linha de polícias de braços levantados como se estivessem a atirar qualquer coisa. Correu para casa e contou a George o que tinha visto. Ele não a deixou sair do apartamento e no dia pior não abriu a loja. Da

varanda viram nuvens de fumo por cima das ruas de Brixton, o que a fez pensar na guerra. A sala deles ficou cheia até acima de caixotes de vegetais. Tiveram medo de que saqueassem a loja.

— Quem é que vai saquear uma loja onde só há fruta e legumes? — perguntou ela. — Eles querem é televisões e coisas do género e não sacas de batatas.

Ignora os adolescentes e continua a andar até chegar à arcada que procura. É a única que não está fechada: vibra de luz e barulho, e as pessoas saem dela aos bandos para se sentarem em bancos corridos. Há lanternas de papel penduradas desde a entrada e um flamingo em plástico guarda a cerca que delimita o espaço exterior.

— Com licença — diz, esforçando-se por abrir caminho por entre a multidão de jovens entre os vinte e os trinta e tal anos.

Grupos sentados à mesa arredam as cadeiras para lhe dar passagem. Olham-na espantados e depois voltam aos seus jarros de bebidas. O barulho das gargalhadas e da música não deixa Rosemary ouvir senão o ritmo regular do baixo. Perto do bar a multidão torna-se mais densa. Um homem repara em Rosemary e dá uma cotovelada ao amigo, expulsando-o do banco que ele ocupava ao balcão.

— Ei, bruto, dá lugar à senhora.

— Desculpa, não a vi. Desculpe, minha senhora não a vi — diz a Rosemary, oferecendo-lhe o braço para ela subir para o banco.

Rosemary senta-se devagar.

— Está desculpado se me disser o que bebem os jovens hoje em dia. Não vinha a um bar há muito tempo.

— Com certeza, eu faço o seu pedido.

Levanta a mão e chama a atenção do barista. Poucos minutos depois, um copo baixo e largo contendo um líquido cor de laranja e gelo é colocado em cima de um guardanapo à frente de Rosemary.

Lá fora, um grupo de trabalhadores de casacos desabotoados sai da estação e desaparece na noite, uns em direção a casa, outros em direção ao bar. Ao descerem a rua, vêem um arco iluminado sob o qual uma idosa, sentada ao balcão, bebe um *Old Fashioned*. Ao redor dela, grupos de jovens riem e bebem de jarros com gelo, ou *cocktails* de cores vivas enfeitados com sombrinhas de

papel *rétro*. Ela encontra-se entre dois casais que conversam animadamente, de costas para ela. Se levantassem a cabeça veriam por cima do balcão uma tabuleta verde descorada onde se lê: «Frutas e Legumes Frescos. Peterson & Filho».

CAPÍTULO 24

Depois da publicação do primeiro artigo de Kate sobre o lido, Phil começou a atribuir-lhe outro tipo de trabalhos, já não apenas simples notícias, mas reportagens propriamente ditas. A primeira é a história dos inquilinos despejados das suas casas para darem lugar aos blocos de apartamentos da Paradise Living, que ela propôs quando conheceu o homem da câmara municipal. Seguem-se outras. As histórias levam-na a conhecer o bairro e mostram-lho de todos os ângulos: bonitos e feios.

Escreve sobre a inauguração de um bar novo e o encerramento de uma velha peixaria, sobre a angariação de fundos para fins humanitários numa escola primária e sobre um adolescente que apesar da sua infância com pais traficantes veio a ser um ás do desporto, selecionado para os próximos Jogos Olímpicos. De um momento para o outro, dá por si mais ocupada do que nunca desde o seu primeiro dia no *Brixton Chronicle* — percorrendo o bairro diariamente para fazer entrevistas e investigação.

Cada vez que vê o seu nome impresso sente uma onda de orgulho. Uma noite ouve o zumbido do telemóvel. É uma mensagem de Erin.

«Estou a adorar os teus artigos, K. Estou tão orgulhosa. E beijinhos.»

Kate lê o texto novamente. Embora o *Brixton Chronicle* tenha um *site*, nem todos os artigos estão *online*.

«Não sabia que os lias. É só um jornal regional! K. Beijinhos.»

Momentos depois o telefone volta a zumbir.

«Sou assinante! Beijinhos, E.»

Kate imagina o *Brixton Chronicle* a viajar do sul de Londres para Bath, a aterrar à porta de Erin todas as semanas. Quanto lhe deve custar? Talvez Erin tenha um acordo com Phil — se bem que ele nunca lhe falou nisso. Imagina a irmã a ler as suas palavras aninhada no sofá e só gostava que um mágico qualquer a levasse instantaneamente até Bath para ela a poder abraçar. Em vez disso, envia uma resposta: «Obrigada. É muito importante para mim. Espero que estejas ótima. K. Beijinhos.»

No dia seguinte Kate é enviada em trabalho ao banco alimentar de Norwood e Brixton, onde se reúne com voluntários locais e famílias que lá vão abastecer a sua despensa vazia. Entrevista uma mulher, Kelly, com pouco mais do que a sua idade, que conta com o banco alimentar para poder comer, enquanto a filha está doente no hospital.

— Tem seis anos e pavor de hospitais — diz Kelly sentada a uma mesa na sala onde o banco alimentar funciona, a beber a chávena de chá que um dos voluntários lhe trouxe. — Por isso, vou vê-la todos os dias. Mas isso significa que não vou trabalhar há algumas semanas. Gastei as nossas poupanças e pensei em voltar ao trabalho, mas ela chora tanto sempre que me vou embora e eu saio de lá tão cansada. E preciso de estar por ali não vá ela piorar.

Os olhos de Kelly enchem-se de lágrimas e Kate tem vontade de lhe pegar na mão. Em vez disso, concentra-se em tirar apontamentos, tentando ter uma atitude profissional.

— Uma vez, depois de ir visitá-la ao hospital, apercebi-me de que não tinha comido nada o dia todo. E não havia nada lá em casa. Não há nada pior do que essa sensação... de repente percebermos que temos fome e nada para comer. Fiquei aterrorizada, e sem ter para onde me virar. É por essa razão que estou aqui.

Kate olha em volta, como se não se lembrasse bem de onde estava. Um voluntário sorri-lhe, acena-lhe. Depois de ver Kelly, a exaustão e a tristeza gravadas no rosto, Kate sente uma vergonha angustiante. Lembra-se de todas as vezes que foi para a cama sem jantar, de todas as vezes que saltou uma refeição por não ter paciência de ir comprá-la ao supermercado. Já sentiu medo, mas

nunca aquele medo específico, aterrorizador, que Kelly acabava de descrever.

— É a maior sensação de fracasso — diz Kelly, levantando a cabeça, os olhos fixos nos de Kate. — Uma pessoa não ser capaz sequer de se alimentar. É a coisa mais básica, mais importante, não é?

Kate sente um nó crescer na sua garganta e as lágrimas acumularem-se nos olhos, perigosamente perto de lhe correrem pelo rosto. Esforça-se por retê-las e agradece a Kelly, com o que espera que seja interpretado como ternura e sinceridade, ter-lhe concedido a entrevista.

— Espero que tudo corra bem e que a sua filha melhore em breve, espero mesmo.

Nessa noite, no seu apartamento, Kate volta a cozinhar. Nada de complicado — apenas massa com frango e *pesto* — mas prepara a refeição com cuidado, sempre a pensar em Kelly. Uma sensação de impotência invade-a — não poder mudar nenhuma das coisas importantes do mundo ou, pelo menos, fazer a diferença de alguma maneira significativa. Nos seus dias piores não são apenas as suas próprias preocupações que a consomem, mas uma apreensão persistente inspirada pelo estado do mundo, o pavor da enorme tristeza que sabe andar por aí. Nesses momentos, é como se ela fosse um buraco negro e sugasse todas as ansiedades do mundo até ficar repleta de escuridão.

Enquanto come, procura travar a maré de inquietação e deter o Pânico. Pensa no lido, concentra-se na reunião que aí vem e no que mais poderá fazer para ajudar Rosemary a salvar a piscina. *Se calhar é por isso que o lido se tornou tão importante para ela*, pensa. Pode ser algo pequeno, mas já é qualquer coisa. E a escuridão, embora continue a ameaçar ao fundo, recua.

CAPÍTULO 25

No início não tinham o suficiente para mobilar o apartamento. Para começar, improvisaram uma mesa equilibrando uma tábua de madeira em cima de caixotes de legumes, também de madeira. Os pais de George cederam-lhes duas cadeiras. Não eram as duas iguais, mas não fazia mal. Durante algum tempo, elas foram a única mobília da sala para além das pilhas de livros que encostaram às paredes. Tratariam das estantes mais tarde. Ambos possuíam uma vasta coleção de livros, livros que os acariciaram na infância e confortaram na adolescência. Foram lendo avidamente os títulos enquanto os desempacotaram juntos.

— Quanto tivermos estantes, como vamos organizar os livros? — perguntou Rosemary. — Não será melhor uma estante para cada um de nós?

— Não — respondeu George. — Quero misturá-los.

Quando finalmente as estantes chegaram, deliciaram-se a combiná-los: o Dickens dele encostado ao Brontë dela.

George juntava todos os trocos para comprar coisas para a casa. Um dia veio do trabalho com uma roseira envasada comprada no mercado. Colocou-a no parapeito da janela e assinalou com cruces no calendário da cozinha os dias em que não se podia esquecer de a regar. No primeiro Natal em casa compraram a meias um gramofone. A coleção de discos deles começou com apenas um, escutado vezes sem fim.

Rosemary gostava de ver as duas escovas de dentes ao lado uma da outra na prateleira da casa de banho. Lavavam os dentes

ao mesmo tempo, ambos descalços em cima do tapete da casa de banho, ele com o braço em volta da cintura dela e ela a olhá-lo no espelho com vontade de sorrir, mas impossibilitada de o fazer pela pasta e pela escova de dentes. Ele fazia-lhe caretas ao espelho para ela rir. Quando terminavam, limpavam as bocas à mesma toalha e beijavam-se, o travo picante da hortelã-pimenta nos lábios.

Nos primeiros meses da vida de casados dormiram num colchão colocado diretamente sobre o soalho e as cortinas eram lençóis pendurados com molas da roupa. Deitavam-se logo a seguir ao jantar, geralmente ainda havia claridade lá fora, e às vezes deixavam os pratos na mesa e esperavam pela manhã para os lavar e secar. Tinham de esfregá-los com mais força se os lavassem no dia seguinte, mas não se importavam.

A cama era o único lugar onde não falavam e preferiam o silêncio, mas os seus corpos conversavam longamente. Segredavam quando se tocavam ao de leve e gritavam quando as suas línguas se encontravam dentro das bocas quentes. Percebiam a linguagem um do outro e sabiam como responder.

Umas vezes eram ponderados, outras audaciosos, mas beijavam-se sempre. Beijos suaves, beijos intensos, beijos em pálpebras e faces e clavículas e na pele macia por detrás das orelhas.

Terminado o sexo, tombavam no colchão, adorando a sensação de não saberem a qual dos dois pertencia esta perna ou aquele braço. A perna dela pousava sobre a barriga dele, a cabeça dele aninhava-se nos braços dela. O corpo dele por cima do dela, coração contra coração, o rosto dele no cabelo dela. Lado a lado, George abraçava-a pela cintura e acariciava-lhe um seio, enquanto os braços de Kate lhe pousavam nas costas. Assim ficavam, sem se mexerem, cada um com os seus pensamentos mas ligados pelos seus corpos.

— Amo-te — disse George, numa noite fresca de verão uns meses depois do casamento. Estavam deitados no calor um do outro no colchão, entre lençóis amarrotados.

— E eu amo-te — retorquiu Rosemary.

Encostou-se ao braço dele, apoiando a cabeça na axila e um braço na barriga dele.

— Desculpa ainda não termos uma cama — disse George. — Prometo que a teremos em breve.

Teria dormido num chão de pedra todas as noites se fosse preciso, só para estar com ele. Pensou que lho tinha dito, mas talvez tenha adormecido antes de as palavras se ouvirem.

CAPÍTULO 26

Rosemary e Kate encontram-se no lido às sete da manhã. Ahmed abre a porta de vidro do placar informativo e ajuda-as a afixar alguns anúncios da reunião, desviando o anúncio das aulas de *ukelele* para o lado a fim de ter mais espaço.

— Quem é que quer aprender isto, afinal? É basicamente uma guitarra para crianças — comenta.

Afixados os cartazes, Rosemary e Kate vão nadar. Rosemary desafiou-a e foi com surpresa que Kate percebeu o quanto lhe agradara o convite. Não se lembrava da última vez que fora convidada para fazer fosse o que fosse.

No vestiário Kate tira a roupa revelando o fato de banho que trazia por baixo. Vira-se e vê Rosemary nua, a conversar com outra mulher que calcula ter sessenta e muitos anos. A mulher também está nua, à exceção da touca cor de rosa. Rosemary e a mulher desatam a rir, apoiadas nos braços uma da outra enquanto as gargalhadas sacodem os seus corpos nus e enrugados.

Veem Kate a olhar para elas, escondendo o corpo com os braços, atrapalhada.

— Desculpe, Kate, esta é a Hope — explica Rosemary. — Trabalhámos juntas.

— Muito prazer — diz Hope, estendendo as duas mãos a Kate.

Kate nunca pensou vir um dia a apertar as mãos a uma mulher nua de sessenta e tal anos. Não sabe para onde olhar.

— Rosemary contou-me tudo a seu respeito — diz Hope, enquanto Rosemary dá meia-volta e começa a vestir-se.

— Também é um prazer conhecê-la — responde Kate.

Espera que Rosemary esteja pronta. Ela acaba por se virar já de fato de banho, a touca e os óculos de natação nas mãos.

— Vamos, é melhor irmos andando.

— E eu vou secar-me e vestir-me — acrescenta Hope. — Divirtam-se na água. Está fria esta manhã, mas maravilhosa.

— Até breve, querida — diz Rosemary.

Kate despede-se de Hope e segue para o deque sempre ao lado de Rosemary.

— Pode ir mais depressa, não precisa de esperar por mim.

— Torci o tornozelo há pouco tempo, não consigo.

— Não acredito.

— Então, não acredite.

Chegam à borda da piscina juntas. Rosemary apoia-se nas escadas.

— Preferia que não olhasse — diz ela.

Há um rangido, uma pausa, pequenos salpicos. Quando Kate se vira, já Rosemary está dentro de água, pondo a touca e os óculos e molhando os ombros. Kate desce e vai ter com ela. Hope tinha razão: a água está fria, mas deliciosamente fria. Enquanto o frio rodeia o seu corpo, Kate respira fundo e sente qualquer coisa dentro de si expandir-se e ganhar vida.

Na piscina é Rosemary quem tem de abrandar para acompanhar Kate, o que faz ao fim de algumas braçadas, as duas repousando um instante encostadas à parede da piscina antes de recomeçarem a nadar.

Rosemary observa Kate enquanto ela nada, esforçando-se por manter a cabeça fora de água, como um cão a perseguir uma bola num rio.

— Devia mesmo pensar em arranjar uns óculos — diz Rosemary quando fazem uma das suas pausas no lado menos fundo da piscina. — Fico cansada de a ver esforçar-se por manter a cabeça fora de água.

— Não sei nadar de outra maneira — diz Kate. — E detesto ter cloro nos olhos.

— Para isso é que servem os óculos. Tenho uns em casa que podem ficar para si. Bata as pernas e os braços alternadamente, verá que é menos cansativo. E deixe a cabeça mergulhar ao ritmo das braçadas.

Nadam ao mesmo tempo mas afastadas, rompendo o silêncio apenas de vez em quando para trocar umas palavras no lado menos fundo. O sol espreita através das árvores.

Kate vê o seu Pânico sentado numa das mesas do deque do lido. Nada sabendo que ele está à espreita, mas sente-se segura. *Aqui não me apanhas*, pensa, enquanto mergulha, o frio abraçando-a como um velho amigo.

CAPÍTULO 27

Ao fim de meia hora a nadar, sobem, envolvem-se nas toalhas e vão mudar-se. O vestiário está cheio de mulheres que se arranjam para irem trabalhar. Vestem *collants*, abotoam blusas, os fatos de banho molhados pendurados nas portas dos cacifos ou amontoados no chão.

Rosemary observa a fila junto aos espelhos, algumas à espera de que o secador esteja livre, outras a aplicar maquilhagem. Esticam o pescoço para a superfície espelhada, contorcem o rosto quando pintam as pestanas com máscara, as sobrancelhas levantadas e as bocas ligeiramente abertas. Uma mulher aproxima-se mais e desenha as sobrancelhas com um lápis, o rosto franzido de concentração. Junto dela, uma jovem espalha nova camada de base, empalidecendo as suas sardas a cada aplicação até elas já não se verem.

Depois de vestida, Rosemary passa creme hidratante no rosto e penteia-se.

— Encontramo-nos lá fora? — sugere a Kate, na fila para usar o espelho. Kate responde com um aceno de cabeça e vasculha a sua bolsa de maquilhagem. Rosemary vê-a procurar o produto certo para tapar ou realçar determinadas partes do seu rosto. Pergunta-se quanto tempo da vida de uma mulher será dedicado a estes rituais? E para quê? Viu todas aquelas mulheres de cara lavada na piscina e nuas nos vestiários e são perfeitas. Claro, ela fazia o mesmo quando era nova. Não usava tanta maquilhagem como algumas das suas amigas ou algumas das mulheres que iam à biblioteca com um

corte de cabelo diferente todas as semanas, mas ainda assim usava alguma. Levava-lhe pelo menos cinco minutos.

Rosemary pega no seu saco e sai. Senta-se num banco em frente do lido à espera de Kate. Minutos depois Kate aparece, dirige-se a Rosemary e senta-se ao seu lado.

— Fale-me do sítio onde trabalhava, Rosemary — pede, enquanto, sentadas, esperam que o sol lhes seque os cabelos.

— Trabalhava na biblioteca. Trabalhei lá trinta e cinco anos, até ela fechar.

— Oh — comenta Kate. — A velha biblioteca.

A biblioteca é hoje um bar e um café — Kate já lá esteve.

— Sempre pensei que só era biblioteca de nome. Que estupidez a minha.

— Eu costumava dar uma vista de olhos aos livros onde agora há um bar e um café — diz Rosemary. — Não sei o que é feito de todos aqueles livros. Resgatei alguns, por isso o meu apartamento está a abarrotar, mas dos outros não sei. Espero sinceramente que os tenham oferecido a escolas da região. Só de pensar que podem tê-los deitado fora...

Rosemary hesita, os seus olhos brilhantes desaparecem nas rugas fundas da pele.

— O problema foi ninguém estar à espera — continua ela. — Um dia apareceu lá um cartaz a comunicar que a câmara municipal ia pôr em prática um programa de cortes de custos e de repente Hope e eu estávamos na rua a olhar para as suas portas fechadas. Foi tão triste.

»Eu levava o meu emprego muito a sério. Gostava de trabalhar... sempre achei que as mulheres que não trabalham devem aborrecer-se imenso. Sei que era uma simples bibliotecária, mas preferia considerar-me uma guardadora de livros. Competia-me manter as prateleiras organizadas de modo que o «romance de amor» ficasse discretamente à parte na ficção e a criança de doze anos encontrasse com facilidade *O Grande Livro do Corpo* sem ter de pedir ajuda. Éramos também um local muito procurado quando chovia. Lembro-me de um jovem chamado Robbie que costumava entrar de mochila e saco-cama às costas, deixava-os numa cadeira

e ia à secção de línguas. Dizia-me sempre «Bonjour» e contava que queria ir a pé e a nado até Paris. Gostava de saber por onde anda ele agora...

Rosemary suspira e olha para o cimo da colina, o parque que conhecia desde pequena. Pensa na biblioteca — nos risos das crianças no «cantinho da leitura», nas pessoas que iam para lá estudar e candidatar-se a empregos através do computador, nas vésperas de ela ser encerrada. No último dia em que a biblioteca funcionou, várias pessoas foram falar com ela. A senhora Lane contou-lhe que era delicioso ver a filha mais nova, Megan, escolher uma resma de livros. «É o único sítio onde posso deixá-la procurar exatamente o que quer» disse. «Como pode deixá-la ler tudo o que quiser ser mau?»

O senhor Gudowicz chegou mesmo a abraçar Rosemary. Tinha os olhos brilhantes e húmidos quando lhe disse que graças à biblioteca conseguira estudar e obter as qualificações que lhe permitiram arranjar um emprego. «Posso voltar a ser marido e pai», disse.

Virou-se para Kate:

— O lido tem de continuar aberto. Tem de ser.

— Eu sei — responde Kate.

Rosemary olha atentamente para a jovem ao seu lado. Os olhos castanhos de Kate parecem sérios, mas, ao contrário do que é costume, não estão assustados. Há qualquer coisa nos olhos dela que se abriu como uma janela, através da qual Rosemary vê uma mulher muito diferente lá dentro. Uma mulher cheia de força e que, apercebe-se de repente, pode ajudá-la. Vai ajudá-la.

— O que me lembra uma coisa — diz Kate. — Telefonaram-me da câmara com mais pormenores acerca da reunião. Parece que precisamos de escolher um porta-voz capaz de resumir as opiniões dos outros residentes... — o que o lido significa para eles. Não me lembro de ninguém melhor do que a Rosemary. Aceita, não aceita? Ficaremos muito bem representados.

Rosemary lembra-se de Geoff a ter descrito a Kate como a «nadadora mais leal» do lido. Espera conseguir encontrar as

palavras para começar sequer a explicar o significado que o lido tem para si.

— Seria uma honra — responde. Kate sorri, deixando escapar um pequeno suspiro.

Juntas, veem as pessoas de cabelo a escorrer e sacos às costas sair da piscina e dirigir-se ao parque.

De repente, Kate consulta o seu relógio de pulso.

— Oh, não, estou atrasada. Tenho de ir a Brixton Village, vai ser lá inaugurada uma loja e quero entrevistar o proprietário antes da abertura, mas vemo-nos em breve, sim?

Rosemary concorda e vê Kate partir, a sua figura esguia atravessando, apressada, o parque. Reflete sobre a reunião marcada, tentando decidir o que dizer quando a convidarem a falar, pensa no que Brixton já perdeu e que desta vez quer desesperadamente acertar.

CAPÍTULO 28

No último sábado do mês, a feira Brix Mix chega à Station Road e a rua enche-se de comerciantes locais a vender roupa *vintage*, tecidos africanos, artesanato de cerâmica e animais de madeira pintada em cores vivas. O cheiro a frango assado embrulhado em folhas de pimenta-da-jamaica enche o ar vindo da grelha lateral de uma carrinha estacionada na rua.

Aos sábados, Kate costuma ficar em casa a ver séries nos canais por cabo. Volta e meia aventura-se até ao café ao fundo da rua onde se senta a ler um livro, observando, protegida pela montra, o que se passa lá fora.

Hoje, sai da porta do prédio e encontra um belo dia de primavera, um dia daqueles que os pintores gostam de pintar e sobre o qual os poetas gostam de escrever. Sorri enquanto desce a rua, deixando o prometedor céu azul ampará-la. Há semanas que não tem um ataque de pânico. Começou a nadar com regularidade, umas vezes com Rosemary, sempre que consegue chegar à piscina cedo, outras no regresso do trabalho. Quando nada, lembra-se dos artigos que tem lido sobre o efeito benéfico do exercício físico sobre a ansiedade. Mas não é só isso — a campanha contra o encerramento do lido está a fazê-la sentir-se de uma maneira geral mais otimista. Encontrou uma ideia em que pode acreditar e concentrar-se. Sente-se mais autoconfiante do que nunca.

Mal entra na estrada principal, é assaltada pelo ruído dos autocarros e das multidões que jorram da estação de metro mais abaixo. Mas em vez de virar para trás como era habitual, segue em

frente, fazendo os possíveis por manter a cabeça erguida e não virada para o chão. Serpenteia por entre as pessoas que enchem o passeio, com cuidado para não esbarrar com nenhuma.

Sente o telemóvel vibrar no seu bolso. Pega nele e vê uma mensagem de Erin. Kate clica e vê uma fotografia de Erin radiante, uma medalha ao pescoço. «Fiz os meus primeiros dez quilómetros!», lê. Kate para à entrada de uma loja para ver a fotografia com atenção e responder. Erin tem um ar tão feliz, o rosto rosado e o cabelo ruivo apanhado atrás num rabo de cavalo meio desfeito — é a primeira vez que vê a irmã mal penteada, o que provoca nela um sorriso. O ruído dos autocarros e a exuberância das pessoas parecem desaparecer.

«Estou tão orgulhosa, mana», responde, em seguida volta a guardar o telefone no bolso.

Chegando ao cinema, vira para Coldharbour Lane e desce até chegar à loja que tem livros à entrada e um *golden retriever* na montra. Empurra a porta e entra na livraria de Frank e Jermaine.

Jermaine levanta os olhos do balcão sobre o qual está inclinado a ler um livro.

— Kate! — exclama. Ela sente uma agitação súbita. Ele parece satisfeito por a ver.

— Eu bem avisei que voltaria em breve — diz Kate.

— Frank saiu agora mesmo. Mas vai gostar muito de saber que veio cá.

— Dê-lhe cumprimentos meus, está bem? Vou dar uma vista de olhos, se puder ser?

— Sinta-se em casa.

Jermaine retoma a sua leitura e Kate explora a loja. Há uma secção inteira dedicada a mulheres escritoras e Kate começa por aí, lendo as lombadas até alguma chamar a sua atenção e ela tirar o livro da prateleira para ler a contracapa e a primeira página. Depois passa à literatura estrangeira e, após uma paragem nas leituras para férias, segue para a literatura infantil, ao fundo, só pela nostalgia de pegar num livro que leu na infância. Ajoelha-se e folheia-os, recordando a felicidade que foi descobrir que a leitura podia levá-la para outro tempo, outro local, um mundo diferente.

Podia ser quem quisesse quando lia um livro. Dá umas voltas e pega num livro aqui, outro ali, e a carga cresce até ela ter uma pilha de cinco. Sente-se bem, o cheiro da loja acalma-a.

— Tenho de parar antes que o peso seja excessivo para mim — diz, pousando a pilha em cima do balcão. — É realmente uma loja linda.

— Obrigado — agradece Jermaine, o seu corpo alto pairando por cima do balcão enquanto ele confere os preços escritos a lápis no verso da capa. Coça a barba distraído e continua a falar.

— É maravilhoso o que está a fazer pelo lido. A Rosemary já nos tinha falado do que se passava, mas andávamos com problemas aqui na loja. Não que fosse preciso eu dizer-lho, ela decerto já o sabia. É tão difícil ter uma livraria nos tempos que correm.

Kate olha em volta. É uma loja desarrumada mas acolhedora, há livros amontoados por toda a parte e bancos colocados nos espaços entre as estantes para as pessoas se sentarem a ler.

— Ajudaremos no que for preciso — diz Jermaine, de novo virado para Kate. — Há coisas que merecem que lutemos por elas.

— Obrigada — responde Kate, lutando contra o impulso de lhe dar um abraço. Dirige-se à porta e faz uma festa a *Sprout* antes de a abrir. — Vemo-nos na reunião?

— Lá estaremos.

Sai com um sorriso estampado no rosto. Ela e Rosemary podem ter uns dias difíceis pela frente, mas pelo menos não lhes falta companhia. Hope, Ellis e Jake, Ahmed e Geoff, Betty e agora também Frank e Jermaine. E Kate tem a certeza de que mais aparecerão — há tantas pessoas a nadar no lido, estão seguramente do lado delas. *Talvez*, diz para consigo, *talvez tudo acabe bem*.

CAPÍTULO 29

— Estás arrependido de nos termos casado? — perguntou Rosemary.

Quando fez a pergunta, levantou os olhos para George, de mãos fechadas sobre os joelhos, sentado com as costas curvadas na cadeira ao lado da cama de casal. Ainda tinha o avental de couro por cima da roupa. Normalmente, quando chegava a casa do trabalho, pendurava-o atrás da porta da entrada, para não se esquecer dele no dia seguinte.

George tinha ido à biblioteca dizer-lhes que ela ia faltar durante umas semanas. Rosemary detestava imaginar essa conversa, mas imaginou-a: imaginou-os cheios de pena e isso foi o que mais detestou.

— Porquê essa pergunta? — quis ele saber, pegando na mão dela e apertando-a com força. A mão doeu-lhe quando a soltou, mas ela tentou não o mostrar. O calor da pele dele encheu o seu corpo.

— Se não tivéssemos casado, provavelmente isto não acontecia — respondeu Rosemary. — Podias estar com outra pessoa. Ter um bebé.

Ao pronunciar a palavra, estremeceu. Pensou outra vez em como teria sido a conversa de George na biblioteca. Talvez tivessem chegado gargalhadas do «cantinho da leitura» quando ele, também estremecendo, falou com Hope e os outros. Perguntou a si própria que teriam eles dito, o que podiam eles ter dito. Ao menos conseguia pegar nos caixotes de livros e cabia nos espaços

estreitos entre as estantes da secção de referência. Mas isso pouco a consolava.

Ele olhou para ela com a expressão mais triste do mundo. Tinha um ar mais velho, mas assustado como uma criança. Fazia-a reçar que ele se partisse como um ramo seco numa tempestade. Fechou os olhos.

— Não digas isso — ordenou ele. — Nunca digas isso. Podia estar com outra pessoa, mas não serias tu. Podia ter um filho, mas não seria teu. — Rosemary abriu os olhos e ali estava ele, amando-a tal como ela era. Nunca duvidara desse amor.

— Talvez este não estivesse destinado a nascer, mas o próximo estará. E temo-nos um ao outro. Tenho-te a ti.

George tentou sorrir, mas em vão — o seu rosto contorceu-se e ela ficou ainda mais triste ao vê-lo querer sorrir-lhe. Olhou para ele e lembrou-se do dia, no lido, em que um ninho caiu dos ramos de uma árvore. Ainda eram adolescentes nessa altura, mas George nadou para apanhá-lo e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas pois percebeu logo o que tinha acontecido. Retirou o ninho molhado da piscina e mergulhou para recolher os corpos minúsculos que tinham caído. Viu-o mergulhar outra vez, depois uma terceira, e também ela rompeu em lágrimas. Fingiu chorar por causa dos pássaros, mas chorava por ele. Ele continuou a mergulhar até todos os pássaros estarem alinhados na borda da piscina.

As lágrimas acumularam-se nos olhos de George e ele não as conteve. Caíram-lhe em cima do avental, salpicando-o de manchas escuras.

— Está tudo bem — disse ela.

E então ele soluçou. As suas lágrimas nunca eram discretas nem silenciosas, jorravam como a água de uma barragem rebentada. Quem o visse com aquelas mãos fortes e o avental de merceeiro nunca esperaria vê-lo chorar daquela maneira.

— Vem deitar-te comigo — disse ela.

Ele dirigiu-se ao outro lado da cama e deitou-se ao lado dela, envolvendo-a nos seus braços, cobrindo-lhe a barriga com as mãos. Abraçou-a, choraram os dois. Rosemary não sabia se estava a

chorar pelo bebé ou por George. Ele continuava de avental e sapatos quando acordaram na manhã seguinte.

CAPÍTULO 30

No dia da reunião, Kate sente o Pânico rastejar por si acima. Não quer decepcionar as pessoas que contactou. Não quer decepcionar Rosemary.

No trabalho, enquanto datilografa uma história em silêncio, pensa em como irá correr a reunião, se aparecerá um número suficiente de pessoas. E se a comparência delas irá surtir algum efeito.

Além disso está cansada. De noite sonhou que tinha outro ataque de pânico. Ia a caminho do lido, o saco da natação a tiracolo. Estava ansiosa por entrar na água fria e fazer devagar várias piscinas. Mas quando chegou ao sítio onde devia estar o lido, ele não estava lá. Em vez disso, encontrava-se numa zona desconhecida da cidade, na base de uma torre de apartamentos que bloqueava o sol. Nunca tinha visto aquelas ruas e as pessoas andavam demasiado depressa para ela as interromper a perguntar direções. Um sinal a dizer «piscina» apontava para a esquerda, mas no seu telemóvel o mapa mandava-a ir para a direita e a indicação de que chegara ao destino apontava para o meio da torre de apartamentos.

Deu a volta ao prédio, inclinando-se para trás a fim de ver melhor a parte superior. Ao caminhar, começou a entrar em pânico. Como era possível o lido ter-se deslocado? Porque estava ele no mapa mas não ali? Desceu ruas que não conhecia e consultou o telefone. Ele dizia que lhe faltavam dois minutos para chegar ao seu destino, mas qual era ele?

A frustração apertou-lhe a garganta e comprimiu-lhe as têmporas. Depois o pânico e o medo de estar perdida borbulharam, produzindo lágrimas quentes, revoltadas. Respirar tornou-se difícil e as pernas deixaram de a impelir para a frente. Ficou imóvel no passeio, lágrimas a correrem-lhe pelo rosto ao mesmo tempo que se esforçava por respirar.

As pessoas que passavam por ela não davam pela sua presença ou olhavam-na de esguelha e continuavam a andar rapidamente como se ela fosse uma criança malcomportada. Kate imaginou o que elas pensariam: uma jovem com a maquilhagem a escorrer, a chorar sem razão aparente no meio da rua. Um adolescente acabou por lhe perguntar se estava tudo bem.

— Não é preciso chorar, por favor, pare — disse ele.

Mas ela não conseguia parar de chorar, nem sabia explicar porque chorava. Dizer-lhe que estava perdida e que só queria ir nadar seria uma desculpa esfarrapada para lágrimas tão violentas e contínuas.

E então acordou, sentindo-se tão estafada como após todos os ataques de pânico.

— Pensei que ia saber-te bem um café — diz uma voz enquanto uma caneca pousa suavemente na sua secretária. Ergue os olhos e vê uma massa de cabelo ruivo-alourado e um rosto sorridente.

— Obrigada, Jay. Adivinhas os meus pensamentos.

— Fotógrafo, barra, adivinho. É um fardo que tenho de carregar. Beberica o café e só o cheiro revigora-a.

— Pediram-me para ir à tua reunião esta noite tirar umas fotos para o jornal. Espero que aches bem.

Kate faz uma pausa e olha para Jay. Não o conhece muito bem, mas vê aquele cabelo arruivado e aquele rosto amável todos os dias. Ele faz parte do tecido da vida dela e de alguma maneira tranquiliza-a.

— Não é propriamente a minha reunião — responde. — Mas claro que acho bem. Não sei é se vais fazer grandes fotos... é na

câmara municipal.

— Logo se vê — disse Jay, pulando do canto da secretária onde se tinha empoleirado e pegando no estojo da câmara. — Se eu for tão bom a tirar fotografias como sou a ler pensamentos, talvez tenhas uma surpresa. Para já, vou fotografar aquele restaurante mexicano novo. Se calhar até te trago uns nachos à borla, queres? Ainda não sabem que só lhes vamos dar duas estrelas.

— Não te incomodes, o café é que veio mesmo a calhar. Obrigada.

— Não há problema. Até logo.

Quando Jay sai, Kate apercebe-se de que há muito tempo que não conversa com um homem que não seja o seu chefe ou um entrevistado. Também repara que já não se sente ansiosa.

CAPÍTULO 31

Ao terceiro aborto espontâneo de Rosemary, George sugeriu umas férias.

— Quero que sintas a água do mar entre os dedos dos pés, Rosy — disse uma noite, e ela sorriu, imaginando como seria. Ele estava sentado na poltrona junto à lareira e abriu os braços. Ela atravessou a sala e aninhou-se no colo dele. Lembrava-se tão nitidamente das descrições que ele tinha feito de Devon que até sentia o sabor da água salgada nos lábios e, sempre que pensava nela, ouvia o sussurro das ondas, embora nunca as tivesse visto.

— Quero ir para fora, só nós dois — disse ele. Era sempre só os dois, mas ela percebia o que ele queria dizer; também ansiava por escapar à memória daquele pessoa que nunca tinham conhecido. Queria sentir que eram de novo adolescentes. Assim, decidiram tirar umas férias que os encheu de entusiasmo.

Foi a primeira e única vez depois do casamento que fecharam a loja durante uma semana inteira. Ele afixou um aviso na montra anunciando o encerramento previsto semanas antes do dia em que tencionavam partir e todas as conversas que teve com clientes durante essas semanas foram sobre as férias. Falava com orgulho dos planos, empregando volta e meia o termo americano «vacation». Rosemary e George não eram grandes veraneantes. Nunca tinham tido férias na vida.

Devon ficava demasiado longe, de modo que optaram por Brighton e reservaram uma semana numa pensão para poderem pagar os dois xelins e *sixpence* a mais da viagem no *Brighton Belle*,

o comboio *Pullman* cor de chocolate e natas que saía da estação de Victoria e era famoso pelas suas belíssimas carruagens.

— Tu és a minha *Brixton Belle* — disse George ao ouvido de Rosemary, enquanto a ajudava a subir para o comboio na plataforma cheia de pessoas, carregando a pequena mala emprestada por uma amiga. Depois de encontrarem os seus lugares na carruagem, Rosemary examinou o ambiente à sua volta — o papel de parede castanho *art déco*, o clarão suave dos candeeiros e um leve aroma a torradas, café e arenque fumado.

Rosemary tentou disfarçar os seus nervos — nunca tinha saído de Londres e foi com um nó no estômago que viu a plataforma da estação afastar-se. Parecia que se tinha desamarrado e flutuava livremente. George apertou-lhe a mão.

— Para que achas que serve aquilo? — perguntou ela, apontando para um botão na parede.

— É para chamar o empregado — respondeu uma mulher sentada à frente deles, levantando uma sobrancelha. George e Rosemary entreolharam-se e sorriram. George carregou no botão. Momentos depois, o empregado apareceu, mostrando a ementa e tratando George por «sir». Rosemary tapou a boca com a mão para disfarçar a sua vontade de rir. Só tinham dinheiro para um chá, mas foi como se bebessem champanhe. O comboio seguia aos sacões e os assentos eram desconfortáveis, mas nada disso importava.

Quando chegaram, Rosemary quis ir logo ver o mar, portanto, desceram a Queens Road atrás das famílias e dos casais e foram dar à marginal. Todos estavam vestidos para ir à praia — óculos de sol redondos nos rostos das mulheres e dos homens e chapéus nas cabeças das crianças. Passaram por gelatarias, casas de chá e bares com *jazz*, mas Rosemary pouco lhes ligou tão desejosa estava de chegar ao mar.

À medida que se aproximavam, ela foi acelerando o passo. Gaivotas guinchavam e esvoaçavam no céu por cima dela. E finalmente viu-a: a vasta expansão verde de água que se misturava lentamente com o azul do horizonte. Da água erguia-se o Palace Pier, com a sua mistura de edifícios e cúpulas e, ao fundo, os dois escorregas em espiral onde se deslizava até ao mar.

Uma brisa marinha soprou contra os seus rostos quando desceram para a praia. Rosemary passou a língua pelos lábios: sabiam a peixe frito com batatas fritas.

Na praia, famílias e casais descansavam em espreguiçadeiras de lona às riscas. Um homem de calções corria atrás de uma mulher de fato e touca de banho até que de repente mergulharam os dois no mar. Uma criança sentada sobre os seixos apontava para as gaivotas e comia sanduíches de geleia. Um grupo de adolescentes, deitado à sombra de um barco virado ao contrário, fumava.

Rosemary e George tiraram os sapatos e as meias e colocaram-nos em cima da mala. Depois atravessaram o chão de seixos até à borda da água, os dedos das mãos entrelaçados. A água estava tão fria como a do lido. Ali ficaram a ver o mar que parecia não ter fim. Só de a ver encantada, George sentiu todo o seu corpo sorrir.

Juntos caminharam até o pontão onde compraram batatas assadas temperadas com manteiga, que comeram encostados ao gradeamento, enquanto as gaivotas os sobrevoavam na mira de serem contempladas com algumas migalhas. Filas de homens de bonés brancos pescavam cavalas ao fundo, mulheres com vestidos de verão passeavam de braço dado e crianças faziam fila numa banca de dónutes acabados de fritar. A proprietária da banca entregou a uma menina um cartucho de papel gorduroso e ela sorriu, regalada.

George vira as costas ao som das gargalhadas das crianças e encosta-se ao gradeamento. Rosemary olha para ele e sorri, esperando que ele veja no seu rosto alegria suficiente para encher a sua vida.

Passaram a semana a conhecer a cidade, a comer bolo na casa de chá Lyons', a explorar os cafés de *jazz* cheios de fumo e a ir à praia. À noite regressavam à pensão, a pele viscosa do alcatrão do areal.

— Esfreguem-se com manteiga que isso sai tudo — disse a proprietária da pensão, de modo que levaram uma embalagem de

manteiga e esfregaram-se um ao outro com a gordura pálida, rindo como adolescentes. Adormeceram a cheirar a manteiga, os seus corpos macios numa confusão de pernas e braços nus sob os lençóis.

No fim do último dia de praia, com os rostos morenos e doridos da água salgada e do sol, foram a um café beber chocolate quente e ouvir música na máquina de discos. A sala estava enevoadada do fumo do tabaco e do vapor da cafeteira. George pôs uma moeda na máquina e a voz de Elvis Presley a cantar «My Wish Came True» encheu o bar.

— Danças comigo? — perguntou ele. Empurraram a mesa para o lado e abraçaram-se no meio do estabelecimento. Rosemary encostou a cara ao peito de George, ouviu o coração dele bater e pensou que aquele era o som de casa. Adorou o mar, mas queria regressar ao seu lido, cujas paredes emanavam conforto e não prisão. Tinha gostado de fingir durante uma semana que eram outra vez jovens, escondendo-se um do outro no labirinto de espelhos do pontão, fazendo amor numa cama que rangia e fugindo aos pensamentos que ambos queriam esquecer. Mas agora queria estar em casa, no pequeno apartamento deles. Muito embora a tristeza se acumulasse aos cantos dos quartos, de onde de vez em quando era soprada, como o pó, aquela era a casa e a vida deles e isso bastava-lhe.

Elvis Presley cantava para eles dançarem, e George beijou-a.

CAPÍTULO 32

Rosemary, de pé na escadaria do edifício da câmara municipal, contempla os confetes aos seus pés. Uma brisa leva um coração de papel a aterrar na ponta do seu sapato preto de presilha e salto raso. Fita-o ali colado.

— Pronta? — pergunta Kate apertando-lhe a mão. Rosemary baixa os olhos, surpreendida pelo contacto. Kate sorri e larga-a devagar.

Os outros aguardam atrás delas nos degraus. Os empregados do lido e do café saíram do trabalho a correr para não se atrasarem; o barista ainda está de avental. Ahmed e Geoff conversam um com o outro. Ellis e Jake dirigem-se a Hope, Frank e Jermaine vão ter com Kate. *Sprout* senta-se aos pés deles. Betty aparece com a neta. Uma senhora chega com o seu bebé, a dormir num porta-bebés de pano encostado ao seu peito, e de mãos dadas com o marido. Uma instrutora de ioga, que dá aulas no estúdio do lido, também lá está, acompanhada por algumas alunas aglomeradas à sua volta. Há um adolescente magro e, perto dele mas ligeiramente afastadas, duas pessoas que Rosemary presume serem os pais. O segurança do grande armazém marca presença, tal como vários professores da zona e um grupo de crianças do clube de natação, os respetivos pais e o treinador. E, lá ao fundo, está Jay, de câmara a tiracolo, a fotografar o grupo reunido na escadaria do edifício.

— Estamos todos consigo, senhora P. — diz Ellis.

Rosemary fixa os olhos nas colunas que emolduram a porta principal, agarra-se ao corrimão e sobre devagar as escadas. Os

outros seguem-na, pacientes, até serem todos arrumados na sala reservada para a reunião.

Na parte da frente da sala vê-se uma mesa comprida e atrás dela um grupo de homens de fato: o vogal que Kate conheceu está no meio e os outros sentados à direita e à esquerda.

— Bem-vindos — diz ele, sobrepondo a sua voz ao arrastar das cadeiras à frente do placar. — Que bom tanta gente ter vindo. Talvez precisemos de ir buscar mais cadeiras.

Trazido o número de cadeiras suficientes, o grupo acomoda-se. Rosemary e Kate sentam-se à frente e Geoff e Ahmed ao lado delas.

— Deixe-me ajudá-la a tirar o casaco, Rosemary — diz Kate, estendendo os braços. Mas Rosemary afasta-a e aperta o cinto do casaco.

— Não, tenho frio.

Uma vez todos sentados, o vogal dá início à reunião. Fala depressa e o seu discurso é salpicado de um jargão que faz os residentes mexerem-se nos seus lugares. Fala de cortes nos subsídios, orçamentos amputados e diz que a piscina «é um sorvedouro de dinheiro que podia ser usado noutros importantes serviços e recursos».

— Certamente gostariam que o dinheiro fosse canalizado para outros fins, como por exemplo as escolas locais? — pergunta, passando os olhos pela sala apinhada de utilizadores do lido que fazem sim com a cabeça às suas palavras. Rosemary sente-se julgada, como se a sua luta não tivesse valido a pena.

— Bem, está na altura de ouvirmos as vossas opiniões. Quem gostaria de partilhar a sua opinião sobre o encerramento? Perdão, o potencial encerramento. Nomearam um porta-voz?

Rosemary levanta-se devagar, apoiando-se no ombro de Kate. Ajeita o casaco e o cachecol que traz ao pescoço.

— Tem três minutos para falar. Diga lá — anuncia o vogal.

Ao levantar-se, Rosemary entrevê os rostos dos seus amigos focados no seu, cheios de esperança. Contam com ela.

Lembra-se das suas braçadas matinais na companhia de Kate, de lhe ter ensinado o movimento dos pés e de se terem sentado as

duas no banco a conversar. Pensa em George a fazer pinos no fundo da piscina, as plantas pálidas dos pés apontando para o céu. Pensa nas pessoas que vê todos os dias e ali vão esquecer os seus problemas, gastando braçada após braçada a tensão que as consome. Aclara a garganta e começa a falar:

— Quando a velha biblioteca fechou, as pessoas só perceberam a importância do que perderam depois de ela desaparecer. Era um local de aprendizagem e o centro da nossa comunidade. E o mesmo se passa com o lido. Tomamo-lo como garantido e é por isso que ele é tão importante. Sabemos que ele estará sempre lá para nos receber. É um sítio onde podemos ter um momento só para nós, sejam quais forem as razões que nos levam a querer esse momento.

Virou-se e olhou para todas as pessoas sentadas atrás dela, cada uma carregando às costas a sua razão.

— O lido está em tantas das nossas recordações. Para as crianças que nunca foram à praia, é o verão e a liberdade. Para os pais, é o cenário onde viram os filhos nadar pela primeira vez... aquele momento em que temos de soltá-los e deixá-los voar. E para mim, bem, para mim é a minha vida.

— Mas já pensou nos meses de inverno? — interrompe o vogal.
— Sim, o lido pode ser muito frequentado nos dias de verão, mas, quando o tempo está mau, representa uma perda ainda maior de dinheiro. Ninguém quer nadar numa piscina ao ar livre quando está frio e chove, o que, convenhamos, acontece a maior parte do tempo. Uma mulher da sua idade conhece seguramente os riscos para a saúde de nadar em água fria?

Enquanto o vogal falava, Rosemary foi desabotoando lentamente o casaco. Os seus olhos veem uma sombra preta quando desenrola o cachecol que tem ao pescoço. Baixa os ombros para se ver livre do casaco e os amigos que a rodeiam começam a bater palmas.

— Como pode ver, estou muito bem equipada.

A cabeça e o pescoço pálido de Rosemary espreitam do cóis do fato de mergulho colado ao seu corpo arredondado. Cobre-a até aos joelhos, deixando ver as pernas arqueadas e os sapatos de presilha

pretos. O vogal tem um ataque de tosse. A câmara de Jay dispara, captando a fotografia que irá aparecer no próximo *Chronicle*.

— Pensamos que seria boa ideia diversificar os produtos que vendemos na recepção — diz Geoff, dando uma palmadinha no braço do fato de Rosemary. — Tem toda a razão quando diz que a água pode estar muito fria... mas depois disto ninguém tem desculpa!

Rosemary dá meia-volta para mostrar melhor o fato e todos os seus amigos aplaudem. Olha de relance para Kate — parece fazer um esforço para não soltar uma gargalhada, mas acaba por desistir e ri com os outros. O vogal não tem palavras: é obvio que nunca tinha visto uma mulher de oitenta e seis anos de fato de mergulho numa sala do edifício da câmara municipal.

CAPÍTULO 33

No dia seguinte, a fotografia de Rosemary em fato de mergulho tirada por Jay está na primeira página do jornal. Kate escreve o artigo, referindo que os utilizadores vão poder comprar fatos de borracha no lido quando o verão terminar e o tempo arrefecer.

Quando chega ao trabalho, Kate é recebida por Phil que agita o jornal na sua direção. Jay, sentado à secretária, ergue a sua segunda chávena de café quando vê Kate.

— Ouvi pessoas a falar disto no autocarro esta manhã. — Aponta para a foto de Rosemary. — Sabem quantas vezes ouço falar do *Brixton Chronicle*? Nenhuma. Ele está em todas as tabacarias e na estação do metropolitano, mas chego a pensar que as pessoas o levam para casa só para embrulhar as cascas das batatas.

Kate e Jay entreolham-se, de sobrelhas levantadas.

— Mas isto... onde é que a encontraram?

Kate não responde. Começa a pensar se foi ela a encontrar Rosemary ou o contrário.

— É disso que esta história do lido precisa: de mais fotos. Kate, quero que leves o Jay à piscina e o presentes às pessoas que conheces lá. Jay, quero fotografias com interesse humano, uma imagem do «coração vivo da comunidade», como diz Rosemary Peterson.

— É pra já, chefe — diz Jay pegando no estojo da câmara.

Phil senta-se à secretária, abre um saco de papel sujo de gordura e começa a comer um *croissant* com queijo e fiambre. Uma

chuva de flocos de massa folhada desce sobre o jornal cobrindo Rosemary de folhas de outono.

Kate está a arrumar as suas coisas para sair quando o seu telemóvel zumba em cima da secretária. Pega nele e lê uma mensagem de Erin: «Adoro Rosemary Peterson! É extraordinária — Mark e eu rimos tanto com aquela fotografia esta manhã! Tão feliz por ver o teu artigo na primeira página. E beijinhos.»

Kate sorri enquanto lê.

— Vens? — pergunta Jay a Kate, o saco ao ombro e um tripé debaixo do braço.

— Sim, desculpa!

Envia a Erin um *emoji* nadador e beijos, depois guarda o telemóvel na mala.

— Vamos embora.

Enquanto toma o pequeno-almoço, Rosemary lê o que dizem a seu respeito e olha para a sua fotografia na primeira página.

George não acreditaria que ela tinha aparecido na primeira página de um jornal, embora seja apenas um jornal regional. Quando ela foi à tabacaria comprá-lo, viu várias pessoas a olhar para a fotografia.

— Olha só para isto, é espantoso — disse um jovem à namorada quando Rosemary passou por eles sem dizer nada.

Ela própria mal acredita. O fato de borracha está pendurado nas costas da porta do quarto para recordação. Quando o viu de manhã, sorriu.

Foi uma luta vesti-lo antes da reunião. Enfiou os pés e as mãos em sacos de plástico, para deslizarem melhor pelas exíguas pernas e mangas, e, quando inadvertidamente se viu ao espelho, não pôde deixar de rir. As gargalhadas deixaram-na sem fôlego, pelo que teve de se sentar um instante, o fato meio vestido e as mãos ainda dentro do plástico. Quando foi sentar-se na cama, olhou de relance a fotografia de George colocada ao lado do travesseiro. Ele está à

porta da frutaria, de avental, e tem ao colo a maior abóbora que eles jamais tinham visto. Está a sorrir.

— O que te pareço, George?

Apertar sem ajuda o fecho de correr nas costas foi difícil. Passou muito tempo toda torcida, tentando agarrá-lo, e por duas vezes ia caindo. Corrido o fecho, abotoou o casaco e pôs o cachecol de maneira a esconder o cós do fato. O fato ainda não estava suficientemente flexível, obrigando-a a ir de gatas buscar os sapatos.

Em muitos aspetos, a reunião não tinha corrido bem. Percebeu que os vogais os olhavam com arrogância, fazendo-a sentir que estava outra vez na escola diante dos professores. A meio do discurso, lembrou-se dos professores que tinham obrigado a turma a nadar em plena tempestade e da cara deles quando os alunos mergulharam todos vestidos. A recordação fê-la sorrir: *esperem só que eles vejam o que está debaixo deste casaco, pensou.*

Era difícil dizer qual o resultado da reunião. Depois de Rosemary voltar a vestir o casaco, o vogal parou de tossir e declarou que as preocupações deles seriam levadas à consideração dos membros da direção (fossem eles quem fossem). Informariam os residentes e os funcionários do lido, mas não foi marcada data para uma nova assembleia. Apesar dessa incerteza, por instantes as preocupações dela foram postas de lado pelas palmadinhas nas costas e pelas gargalhadas dos amigos ao deixarem a sala. Foram até beber um copo juntos no bar da esquina. Kate e Ellis ajudaram-na a subir a um dos bancos altos onde os seus pés não chegavam ao chão. Ellis trouxe-lhe um copo de cidra. Foi olhada de lado pelos outros clientes, ali sentada de fato de mergulho e casaco. Mas ela erguia o copo na direção deles e sorria.

Enquanto bebia, foi observando o grupo de pessoas que a rodeavam. Ellis, Hope e Betty riam e partilhavam uma embalagem de amendoins e memórias de Brixton. Frank e Jermaine davam às escondidas pedaços de carne de porco a *Sprout*, que estava deitado na alcatifa por baixo de uma das mesas. Conversavam com Kate, cujos olhos se iluminaram quando começou a falar-lhes do livro que andava a ler. Tinha um copo de vinho numa mão e as faces

rosadas. Os três riam juntos e *Sprout* dava à cauda, que batia com força no chão. Ahmed falava com o simpático fotógrafo, segundo o qual o rosto de Rosemary era ideal para uma primeira página.

Rosemary observou-os e sentiu uma onda de satisfação e ternura percorrê-la. A cidra ajudava.

Terminado o pequeno-almoço, Rosemary abre uma gaveta e, depois de empurrar para o lado um rolo de massa, película aderente e papel de alumínio, encontra a tesoura da cozinha. As mãos tremem-lhe enquanto recorta o artigo da primeira página. Separado o artigo do resto do papel, afixa-o no frigorífico, desviando para baixo o postal enviado por Hope do cruzeiro que fez dois anos antes e a ementa do *takeaway* caribenho da sua rua.

Em seguida, telefona a Kate e faz uma coisa que não fazia há muito tempo: convida-a para jantar.

Kate parece surpreendida, mas aceita sem hesitar.

— Sim, claro, gostava muito. Obrigada — responde. — Oh, e, Rosemary, eu sei que é um pedido de última hora, mas está muito ocupada? Se pudesse ajudar-nos, gostávamos que fosse connosco ao lido. Jay vai tirar umas fotos para outro artigo... esperamos que a cobertura ajude. Ahmed criou uma página «Salvem o Brockwell Lido» no Facebook que também referiremos na peça. Depois mostro-lhe, já há muita gente a apoiá-la.

— Isso é maravilhoso — aplaude Rosemary, um sorriso desenhando-se no seu rosto ao imaginar Ahmed a ajudar e tantos outros a aderirem e a mostrarem-se solidários com o lido. — Estarei lá dentro de quinze minutos.

— Pode trazer o seu fato de banho? — pergunta Kate. — Jay lembrou-se que uma fotografia sua no lido ficava bem. E, como já apareceu na primeira página, achei que não ia importar-se.

Rosemary ri.

— Porque não? — responde.

Encontraram-se os três à porta do lido. Ahmed sai para cumprimentá-los e mostra, radiante, a página do Facebook no seu

telemóvel.

— Já tem sessenta gostos e só a criei esta manhã — explica, feliz.

Rosemary tem vontade de lhe perguntar o que é um «gosto», mas não quer fazer figura de ignorante. Portanto, diz:

— Fantástico, Ahmed, parabéns.

Em seguida, Kate e Rosemary mostram as instalações a Jay, que vai fotografando o mundo delas. Trava conhecimento com os funcionários e os nadadores, sempre a tirar fotografias. As crianças da escola de natação pedem para ver a sua câmara. Ele ajoelha-se no chão, explica-lhes para que serve cada botão e mostra-lhes algumas das fotografias no visor. As crianças estendem as mãos para tocarem na câmara. Quando ele se endireita, tem as calças escuras da água nos joelhos. Parecem joelheiras, o que faz Kate soltar uma gargalhada.

— Desculpa — diz Kate quando ele a vê rir. — Espero que não te importes que eles tenham mexido na tua câmara?

— Já estou habituado — responde ele. — Tenho três sobrinhas e dois sobrinhos.

Rosemary vê Jay e Kate a conversar e repara que Kate está diferente em comparação com a primeira vez em que a viu. Está com um ar feliz.

Ao fim do dia, os três despedem-se junto ao portão do parque.

— Então até amanhã à noite, Rosemary — diz Kate.

— Sim, até amanhã — diz Rosemary.

CAPÍTULO 34

— Tem uma casa linda, Rosemary, obrigada por me convidar — diz Kate, entrando no apartamento de Rosemary e entregando-lhe um ramo de túlipas lilases. O sol do fim do dia escoa-se pelas janelas da varanda, lançando uma luz dourada sobre a sala. É uma sala pequena, mas bonita e bem organizada. Há um sofá de dois lugares, uma poltrona, uma mesa de centro e, ao lado dela, um giradiscos pousado no chão. Almofadas de cores vivas decoram o sofá e a poltrona. Kate reconhece os padrões alegres da fábrica africana de Brixton Village. Gosta do aspeto calmo e acolhedor da sala.

— Pode deixar o casaco ali — diz Rosemary, apontando para a cadeira da entrada onde o saco da natação aguarda.

Rosemary desaparece na cozinha, deixando Kate sozinha. Kate aproveita para ir até à janela que dá para a varanda. Olha por cima do gradeamento para o outro lado da rua e vê o muro do lido, os tijolos que o sol da tardinha torna castanho-alaranjados. A seguir ao lido, o resto do parque é uma extensão verde de copas de árvores e relva.

Sai da varanda e vai até à estante que cobre uma das paredes.

— Oh, tantos livros! — exclama para a cozinha, inclinando a cabeça para ler as lombadas. *À Espera no Centeio, Uma História de Brixton, Poemas para a Vida...*

— Que tal um pouco de música? — pergunta quando Rosemary volta trazendo um prato com amendoins. Aponta para o giradiscos.

— Gostaria de ouvir o quê?

— É difícil escolher... tem uma coleção tão grande.

— São quase todos do George.

— Posso?

— Faça favor.

Rosemary senta-se e Kate ajoelha-se no chão a ver os álbuns. Acaba por escolher um, tira-o cuidadosamente da capa e coloca-o no prato.

— Adoro Frank Sinatra. A minha mãe e o meu padrasto dançavam as músicas dele na cozinha. Embaraçavam-me quando eu era adolescente... as canções e a dança.

— George e eu também dançámos ao som dele em mais do que uma ocasião.

— Desculpe — diz Kate. — Posso escolher outro, se preferir?

— Não, deixe estar esse. Gosto muito.

Kate senta-se no sofá. Na prateleira ao seu lado vê uma fotografia emoldurada de George e Rosemary no dia do casamento. Estão no parque, de mãos dadas, à sombra de uma árvore. Nenhum deles está a olhar para a câmara, mas sim a rir, fitando qualquer coisa por cima do ombro do fotógrafo.

— Está linda — diz Kate. — Estão os dois.

— Obrigada. Sei que não é costume usar essa palavra para descrever os homens, mas ele era de facto lindo. Ficava tão bronzeado no verão.

Rosemary sorri e fecha os olhos por momentos. A voz suave de Frank Sinatra enche o apartamento. Kate escuta a música e pensa na sua casa. Há muito tempo que não vai visitar a sua mãe e Brian. Costumava ter medo de ir e não voltar. Podia não ir a casa há muito tempo, mas ainda a recordava com nitidez. É o cheiro da sua casa que agora evoca: o perfume das velas com aroma a laranja e da mesa de jantar que lá está desde que ela se lembra, e um outro inconfundível que é uma mistura de cheiro a cabelo com o cheiro das pessoas que ela mais ama no mundo. Quando Erin e Kate eram pequenas, ambas usavam cachecóis com o mesmo padrão que lhes tinham sido oferecidos pela avó. Para saberem qual era de quem, bastava-lhes cheirá-los e trocá-los se fosse preciso, pois reconheciam neles o cheiro de cada uma.

Kate levanta os olhos a apercebe-se de que Rosemary a observa. Volta a olhar de relance para a fotografia do casamento, pensando que Rosemary agora está diferente, no entanto continua igual em certos aspetos. O rosto dela pode ter envelhecido, mas os olhos são os mesmos e há uma certa autoconfiança visível tanto na foto como na mulher à sua frente.

— Conta-me mais coisas sobre o George? — pergunta Kate devolvendo com delicadeza a moldura à prateleira.

— Oh, sei lá por onde começar — diz Rosemary, afundando-se um pouco na poltrona. — A estas horas já deve ter percebido que ele era um excelente nadador. Foi evacuado para Devon durante a guerra e uma vez até nadou com golfinhos, se quiser acreditar no que ele me contou, porque eu não sei se acredito.

Kate ri.

— Quando eu saía cedo da biblioteca, ia visitá-lo à frutaria. Às vezes ele estava a atender clientes e eu esperava ao pé das batatas, a vê-lo dobrar o topo dos cartuxos de papel até estarem bem fechados ou a pesar tomate com verdadeira concentração. Quando não havia ninguém na loja, ele dava-me presentes: um pêssago que ele sabia ser extremamente doce, ou uma cenoura retorcida, colocada por engano na saca das direitas, ou uma coisa que eu nunca tivesse provado, como um inhame da banca dos seus amigos caribenhos do mercado.

»Ele gostava de ler, tal como eu, e eu trazia livros da biblioteca para nós dois. Sentávamo-nos e líamo-los juntos e às vezes ele desatava a rir de alguma coisa que lia e tentava não fazer barulho para não me distrair, mas em geral não conseguia e ria até as lágrimas lhe correrem pelo rosto. Claro que isso dava-me vontade de rir e eu só pensava no que diriam os seus clientes se vissem aquele vendedor alto a chorar de tanto rir.

Kate senta-se e apoia a cabeça numa mão enquanto a ouve descrever o homem que amou. Enquanto fala, os olhos azuis de Rosemary cintilam e as suas faces coram levemente. Kate imagina como seria o fruteiro-nadador George. Vê-o sentado na sala a partilhar o sofá de dois lugares com Rosemary.

Rosemary levanta os olhos:

- Desculpe, estou a aborrecê-la.
- Não, pelo contrário. Estou encantada a ouvi-la.
- Já não falava dele há muito tempo.
- Deve sentir a falta dele — diz Kate com delicadeza.

Rosemary olha em volta. Kate pergunta-se o que estará ela a ver — George sentado na poltrona, de pé junto à varanda ou a sorrir-lhe da porta da cozinha.

— Oh, terrivelmente.

Um temporizador soa na cozinha.

— Hora de jantar — diz Rosemary, a sombra fugaz deixando os seus olhos e a voz outra vez alegre. Levantam-se as duas e entram na cozinha.

A mesa está posta para duas pessoas e no centro há uma jarra com pés de alfavaca frescos.

Kate ajuda Rosemary a tirar uma travessa fumegante do forno. Uma apetitosa perna de borrego assada numa cama de legumes frescos caramelizados.

— Cheira deliciosamente, Rosemary.

Rosemary tira de cima do frigorífico um caderno forrado de tecido preto a desfazer-se. Há páginas soltas e notas manuscritas em pedaços de papel quase a cair. Estende-o a Kate.

— Receitas do George. Foram-me muito úteis. Era quase sempre ele quem cozinhava.

Kate abre-o e vira cuidadosamente as folhas. Algumas têm dedadas e nódoas de comida. Outras têm partes riscadas por cima e comentários à margem — tudo escrito à mão. Kate vai de receita em receita.

— Devia ter muito orgulho nele — diz, devolvendo com cuidado o livro a Rosemary.

— Muito.

Rosemary arruma o caderno em cima do frigorífico. Kate puxa a mesa para Rosemary se sentar e depois volta a empurrá-la para o seu lugar.

— A Rosemary fez o jantar, eu sirvo-o — diz.

Rosemary parece querer opor-se, mas, enclausurada atrás da mesa, não tem outro remédio senão deixar Kate tratar do resto.

— Há salada no frigorífico, importa-se de ir buscá-la?

Quando vai abrir o frigorífico, Kate vê preso na porta o recorte do seu artigo com a fotografia de Rosemary e sorri.

O frigorífico está cheio de legumes coloridos da banca de Ellis e na prateleira estreita há uma garrafa de vinho branco com o seu nome escrito. Kate pega na tigela da salada e no vinho e fecha a porta.

Coloca a salada em cima da mesa e segura no vinho com um sorriso e uma sobrelanceira levantada, virando a etiqueta que diz «Kate» para Rosemary.

— Oh, sim, ia-me esquecendo — diz Rosemary. — Quer vinho?

— Copos?

— No armário por cima do micro-ondas.

O armário tem tudo aos pares. Kate tira os dois copos de vinho e abre a garrafa. Enche o de Rosemary até mais de metade.

— Bem o merece — diz Kate, servindo-se a si e a Rosemary da travessa colocada no meio da mesa.

A carne e os legumes estão muito bem cozinhados e até a salada é deliciosa, feita com folhas frescas e regada com um molho cujo sabor Kate não consegue identificar mas acha maravilhoso.

— Estou impressionada, isto está fantástico. Obrigada, Rosemary.

— De nada — diz Rosemary, a sorrir. — Tenho muita sorte... George era um excelente cozinheiro. Percebia imenso de legumes, claro, mas também tinha jeito para a carne. Aprendeu com os talhantes do mercado... pedia-lhes para lhe contarem os seus segredos em troca de uma saca de batatas ou de fruta.

Enquanto comem, continua a falar de George e do que viveram juntos. Em seguida, Kate levanta discretamente a mesa e lava a louça. Está a pôr a chaleira ao lume quando Rosemary solta um suspiro.

— Foi um aniversário maravilhoso — diz.

Kate vira-se de repente.

— Não me disse que fazia anos!

Rosemary encolhe os ombros.

— Ter-lhe-ia trazido qualquer coisa além das flores — diz Kate, de testa franzida e um pouco incomodada. — Teria feito alguma coisa. Agora sinto-me mal por lhe ter dado tanto trabalho.

— Faço oitenta e sete anos. Já tive festas de aniversário que cheguem.

— Bem, ao menos devíamos beber mais um copo de vinho — diz Kate, desligando a chaleira e pegando novamente no vinho. — Vá lá! — exclama, enchendo dois copos até acima. — Muitos parabéns, Rosemary.

As duas mulheres batem os copos um no outro e bebem um gole. Recostam-se nas cadeiras e continuam a conversar. Falam do lido e de George e por instantes é como se ele estivesse ali com elas na cozinha, apertado na mesa que realmente só dá para duas pessoas.

CAPÍTULO 35

O tronco parecia muito mais alto agora que estava em cima da árvore. Pôs as pernas à volta dele e agarrou o ramo coberto de musgo com as mãos, os pés a balouçar por baixo dela. George já estava do outro lado; distinguia a silhueta dele de pé no banco do jardim, os braços estendidos à espera dela.

— Já estou velha para isto! — gritou-lhe.

— Não sei de que estás a falar — disse ele. Ela não lhe via bem o rosto, mas pela voz percebeu que ele estava a sorrir. — Não dizem que os sessenta são os novos trinta?

— Só que eu tenho setenta e um!

Ele riu.

— Bem, no máximo somos os novos trinta e cinco.

Respondendo à deixa, dos joelhos dela veio uma dor que se estendeu pela perna.

— Tu consegues, Rosy. Sei que consegues.

Uma nuvem desviou-se da Lua, que iluminou por um momento o rosto dele. Ela sorriu. *Aquela cara*, pensou, olhando para ele. *Aquela cara fez-me sempre perder a cabeça*. Passou uma perna por cima do ramo da árvore e apertou-o com firmeza entre os braços, esticando os pés em busca de um apoio sólido. Mais abaixo, mais abaixo, até os seus pés encontrarem a segurança do banco. Quando apoiou o corpo todo nele, escorregou e caiu no meio do chão.

— Au — exclamou. — Fui sempre assim tão graciosa? — Sacudiu a roupa e aceitou a mão dele.

— Oh, cada vez mais — riu ele.

Juntos, desceram do banco devagar e cada um atento ao outro. Nada de sangue, nem ossos partidos, nem roupa rasgada. Depois de se certificarem de que estavam ambos inteiros, olharam para cima ao mesmo tempo.

A luz da Lua filtrada pela folhagem refletia-se no deque do lido, o mostrador branco do relógio brilhava e a cadeira do nadador-salvador lá estava, vazia, na sombra. O céu por cima do lido estava remendado com nuvens. Estrelas salpicavam os retalhos de céu limpo. Nas árvores em volta do muro do lido, os ramos pareciam ainda mais escuros do que o céu por detrás deles. Tudo estava silencioso e frio.

— Vamos? — perguntou George, fitando o rosto da mulher, ignorando as rugas que se tinham gravado nele sub-repticiamente ao longo dos anos. Largaram a mão um do outro e caminharam um de cada lado da piscina. Rosemary parou num canto e George no outro. Juntos, puxaram a cobertura até verem a água por baixo. Viraram-se e foram juntos para o banco corrido, onde se sentaram lado a lado. Rosemary tirou os sapatos. George baixou-se para desatar os atacadores.

— Au — disse, endireitando-se e pousando a mão ao fundo da coluna.

— São as costas? — perguntou ela. Ele fez sim com a cabeça e descalçou o sapato esquerdo com o outro pé. Ela massajou-lhe o ombro. Despiram-se devagar. Rosemary ajudou George a desabotoar a camisa, George ajudou Rosemary a correr o fecho da saia.

— É aquele que fica preso a meio — disse. — Tens de puxar com força, não te esqueças.

Acabaram por ficar nus. O luar tornava os corpos pálidos deles ainda mais pálidos. Olharam-se como se estivessem a ver-se ao espelho — cada um conhecia o corpo do outro tão bem como o seu. A cicatriz no pé esquerdo de George, do dia em que deixou cair o caixote de batatas que levava para a loja, a marca roxa no pulso, do dia em que Rosemary se queimou a tirar uma empada do forno (não

admira que George raramente a deixasse cozinhar); as curvas das barrigas deles, mais flácidas e salientes com o passar do tempo.

Foram de mãos dadas até à piscina. Ela entrou primeiro, agarrando-se à escada e descendo de frente para a água.

Mergulhou salpicando tudo em redor e inspirando depressa. A água escura e fria engoliu-a. Ele seguiu-a, optando por se virar para a parede. Rosemary olhou para as costas pálidas dele enquanto boiava, aguardando-o, e não pôde deixar de rir. Ele praguejou ao entrar na água e deu umas braçadas para se aquecer. Mas depois também desatou a rir. Flutuaram de costas por instantes, habituando-se ao frio que lhes servia de suporte e entrava pelos ouvidos. Então começaram a nadar. Nadaram pelas estrelas e pelas manchas de tinta preta que se refletiam na água sempre que uma nuvem bloqueava a luz. Mantiveram-se perto um do outro, nadando ambos ao mesmo ritmo. A água ondulava quando batiam os pés, cada um sentindo as ondas criadas pelas braçadas do outro.

Sem o dizerem, ambos sentiam que seria falta de respeito conversar enquanto nadavam; era tudo tão belo e silencioso. Continuaram calados, envoltos em frio e fitando o céu.

Ao fim de umas braçadas, voltaram ao lado menos fundo com os corpos tão frios que quando saíram sentiram calor. Cada um correu para um canto da piscina e os dois voltaram a tapar a água com a cobertura, como se estivessem a entalar-lhe os lençóis para ela ir dormir. De volta ao banco, tiraram toalhas da mochila de George e envolveram-se nelas. Em seguida sentaram-se.

— Lembras-te do que fizemos a seguir?

Rosemary riu.

— Espero que não estejas com ideias malucas, George.

— Pusemos ao menos uma toalha no chão? Não me lembro... Mas lá que fiquei com os joelhos arranhados, fiquei.

— Ui! O que é que nos terá passado pela cabeça?

— Oh, acho que sabíamos muito bem o que estávamos a fazer. Foi um dos melhores momentos da minha vida.

Rosemary virou-se para George. O sorriso dele ainda era o mesmo, apenas sublinhado por pregas fundas que se repetiam como ondas. Mas as rugas dele estavam todas nos sítios certos —

mostravam a força do seu carácter. Algumas pessoas que ela conhecia e se consideravam otimistas tinham ficado surpreendidas ao verem rugas de expressão aparecerem entre as suas sobrançelas. Mas Rosemary sabia que elas assinalavam velhas discussões e velhos rancores. As rugas não mentem.

O cabelo de George há muito desaparecera — tinha começado a perdê-lo aos vinte e tal anos e costumava até gozar com essa perda de uma maneira admirável. Ela sabia que isso o incomodava e que ele queria manter-se atraente para ela. Um dia apanhou-o a folhear um exemplar da *Men's Health* no supermercado. Mas mesmo que ele tivesse um só cabelo na cabeça ela não se importava — ele exibia a sua calvície com graça e isso é que era importante. Além disso, ela também começava a ter menos cabelo e ultimamente ganhara uns quilos. A sua figura outrora esguia alargara. Ao princípio, isso desgostava-a muito, mas agora só um pouco.

— Cinquenta anos — comentou George, com um suspiro. Ficaram os dois calados um momento, observando o lido às escuras. — Espero que aches que tem valido a pena — acrescentou em voz baixa, fitando os seus pés descalços. — Sei que não viajámos, que passámos toda a vida no mesmo lugar. E eu nunca fui propriamente rico e, bem, sempre só nos tivemos um ao outro...

Rosemary olhou para o marido que continuava de cabeça baixa.

— E também sei que nunca me vesti muito bem e que, para falar com franqueza, engordei bastante. E todas estas rugas. E percebo mais de couves do que de política. Mas onde eu quero chegar é que espero que isso tenha sido suficiente para ti. Espero que o que eu sou tenha sido suficiente para ti.

Levantou a cabeça e virou-se para ela. Parecia de novo um adolescente nos raros momentos em que a sua autoconfiança se esboroava, deixando à vista o rapazinho nervoso que vivia por detrás. Rosemary engoliu em seco.

— Meu pateta — disse ela, estendendo os braços para ele e beijando-o com intensidade. Abraçaram-se, os braços nus em volta um do outro, as toalhas quase a cair. Assim ficaram algum tempo, encostados, cada um sentindo o coração do outro bater no seu peito. «Foi mais do que suficiente», queria dizer, mas não conseguia

que as palavras saíssem e sabia que não precisava de dizer nada. Aquele abraço dizia que ambos sabiam.

Ao fim de algum tempo, soltaram-se, ajeitaram as toalhas e riram dos seus corpos nus.

— E, aliás — disse ela —, gordos e cheios de rugas estamos os dois.

Ambos riram à gargalhada.

— Bem, é melhor irmos andando — disse George e ambos começaram a tirar a roupa do banco e a passá-la um ao outro.

— Hum, querida, acho que isto não é meu... — disse George, pegando no sutiã lilás de Rosemary.

— Ups, desculpa — disse Rosemary trocando-o pelos *boxers* que tinha na mão. Ele ajudou-a a apertar o sutiã, fazendo-lhe festas nos ombros. Vestiram-se devagar, abotoando e correndo fechos dificilmente por causa da escuridão.

— Raios partam estes atacadores — disse ele, tentando calçar-se.

— Deixa-me fazer isso — disse ela, ajoelhando-se para os atar.
— Ui!

— Os joelhos? — perguntou ele.

— Sim. São um horror hoje em dia — disse ela. Apertou-lhe os sapatos e depois endireitou-se.

— O que é que parecemos? — perguntou ele, sorrindo-lhe.

— Parecemos os velhos que somos.

— Desde quando?

— Oh, sei lá. Estávamos demasiado atarefados a viver para darmos por isso.

— Sim, não demos por nada.

— Se calhar não estamos a envelhecer; os outros é que estão a ficar mais novos.

— Ah, claro, deve ser isso.

— Vá, vamos para casa. Apetece-me uma chávena de chá.

George pôs a mochila às costas e estendeu a mão a Rosemary, ajudando-a a pôr-se de pé em cima do banco. A seguir subiu ele e estendeu a mão para o ramo da árvore. Ela virou-se e olhou uma última vez para o lido. Imaginou-se a nadar ali novamente no dia

seguinte, guardando o segredo da aventura daquela noite atrás do seu sorriso. Os ponteiros do relógio estavam unidos — acabava de dar a meia-noite.

E então ouviu-se um estalido terrível, como um barco a estilhaçar-se contra um rochedo. Rosemary virou-se a tempo de ver o ramo partir-se e cair ao chão, lançando uma chuva de folhas para o deque do lido. George continuava de pé, a olhar para o espaço deixado vazio pelo ramo, os braços ainda estendidos para cima. Fitou o ramo no chão.

— Bem, isto não era para acontecer.

Ambos olharam para a árvore. Sem o ramo para os ajudar a subir, era impossível passar por cima do muro. Voltaram a olhar para o ramo.

— Pode ser interessante.

O lido só abria às seis e meia da manhã e tremiam os dois de frio. Entreolharam-se um instante, os dois em pânico — estavam encurralados.

E a seguir romperam às gargalhadas. Riram como crianças, apoiando-se um no outro enquanto o riso os sacudia. Não conseguiam parar; era contagioso e ridículo. George lá recuperou o fôlego e Rosemary ajudou-o a descer do banco, os olhos rasos de lágrimas.

— Pronto, pronto — disse ela. Sentaram-se no banco e voltaram a olhar para as folhas espalhadas. A lua espreitava atrás de uma nuvem, um automóvel buzinou e uma moto rugiu. Dentro do lido só havia silêncio.

— Bem, temos de telefonar a pedir ajuda — disse por fim Rosemary.

— Mas acabámos de invadir propriedade alheia, não vamos ter problemas?

Recomeçaram os dois a rir.

— Estou a falar a sério! — disse Rosemary quando acalmaram.

— Não vou passar aqui a noite. Estou gelada. Somos demasiado velhos para isto; podemos nem sobreviver. A ideia foi tua, George Peterson, tu é que nos tens de tirar daqui!

De maneira que ele agarrou na mochila e tirou de lá o telemóvel que, com relutância, tinham comprado há uns anos para uma emergência. Não era bem aquela emergência que tinham em mente.

— Como é que isto se liga? — perguntou George.

— Carrega naquela tecla grande lá em cima.

— Não vejo, está escuro!

— Espera, deixa ver se eu a encontro.

George passou-lhe o telefone. Ela foi mexericando até o visor se acender. Devolveu-lho.

— Já está.

— Obrigado.

Ligado o telemóvel, George teclou «112».

O telefone tocou e Rosemary ouviu o lado George da conversa.

— Estou? Polícia, por favor, ou talvez os bombeiros. Estamos no Brockwell Lido, em Brixton, trancados cá dentro.

Houve uma pausa.

— Saltámos o muro mas o ramo partiu-se, bem vê, e agora não conseguimos sair. A minha mulher e eu. Sim, a minha mulher. Setenta e um. Sim, eu disse setenta e um. Não, não é nenhuma partida. Sim, também acho que já temos idade para não nos metermos nestas alhadas.

Rosemary estava outra vez a rir, a mão a tapar a boca, tentando abafar o som. George olhou para ela e deu-lhe uma palmada na coxa com a mão livre.

— Como? Sim, de facto devíamos ter pensado nisso. Está bem. Está bem. Muito obrigado.

E desligou o telefone.

— Vêm já.

Esperaram os dois às escuras, sentados lado a lado no banco como crianças da escola à espera de entrar no gabinete da diretora. Rosemary encostou a cabeça ao ombro de George e os dois olharam para as nuvens e as estrelas no céu.

Os bombeiros pouparam-lhes o embaraço de uma sirene, mas a luz azul incidiu sobre o muro do lido, iluminando os ramos das árvores.

— Está aí alguém? — ouviram perguntar instantes depois.

— Estamos! — responderam Rosemary e George.

Ouviu-se o ruído de metal sobre tijolo quando apoiaram uma escada no muro. Segundos depois a cabeça de um bombeiro apareceu por cima, a olhar para baixo.

— O que é que se passa? — perguntou. George e Rosemary olharam para ele, com a escuridão a disfarçar os seus rostos corados.

— Prontos? — perguntou outra voz do lado de lá do muro, e o bombeiro virou-se para pegar na outra escada que lhe estava a ser estendida. Agarrou-a e pousou-a do outro lado, assentando-a no deque perto de onde caíra o ramo.

— Vamos lá então — disse o bombeiro num tom severo, mas cheio de vontade de rir. George deu a mão a Rosemary e ajudou-a a equilibrar-se nos primeiros degraus. Rosemary subiu até ao topo, o bombeiro passou a perna dela para o outro lado e ela desceu. Seguiu-se George, que deu uma última espreitadela à água antes de descer para o parque.

Os bombeiros ralharam-lhes por estarem a fazê-los perder tempo, mas acrescentaram que se ficavam pela repreensão, visto ser o primeiro delito de ambos.

— Oh, não se preocupe, senhor bombeiro — disse Rosemary —, os meus joelhos não seriam capazes de repetir a escalada.

Os bombeiros ofereceram-lhes boleia para casa, mas eles explicaram que viviam logo ali do outro lado da rua. Voltaram a pedir desculpa, deram as mãos e voltaram para o apartamento. Já no quarto, meteram-se na cama, os corpos suficientemente juntos para sentirem o bafo um do outro no rosto. Adormeceram depressa, as toalhas penduradas na porta do quarto.

CAPÍTULO 36

Quando acorda, Kate lamenta ter bebido aquele último copo de vinho. Sente o álcool fechar-lhe os olhos e bater no interior da sua cabeça como alguém a bater com insistência à porta para entregar uma encomenda. Rosemary pode ter oitenta e sete anos, mas é Kate quem precisa de aprender a aguentar o que bebe.

Vira-se para o outro lado e olha para o seu telemóvel. Há uma mensagem de Erin e uma chamada não atendida da mãe. Envia a ambas uma mensagem curta — a falar do jantar sem referir a ressaca. Em seguida volta a virar as costas ao telefone — o brilho do visor fere-lhe os olhos.

Não vai à piscina e, a caminho do trabalho, faz um desvio para passar pela carrinha dos cafés à porta da estação. O silvo do vapor coincide com o barulho de um autocarro a subir a rua. Pede um café para ela (duplo curto) e outro para Jay.

— Obrigado. Uma noitada? — pergunta ele enquanto ela pousa o café na secretária dele e se senta em silêncio na dela.

— É assim tão óbvio?

— Quero dizer, saíste com alguém?

Kate ri e bebe um pouco de café. Por cima da borda do copo vê que Jay a observa.

— Sim. Foi maravilhoso, ótima conversa, excelente comida e muito vinho. Só que ele é uma ela, tem oitenta e sete anos e chama-se Rosemary: sabes quem é.

Jay também ri e beberica o seu café.

— Por falar em Rosemary, viste o jornal de hoje?

Passa-lhe um exemplar por cima da secretária.

As fotografias tiradas por Jay do lido e dos seus nadadores ocupam as duas páginas do meio. Em volta das imagens, lê-se o artigo de Kate, repleto de histórias curiosas sobre o lido narradas por frequentadores de todas as idades. «Memórias aquáticas», reza o título.

«Gosto de fazer o pino com o meu papá na piscina.» Hayley, 7.

«Treinei para uma prova de triatlo no lido. Fica perto de minha casa, portanto, passava lá depois do trabalho. Uns dias depois de participar no triatlo, fui lá nadar a volta da vitória. Foi tão bom voltar ao local onde tudo começou.» Regie, 43.

«Os meus filhos aprenderam a nadar no lido. A minha foto preferida deles é uma onde estão sentados na borda da piscina cobertos de protetor solar. Têm um ar muito feliz e eu fico radiante quando a vejo.» Dawn, 59.

«Nos bons e maus momentos o lido esteve sempre ali para eu saltar lá para dentro quando quisesse. Só quero dizer obrigado.» Ben, 55.

«É uma praia em plena cidade.» Mel, 12

Lá está Ahmed, apanhado a levantar os olhos dos livros de estudo, o início de um sorriso no rosto. Está rodeado de *post-its* que invadiram o balcão da receção. Um raio de luz entra pela janela atrás dele e reflete-se na superfície da piscina, lançando estrelas para o teto da receção. Em primeiro plano, uma menina com uma mochila em forma de golfinho dá a mão à mãe e levanta os olhos para as estrelas de luz, a boca entreaberta e uma expressão de puro encantamento no rosto sardento. Traz braçadeiras por cima da camisola.

Lá está o nadador-salvador, muito direito na sua cadeira, apito na boca e bochechas cheias de ar. Aponta para a extremidade da piscina onde uma fila de rapazes de mãos dadas é captada em pleno mergulho. Têm os olhos fechados com força, mas as bocas bem abertas, e saltam agitando as pernas. As crianças têm várias

alturas e a mais baixa, a última, contempla-os de olhos escancarados e sobranceiras levantadas de espanto. Kate imagina-as adultas, com as suas famílias e empregos que os filhos não entendem, e pergunta a si mesma se elas se irão lembrar dos mergulhos para a piscina com os amigos.

A fotografia seguinte mostra o jovem louro de pé à beira do lado mais fundo, os braços levantados como se estivesse prestes a saltar para a água. Mas parece que acabou de ver ou ouvir qualquer coisa porque não tem a cabeça virada para a piscina. Olha o vazio, como se procurasse qualquer coisa no meio de uma multidão. A sua concentração foi interrompida e por instantes a sua expressão séria e mais madura do que ele deixou o seu rosto e ele é apenas um miúdo magricela de fato de banho prestes a mergulhar numa piscina.

Há várias fotografias de Rosemary. Rosemary de pé no deque, vestida, carregando o saco de natação e lançando um olhar de desafio à câmara. Apesar de estar vestida, percebe-se que tem as pernas arqueadas, no entanto parece o mais direita possível. Atrás dela vê-se o velho relógio, e o azul da piscina mistura-se com o do céu. Ao lado há um retrato de Rosemary dentro de água com os braços cruzados, a touca a esconder-lhe o cabelo. A câmara não lhe apaga as rugas nem os sinais dos braços, mas ela está elegante. A luz que se reflete na superfície projeta-se sobre o rosto dela. Kate acha que ela está linda. E depois vê Rosemary sentada numa cadeira à porta do café, de caneca na mão, a olhar para lá da piscina, pensativa.

E finalmente há uma fotografia de Kate. É uma surpresa ver uma fotografia sua no jornal e de início não percebe que é sua. Mas ali está ela, sentada na cadeira virada para Rosemary, a vê-la olhar a piscina. Kate nunca tinha visto uma fotografia em que aparecesse tão desprevenida, apanhada de surpresa.

— Estão lindas, Jay.

— Obrigado. Por acaso também acho.

Kate está tão absorta nas fotografias que não repara que, durante o tempo em que esteve a ver as fotografias, ele não tirou os olhos dela.

CAPÍTULO 37

Rosemary também falha a ida à piscina nessa manhã, oferecendo a si mesma a raridade de permanecer mais algum tempo na cama. Continua deitada até às nove. Pode ter oitenta e sete anos, mas não perdeu a sensação que a arranca da cama de manhã — a sensação de que devia ir para a escola ou para o trabalho na biblioteca. Não ficava até tarde na cama há muitos meses.

É dia de fazer compras, portanto, acaba por se dirigir ao mercado. O ar está cheio do perfume das mangas e dos gritos dos vendedores a anunciar as oportunidades do dia. Há muita gente esta manhã e ela avança devagar por entre as bancas. Ellis vê-a aproximar-se e acena-lhe. Por estranho que pareça, porém, não está a sorrir: uma expressão preocupada cruza o seu rosto.

— Tudo bem? — pergunta Rosemary mal chega à banca dele.

Ellis está inquieto. Passa uma mão pelo cabelo curto.

— Não sei se lhe conte... — responde, ansioso.

— O quê?

Ellis olha para Rosemary mais demoradamente do que o habitual, mete a mão no bolso e tira o telemóvel.

— Comecei a seguir a Paradise Living no Twitter quando ouvi falar no potencial encerramento — diz ele. — E hoje de manhã vi isto...

Entrega-lhe o telemóvel. Ela tira os óculos graduados da mala e equilibra-os na ponta do nariz. No ecrã há um corte transversal de uma construção em tijolo. E dentro dela a imagem de um café cujas

paredes de vidro dão para um campo de ténis. Leva algum tempo a reconhecer o edifício.

— Publicaram as plantas de como ficará o lido como se já tivessem ganhado o concurso — diz Ellis, recebendo o telemóvel que Rosemary lhe devolve sem dizer palavra. — Claro, deixaria de ser um lido...

Ellis pode ter-lhe tirado o telemóvel das mãos, mas a imagem ficou gravada na sua mente.

— No entanto, tenho a certeza de que ainda há esperança — apressa-se Ellis a acrescentar. — Ainda aguarda notícias da câmara, não é?

— É — responde Rosemary. — Kate diz que não devem demorar.

Continua calada, de cabeça baixa. Os morangos já amadureceram e pequenos cestos de frutos sumarentos ocupam um lugar de destaque na banca.

— Desculpe — diz Ellis. — Não devia ter-lhe dito nada.

— Não, não, está tudo bem — responde ela levantando a cabeça e esforçando-se por sorrir. — Ainda bem que sei e vou contar a Kate mais tarde. Talvez dê um bom artigo para o *Brixton Chronicle*.

— A página de Facebook de Ahmed está a correr muito bem — observa Ellis. — Já tem centenas de gostos, por isso de certeza que vai ajudar. Não há dúvida de que as pessoas se interessam.

— Sim, claro. Bem, levo o costume e depois é melhor ir andando.

Ellis enche dois cartuxos e entrega-os a Rosemary, que os enfia na mala. Ellis faz-lhe uma festa no ombro antes de ela partir. Não dizem nada, ele limita-se a baixar a cabeça antes de tirar a mão. Rosemary vira-se e sobe a Electric Avenue. Normalmente encontrar-se-ia com Hope para beberem um café, mas hoje a sua amiga tem de tomar conta de Aiesha, o que até dá jeito a Rosemary. Não lhe apetece companhia. Quando termina as compras, só lhe apetece ir devagar para casa.

Kate volta a olhar para a planta no computador do emprego. É tão estranho ver o lido que aprendeu a amar cheio de cimento e não da maravilhosa água azul. Só de pensar nisso também ela fica cinzenta por dentro.

— Está a vê-la? — pergunta Rosemary ao telefone.

— Hum...

— E? — pergunta Rosemary. — Acha que consegue escrever um artigo sobre o assunto?

Os desenhos de pessoas também não parecem bem. Estão demasiado perfeitos, ou aquilo que para uma empresa de construção civil é perfeito.

— Sim, claro que vou escrever sobre o assunto — diz Kate ao fim de um momento. — Obrigada por me informar. Vou escrever o artigo hoje.

— Encontramo-nos amanhã para umas braçadas? — pergunta Rosemary.

— Sim, até amanhã.

Depois de pousar o telemóvel, Kate olha fixamente para o ecrã do computador. Volta a sentir o coração a bater com força dentro do peito e as mãos a ficarem suadas. Levanta a cabeça e olha para o fundo da sala, instintivamente, à procura de Jay, mas ele saiu em trabalho. A respiração dela acelera.

— Está tudo bem? — pergunta Phil, vindo da cozinha e dirigindo-se à sua secretária com uma caneca de café na mão. Quando passa pela secretária de Kate, encosta-se levemente ao tampo, ameaçando fazer ruir uma pilha de pastas e livros.

— Sim, tudo bem — responde ela. — Tenho uma peça para si... o desenvolvimento da história do Brockwell Lido.

— Boa — responde ele, endireitando-se. — Pode entregar-ma pronta às duas?

— Sim, posso — diz Kate, e ele segue para a sua secretária deixando Kate sozinha na dela.

Kate bebe um gole de água e depois respira fundo para acalmar. A sua cabeça enche-se de pensamentos sobre o lido: pensa na água fria que a tranquiliza nas manhãs em que vai lá nadar, na promessa que fez a Rosemary de ajudar, no facto de ser graças à

descoberta do lido que se sente verdadeiramente em casa em Brixton pela primeira vez desde que lá se instalou. Sabe que a divulgação pela Paradise Living daquelas plantas é apenas parte do que todos sabiam que estava a acontecer, mas a verdade é que ver a imagem fez alguma diferença. Fez a perspetiva do seu encerramento parecer de repente muito real.

Debruçada sobre o computador, tenta escrever o artigo, concentrando-se no prazo das duas da tarde para não se distrair. O seu Pânico encosta o rosto à janela do escritório e espreita-a, observa-a premindo as teclas. É o único sítio onde ela nunca o deixou entrar. Precisa de toda a sua força, mas está determinada a manter uma atitude profissional e a não deixar os colegas darem pela fresta no escudo que arma em volta de si quando trabalha. Pode parecer alheada, preocupada, mas nunca consumida pelo pânico. Baixa a cabeça e concentra-se naquilo que tem de fazer.

Entrega o artigo às 13h45.

PARADISE LIVING DIVULGA PLANOS PARA BROCKWELL LIDO

Esta planta mostra o lido transformado num ginásio particular para uso exclusivo de inquilinos e proprietários da Paradise

O Brockwell Lido foi posto à venda e a empresa imobiliária Paradise Living encontra-se na corrida para a oferta vencedora. Hoje divulgou um primeiro esboço do aspeto que o local poderá ter no futuro.

«Um ginásio particular seria uma excelente mais-valia para os nossos apartamentos», declarou um porta-voz da Paradise Living. «Inquilinos e proprietários teriam acesso exclusivo a instalações topo de gama.»

Os planos incluem ginásio, sauna e um café, mas nada de piscina.

«Um estudo por nós efetuado sugere que o ténis é mais popular entre os clientes da Paradise — ou entre os clientes-alvo. Assim, o plano envolve a cimentação da piscina, que será substituída por um campo de ténis.»

No Facebook, o grupo «Salvemos o Brockwell Lido» está a atrair o apoio de muitos residentes locais.

Ahmed Page, criador da página e também funcionário do lido de Brockwell, declarou: «Agora que a Paradise Living divulgou o seu plano vemos todos a perda que sofreríamos se o lido fosse transformado num clube exclusivo para membros. Sugiro que todos manifestem o seu apoio com um gosto na nossa página, na qual os informaremos sobre o desenvolvimento da história e como podem envolver-se. Não podemos permitir que um tal plano se torne realidade.»

CAPÍTULO 38

No dia seguinte Rosemary volta a levantar-se cedo. Mal acorda, a primeira coisa que lhe vem à cabeça é a imagem que Ellis lhe mostrou na véspera do plano da Paradise Living para o lido. Dá-lhe vontade de permanecer na cama, tapar a cabeça com os cobertores e ficar ali escondida durante algum tempo. No entanto obriga-se a sair, parando para passar a mão pela moldura com a fotografia de George que tem ao lado da cama, antes de pôr os pés no chão. Veste-se o mais depressa possível (o que não é muito depressa) e pega no saco da natação que está no sítio do costume, junto à porta.

O lido é ali muito perto, mas esta manhã faz um caminho mais longo, aproveitando para atravessar o parque, sair do carro e caminhar sobre a relva. O orvalho molha-lhe os sapatos de lona de atacadores, mas ela não se importa. Quer sentir a terra debaixo dos pés. Deixa marcas na relva húmida. Lembra-se de ir pelo parque durante a infância quando nevava. Queria ser a primeira a chegar, de modo a deixar pegadas que gritavam «estou viva» ao sol da manhã e aos pássaros, encostados uns aos outros para se aquecerem nos ramos que se vergavam ao peso da neve.

Passa pelas janelas da sala de ginástica, espreita lá para dentro e vê a turma de ioga a saudar o Sol. Quando mudam para a posição seguinte, alguns veem Rosemary. Por instantes, uma imagem da sala transformada em café com vista para um campo de ténis passa diante dos seus olhos e ela sustém a respiração. Mas sorri e

continua a andar, contornando o edifício até chegar à entrada do lido.

Uma vez lá dentro, muda de roupa e dirige-se à piscina. Procura a toalha de Kate no gradeamento junto ao lado menos fundo, mas não a vê. Hesita em esperar por ela, mas conclui que ela não deve demorar portanto, desce devagar as escadas. Prepara-se para o choque do frio e entra na água.

Rosemary nada as suas piscinas e tenta não pensar no futuro e no que ele lhe reserva a ela e ao lido. Prefere concentrar-se nas sensações: o frio na pele, o sol da manhã na testa, a água a correr entre os seus dedos quando nada de bruços. De vez em quando, imagens de George introduzem-se no seu pensamento — George a mergulhar da prancha alta que projetava a sua sombra sobre o lado menos fundo —, mas isso também é doloroso. Só consegue pensar no presente suavemente contido dentro daquelas quatro paredes.

Quando está quase a terminar a sua sessão de natação, para e passa os olhos pela superfície da piscina, observando os outros nadadores. Uns fazem-na parecer um lago, tão depressa a atravessam. Para outros, ela é um oceano.

Os seus olhos são atraídos pelo Lido Café, onde um barista se esforça por atar um molho de balões a um dos guarda-sóis. Uma brisa sacode-os e um deles escapa-se e sobe pelo ar. Ele salta para apanhá-lo, mas o cordel desliza-lhe por entre os dedos e o balão liberta-se. Rosemary vê-o flutuar por cima da piscina. Espera que ele não fique preso nos ramos das árvores; quer vê-lo voar. Uma rajada de vento afasta-o dos braços do carvalho e ele eleva-se mais. Por instantes, ondula diante do Sol, que parece uma bola amarela com uma fita a fazer de cauda.

Sobe as escadas devagar e sai da piscina, voltando a ser uma mortal em terra firme. A nadar, os joelhos nunca a incomodam.

Entretanto o barista já amarrou os outros balões e voltou a entrar no café. Rosemary estende a mão para a toalha e enrola-se nela, prendendo-a à frente.

— Já saiu! — grita uma voz. De um momento para outro, Kate atravessa a porta do café e para no deque, seguida de Frank,

Jermaine, Hope, Betty, Ellis, Jay, Ahmed e Geoff. Do interior trazem travessas de bolos.

— Parabéns! — gritam em uníssono.

— Por antes de ontem — acrescenta Kate, de pé no meio do grupo, de vestido às flores sem mangas, mais colorido do que o habitual, pensa Rosemary. — Pedimos desculpa pelo ligeiro atraso.

Rosemary fita os balões e só então percebe que são para ela. Jay traz a câmara ao pescoço e tira uma fotografia rápida, captando o rosto dela com as sobrancelhas arqueadas da surpresa.

— Depressa, segurem-na antes que ela fuja — diz Ellis, e Kate pousa logo o prato e dirige-se a Rosemary. Pondo um braço em volta da amiga, leva-a para a mesa. Rosemary não oferece grande resistência; está pasmada.

Jay puxa uma cadeira à cabeceira da mesa e Kate empurra com delicadeza Rosemary para ela, enquanto os outros tomam os seus lugares. Rosemary senta-se sobre a toalha, o sol agora suficientemente forte para mantê-la quente sem ter de ir buscar a sua roupa.

— Tive pena, mas não pude vir nadar esta manhã... estive a organizar isto tudo — diz Kate. — Os oitenta e sete não se podem deixar passar em branco. E sei que ainda é cedo para se comer bolo, mas...

Rosemary olha para a mesa. Um apetitoso bolo recheado exsuda doce de fruta e natas. Está decorado de forma um pouco improvisada, com fatias de morango e pés de alecrim. Tem uma cobertura de açúcar em pó.

— Está lindo, foi feito por si?

Kate anui com a cabeça, radiante. Há muitos anos que não fazia um bolo. Deitou-se tarde na véspera por causa dele. Primeiro teve de lavar a louça suja dos colegas de apartamento e limpar as bancadas. Em seguida, pôs música a tocar e mediu cuidadosamente todos os ingredientes.

— Obrigada, Kate, está maravilhoso.

Geoff e um dos outros empregados vão ter ao deque, cada um com um ramo de flores.

— Para a nossa cliente preferida — diz Geoff, baixando-se para beijar Rosemary na face. Ela cora e aceita as flores, pousando-as no colo.

— Não tenho palavras.

— Não precisa de ter — diz Hope. — Tome o seu pequeno-almoço.

Durante um instante ninguém se mexe, depois todos se inclinam para se servirem. Quando estão todos ocupados a tomar o pequeno-almoço, Kate aproxima-se de Rosemary.

— Sei que tivemos más notícias ontem com a divulgação do plano — diz. — Mas estive a pensar no assunto e acho que aquilo não quer dizer nada. Não podemos deixar de lutar e não podemos deixar de vir aqui. E sobretudo não vamos deixar que nada disso interfira com a celebração do seu aniversário, está bem?

Rosemary admira-se. Nunca tinha ouvido Kate falar de forma tão confiante.

— Está bem — responde, com um aceno de cabeça e um sorriso. — Agora, se não se importa, corte-me uma fatia daquele bolo com um aspeto delicioso...

Kate sacode a mão por cima do bolo.

— Só um segundo — diz, puxando do telefone. — Prometi à minha irmã enviar-lhe uma fotografia. Ontem à noite falei-lhe desta festa... Costumávamos fazer bolos juntas quando éramos pequenas.

Rosemary sorri de novo e repara no ar feliz de Kate. Kate fotografa a mesa, com o bolo ao centro. Depois Rosemary pega numa faca e espeta-a na massa macia.

Todos riem e conversam, pedindo a Rosemary que lhes conte as suas recordações do lido. De início ela fica calada, ainda espantada com toda aquela atenção, mas acaba por participar. Fala-lhes do lido no verão quando ela era criança.

— Nessa altura ainda havia mais gente, tínhamos de ter cuidado para não tropeçar nos corpos estendidos ao sol se queríamos chegar à água. E lá dentro mal havia espaço para nadarmos a largura da piscina, mas não nos importávamos: só queríamos mergulhar e refrescar-nos — com tanto calor e tanta preguiça nem

nos apetecia nadar a sério. Era o ponto de encontro de toda a gente. Nós, as raparigas, sentávamo-nos à borda ao lado umas das outras, todas com a mesma perna traçada. Mergulhávamos os pés na água. Fingíamos não estar a olhar para os rapazes que saltavam para a piscina e eles fingiam não ver que estávamos a olhar para eles. Acho que nem nós nem eles éramos bem-sucedidos.

Solta uma gargalhada e toda a gente ri com ela.

— Era ali mesmo — diz, apontando para o lido —, era ali que eu me sentava.

Todos se viraram para a piscina, tentando imaginar a jovem Rosemary sentada com os pés dentro de água a olhar para os rapazes.

— Há mais de oitenta anos que nado aqui.

Os amigos sorriem-lhe. De vez em quando um nadador vem da piscina cumprimentar Rosemary e desejar-lhe um feliz aniversário. Alguns demoram-se mais na conversa; Rosemary pergunta-lhes pelos filhos, pelo emprego ou pela autocaravana que estão a renovar.

A dada altura Frank pousa a mão no ombro de Rosemary.

— Infelizmente temos de voltar para a loja — diz.

— Hoje deixei o Jake a tomar conta da banca — diz Ellis, levantando-se também. — É melhor ir andando e ver se já entrei em falência. — Hope segue-o; é dia de ler histórias às crianças da escola.

— Jay e eu também temos de ir trabalhar — diz Kate. — Quer vir agora connosco?

— Vão vocês — responde Rosemary. — Quero ficar aqui mais um bocado.

— Tem a certeza? — pergunta Jay.

— Sim, vão andando. Só quero gozar a vista mais um pouco. E obrigada, Kate.

Rosemary pega na mão dela e aperta-a, olhando com ternura para Kate, que devolve o olhar com um sorriso largo.

— Não tem de quê — diz Kate, levemente corada.

Depois de todos partirem, Rosemary levanta-se; há uma brisa a agitar as árvores e a puxar pelos fios dos balões. Chocam uns com

os outros, indo bater no guarda-sol. Com alguma dificuldade, Rosemary estende a mão para eles. É uma tarefa complicada, pois controlar as mãos não é tão fácil como antes, mas acaba por desatar os balões. Imediatamente se soltam e espalham em diferentes direções. A toalha desprendeu-se com os seus movimentos e descai-lhe até aos tornozelos. De pé, em fato de banho, vê os balões sobrevoar a piscina. Dentro de água, os nadadores param e também olham para eles, movendo as mãos e os pés na água ou deitando-se de costas para os verem dançar por cima do lido. O coração de Rosemary eleva-se com eles, enchendo-a subitamente de esperança. Ao vê-los, tudo lhe parece possível. Eles tornam-se simples pontos no ar, depois desaparecem completamente.

CAPÍTULO 39

— Houve um rapaz — diz Kate, sentando-se ao lado de Rosemary no banco corrido à porta do lido na manhã seguinte. Acabaram de nadar juntas e agora saboreiam um chá em copos de papel antes de Kate ir trabalhar.

Kate tinha visto uma fotografia de Joe no Facebook essa manhã e recordá-lo pusera-lhe o coração aos pulos.

Kate olha de lado para Rosemary: ela está a mexer o chá e olha-a arqueando as sobrancelhas. Pela primeira vez, Kate quer conversar. Sabe que esse rapaz, hoje um homem residente em Manchester, ao que parece com uma namorada e dois cães, é apenas um dos nós que tem no estômago, mas se conseguir expulsar as recordações que tem dele... bem, pelo menos será um princípio.

— Há sempre um rapaz — diz Rosemary.

— Eu também não era mais do que uma menina. O que torna o que houve entre nós minúsculo, em comparação com o que houve entre a Rosemary e o George. Eu já o devia ter ultrapassado.

— Amor é amor — observa Rosemary. — Tal como uma árvore é uma árvore. Pode ser uma árvore jovem ou um carvalho centenário, mas tem sempre raízes e vida e está sempre à mercê das estações.

— O seu foi um carvalho, Rosemary. O meu foi uma árvore jovem.

Uma nuvem passa à frente do sol criando uma sombra breve antes de desaparecer, como se o sol apenas tivesse pestanejado.

— Fale-me da sua árvore jovem.

Kate, inclina a cabeça para fitar Rosemary, que aguarda.

— O nome dele era... é... Joe. É esquisito pronunciá-lo agora. Andávamos muitas vezes juntos mas sem que nada tivesse acontecido. Um dia, na escola, decidi contar-lhe o que sentia.

»Vi-o no corredor e disse-lhe que precisava de falar com ele. Sem saber para onde ir, peguei-lhe no braço e puxei-o para a porta ao nosso lado — ia dar aos bastidores do teatro da escola e devo ter pensado que ali estaríamos sossegados. Fechei a porta, ficámos às escuras e apertámo-nos um contra o outro entre os adereços e o armário do guarda-roupa.

»Quando fechei a porta, não sabia que uma turma de teatro estava a ensaiar no palco. Mas onde estávamos ninguém nos via e ficámos calados. Lembro-me de ver grandes nuvens de pó à nossa volta. Esperei que o pó assentasse e os meus nervos acalmassem. Não sabia como havia de lho dizer, por isso, mandei-o fechar os olhos e, quando ele o fez, beijei-o.

Kate deita um olhar furtivo a Rosemary. A senhora sorri com gosto.

— Eu sei! — diz Kate. — Não lhe passava pela cabeça que eu pudesse ser tão atrevida. Também me custa a acreditar agora. O grupo de teatro continuou a ensaiar as suas falas e nós ali, aos beijos, às escuras. Foi o meu primeiro beijo. Não sei se realmente gostei ou detestei, sentia-me enjoada, a suar, e a boca dele tinha um sabor estranho, mas mesmo assim foi maravilhoso.

Kate faz uma pausa.

— Nas primeiras semanas que se seguiram ao nosso beijo sentia o chão a fugir-me de baixo dos pés. Nunca me tinha sentido assim. Não me importei que o chão me fugisse porque me sentia tão viva!

»Tenho a certeza de que os meus amigos me passaram a odiar. Eu usava a palavra «namorado» por tudo e por nada. O «meu namorado» isto, o «meu namorado» aquilo. De certeza que os enjoava.

Rosemary ri:

— Por alguma razão se diz «doente de amor».

Kate também ri e, por instantes, as gargalhadas atravessam o espaço que as separa e abraçam-nas.

— Agora, quando penso nisso, acho-me insuportável. Julgava-me a primeira pessoa a descobrir o grande segredo do amor. De repente o amor era uma coisa enorme que dominava toda a minha existência.

— Mas... — diz Rosemary num tom suave. — Se não me engano, vem aí um «mas».

— Durante muito tempo não houve nenhum «mas». Foi perfeito. E depois, um dia, deixou de ser. Sabia que ele ia frequentar a Universidade de Durham e eu ficaria em Bristol, mas na verdade nunca me preocupei com o futuro. Sentia-me tão confiante.

»Depois ele disse que não devíamos continuar juntos quando deixássemos a escola. Ele tinha de viver a sua vida e eu a minha. Respondi que compreendia e que, sendo assim, também não devíamos andar juntos no verão. Ele ficou magoado com isso, mas nunca percebi bem porquê. Devia ser óbvio que eu nunca aceitaria passar nem mais um minuto com ele com um prazo marcado. Talvez eu fosse de uma grande ingenuidade, mas queria-o todo, sempre. Era a única maneira de amar que eu conhecia.

»Nesse dia fui a pé para casa, como de costume. Pouco falei com a minha mãe e com a Erin, que andava na faculdade e tinha ido passar uns dias a casa. Não sei se elas notaram que se passava qualquer coisa, mas não disseram nada. Fingi ter de estudar para os exames e meti-me na cama. E depois chorei, chorei, chorei.

Kate cala-se. Lembra-se de estar agarrada ao edredão como se ele fosse uma boia de salvação, tentando manter-se à tona enquanto chorava este novo tipo de lágrimas.

— Sei que é uma estupidez continuar a pensar nisso — diz. — Há pessoas a terminar namoros a toda a hora. Eu era tão nova e foi há tanto tempo, mas esta manhã vi a fotografia do Joe e na verdade nunca mais conheci uma pessoa como ele. Nunca mais conheci ninguém. E acho que essa talvez seja uma das razões que tornaram a minha vinda para Londres tão difícil. Estar num sítio novo, sozinha. Aperceber-me de que era isso que ele queria quando nos separámos — mas não vi ali uma oportunidade, como ele viu.

Kate respira fundo.

— Desculpe — diz, limpando o rosto.

A seu lado, Rosemary abana a cabeça vigorosamente.

— Nunca peça desculpa — diz, uma tempestade no seu olhar. — Nunca se arrependa de sentir. Nunca se arrependa de se apaixonar. Eu nunca me arrependi. Nem um só dia.

Kate vê Rosemary rodar a aliança de casamento no dedo.

— E vai conhecer alguém — diz Rosemary, levantando a cabeça e fitando Kate com os olhos brilhantes. — Só tens de estar disposta a encontrá-lo.

Continuaram sentadas a ver os autocarros encostar e voltar a arrancar do outro lado do parque. No silêncio, a solidão é como uma terceira pessoa entre elas. Acenam-lhe com a cabeça, reconhecendo-a, mas nunca a chamam pelo nome.

Kate solta um suspiro e fecha os olhos por momentos, sabendo que, mesmo de olhos fechados, tem o lido à sua frente e Rosemary ao seu lado. Sente-se aliviada depois de falar com Rosemary. Joe pode ter aparecido no ecrã do seu telemóvel de manhã, mas na realidade ele está em Manchester e ela em Brixton, um local que acabou de aprender a amar. Já não fazem parte da vida um do outro. E, quando respira fundo, o nó dentro dela desfaz-se um pouco.

CAPÍTULO 40

Estiveram juntos até ao fim. Rosemary não quis ficar longe dele e quando uma das enfermeiras que iam ajudar sugeriu mudá-lo para uma residência assistida, ela soltou uma gargalhada.

— É casada? — perguntou Rosemary.

A enfermeira fez um ar surpreendido.

— Sou.

— Bem, então ainda se deve lembrar dos seus votos. Na doença e na saúde. Até que a morte nos separe. Casei há sessenta e quatro anos e ainda me lembro deles.

A enfermeira franziu a testa e arrumou apressadamente as suas coisas. Rosemary lamentou ter sido sarcástica — as enfermeiras eram todas muito amáveis — mas estar com ele era a única maneira de estar que conhecia. Não suportaria sabê-lo sozinho num hospital.

Depois de a enfermeira sair, Rosemary levou uma chávena de chá a George. Ajeitou-lhe as almofadas e endireitou-lhe um pouco o corpo, colocando as mãos nas suas axilas puxando-o para cima. Com a caneca numa mão e levantando-lhe a cabeça com a outra, ajudou-o a beber o líquido morno. Quando George terminou, sentou-se na cama e deu-lhe a mão. A respiração dele era curta e ruidosa, e fazia-a estremecer, mas ela tentou disfarçar.

Ele estava a tentar dizer algo.

— Ffff...

— Fome? — perguntou Rosemary. — Tens fome? Mas acabaste de comer.

George sacudiu a cabeça.

— Ffff... — recomeçou. Tinha o braço levantado, a apontar para o roupeiro.

Ela seguiu o gesto dele.

— Fotos?

George anuiu com a cabeça. Rosemary beijou-lhe a testa e saltou da cama. Arrastou uma cadeira e subiu para cima dela para chegar a uma caixa arrumada no topo do armário. Pegou nela, desceu da cadeira e levou-a para a cama. De novo encostada às almofadas, com a caixa ao colo, destapou-a e procurou lá dentro.

— Olha para esta — disse, pegando numa fotografia de modo a George conseguir vê-la. — Oh, estavas tão bronzeado. Parecias mesmo uma noz.

Tirou outra foto. Não estavam arrumadas por ordem, portanto, George e Rosemary ora envelheciam, ora rejuvenesciam, consoante as fotografias que Rosemary ia selecionando.

— Olha para mim aqui — disse ela. — Adorava este fato de banho. Quem me dera que ele ainda me servisse! E não me venhas dizer que já não me ficaria bem! Oh, e vê esta, a prancha de saltos era tão alta. Tu mergulhavas tão bem, querido.

Estendeu a mão para a de George.

— Olha para esta foto nossa em Brighton — diz ela, encostando-se mais a George e aproximando a fotografia do rosto dele. — Lembras-te dos dónutes que comemos na praia? Bem me apetecia um agora. Lembro-me do som das gaivotas e... como era aquela canção? Elvis Presley...

Lembrou-se da *jukebox* e começou a cantar. Desafinada, mas não se importou. Enquanto cantava, sentiu a mão dele mexer-se e apertar-lhe os dedos. A voz dela subia e descia, mais baixa nas partes em que não se recordava da letra, mais alta no refrão. Terminada a canção, beijou com ternura a face dele. Em seguida, limpou rapidamente os olhos.

— Já chega de cantorias — disse, a voz trémula. Respirou fundo. — Oh, vê esta, George...

Mostrou-lhe todas as fotos, rindo e apontando, comentando cada uma. Quando acabou, a caixa estava vazia, e havia uma pilha de

fotografias no seu colo. George adormecera. Arrumou cuidadosamente as fotografias na caixa e guardou-a em cima do roupeiro. Depois vestiu a camisa de noite e enfiou-se na cama ao lado de George. Deitou-se virada para ele, um braço a atravessá-lhe a barriga. Ficou algum tempo a vê-lo dormir.

— Boa noite, meu querido.

Quando acordou, ele continuava a dormir.

CAPÍTULO 41

A câmara não retornava as chamadas de Kate. Entre passar a limpo entrevistas e rever artigos, insiste de novo, mas de todas as vezes é aconselhada a deixar uma mensagem. Quando pergunta pelo lido, a resposta é sempre a mesma: «As alternativas estão a ser analisadas pela direção.» Se pede para falar com o vogal, sugerem-lhe que ligue para um número que a leva a outro atendedor de chamadas automático.

— Nada de notícias da câmara? — pergunta Jay quando chega ao escritório.

— É assim tão óbvio? Também tenho outros trabalhos para fazer.

— Não, estava só curioso. Como está a Rosemary? E os joelhos dela?

— Nunca me falou dos joelhos.

— Não quer que te preocupes.

— Bem, mas preocupo-me. Tal como me preocupa o que irá acontecer ao lido. Quem me dera não estar, mas para ser sincera estou muito apreensiva.

As coisas tinham voltado mais ou menos ao normal desde a festa-surpresa. Kate nadava a maioria das manhãs na companhia de Rosemary antes de ir para o trabalho. Escrevia o seu artigo para o jornal — esta semana sobre uma história relacionada com o Lambeth Country Show — uma feira que todos os anos enchia o Brockwell Park de barracas de comida, música e animais da quinta. É um artigo que gostava de escrever, pois recordava-lhe as contradições e as aparições aleatórias do sol na cidade onde vive.

Mas a preocupação continua em pano de fundo — o medo do que pode acontecer ao lido e do prazo marcado para as suas braçadas matinais na companhia de Rosemary.

— Vai ser uma grande pena se ele fechar mesmo — diz Jay. — Exatamente o que Rosemary disse a propósito da biblioteca; as pessoas protestaram, mas só depois de ela fechar é que compreenderam o que perderam.

— Mas que boa ideia — diz Kate, levantando os olhos do computador.

Jay parece confuso, as sobrancelhas claras a franzirem-se no rosto. Kate sente vontade de rir, mas disfarça.

— Obrigado. Tenho muitas — replica Jay. — Mas esta qual foi concretamente?

— Um protesto — diz Kate. — Devíamos organizar um protesto.

Jay anuiu com a cabeça.

— Sim. A única coisa que podia melhorar aquela fotografia de Rosemary na reunião da câmara era ela estar de cartaz na mão.

— Vá lá. Estou a falar a sério.

— Também eu. Se queres mesmo organizar um protesto tens de pensar no aspeto que ele terá numa primeira página. Pensar na sua fotogenia.

— Isso quer dizer que nos ajudas?

— Que eu saiba não me pediste como deve ser.

— Ajudas-nos, se faz favor?

— Claro que ajudo. Podemos planear tudo amanhã ao jantar.

Kate aceita e vira-se logo para o computador, tentando esconder o largo sorriso desenhado no seu rosto. Repara que é a segunda vez que, nos últimos tempos, a convidam para jantar.

No dia seguinte, enquanto se arranja, Kate enche o quarto de perfume e depois dança em roupa interior. Leu numa revista que é a melhor maneira de ficar perfumada. Embora não seja a mais elegante.

«Socorro!», exclama a mensagem que envia a Erin, abrindo o roupeiro, encostando ao peito os dois vestidos selecionados e fotografando-os. «Qual devo escolher?»

«Deves ficar linda com qualquer um deles», diz a resposta. «Mas eu ia pelo azul.»

Kate sorri, aliviada e, nesse instante, ouve a campainha da porta.

— Merda — diz, enfiando o vestido por cima da cabeça. Enquanto se contorce para ele deslizar, calça as sandálias que estão junto à porta, derrubando alguns dos seus livros pelo caminho.

— Merda — refila novamente.

Ouve Jay a rir atrás da porta da rua.

— Já vai! — grita, empurrando os livros para fora do caminho com um pontapé. Puxa o blusão de ganga que está pendurado no corrimão e põe-no aos ombros. O bolso fica preso no guiador da bicicleta encostada à parede do corredor e tem de soltá-lo antes de abrir a porta.

— Uau, estás horrível — ri Jay. Encontra-se encostado ao murete do alpendre, a luz da noite acentuando a nota avermelhada do seu cabelo louro.

— Que simpático!

— Não era um insulto. Estás horrível, mas linda. É disso que gosto em ti.

Kate não sabe o que dizer, portanto, não diz nada. Fecha a porta e desce os degraus.

— Tenho uma coisa para ti — diz ele, já na rua. Entrega-lhe um embrulho.

— Não sabia se havia de te dar isso agora ou mais tarde, portanto, resolvi dar já. Mas se calhar foi má ideia porque assim tens de andar a carregar isso.

— Obrigada. E não faz mal, trouxe uma mala — responde Kate ao mesmo tempo que rasga o papel de embrulho.

É uma moldura, e nela está a fotografia de Kate com Rosemary junto à piscina. Kate estende o braço e olha-a demoradamente.

— Desculpa, talvez devesse ter trazido flores.

— Não, é perfeito. Obrigada — diz ela, engolindo o nó que tem na garganta.

Caminharam em silêncio algum tempo. Uma raposa atravessa a rua mesmo à frente deles e desaparece por uma fresta na cerca do jardim de alguém.

— Esta rua é agradável — diz Jay, olhando para o fundo da rua ladeada de árvores e para as grandes janelas do andar superior das casas geminadas.

Algumas estão divididas em dois ou três apartamentos; outras são moradias unifamiliares com carros de brincar e balouços nos jardins da frente.

— Pois é. Eu só consigo viver aqui porque partilho um apartamento com quatro outras pessoas.

— Como é que elas são?

— Não sei. Não nos vemos muito. Não sabia que viver com muita gente podia ser tão solitário.

Não se olham enquanto caminham, mas ela sente nitidamente a forma do corpo dele ao seu lado no passeio. Não tenciona abrir-se muito com ele, mas acontece sem ela dar por isso.

— A quem o dizes — comenta ele. — Tenho três irmãs.

— Três? Isso é muita energia feminina.

— E eu não sei? O meu pai e eu ficávamos à parte a maioria das vezes. Costumávamos escapar-nos com as nossas câmaras só para fugir delas. Ele é o culpado de eu ter escolhido a área da fotografia.

Para Kate é surpreendentemente fácil imaginar o pequeno Jay e o pai, com as câmaras ao pescoço e o mesmo cabelo louro-avermelhado, escapulindo-se de uma casa cheia de mulheres. Repara que trabalha com Jay há quase dois anos mas, na verdade, nunca lhe tinha perguntado nada sobre a sua vida. O pensamento embaraça-a e dá por si a compensar o tempo perdido.

— E o resto da tua família? No outro dia, no lido, disseste que tinhas sobrinhas e sobrinhos?

Enquanto passeiam, Kate vai conhecendo a família de Jay: tem duas irmãs que continuam em Londres com os maridos e filhos, e uma que vive em Edimburgo com o companheiro. De vez em

quando, Kate vira-se e vê o rosto iluminar-se-lhe quando fala das sobrinhas e dos sobrinhos. Fica a saber que Jay viveu toda a vida no sul de Londres, em Croydon, Peckham e, agora, em Brixton. Diz para consigo que nunca lho perguntara porque já calculava, devido ao sotaque dele, mas sabe que isso não é bem verdade. Simplesmente nunca lhe ocorreu perguntar.

— E agora? Partilhas um apartamento? — pergunta.

— Sim, mas só com uma pessoa, o meu amigo Nick. Ele é músico e toca num bar, por isso, não nos vemos com frequência. A maior parte do tempo tenho a casa por minha conta. É minúscula, uma cave húmida, mas gosto muito dela.

— Pensava que os sapos é que gostavam de humidade.

— Ui!

— Foi para me vingar de dizeres que estou horrível.

— Um horrível muito *sexy*.

— Achas que isso melhora alguma coisa?

Viram-se um para o outro e riem.

— Anda, estamos quase lá.

Saem da rua e entram na estrada que contorna o parque. Quando chegam a um dos blocos de apartamentos, viram para a zona de estacionamento e o pequeno pátio exterior. Rosemary está sentada num murete junto à entrada. Usa um vestido verde-claro e um casaco a condizer. Tem uma pequena mala de mão, olha para o seu relógio e, quando levanta os olhos, vê o casal a caminhar na sua direção. Mal Kate chega ao pé dela, sente o seu perfume *Lily of the Valley*.

— Rosemary, está linda — diz Kate.

— Um verde lindo — acrescenta Jay.

— Ah, o fato. Não o usava há anos. Admira-me ainda caber dentro dele. Muito obrigada por me convidarem.

— Pense que se trata de uma reunião de trabalho: precisamos da sua presença, Rosemary — diz Kate. — Se não fosse a Rosemary, nada disto teria começado.

— Seja como for, é bom sair... e também ter companhia.

— Além disso — diz Kate —, no outro dia cozinhou para mim. Lamento não ser muito boa cozinheira, mas posso levá-la ao sítio

onde se fazem as melhores pizzas da cidade. Pelo menos é o que o Jay diz, eu nunca lá fui.

— Vocês as duas vão adorar — afirma Jay. — As melhores pizzas fora de Itália.

Enquanto caminham, Rosemary entre ela e Jay, Kate pergunta-se que aspeto terão. Talvez dois jovens levando a avó a jantar fora. Ou simplesmente o que são: três amigos improváveis. E, ao pensar nisso, apercebe-se de uma coisa pela primeira vez desde que foi para Londres. Tem amigos.

Entram em Brixton Village por um dos arcos em Atlantic Road. Atravessar a rua leva algum tempo, por causa do trânsito e de uma carrinha a fazer entregas em frente ao novo restaurante mexicano da esquina. Pertence a uma cadeia de restauração, mas com a fachada pintada de cores fortes e o quadro preto manuscrito com giz à porta, mais parece um negócio de família. Esperam para atravessar junto a uma loja com tachos, frigideiras e caixotes de lixo pendurados cá fora, ao lado da montra bem iluminada.

A pizaria onde vão situa-se num canto em frente a um talho. À entrada do restaurante há um balcão onde se podem comprar fatias individuais de piza. Um ciclista de calças justas e camisola de licra põe o capacete debaixo do braço e vai comer uma fatia antes de regressar a casa. Ao lado dele, uma mãe dá as mãos aos dois filhos que esticam os pescoços, ansiosos, para ver por cima do balcão.

Jay conduz Rosemary a um banco de madeira arrumado por baixo de uma mesa comprida. Há velas em cima da mesa e jarras metálicas cheias de flores.

— Pedimos vinho? — pergunta Kate.

Enquanto aguardam, Kate olha em volta, saboreando os sons e os perfumes do mercado. Está movimentado e agitado, com risos, conversas, aromas. O cheiro das pizzas no forno de lenha fazem-na pensar na boa comida que tem perdido com todas aquelas refeições prontas.

A noite vai passando com vinho e piza. Rosemary começa por usar os talheres, mas, quando vê Jay e Kate comer à mão, imita-os. Deixa um pouco de tomate pingar para a mesa, mas não se importa. Bebem duas garrafas de vinho entre os três. Jay vai reenchendo os copos sem elas darem por isso.

Enquanto comem, vão trocando ideias sobre o protesto e Kate vai tomando notas.

— Resolvi lançar uma petição *online* — diz. — Vou partilhá-la na página de Facebook «Salvem o Brockwell Lido». Devia ter pensado nisso mais cedo, mas espero que ainda vá a tempo.

— Boa ideia — aprova Rosemary. — Também pode escrever sobre a petição quando escrever sobre o protesto.

— Para o protesto dar nas vistas, precisamos de qualquer coisa que realmente dê nas vistas — diz Jay —, passe a iteração.

— Tem de ser algo que funcione visualmente — retorquiu Kate. — Podíamos fazer faixas e pendurá-las em volta da piscina. Mas o que é que escrevemos nelas? «Salvem o Brockwell Lido»... «Não desistam de nadar»... «Não esvaziem o nosso lido»...?

— Gosto dessa — diz Jay, e Kate escreve-a no caderno.

— E se usássemos patinhos de borracha? — pergunta Rosemary. Kate e Jay viram-se para ela. Em seguida, desatam os três a rir.

— É perfeito — afirma Kate. — E estou a lembrar-me de alguém que nos pode ajudar.

As faces de Rosemary ganham cor e ela sorri. Kate sente que também está a sorrir.

Mais tarde, uma banda instala-se à frente do restaurante: um cantor e dois guitarristas. Tocam muito alto e Kate sente o seu ritmo cardíaco acelerar ao compasso da música.

— Não quer fazer um favor a uma velhota e vir dançar comigo? — pergunta Rosemary, levantando-se e estendendo a mão para Kate.

— Oh, não danço lá muito bem.

Kate recorda as discotecas dos seus anos de estudante, quando se escondia a um canto a ver as colegas rir e mexer o corpo com desinibição e lamentando não ser capaz de fazer o mesmo. Ao fim

de uns anos deixou simplesmente de ir com elas. Na universidade arranjava sempre desculpas quando as colegas saíam à noite.

— Nem eu — responde Rosemary. — Mas isso não tem importância nenhuma. Só quero divertir-me.

Kate olha para Rosemary e, de repente, acha que ela é capaz de ter razão. Talvez não tenha importância. Nada daquilo. Levanta-se.

— Está bem, vamos dançar — aceita.

As duas mulheres passam entre as mesas e param diante dos músicos. Depois seguram nos braços uma da outra. Rosemary é lenta e Kate desajeitada, mas dançam. Os guitarristas e o cantor sorriem-lhes e as pessoas que estão no restaurante viram-se para as ver. Contra o que é costume, Kate, não lhes presta atenção; está demasiado ocupada a olhar ora para os pés, ora para Rosemary.

— Estou a conseguir! — exclama, radiante.

— Está mesmo!

Continuam a dançar no espaço estreito, observadas pelos músicos, pelos clientes e por Jay. Viram-se devagar e cada uma faz a outra girar.

Kate concentra-se na música e no movimento e bloqueia tudo o resto. O calor preenche o seu corpo. Sente-se um balão cheio de ar, prestes a soltar-se e a flutuar. O corpo parece-lhe estar inchado de luz, mas, ao mesmo tempo, sente-se desimpedida e livre. De início, pensa que pode ser do vinho, mas depois lembra-se de já ter sentido o mesmo. É alegria. Enquanto dança sente-se ansiosa por ligar a Erin a descrever-lhe tudo aquilo — a piza deliciosa que quer que ela prove a próxima vez que estiver em Londres e a dança com Rosemary em pleno Brixton Village. Sabe que vai fazer a irmã rir e sente-se feliz por ter algo de positivo para lhe contar, por não precisar de omitir nada nem de inventar coisas alegres.

— Desculpe, mas os meus joelhos... — diz Rosemary, parando.

— Jay, chegue aqui. Creio que Kate quer continuar a dançar.

Jay levanta-se e Rosemary volta a sentar-se à mesa, pousando uma mão no braço dele quando se cruzam.

— Cuide dela — diz em voz baixa.

Jay anui com a cabeça e dirige-se a Kate, achando-a mais bonita do que nunca. Tem as faces rosadas e os olhos brilhantes, como se

uma nuvem tivesse saído de frente deles por instantes.

— Vamos dançar — diz Kate, estendendo-lhe os braços e surpreendendo-se a si mesma com a sua própria autoconfiança.

Jay pega-lhe na mão, puxa-a para si e põe o braço em volta da cintura dela. Chocam um com o outro, pisam-se. Mas riem. E, enquanto dançam, Kate sente todo o seu corpo vibrar de alegria e deixa-se contagiar por ela. Rosemary observa-os e recorda.

Nessa noite, quando estiverem cada uma na sua cama, as duas mulheres vão sonhar que estão a dançar. Jay também.

CAPÍTULO 42

O lido está repleto de patinhos de borracha. Flutuam à superfície, um sorridente mar amarelo. Alguns formam grupos, às bicadas uns aos outros ao sabor da brisa; outros deslocam-se aos pares, os bicos cor de laranja encontrando-se quando colidem. Dois patos-reais nadam no meio deles com um ar confuso.

— Ajuda-me com a outra ponta da faixa — diz Kate a Erin, segurando na sua ponta de um longo retângulo de tecido.

Caminham à beira da piscina em sentidos opostos. Frank e Jermaine ajudam-nas a atar as faixas.

Kate telefonara a Erin depois do jantar com Rosemary e Jay.

— Estamos a organizar um protesto para ajudar a salvar o lido — diz Kate. — E pensei que, como és especialista em RP e isso tudo, podias ajudar-nos.

Erin concordou de imediato, dizendo que o faria com todo o prazer. Mas quando Kate vê a irmã do outro lado da piscina, o cabelo ruivo e ondulado a balouçar ao vento quando ela se baixa para ajudar Frank e Jermaine a atar a faixa, pensa que a presença dela ali tem mais importância do que parece. Para ambas. Os olhares delas cruzam-se por instantes e Kate lembra-se de saltar dos ombros de Erin para a água na piscina local quando eram pequenas e observa a irmã agora, tentando detetar as diferenças entre a mulher junto à piscina e a sua versão infantil. Os olhos são do mesmo verde, o cabelo ainda é daquele ruivo que Kate invejava quando era pequena, embora a irmã o odiasse; Erin continua a ser mais alta do que Kate, mas Kate já não se sente embaraçada por

isso. A expressão zangada que a irmã costumava exibir quando era adolescente suavizou-se, mas há vestígios de olheiras — que fazem Kate pensar no stresse que Erin diz ser culpa do seu emprego. Hoje ela está de vestido azul justo e impecavelmente maquilhada. Erin sempre disse que para o seu trabalho era importante vestir-se bem, mas Kate sabe que a roupa e os produtos de beleza são parte da «armadura» de Erin. Uma armadura elegante e colorida, mas ainda assim uma armadura.

Uma vez a faixa bem presa, todos recuam para a admirar.

«Não esvaziem o nosso lido», lê-se.

— Está perfeita — comenta Frank, virando-se para Jermaine.

Deixaram o empregado a tempo parcial a cuidar da livraria durante o fim de semana. Por mais que adorem a sua loja e a sua casa, sabe-lhes bem afastarem-se uns dias. Não param de trocar sorrisos.

— Está mesmo — concorda Rosemary, que dirige as operações sentada numa cadeira à beira da água, uma lata de *ice tea* pousada aos seus pés.

Foi com um nervosismo estranho que Kate apresentou Erin a Rosemary quando a irmã chegou nessa manhã. Mas Erin deu um abraço forte a Rosemary e disse:

— Espero que não leve a mal, mas é como se já a conhecesse. Tenho gostado tanto de ler os artigos de Kate sobre o lido... e sobre a senhora.

Rosemary dirigiu um sorriso primeiro a Erin e depois a Kate, que estava ao lado, os braços em volta do próprio corpo e sorrindo de soslaio a Erin. Erin foi menos expansiva com Jay, apertando-lhe simplesmente a mão, mas com ternura.

— Kate tem-me falado muito de si — disse Jay, o que tecnicamente não era verdade.

No entanto, quando Erin se virou para ela com um sorriso radiante, Kate percebeu porque Jay tinha dito aquilo.

Erin conversou com facilidade com todos os outros — em particular com Ahmed, que ficou encantado ao saber que ela também tinha estudado Gestão na universidade. Fez-lhe logo uma longa série de perguntas. Kate viu-os a conversar do outro lado da

piscina, Erin a escutar e a responder com entusiasmo, gesticulando e rindo enquanto falava.

Ouve-se o clique do obturador da câmara de Jay que fotografa a faixa e os patos de borracha a flutuar na piscina. As pessoas aglomeram-se no deque em volta do lido. Um adolescente prende balões aos guarda-sóis do café; Ahmed ata outra faixa na parede ao fundo da piscina, por baixo do relógio; uma mãe leva o bebé à anca e aponta para os patinhos de borracha. O bebé solta pequenas gargalhadas. No café, Hope pede cafés para todos e o empregado leva-os lá para fora num tabuleiro.

— Está fantástico, mana — afirma Erin, depois de dar a volta à piscina para ir ter com ela.

Erin permanece ao lado de Kate, os corpos de ambas quase se tocam.

— Obrigada por teres vindo — agradece Kate. — E por toda a tua ajuda.

Apesar do seu elegante vestido azul, Erin ofereceu-se para ajudar assim que chegou, carregando caixas com patos e despejando-os na água, mas o seu maior contributo foi a ideia que teve para o que fazer a seguir com eles.

No final do protesto combinaram entregar uma caixa com patos à câmara e distribuir os restantes pelos escritórios dos jornais locais. Cada patinho leva uma etiqueta ao pescoço a dizer «Não esvaziem o nosso lido». Dar essa utilização aos patos foi ideia da Erin.

Nas etiquetas estará escrito o endereço eletrónico da petição lançada por Kate. Já tinham reunido 100 assinaturas. O número deixou Rosemary espantada, mas dececionou Kate.

— Não conheço nada que se pareça com cem pessoas! — exclama Rosemary.

Kate tenta, em vão, explicar a Rosemary como funcionam as redes sociais.

Ouve-se mergulhar: o adolescente atirou-se à água e nada ao lado dos patos de borracha e dos verdadeiros, que batem as asas a um canto da piscina. Kate e Erin viram-se para observá-lo.

O rapaz nada debaixo de água e gira o corpo de modo a olhar, de costas, as formas amarelas nos retalhos de céu azul. Saem-lhe

bolhas pelo nariz e vê-as ascender à superfície como a efervescência do champanhe. Quando sobe em busca de ar, um grupo de patos de borracha desvia-se para lhe dar espaço. Ele ri, uma gargalhada curta mas sonora que se escapa com o estouro inesperado de um tiro.

Kate vê Jay ajoelhar-se à beira da piscina para fotografar o rapaz com a cabeça logo acima da superfície, rodeada de patos amarelos.

— Vá lá, foto de grupo — diz ao rapaz, que nada para o lado menos fundo e sai sem utilizar as escadas.

Os dois caminham ao longo da piscina.

— Acho que é melhor irmos ter com eles — diz Kate.

Erin concorda e segue-a até ao ponto onde uma multidão começou a formar-se por baixo do relógio e da faixa. Erin junta-se ao grupo e Kate começa a organizá-lo como um fotógrafo num casamento.

— Rosemary, vá para o meio. Ellis e Hope, ponham-se um de cada lado. Ahmed, pode ficar ali...

Chega Jay, que se coloca ao lado dela a ver os nadadores a organizarem-se.

— Achas que assim está bem? — pergunta ela. — Desculpa, sei que isto é contigo.

— Perfeito. Agora faltas tu.

Kate mostra-se relutante e ele dá-lhe um empurrão.

— Já apareci na primeira página — diz Rosemary — e não foi tão mau como isso. Agora é a sua vez.

Puxa Kate para perto de si e põe um braço por cima dos ombros dela. Kate fica mesmo ao meio, com Rosemary de um lado e Erin do outro, rodeada pelas pessoas que conheceu ao longo dos últimos três meses, desde que o lido entrou na sua vida. Quando Jay tira a fotografia ela sorri, não por causa da câmara, mas pela ternura que lhe invade o corpo.

À tarde, já todos têm as fotografias de que precisam e a piscina está livre de patos de borracha. Os outros vão ao café tomar

qualquer coisa e Rosemary vai para casa descansar, mas Kate e Erin continuam à beira da piscina. Tiram os sapatos e mergulham os pés na água. Está fria, mas ao fim de um dia em pé é exatamente daquilo que elas precisam. Kate balouça devagar os pés dentro de água e vê Erin fazer o mesmo. Tem as unhas dos pés pintadas de vermelho-vivo.

O sol está na sua hora dourada e ilumina as paredes de tijolo e o cabelo castanho-avermelhado de Erin. Reflete-se na superfície da piscina, tornando-a ainda mais azul.

Sem a companhia dos outros, Kate sente-se estranhamente nervosa na presença de Erin. Conhecem-se suficientemente bem para os silêncios não serem desconfortáveis, mas desta vez há tanta coisa que Kate quer dizer.

— Desculpa não te convidar para ficares para amanhã — diz. — Mas tenho de trabalhar e para ti seria uma chatice.

Em parte é verdade, ela tem de facto trabalho para fazer, mas a imagem da sua casa suja e dos colegas que ela disse serem bons amigos, torna a visita de Erin assustadora.

— Não faz mal — responde Erin. — Tenho amigos em Hackney e pensei aproveitar para os ir visitar.

Voltam a ficar caladas uns instantes, as gargalhadas que chegam do café e o suave marulhar da água sempre que mexem os pés são os únicos sons que interrompem o silêncio entre elas.

— Já devia ter-te perguntado isto há séculos — diz Kate. — Está tudo bem contigo? Há uns tempos mencionaste o teu emprego e que estás a tentar engravidar. Desculpa, fiquei sem saber o que dizer, mas já te devia ter perguntado. As coisas melhoraram?

Erin respira fundo, endireita-se apoiada nos braços, levanta os pés e volta a mergulhá-los.

— Continuo sem engravidar — responde. — Mas decidimos ir a uma clínica de fertilidade. Só essa decisão já nos fez sentir melhor, penso eu... estamos a controlar a situação.

Kate recosta-se e escuta Erin. Olhando para trás, pensa em quantas vezes Erin terá optado por fazer confidências à irmã mais nova e quantas terá guardado tudo para si. É bom ouvir Erin falar, mesmo sentindo-se culpada por não ter feito perguntas mais cedo.

Quando termina, Erin vira-se para Kate, os olhos verdes refletindo a luz do Sol.

— E tu? — pergunta. — Como vai a tua vida? E não digas que está ótima. Quero saber como vai realmente.

Kate sabia que aquela pergunta era inevitável. Ver a irmã olhá-la com uma expressão preocupada, mas aberta, pronta para escutá-la, dá-lhe vontade de chorar. Respira fundo.

— Tem sido difícil. Estes últimos anos têm sido mesmo maus.

Ao dizê-lo apercebe-se de que devia ter falado com ela há muito tempo. Mas não conseguia. As palavras estavam de tal maneira aferrolhadas dentro dela que pareciam um travão a mantê-la inteira. Dizê-las à irmã ou aos pais tê-la-ia arrasado.

— Não sabia que ir viver para longe era tão solitário — diz.

— És muito mais corajosa do que eu.

— Que queres dizer com isso? — pergunta Kate, de testa franzida.

— Não te lembras? Eu era para ir para Londres frequentar a universidade, fui colocada no University College of London. Mas nunca apareci... assustou-me ir para tão longe, para uma cidade tão grande.

Kate abana a cabeça. Não se lembra.

— Eras muito pequena na altura — diz Erin, encolhendo levemente os ombros. — Devo ter tido vergonha de te contar. Enfim, não fui. Desde então podia ter-me mudado para cá tantas vezes. Imensos amigos meus vivem agora aqui. Mas eu não. Digo a mim mesma que sou muito feliz em Bath e, para ser sincera, sou. Hoje já nem ponho essa hipótese, sobretudo agora que o Mark e eu temos lá o nosso apartamento e ele a sua empresa. Mas sei que foi em parte por medo. Em Bath sou uma das mais antigas numa das melhores empresas de RP. Mas tentar fazer o mesmo trabalho em Londres? Há muita concorrência. E se me tornasse um zé-ninguém?

As palavras de Erin abalam Kate. Erin não tem medo de nada. Erin sabe a tabuada de cor, grita quando está zangada, conquista as pessoas, consegue o que quer e vive num apartamento lindo. Talvez tudo ainda seja verdade, mas por outro lado não o é. Tal como é verdade que Kate vive em Londres, tem um emprego de que gosta e

agora conhece um grupo de pessoas que considera amigas, mas essa não é toda a verdade.

Assim, sentadas à borda da piscina que é para Kate uma espécie de lar, ela acaba por contar à irmã o resto da história. Fala dos seus anos na universidade e do sentimento de inadequação que nela conseguia infiltrar-se sempre que estava com os colegas. Conta a Erin que não conhece as pessoas com quem partilha a casa e que, apesar de ter um quarto agradável numa rua bonita, detesta voltar para ele ao final do dia. Pela primeira vez, fala-lhe do Pânico: quando começou, como é e o quanto a natação parece ter ajudado. Em seguida fala do lido, quando soube da sua existência, como conheceu Rosemary e porque se dedicou a ele, muito mais do que a qualquer outro dos artigos que escreveu para o jornal.

E como não tem comentários a fazer, Erin reage com a maior das generosidades. Limita-se a ouvir.

Ao fim de algum tempo Kate esgotou as palavras e as lágrimas. Erin tira da mala de mão uma embalagem de lenços de papel, que entrega, em silêncio, a Kate. Depois de limpar o rosto e de a sua respiração abrandar, Kate para. Fita a luz e o reflexo das nuvens na superfície da água. Erin assegura-se de que ela não vai falar mais antes de, por sua vez, falar.

— Estive a conversar com Rosemary — diz. Kate lembra-se de ter visto Erin dirigir-se à cadeira de Rosemary quando estavam a esvaziar as caixas para lhe levar mais *ice tea*. — Ela diz que nada disto teria acontecido sem a tua ajuda... os artigos, a petição, o protesto.

Enquanto Erin fala, Kate vê um objeto amarelo a flutuar no canto mais afastado da piscina. É um pato de borracha — deve ter-lhes escapado. Vagueia ao sabor da água, um toque garrido de amarelo na superfície azul.

— Estás a fazer um trabalho fantástico — continua Erin. — Pode nem sempre parecer, mas não faz mal. Tens o direito de te sentires sozinha, de entrar em pânico. Isso em nada te diminui como pessoa.

Ouvindo Erin, Kate apercebe-se de que é assim que se tem sentido. Nos momentos mais sombrios sente-se sozinha, em pânico — como se nem de existir fosse capaz.

— Mas para a próxima fala comigo, está bem? — diz Erin. — Desabafamos uma com a outra.

Quando Erin lhe estende a mão, Kate aceita-a. Ficam algum tempo sentadas, de mãos dadas, balouçando os pés na água fria do Brockwell Lido, enquanto o Sol desaparece atrás delas e as luzes do café brilham como focos voltados para a água.

Nessa noite, depois de chegar a casa, Rosemary pensa em George e no muito que ele se riria por causa dos patos. Por vezes tem sonhos em que estão os dois sentados na sala e têm uma longa conversa — tudo o que guardou dentro de si jorra numa interminável tagarelice onírica: o que cozinhou para o jantar, o novo restaurante que abriu onde antes era a peixaria, os boatos que ouviu no vestiário. Outras vezes limita-se a descrever-lhe um pôr do sol maravilhoso no Brockwell Park.

Espera ter um sonho desses esta noite — descrever-lhe-á o protesto e os patos e como se sentiu orgulhosa, sentada com os amigos por baixo da faixa e do relógio do lido. Como se sentiu alguém.

CAPÍTULO 43

No dia seguinte o lido fecha outra vez para um casamento. O parque está silencioso — choveu toda a manhã, um inesperado chuvisco de verão que aplaca as temperaturas elevadas da semana anterior. Nos balões brancos atados às árvores das traseiras do edifício, gotas de chuva deslizam pelos seus rostos bojudos e escorrem por entre as folhas. À entrada do café, um empregado arrasta para o exterior um guarda-sol branco destinado a proteger um quadro preto, onde os nomes dos noivos estão escritos numa caligrafia floreada. Baldes prateados encostam-se ao quadro, atulhados de peónias brancas que lembram as saias rodadas das bailarinas. A rampa que vai dar à porta do café está ladeada de pequenas árvores envasadas: hoje todas se vestiram para o casamento com pequenas lâmpadas brancas.

Rosemary e Kate dirigem-se para o lido protegidas por um grande guarda-chuva preto que Kate segura por cima delas. Rosemary não queria usá-lo.

— Preto num casamento dá azar! — protestou, quando ambas se preparavam para sair de casa dela.

Rosemary usava o único vestido bom que lhe restava, com um padrão floral lilás e branco e cuja bainha lhe ficava abaixo dos joelhos, mas acima dos tornozelos. Calçava sapatos lilases a condizer — rasos, mas bicudos. Até tinha posto batom e feito um penteado com pequenas ondas.

— Mas é o único guarda-chuva que tem — disse Kate, ajustado as fivelas dos seus sapatos de salto alto cor de framboesa. — E eu

não vou para a rua com estes sapatos e este tempo sem guarda-chuva.

O vestido é mais justo e colorido do que a roupa que costuma usar, mas apaixonou-se pela cor viva do tecido mal o viu. É rente ao pescoço e tem mangas muito curtas, mas atrás o decote deixa-lhe metade das costas à vista.

Tinha tirado uma manhã para ir às compras numa altura em que as lojas ainda estão calmas — quando entregou o cartão de crédito no balcão sorriu, orgulhosa por ter planeado tudo bem e encontrado exatamente o que queria sem sofrer com confusões. Ao pagar, contou em silêncio as semanas desde o seu último ataque de pânico — já lá iam três. Ficou radiante. A empregada da loja olhou-a com estranheza, mas ela não se importou.

Assim, o guarda-chuva preto ganhou e manteve-as praticamente secas ao longo da curta distância entre a casa de Rosemary e o Lido Café.

Quando chegam, Jay abre a porta do café, com a câmara ao pescoço. Veste umas elegantes calças cinzentas, camisa branca, gravata cinzento-clara, e, por cima, uma gabardina azul-marinho. O cabelo até parece ter sido penteado. Kate nunca o tinha visto tão bem arranjado.

— Oh, são vocês as duas! — diz, quase chocando com elas e cobrindo a cabeça com o capuz da gabardina.

Dá um beijo a Rosemary e fica um instante a olhar para Kate antes de a beijar também. Ela sabe que o vestido rosado lhe evidencia as ancas. Mas desta vez não se importa.

— Vou lá fora fotografar as flores e o quadro preto antes que as letras desapareçam completamente — diz. — Belo dia para um casamento.

Entram e são recebidas por *Sprout*, que abana a cauda de lacinho branco na coleira.

— Olha-me só para ti — diz Kate, baixando-se para afagar o cão que se encosta a ela, deixando pelos alourados sobre o tecido cor de framboesa do vestido dela.

O café está diferente, as mesas encostadas formam duas longas filas ladeadas por jarras de peónias brancas em cima de pilhas de

livros velhos. Flores brancas em papel pendem do teto como luas, e velas acesas tremeluzem dentro de lanternas de vidro no parapeito da janela. Delas se vê o lido, vazio, cinzento e agora sob uma chuva intensa. A sala está repleta de convidados, a conversar e a beber champanhe, e de ruído de gargalhadas.

Kate e Rosemary felicitam Jermaine e Frank junto ao bar. Jermaine está de fato azul-marinho; o de Frank é cinzento e ambos têm flores nas lapelas. *Sprout* consegue encontrá-los no meio da multidão e senta-se aos pés deles, fitando-os com os seus olhos castanhos e meigos.

— Isto está lindo! — exclama Kate.

— Queríamos dizer os votos junto à piscina, mas pelos vistos temos de desistir — diz Jermaine olhando pela janela. — Pensámos que casando no verão evitaríamos a chuva! Mas enfim, estamos em Inglaterra.

— Gosto deste ambiente, é acolhedor — diz Frank, puxando Jermaine para si e beijando-lhe a área da face que a barba não cobre.

— O lido nunca esteve tão encantador — diz Rosemary, olhando por cima das flores e das velas para a chuva a cair na superfície da piscina.

Frank estende-lhe uma taça de champanhe.

— Oh, não sei se deva. Nem me lembro de há quanto tempo não bebo champanhe — recusa Rosemary.

— Insistimos — diz Frank, colocando a taça nas mãos de Rosemary e envolvendo-as com as suas.

— Pronto, está bem.

Kate e Rosemary vão para o fundo da sala.

Rosemary senta-se para aliviar a dor nos joelhos.

— De certeza que está bem? — pergunta Kate. Rosemary teima que está e Kate volta para junto do grupo, sem se afastar muito.

Rosemary vê Kate conversar animadamente com Frank e Jermaine e pensa como ela está diferente da jovem desajeitada e nervosa com quem falou aquela primeira vez no deque do lido.

Há algumas crianças no casamento, que correm por entre os adultos ou se escondem debaixo das mesas para brincar num

mundo de toalhas e tornozelos. A condensação acumula-se nas janelas do café, o champanhe aquece ainda mais os corpos quentes.

Kate ri com um grupo de amigos de Jermaine, ela própria surpreendida com o barulho e com a sua autoconfiança. Aguarda a ansiedade que em geral chega quando está entre tantos desconhecidos, mas ela não vem, nem eles parecem desconhecidos. Olha para o lido e para Rosemary de vez em quando — e o que vê transmite-lhe segurança. Deixa-se entontecer ligeiramente pelo champanhe.

A cerimónia é curta e informal e é um empregado quem sugere que talvez esteja na altura de Frank e Jermaine dizerem os votos, pois a comida está quase a ser servida. Os convidados tomam os seus lugares em volta da mesa, e Frank e Jermaine deixam o balcão do café. *Sprout* parece sentir a mudança de ambiente e corre por baixo da mesa para junto deles. Os pais pegam nos filhos e sentam-nos ao colo. Todos se calam.

— Aceito-te como és, amo quem és hoje e quem ainda venhas a ser — diz Jermaine numa voz trémula.

Ao falar pensa na sua mãe, já falecida, e no quanto ela chorou quando soube que o filho nunca se casaria.

— Prometo escutar-te e aprender contigo, apoiar-te e aceitar o teu apoio.

Pensa na livraria e no que ela significa para ambos, apesar da pressão e das noites mal dormidas que muitas vezes implica. As paredes da relação deles são feitas de livros.

— Celebrarei as tuas vitórias e chorarei as tuas perdas como se fossem minhas. Amar-te-ei e acreditarei no teu amor por mim ao longo dos anos que nos restam e do que a vida nos reserva.

Rosemary desata a chorar, as lágrimas correndo-lhe silenciosamente pelo rosto como a chuva que goteja contra as janelas. Chora por George, por todos os anos que viveram juntos e por tudo o que a vida lhes trouxe. Mas também chora outro tipo de lágrimas... lágrimas de felicidade por estar viva, por ver as velas e as flores e o lido vazio à chuva e por ouvir os votos eternos de um outro casal.

— Tudo o que possuo neste mundo é teu — diz Frank. — Quero sustentar-te e amparar-te, confortar-te e cuidar de ti, proteger-te e abrigar-te, todos os dias da minha vida.

Não é só Rosemary que está a chorar — Frank e Jermaine estão ambos em lágrimas, tal como a maioria dos convidados. *Sprout* ladra ruidosamente, ajudando a sala a descontrair e a rir.

Jermaine enxuga os olhos e beija o marido, certo de que nunca se cansará de o tratar por esse nome.

CAPÍTULO 44

Na segunda-feira, Kate sente falta de Rosemary na piscina. Faz as suas braçadas matinais em silêncio e, à medida que se vai deixando absorver pelos seus pensamentos, também o seu corpo se vai entregando à água aos poucos. Em seguida, cumprimenta com um aceno de cabeça os clientes assíduos, mas não trocam palavras, cada um embrenhado na sua vida. O verão espreita por cima das paredes do lido. As árvores estão carregadas de verde e a luz da manhã é dourada e envolta em bruma.

Kate lembra-se de nadar quando era pequena nas férias de verão. Antes de aprender a ser envergonhada, a mãe vestia-lhe um fato de banho da *Minnie Mouse* e ela ia já com ele vestido até Bournemouth, sempre que visitavam os seus avós. Erin sentava-se ao seu lado no banco de trás do carro, o biquíni azul a aparecer debaixo da roupa. Passava a maior parte da viagem a enviar mensagens e a ouvir música, mas juntava-se a Kate na alegria de ver o mar.

— Já vejo o mar, já vejo o mar — gritavam, apontando para o azul-prateado que brilhava ao sol. Estacionavam no topo da arriba e olhavam para a praia lá em baixo, onde as crianças lhes pareciam seixos coloridos a construir castelos de areia ou aos saltos à beira-mar. A água estava sempre fria, tal como a do lido. Mas o frio podia ser tão delicioso como os gelados *Mr Whippy* num dia de calor. Os avós de Kate e Erin enterravam moedas na areia para elas encontrarem. Erin esquecia-se de que era uma adolescente nessa busca intemporal de dinheiro de algibeira. Em seguida, Erin,

entusiasmada, pegava na mão da irmã e corriam as duas para o mar, as pernas muito mais curtas de Kate fazendo-a tropeçar pelo caminho.

Enquanto elas nadavam, a mãe e os avós sentavam-se atrás de um corta-vento às riscas azuis e amarelas, a avó de anoraque e passando por todos um termo com chá, estivesse o tempo que estivesse.

Kate e Erin iam para a borda de água e enfiavam os pés o mais fundo possível na areia molhada, enquanto as ondas iam e vinham, até precisarem de fazer um grande esforço para desenterrar as pernas, com um barulho semelhante ao da gelatina a desenformar-se. Na espuma branca pulavam e dançavam, saltando por cima das ondas ou furando-as, destemidas, sentindo o gosto a sal nos lábios quando a água lhes salpicava o rosto. Por vezes, o avô passava por elas a nadar um *crawl* perfeito paralelamente à praia e as duas olhavam-no cheias de admiração, até ele ser apenas um ponto castanho a balouçar nas ondas.

Quando se lembra da avó a tomar conta delas, Kate pensa em Rosemary. Apercebe-se de que o seu jeito para nadar voltou e sente falta da orientação e da companhia da amiga. Depois de se secar, pergunta por ela na receção.

— Não há Rosemary hoje? — pergunta a Ahmed.

— Hoje não — responde ele.

Kate pergunta a si mesma se Rosemary não terá bebido demasiado champanhe no casamento. Telefona-lhe e deixa mensagem, mas depois vai para o trabalho e não pensa mais no assunto.

No entanto, no dia seguinte, Kate volta a nadar sozinha. Pergunta outra vez a Ahmed se viu Rosemary. Ahmed abana a cabeça.

— Não, não a vi. Nunca tinha faltado dois dias seguidos... nunca. Ellis veio cá nadar ontem à noite e disse que também não a

viu no mercado. E segunda-feira é o dia em que ela vai às compras. Estará tudo bem?

Quando sai do lido, Kate liga a Phil e diz-lhe que vai chegar atrasada ao trabalho, mas que compensará saindo mais tarde. Atravessa a rua em direção ao apartamento de Rosemary, o medo a apressar-lhe o passo e o pânico a entupir-lhe a garganta como alcatrão. Não consegue deixar de pensar no avô.

No verão em que Kate fez oito anos, a família foi visitar os avós. A avó foi à ginástica e os outros ficaram em casa: Erin no andar de cima a ler um livro e a mãe delas no corredor a fazer um telefonema de trabalho que parecia durar uma eternidade. O avô de Kate estava no jardim a cuidar das suas petúnias.

Do seu lugar, aninhada no sofá em frente à televisão, Kate via apenas o topo da cabeça do avô pela janela. De vez em quando deixava de o ver, sempre que ele se inclinava para regar as flores. Ela quis ver o *Tom e Jerry*, embora no seu íntimo achasse uma vergonha não sair de casa num dia de sol, mas saboreando o luxo de estar sozinha. No calor da sala adormeceu e sonhou que era um rato a perseguir um gato.

Quando acordou, olhou para a janela à espera de ver o topo castanho da cabeça do avô. Mas ele não estava lá.

Resolveu ir ter com ele ao jardim e saiu aturdida pela porta que dava para o pátio. A criada do *Tom e Jerry* começou a gritar e Kate ouviu-a bater com a vassoura no rato animado no instante em que viu o avô, caído de costas em cima do canteiro. Tinha os olhos abertos e a pá caíra na terra ao seu lado.

Ouviu a porta da rua fechar-se e a avó chamá-la a ela e à irmã.

— Fiz bolo xadrez — disse, aparecendo atrás de Kate com um tabuleiro nas mãos.

Soltou um grito e deixou cair o bolo na relva, chorando e correndo para o canteiro. Foi então que Kate percebeu e também começou a chorar. Nunca mais foi capaz de comer bolo xadrez.

Agora Kate protege-se do sol com as mãos e ergue os olhos para a torre de apartamentos, tentando detetar sinais de vida na varanda de Rosemary. O pau da bandeira está vazio, não há fato de banho a balouçar ao sabor da brisa.

Kate prime o número no teclado plano junto à porta e aguarda. Uma jovem empurra um bebé a chorar no balouço do parque infantil contíguo ao prédio. Kate volta a carregar na tecla e a aguardar.

Ao fim de uns minutos, ouve no intercomunicador uma voz quase impercetível devido aos gritos do bebé.

— Sim? — pergunta muito baixo.

Kate expira, aliviada ao ouvir a voz de Rosemary.

Há uma pausa antes de a porta se abrir com um zumbido.

A porta da casa de Rosemary já está aberta quando Kate lá chega. Empurra-a. As cortinas que dão para a varanda continuam fechadas e a sala está às escuras. Há um leve cheiro a urina, mas Kate finge não notar

— Não acenda a luz — diz Rosemary, do sofá.

Os olhos de Kate demoram um momento a adaptar-se à escuridão, pilhas de lenços de papel brancos encontram-se espalhados pelo chão e ela distingue o corpo de Rosemary dobrado sob uma manta no pequeno sofá. A cabeça está apoiada no respetivo braço. Assim aninhada, parece minúscula, uma cria cuja pelagem ainda não cresceu.

— Que aconteceu, Rosemary? — pergunta Kate, fechando a porta e avançando para ela, com o cuidado de não esbarrar na mobília.

— Não aconteceu nada — responde Rosemary. — Envelheci.

Kate ajoelha-se junto ao sofá e põe a mão sobre a testa de Rosemary. A pele está seca apesar da febre.

— Há quanto tempo é que não come? Nem bebe água?

Rosemary abana a cabeça, mas não diz nada.

— Ligou para o médico? — pergunta Kate, enquanto vai à cozinha encher dois copos com água.

Abre o frigorífico e olha lá para dentro. Está vazio, o que lhe recorda as palavras de Ahmed quando disse que, segundo Ellis, ela não tinha ido ao mercado naquela semana. De volta à sala, Kate pousa os copos com água em cima de uma mesa pequena. Ajuda Rosemary a sentar-se e encosta um copo aos lábios da amiga. Ela não responde à pergunta acerca do médico. Kate espera que Rosemary beba os dois copos de água antes de se dirigir para o

telefone para ligar para o centro de saúde local. Fala calmamente, mas depressa.

— O médico vem já aí — diz, depois de desligar.

Na escuridão, arrebanha os lenços de papel e deita-os no caixote do lixo. Põe a chaleira ao lume e prepara um chá com dois cubos de açúcar. Enquanto esperam pelo médico, Kate tira as chaves de Rosemary do saco de natação junto à porta e vai a correr à loja da esquina. Rosemary não dá por nada... Adormeceu.

Kate regressa trazendo latas de sopa, um pão, um litro de leite e ovos. Enquanto Rosemary dorme no sofá, coze um ovo, aquece sopa e corta as torradas às tiras. Kate ajuda-a a comer, molhando as torradas na gema do ovo e passando-as a Rosemary, que as come devagar com as mãos trémulas. Rosemary deixa cair um pouco de pão em cima da manta. Kate apanha-o e põe-no na borda do prato.

Kate quer dizer qualquer coisa, assegurar-lhe de que vai ficar bem, mas o constrangimento de Rosemary é notório. Abre a porta da varanda e tapa a janela só com a cortina, deixando a brisa atravessar o tecido fino.

— Tenho frio — diz Rosemary, puxando a manta para cima.

— É da febre — responde Kate. — E precisa de ar fresco.

Kate arruma a sala enquanto Rosemary vai adormecendo e acordando. Por fim, o médico toca à campainha. Kate recebe-o e leva-o até ao sofá.

— É sua avó? — pergunta ele.

— Não, é minha amiga.

— E há quanto tempo está doente?

— Estou a ouvir tudo, sabiam? — reclama Rosemary.

— Desculpe, senhora Peterson — diz o médico, ajoelhando-se ao lado dela e abrindo a mala. — Há quanto tempo está doente?

— Desde domingo à noite. Pensei que era só do champanhe. Fomos a um casamento. Não bebíamos champanhe há muito tempo.

Ele examina-a e, em seguida, levanta-se.

— É gripe — explica a Rosemary. Depois vira-se para Kate e diz:

— Ela vai ficar bem, mas precisa de beber muitos líquidos e de

bastante repouso. Vai precisar de cuidados... se a febre subir liguem logo para o centro de saúde. Tem filhos, senhora Peterson?

— Não.

— Eu posso tratar de si — diz Kate a Rosemary, baixando-se junto ao sofá, de costas para o médico, que arruma os seus utensílios.

— Não quero obrigá-la — responde Rosemary.

— Eu posso tratar de si — repete Kate.

Olha para Rosemary que não diz mais nada.

O médico sai e Kate telefona a Phil, pondo-o ao corrente da situação e dizendo que trabalhará a partir de casa até ao fim da semana.

— Vou só buscar as minhas coisas, está bem? — diz a Rosemary.

Antes de sair vai à cozinha e tira de cima do frigorífico o caderno de capa preta. Corre até casa, pega no portátil, no saco-cama e num saco com roupa e artigos de higiene. Em seguida, vai ao mercado pedir ajuda a Ellis.

CAPÍTULO 45

Enquanto Rosemary está doente, Kate cozinha seguindo as instruções do caderno de George. Ellis encheu vários sacos com tudo o que ia ser necessário para uma semana de receitas e não a deixou pagar nada.

— Só quero que a ponha boa — declarou.

Kate nunca tinha cozinhado tanto na vida. Manuseia com cuidado o caderno, virando cada página delicadamente e pensando no que Rosemary gostaria de comer. Há empadas e pudins, guisados e estufados. Há uma receita com o título «Sopa preferida da Rosemary», de modo que Kate resolve começar por aí. Lê e segue minuciosamente as instruções. De vez em quando tem de pedir ajuda a Rosemary numa ou noutra palavra, nos casos em que não consegue decifrar a caligrafia de George.

Rosemary mal toca na comida, mas o perfume dos cozinhados parece animá-la um pouco. Recosta-se no sofá e olha para a varanda, observando as abelhas de volta dos vasos de alfazema. Quando ela estava a dormir, Kate arrastou os vasos para junto da porta, para ela os ver mais facilmente. Mantém as cortinas arredadas e a porta entreaberta para que a brisa entre na sala. Kate também come, sentada numa almofada no chão ao lado do sofá. Rosemary não fala e Kate não quer obrigá-la, por isso, lê ou escreve no computador enquanto comem em silêncio. Volta e meia Kate vai ver a página do Facebook e a petição. Já tem cerca de um milhar de assinaturas e ela escreve um artigo curto para o jornal sobre esse triunfo. Recebe também várias mensagens de empresas locais que

querem mostrar a sua solidariedade com a campanha colocando cartazes nas montras e janelas. Jay ajuda a distribuí-los enquanto Kate trabalha no apartamento de Rosemary.

Tudo isso lhe dá esperança, mas no seu íntimo preocupa-a. Sempre que recorda a imagem do lido transformado em ginásio para uso exclusivo dos sócios, o medo entra nela como o frio pela fresta de uma janela.

À noite Kate ajuda Rosemary a arranjar-se para dormir. Vira-se de costas quando ela muda de roupa. O corpo nu da amiga visto à luz fraca do quarto é diferente do que se vê sob o clarão fluorescente do vestiário da piscina. Aqui pode haver menos luz, mas ela parece mais nua.

Rosemary usa pijamas masculinos com botões. As mangas da camisa estão arregaçadas quase até ao cotovelo. Kate ajuda-a a deitar-se e tapa-a, entalando os lençóis em volta do corpo dela. Rosemary vira-se para o lado e fita a parede. Kate certifica-se de que o copo com água e a fotografia de George estão na mesa-de-cabeceira e, em seguida, fecha a porta sem fazer barulho.

Na sala, Kate desdobra o saco-cama em cima do sofá e enfia-se lá dentro. Ainda pensa ir buscar um livro à estante para folhear antes de adormecer, mas não quer perturbar a ordem dos títulos — cuja lógica só Rosemary conhece. Mantém a cortina que dá para a varanda aberta para poder ver o céu e o brilho dos candeeiros da rua até adormecer.

Hope telefona várias vezes ao longo da semana; não se vacinou contra a gripe, por isso, Rosemary não a deixa ir lá pessoalmente. Rosemary leva o telefone para o quarto e fecha a porta enquanto conversam. Kate ouve-a sussurrar do outro lado da porta enquanto se lava e prepara um bule de chá. Enquanto espera que ela acabe de conversar, envia uma mensagem a Erin que está ansiosa por saber como vai a saúde de Rosemary e se ela já melhorou.

«Mel e limão», escreve Erin. «Lembras-te de a mãe nos dar isso quando éramos pequenas? Resultava. Beijinhos.»

Kate adiciona uma colher de mel e umas gotas de limão ao chá de Rosemary.

A meio da semana Jay faz-lhes uma visita. Leva café para Kate e flores para Rosemary. Tira das prateleiras da estante a que Kate não chega livros para Rosemary ler e empilha-os junto ao sofá onde ela passa, os dias, depois de o saco-cama de Kate estar dobrado e arrumado por baixo da janela.

— Estás a ser fantástica — diz a Kate ao despedir-se —, as flores também são para ti.

São goivos brancos e cor de rosa e deixam o perfume do verão no apartamento.

Ao fim de uma semana, a temperatura de Rosemary regressa ao normal e ela volta a ter apetite.

— Obrigada — diz.

Estão sentadas na sala, ambas a ler, Rosemary no sofá e Kate no chão. Rosemary pousa o livro e passa uma mão pelas costas de Kate.

— Obrigada — repete. — É uma sorte ter uma amiga como a Kate.

— Não tem nada que agradecer — responde Kate, subitamente emocionada ao sentir a mão de Rosemary no seu ombro. — Ainda bem que melhorou.

Rosemary fica uns instantes calada a olhar pela janela.

— Acho que estamos a ficar sem tempo — diz, num tom suave.

Kate vira-se de frente para ela. Perdeu algum peso durante a semana, mas a cor voltou ao seu rosto e tem os olhos novamente azuis e não do cinzento indefinido dos últimos dias.

— Que quer dizer com isso? — pergunta.

— O lido — replica Rosemary indicando a janela com a mão. — Sei que me disse que a petição tem cada vez mais assinaturas, mas já passou uma semana desde o protesto e, o quê, um mês desde a reunião?

Kate não sabe o que dizer. Sente-se exausta, mas a necessidade de tranquilizar Rosemary, e talvez de se tranquilizar a si mesma, domina-a.

— Não se preocupe — diz, animada. — Ainda há muito tempo. O mais importante agora é pôr-se boa.

Antes de Kate sair, Rosemary vai, com alguma dificuldade, à cozinha buscar qualquer coisa.

— Quero que fique com isto — declara. — Tenho-as todas na cabeça. Cozinhou para mim, agora quero que cozinhe para si.

E entrega a Kate o caderno de capa preta com as receitas de George.

CAPÍTULO 46

Na semana seguinte, de regresso ao trabalho, Kate tenta afastar as palavras de Rosemary sobre o lido ter o fim anunciado. Durante o fim de semana várias associações locais, escolas, grupos de jovens e mesmo uma banda, formada quando todos os membros viviam em Brixton, partilharam a petição que contava agora com mil e quinhentas assinaturas. Na segunda-feira, Kate escreve um artigo a esse propósito.

No escritório, um pato de borracha repousa, orgulhoso, na secretária de Phil. Kate ofereceu-lho após o protesto, quando a imagem da piscina cheia de patos saiu na primeira página. Encantado, chamou ao pato *Debbie* e ri para consigo sempre que olha para ele.

Não há dúvida de que o protesto ajudou a angariar alguns apoios, mas ainda não havia resposta da câmara. Kate pergunta-se o que terão eles pensado quando os patos foram entregues no edifício da câmara. Imagina o vogal de meia-idade a abrir a caixa e a tirar dela um sorridente pato de borracha; a ideia fá-la sorrir.

— Bom dia — diz Jay, trazendo três cafés, um para ele, um para Kate e um para Phil.

Sentam-se a trabalhar sob o olhar atento de *Debbie*, que exhibe um sorriso espantado na sua face de borracha.

Às treze horas, Jay passa pela secretária de Kate e convida-a para almoçar.

— Voltaste a ler-me o pensamento — responde ela, tirando a mala de mão de cima da secretária.

Perguntam a Phil se quer fazer-lhes companhia mas encontram-no ao telefone, uma expressão preocupada no rosto arredondado.

Kate e Jay saem do escritório para a avenida principal. O sol aquece os ombros de Kate. Ela respira fundo: sabe que o ar está cheio de gases de escape dos autocarros que vão passando, mas ao sol parece limpo e doce. Conversam pelo caminho sobre as suas famílias, as cidades onde nasceram e a beleza de Londres no verão.

— É como se cada pessoa ficasse três quilos mais leve — diz Jay.

Não caminham, saltitam. Conta a Kate o que o verão em Londres representa para ele: cidra no Brockwell Park, deitar-se de costas na relva a ver os aviões e a tentar adivinhar qual será o seu destino. Ela concorda, diz que adora as noites em que lhe apetece sair e fazer qualquer coisa em vez de ficar em casa sozinha a comer refeições prontas com o portátil à frente. Kate cala-se, perguntando-se se fez bem em dizer-lhe aquilo, mas ele limita-se a sorrir. Caminham calados durante algum tempo — com ele o silêncio é tão confortável como a conversa. Pensa que se arrepende das vezes todas em que saiu do escritório para almoçar sozinha.

Quando voltam ao escritório, Phil está de olhos fixos no ecrã do seu computador. Kate repara que *Debbie* desapareceu de cima da secretária.

— Kate, vem ao meu gabinete, preciso de falar contigo — ordena.

Phil não tem gabinete, por isso, Kate puxa uma cadeira para junto da secretária dele e das pilhas de livros e pastas que a cercam como um muro. Jay observa-os da sua própria secretária ao fundo da sala.

Phil pega num livro e examina a lombada.

— Preciso que pares de escrever acerca do lido — diz, passando a mão pela lombada, os olhos baixos.

— Que quer dizer com isso? Quem vai escrever sobre o assunto no meu lugar?

— Ninguém.

— Ninguém? Mas é uma das nossas histórias com continuidade, não podemos abandoná-la.

— Já não é uma história nossa.

— Mas acabei de escrever um artigo sobre a petição para o jornal... o seu jornal!

Phil pousa o livro.

— Essa notícia é de ontem. Amanhã já não interessa.

— Não compreendo. Pensava que gostava da história. E onde está *Debbie*?

Kate olha em volta, desejosa de ter um vislumbre de amarelo, mal conseguindo registar a loucura daquilo tudo, enquanto examina as pilhas de livros e a sala.

— A Paradise Living propôs-nos um contrato de publicidade extremamente lucrativo — responde Phil em voz baixa. — É irrecusável. Seria diplomático abandonarmos a história.

Kate sente o estômago tenso. Tem medo de desatar a chorar, o que acha absurdo.

— Diplomático? Como pode dizer uma coisa dessas? Depois de todos os artigos que escrevemos sobre a Paradise Living e de como ela está a destruir o Brixton que conhecemos e amamos. Foi o Phil que me pediu para escrever esta história, não se esqueça! Isso não é sermos diplomáticos, é vendermo-nos.

Sabe que a voz sai do seu corpo mais alta do que seria de desejar. Jay olha para ela, meio levantado, como se quisesse dizer alguma coisa.

Phil volta a pegar no livro e depois bate com ele na mesa.

— Vendermo-nos? Este jornal não é teu, Kate. Achas que os jornais regionais ganham dinheiro? Não, não ganham. É uma sorte teres aqui emprego.

Gesticula, aponta para Kate e Jay e depois para si próprio.

— É uma sorte *eu* ter este emprego. Fiz o meu melhor, mas é assim que o mundo funciona. As pessoas que põem anúncios é que pagam os nossos salários. Deixa-te desse raio dessa ingenuidade.

Kate estremece, os olhos cheios de lágrimas prestes a correr.

— E acho que também deves pôr fim ao teu envolvimento no caso — continua Phil —, não está certo os nossos anunciantes

verem um dos meus jornalistas de cartaz na mão. Acho que te deixaste envolver demasiado... tu *trabalhas* aqui, Kate.

Ela levanta-se, toda a tremer. Jay também está de pé.

— Creio que já chega — diz Jay, num tom firme.

— Também acho — replica Phil, virando-se na cadeira de modo a ficar de costas para a sala. — Podes tirar a tarde, Kate. Vemo-nos amanhã.

Kate sai do escritório lavada em lágrimas, lágrimas de raiva que, ao fim de uns passos, se tornam lágrimas de pânico. O seu pânico está associado às palavras de Phil, que surgem repetidamente no seu espírito, mas é mais do que isso, é uma sensação de descontrolo que gira em espiral na sua direção. Atinge-a à porta do Sainsbury's e ela cai ao chão.

É assim quando se vê uma pessoa cair. Pensamos que os ossos e a pele são suficientes para sustentá-la, mas quando ela desaba apercebemo-nos de que não somos feitos de um material suficientemente forte. Ser humano é quase como ser uma teia de aranha em plena tempestade.

As lágrimas de Kate não são lágrimas delicadas que ela possa desconvocar respirando, fungando e erguendo depressa os olhos. São lágrimas profundas, sofridas, que lhe magoam o corpo.

São lágrimas violentas que a fazem tremer e sufocar como um animal torturado. O cérebro ordena-lhe que pare, que pare por favor, mas o coração escapa-se-lhe pelos olhos. O nariz dela está a pingar e o suor cobre-lhe o corpo. Ela é um brinquedo de peluche nos dentes de um cão raivoso que não para de a sacudir.

As pessoas que passam por ela parecem embaraçadas por a verem chorar sentada no passeio, incapaz de se mexer. Olham para Kate como quem olha para um ecrã de televisão. A vida normal é de repente um espetáculo intrincado. As pessoas que caminham a rir na companhia de amigos, ou se dirigem, apressadas, às escadas rolantes, parecem atores talentosos tentando chegar ao final do dia

representando a vida com uma convicção que Kate, de repente, não consegue sentir.

O Ataque do Pânico não é uma luta que ela se julgue capaz de vencer. Em vez disso, continua à espera de que a ofensiva termine.

Por fim, uma mulher a empurrar um carrinho de bebé repara nela e pergunta-lhe se está bem.

— Estou ótima — responde Kate.

Porque faria alguém alguma coisa se ela respondesse que não? Senta-se no chão a chorar.

— Kate.

A voz é como uma mão estendida, incentivando-a com delicadeza e recordando-lhe onde se encontra. Levanta a cabeça. Rosemary inclina-se para ela, apoiada no carrinho das compras, uma expressão preocupada no rosto. E naquele momento não há ninguém no mundo que ela gostasse mais de ver.

— Já passou — diz Rosemary e, quando Kate se levanta, estende-lhe os braços e aperta-a contra si com força, com ferocidade.

E Kate recupera o controlo.

CAPÍTULO 47

Kate senta-se no sofá com as pernas debaixo dela e aceita o chá que Rosemary lhe preparou.

— Obrigada — diz em voz baixa, aquecendo as mãos no calor da chávena.

Olha lá para fora pelas portas da varanda. Uma borboleta pousa numa das alfazemas e o fato de banho de Rosemary pinga, lentamente, para o chão. O sol está alto e quente e Kate imagina-o a refletir-se na superfície do lido. Um peso imobiliza-lhe o corpo como se ela tivesse acabado de acordar de um sono profundo repleto de pesadelos.

Rosemary senta-se na poltrona diante de Kate e observa-a.

— Acho que tenho de explicar o que aconteceu — diz Kate.

Começa a contar a discussão com Phil sobre a Paradise Living e os artigos, mas Rosemary interrompe-a.

— Neste momento não quero saber o que se passa com o lido. Quero saber o que se passa *consigo*.

Kate não sabe se haverá uma grande diferença. Repara, não pela primeira vez, que só desde que descobriu o lido, ou que o lido a descobriu, é que realmente começou a viver. Quando flutua na água fria, é como se a percepção de si própria e todas as ansiedades que ela encerra flutuassem também. Dentro da piscina não é Kate, é apenas um corpo rodeado e protegido pela água e pelo sol. A água fá-la sentir-se capaz de tudo.

— Comecei a ter ataques de pânico quando vim para Londres — diz, lembrando-se da mãe e do padrasto a trazerem de Bristol de

automóvel com todas as suas coisas, embrulhada no edredão porque este não cabia em lado nenhum.

O entusiasmo dela cresceu à medida que se foram aproximando da cidade e da sua casa nova. Até ficarem parados num engarrafamento achou emocionante. O trânsito dali era diferente do de Bristol, com os seus autocarros vermelhos e táxis pretos como carochas.

— Sempre fui ansiosa, mas tudo se agravou desde que estou em Londres — diz. — Adorei a cidade e continuo a adorá-la. No entanto, depressa dei por mim cheia de medo.

Depois de os pais partirem, resolveu deixar o desfazer das malas para mais tarde e foi dar uma volta. Queria cheirar os novos perfumes e sentir os passeios quentes debaixo dos pés. Em Londres, as pessoas caminhavam mais depressa e deu por si a acelerar para as acompanhar. Adorou a melodia dos passos, dos automóveis e dos autocarros, adorou os cinemas com os títulos dos filmes anunciados em letras altas, adorou o cheiro a especiarias e café na Brixton Village, absorveu tudo isso até se sentir inundada, incapaz de absorver mais, e num instante começou a olhar para os pés em vez de olhar em volta; Londres tornou-se uma amálgama de pés e passeios. De vez em quando, levantava a cabeça e achava o que via aterrorizador.

— Não sei explicar quando é que acontece — continua. — Penso no meu pânico como uma criatura que anda sempre atrás de mim e, de repente, me dá um pontapé nos joelhos. Mas também parece viver dentro de mim... às vezes, acho que ele quer destruir-me.

Pensa nas pessoas com quem vive e não conhece de todo. Pensa nas pessoas que segue no Facebook e pela primeira vez pergunta-se se elas estarão mesmo a divertir-se ou se carregam aos ombros a insegurança agarrada aos pescoços delas, como uma criança.

Rosemary observa-a.

— Melhorou. Sinto-me realmente muito melhor. Mas ainda me ataca de vez em quando. Desculpe, estou envergonhada.

— Não tem de sentir vergonha — diz Rosemary. — Veio cá quando eu estava em péssimo estado, nem pôr-me de pé conseguia. E cuidou de mim. Não tem de sentir vergonha nenhuma.

Kate chora baixinho, as lágrimas escorrem-lhe pelo rosto sem ela dar por isso.

— Falou do assunto à sua família?

— Falei com a minha irmã quando ela me veio visitar — responde Kate, lembrando-se da mão dela a agarrar a sua na borda do lido. — Mas demorei muito tempo e ainda não disse nada à minha mãe nem ao meu padrasto. Não quero preocupá-los.

Imagina-se de novo em Bristol com Erin, quando eram pequenas e ainda viviam juntas, e um sentimento de aconchego invade-a como a água a encher uma eclusa. Por vezes, apetece-lhe flutuar nessa sensação e regressar depressa ao passado. Pergunta-se se Rosemary sentirá o mesmo e estende-lhe a mão.

Rosemary aperta-a, a pele seca mas quente. Não a larga. Ficam assim algum tempo, de mão dada na serenidade da sala de Rosemary. Ambas sentem alívio, as mãos recordando a cada uma qualquer coisa que as duas quase tinham esquecido. Rosemary sente o calor de Kate subir-lhe pelos dedos e entrar-lhe nas veias, como o cordão de lã que une as luvas de uma criança, impedindo-as de se perderem.

A campainha da porta toca. Rosemary levanta-se e dirige-se devagar ao intercomunicador, escuta e em seguida carrega no botão. Minutos depois ouve bater à porta do apartamento. Rosemary abre-a e Jay entra atrás dela na sala.

— Fui primeiro a tua casa — diz. — Esta foi a minha segunda opção. A seguir tentaria o lido.

Kate endireita-se no sofá, limpando a cara, sabendo que tem duas manchas de rímel sob os olhos.

— Encontrei-me — diz em voz baixa.

— Vou preparar-lhe um chá, Jay — anuncia Rosemary dirigindo-se à cozinha, onde abre e fecha armários e gavetas fazendo mais barulho do que o necessário, na opinião de Kate.

— O Phil passou-se — diz Jay, sentando-se no sofá ao lado de Kate.

Olha-a fixamente enquanto fala, os olhos brilhantes como os de uma criança.

— Não devia aceitar o dinheiro e não devia ter-te dito o que disse. Mas que se lixe. Tenho uma coisa mais importante para te dizer. Acabei de receber um telefonema do *Guardian*. Um jornalista que trabalha lá vive em Brixton e ouviu falar do protesto. Querem comprar uma das minhas fotografias para o jornal. Gostam da história... antigentrificação, espírito comunitário numa grande cidade, patos de borracha...

Fala depressa e Kate sente o corpo dele vibrar junto ao seu.

— O *Guardian*? — pergunta, tentando imaginar o que seria ver o seu nome impresso num jornal nacional.

Imagina o que a sua mãe e Erin diriam, como ficariam emocionadas.

— Mas isso não é tudo: querem um artigo de opinião a acompanhá-la. Um artigo sobre o lido, o que ele representa para as pessoas e de que modo a comunidade está a lutar pela sua preservação. Disse-lhes que conhecia quem o fizesse, mas que precisava de consultar essa pessoa primeiro. Tratas disso, não tratas, Kate?

E, em seguida, beija-a. Segura o rosto dela entre as mãos. Kate fica tão espantada que não mexe as dela. Jay solta-a e recua, pasmado.

— Desculpa — diz. — Não sei o que me deu. Estou só empolgado, e também furioso.

— Costumas beijar as pessoas quando estás furioso? — pergunta Kate.

— Nem sempre.

Riem os dois. O calor atravessa-a como se tivesse acabado de beber um gole de uísque. Não sabe bem o que pensa do beijo, ou dele, mas não se importa — sente-se confortável e segura, e o calor enche-lhe o corpo de cócegas. Rosemary aparece com um tabuleiro nas mãos.

— Dê cá isso — diz Jay, levantando-se e pegando no tabuleiro com o bule e a caneca.

— Tem de me ajudar a convencer a Kate de que é brilhante: o *Guardian* convidou-a para escrever um artigo sobre o lido.

— Kate, que maravilha — diz Rosemary, olhando-a com orgulho.
— Um artigo assinado num jornal nacional!

Kate cora.

— Não sei se consigo — diz em voz baixa. — Só costumo escrever sobre cães e gatos desaparecidos.

Lembra-se do primeiro dia do seu mestrado em jornalismo e do tom confiante com que os seus colegas de curso falavam das suas vitórias — e de quantas elas eram. Para eles o mundo era algo para se conquistar e estavam determinados a obter dele o que queriam, o que mereciam. Sentiam orgulho pelos seus nomes e o direito a vê-los impressos: o que Kate nunca sentiu em relação ao dela. Recorda as aulas em que tinham de criticar o trabalho uns dos outros. Os comentários e as opiniões fluíam facilmente dos seus colegas, mas nas palavras deles ela não via observações sobre uma coisa que ela criara, exterior a si própria, apenas ataques pessoais. Era-lhe impossível destrinçar o que escrevia de quem era.

— Oh, não, escreve sobre muitas outras questões — diz Rosemary, dirigindo-se discretamente para a estante.

— Diga lá que isto é sobre gatos e cães — desafia Rosemary, estendendo a Kate um caderno com recortes.

Tem uma capa lisa e vermelha e Kate vê cantos de papel de jornal a aparecer por baixo. Abre-o e depara-se com palavras suas: todos os seus artigos sobre o lido cuidadosamente colados nas páginas. Os seus outros artigos também lá se encontram, todas as histórias que escreveu desde que Phil lhe deu essa oportunidade e ela começou a contar histórias verdadeiras no jornal. Imagina Rosemary a recortar cada página, cujas margens ligeiramente irregulares denunciavam o estremecimento das suas mãos. Não faltam as imagens de Jay. Kate olha para as fotografias de Rosemary e dos outros nadadores a sorrir ou fitando a câmara com um ar provocador.

— Sabe fazer isto, Kate — diz Rosemary. — Contar a nossa história.

— Só se me ajudar — replica Kate.

Jay aclara a garganta.

— Acho que vos vou deixar trabalhar — declara.

Olha para Kate por instantes, como se fosse dizer mais alguma coisa, mas em vez disso faz uma vénia a ambas, sabendo que o mais importante para já é deixar Kate começar a escrever o seu artigo.

Depois de a porta se fechar com um ligeiro estalido, sentam-se as duas ao lado uma da outra no sofá e Kate tira o portátil da mala, tentando não pensar em Jay e no beijo.

— Não quero escrever apenas sobre as minhas razões para gostar do lido — diz. — Acho que devo contar também a sua história... sua e do George.

Rosemary sorri e anui com a cabeça, espreitando a fotografia dela com George no dia em que se casaram, dois rostos que lhes sorriem.

Enquanto Rosemary fala, Kate escreve e à medida que a escrita avança vai descontraindo, como se estivesse a comer uma sopa nutritiva e ficasse mais forte a cada colherada. Bebem vinho, conversam sobre o lido, George e as pessoas que lá conheceram. Quando finalmente o artigo fica pronto, Kate guarda o documento com o título «O Lido» e envia-o logo por *mail* para Jay antes que mude de ideias.

CAPÍTULO 48

Depois de Kate ir para casa, Rosemary escolhe um disco e decide ouvi-lo. Raramente ouve música sozinha, mas esta noite deixa-a reverberar pelo seu apartamento. Imagina os vizinhos a empertigar as orelhas, admirados. Talvez pensem que a vizinha idosa já morreu e os inquilinos são agora um jovem casal — a única explicação credível para as canções dos Beatles que ecoam pelas paredes.

Coloca a capa do *Please Please Me* em cima da mesa e fita os rostos dos quatro rapazes que a olham do topo de um lanço de escadas.

O amor de George pelos Beatles espantava-a. Ele não gostava da agitação em volta deles — de uma maneira geral não gostava de agitação. Comprou o disco um dia quando ia da frutaria para casa, com o álbum e um saco de cenouras debaixo do braço. Puseram-no a tocar e dançaram um com o outro.

Escutar o disco fá-la pensar na Brixton desse tempo. Lembra-se dos velhos autocarros vermelhos de dois andares, tão diferentes das imitações que se veem hoje em dia. Recorda a Granville Arcade, uma explosão de cor e sabores: foi lá que ela e George provaram pela primeira vez batata-doce e quiabo. Para George os vendedores das bancas, como Ken, o pai de Ellis, não eram concorrência — conversava com todos como se fossem velhos amigos, almas gémeas que gostavam tanto como ele da terra e dos produtos que ela generosamente tem para nos oferecer. Empolgado como um cachorrinho, cheirava as cascas das mangas e verificava

a firmeza da polpa das abóboras. Enquanto ele falava de legumes, ela passeava até às outras bancas e encantava-se com os tecidos garridos das Índias Ocidentais pendurados como tiras de luz do Sol dobradas. Os títulos dos jornais surpreendiam-na sempre nessa altura: perguntava-se se os jornalistas que escreviam sobre o «problema das Índias Ocidentais» teriam alguma vez provado uma batata-doce.

Foi mais ou menos nessa altura que George começou a dar aulas no lido. Aos domingos de manhã lá ia ele para a piscina, toalha ao ombro e uma melodia nos lábios. Rosemary acompanhava-o e nadava na pista livre e depois sentava-se no deque a ver George ensinar as crianças a nadar à cão, ou *crawl*, ou debaixo de água, consoante as idades. Os mais pequenos suplicavam-lhe que lhes mostrasse como se mergulhava de cabeça. Ele colocava-se na borda da piscina e fingia tropeçar, transformando a queda num elegante mergulho. As crianças riam às gargalhadas.

Havia uma menina, Molly, que tinha medo da água. A mãe queria que ela aprendesse a nadar, por isso, mandava-a para lá com o irmão mais velho todos os domingos. O irmão saltava para a piscina e começava de imediato a nadar um *crawl* aparatoso, mas Molly ficava junto aos degraus, de testa franzida, com o seu fato de banho às flores, agarrada à escada.

Um dia, porém, resolveu arriscar e entrar na piscina. George aplaudiu-a e amparou-a, ajudando-a a flutuar. Rosemary perguntou-lhe depois da aula o que mudara.

— Ainda tenho algum medo — respondeu Molly. — Mas os outros parecem estar a divertir-se tanto. Não quis ficar de fora, por isso, mandei o meu medo embora.

Rosemary pergunta-se se o pânico de Kate alguma vez deixará de persegui-la ou se um dia ela vai aprender a mandá-lo embora. E Rosemary, de que tem medo? Pensa no lido e em George rompendo a sua superfície com o corpo ao mergulhar na água. Assusta-a a ideia de um dia acordar e sentir-se perdida — desaparecidos os lugares de que ela e George tanto gostavam.

CAPÍTULO 49

Ver o seu nome, Kate Matthews, impresso ao lado de um artigo do *Guardian* é surreal mas emocionante. Olha para ele vezes sem fim ao reler as suas palavras sobre o lido, o potencial encerramento e o amor de Rosemary e George por ele (e um pelo outro). O telefone toca duas vezes, ambas de manhã cedo. A sua mãe e Erin foram à rua comprar o jornal mal as lojas abriram.

— Ainda estou de pijama — diz Erin do telefone. — Expliquei ao empregado da tabacaria que queria comprar cinco exemplares do jornal porque ele traz um artigo escrito pela minha talentosa irmã! Até lhe disse em que página.

Nessa manhã, Rosemary cumprimenta Kate na piscina acenando-lhe com um exemplar. Já pediu a Ahmed que o recorte e ponha no placar informativo e foi ela própria afixá-lo nos vestiários. O orgulho de Rosemary e as empolgadas conversas matinais com a mãe e Erin animam Kate, fazendo-a esquecer por momentos a discussão com Phil e o medo que o lido seja encerrado. Não consegue parar de sorrir.

Ao longo da semana, o artigo de Kate e uma onda de calor trazem um maior número de nadadores ao lido. Está um calor tremendo em Brixton e as pessoas acorrem à piscina para se refrescarem ao ar livre. No sábado, várias pessoas dizem a Ahmed que leram sobre o lido nos jornais e por isso resolveram ir até lá. Ele vai distribuindo folhetos a todas as pessoas que aparecem. Geoff é entrevistado pela rádio local e depois pela Radio 5 ao vivo. A página

de Facebook, «Salvem o Lido», somou num instante centenas de gostos e a petição foi assinada por quase nove mil pessoas.

A fila para entrar prolonga-se pelo parque.

— Há horas que estamos à espera — refila uma adolescente, raspando os pés no passeio e com o saco de natação ao colo.

— Uma coisa para a qual as pessoas não fazem fila tem algum interesse? — perguntou-lhe o pai. — Uma fila grande prova que a coisa é boa. Tens de ter paciência. Anima-te.

Mandar uma adolescente ter paciência é o mesmo que mandar uma planta regar-se a si mesma. Ela fá-lo-ia se pudesse.

A adolescente aguarda na fila, concentrando toda a sua energia no ódio ao seu pai. Mais tarde, já dentro do portão, vai concentrar-se em não se divertir. De vez em quando escapa-se-lhe um sorriso, mas olha em volta, comprometida, para se certificar de que ninguém a viu contradizer-se.

Para muitas crianças, o lido é a única praia que conhecem. Deitam-se sobre toalhas estendidas no cimento e imaginam que estão a dormir em camas de areia. Não sabem que o sabor da água salgada não é igual ao do cloro.

— Não te deixes apanhar — diz um rapazinho. — És logo comido.

Os adultos são tubarões e as crianças peixes. É mais do que óbvio que as crianças não percebem porque ficam os adultos tão confusos quando elas os salpicam e fogem aos gritos. Uma menina guincha. É mais pequena do que o rapaz e, de repente, ele lembra-se do seu estatuto de Irmão Mais Velho.

— Não te preocupes — diz ele. — Tu és só um peixe, mas eu sou um golfinho. Os tubarões não comem golfinhos porque eles não sabem bem e além disso são do tamanho dos tubarões. Se nadares às minhas cavalitas estás segura.

A Maninha agarra-se ao pescoço do Irmão Mais Velho e sente-se a pessoa mais confiante da piscina.

A mãe deles observa-os e pensa na fragilidade do mundo em que os seus filhos vivem. Como será que eles o veem? Sentada junto à piscina tem um livro aberto ao colo, mas não se lembra da história; está demasiado ocupada a espreitar os filhos que brincam

na água. Irão lembrar-se de que brincaram ali quando forem mais velhos? E conseguirá ela dar-lhes uma infância capaz de ser recordada com tendo céus azuis e soalheiros?

Um homem encontra-se deitado à borda, balouçando o braço na água. Equilibra no rosto uns óculos escuros e através deles vê o céu cor de sépia. Mexe o braço lentamente na água, sentindo a ondulação que os seus dedos criam à superfície. Sonha com a Jamaica. Nunca lá foi, mas lembra-se das histórias que o avô lhe contava quando era pequeno.

No deque, Rosemary recosta-se numa cadeira de plástico e vira a cabeça para o céu. Sente o calor do sol no rosto e no peito e deixa escapar um pequeno suspiro. Dois pássaros voam atrás um do outro e um avião deixa um rasto branco para trás, como um barco a vapor. Pergunta-se para onde irá ele: talvez leve Frank e Jermaine em lua de mel. Um empregado ficou a tomar conta da loja e de *Sprout* e esta semana a montra só exhibia romances de amor.

Rosemary tenta imaginar como será viajar num avião. Iriam os seus ouvidos estalar quando o avião levantasse voo e ficaria ela assustada por não ter o chão debaixo dos pés? Que aspeto teria a sua terra vista do ar? Conseguiria localizar Brixton e o azul da piscina? Agarra com força os braços da cadeira e bate os pés no deque para se certificar de onde está. Os sons dos salpicos chegam-lhe da piscina quando um grupo de miúdos mergulha no lado mais fundo.

— Passa-me o protetor solar, por favor? — pergunta Rosemary, abrindo os olhos e virando-os para Kate, sentada na cadeira ao seu lado.

Kate está de fato de banho, com uma toalha enrolada à cintura e as pernas esticadas e cruzadas à altura dos tornozelos. Uma revista equilibra-se no seu colo. O seu rosto revela satisfação.

Para variar, depois de umas braçadas, descontraem-se junto à piscina. Está um domingo invulgarmente quente e parece que Brixton inteiro ali se encontra a descansar à beira de água. Kate

sugeriu-o a Rosemary, que recordou todos os verões passados no lido ao longo da sua vida e concordou. Ficou admirada com a sugestão de Kate de se entregarem a uma atividade tão superficial como preguiçar ao sol e achou que ia fazer-lhe bem.

Rosemary aceita a embalagem de protetor solar das mãos de Kate e espalha-o no rosto e nos ombros. Adora o perfume. No verão esfregava-o nas costas de George e gostava de sentir o corpo firme dele debaixo das mãos. Quando acabava, beijava-lhe as omoplatas, saboreando a mistura do suor com o protetor e um travo de cloro.

— Passe-me uma — diz Rosemary, apontando para a pilha de revistas ao lado da cadeira de Kate.

Kate olha para o chão e de novo para Rosemary.

— A sério? São uma treta, infelizmente — diz Kate.

— Preciso disso — responde Rosemary, recebendo a revista que Kate lhe estende. — Está demasiado calor para Shakespeare.

Pega na revista e afunda-se na cadeira, virando a capa vistosa. As duas mulheres ficam caladas algum tempo até Rosemary romper o silêncio ressonando alto. Kate olha para ela.

— O que foi? — pergunta.

— Não é nada, desculpe.

Mas ao fim de uns minutos Rosemary ronca novamente, soltando uma gargalhada logo a seguir.

— Qual é a graça? — pergunta Kate, enrolando a revista num canudo e batendo ao de leve com ele na cadeira de Rosemary.

— É por isto que vocês, jovens, se interessam hoje em dia? — pergunta Rosemary, apontando para a revista que tem nas mãos.

Endireita-a e lê em voz alta:

— «É obcecada com o seu aspeto? Consulte a página trinta e quatro. Oito truques infalíveis que todas as mulheres devem conhecer antes de aplicar base no rosto. Estas três estrelas foram com vestidos exatamente iguais a uma festa. O que acha que ele quer na cama, mas não quer. O “superalimento” que afinal engorda. O medo de falhar pode arruinar a sua vida. O que o perfil nas suas redes sociais diz sobre a sua vida amorosa»...

Há algo de absurdo no tom sério com que Rosemary lê aquelas palavras.

— Pronto, pronto — diz Kate. — Já percebi.

— Sinceramente — afirma Rosemary, quando Kate para de rir.

— Dava tudo para ter os meus joelhos de volta, mas não gostava nada de ter a sua idade agora.

— Vou nadar — diz Kate, levantando-se e atirando para cima da cadeira a toalha e a revista. — Quer que eu lhe vá buscar alguma coisa?

Rosemary abana a cabeça e com um gesto diz-lhe que pode ir descansada.

Ao observar Kate, pensa no que será que a mantém acordada à noite e a preocupa à hora de adormecer. E como era ela com a idade de Kate? Já estava casada, a viver no apartamento com George. Mas lembra-se das inseguranças. Era raro arranjar-se e sair à noite, mas cada vez que ia a um jantar, ou mesmo à festa de Natal da livraria, punha-se à frente do espelho a pedir a George que lhe dissesse se o vestido era demasiado curto ou comprido, se estava bem maquilhada e se o seu penteado era demasiado elaborado ou demasiado simples. Ele respondia sempre sorrindo-lhe e dizendo-lhe que estava linda, mas ela não acreditava. Acreditaria nele agora — era linda. Espera que Kate perceba isso antes dos oitenta e sete anos.

Rosemary fecha os olhos, o sol cor de rosa atrás delas, e escuta o rumor familiar dos mergulhos, das vozes e dos comboios do outro lado do parque até esses sons deixarem de ser barulho.

Quando acorda, Kate está a sair da piscina.

— Que tal a água? — pergunta Rosemary pegando novamente na revista e fingindo que não tinha estado a dormir.

A revista está de pernas para o ar.

— Ótima, claro — responde Kate, a sorrir.

Ambas ficam uns instantes a olhar para a água.

— Está queimada nos ombros, Rosemary. Deixe-me tratar disso.

Kate verte um pouco de protetor solar para as mãos sem dar tempo a Rosemary de protestar. Vai para trás dela e aplica suavemente o líquido refrescante na pele entre as alças do fato de banho, onde Rosemary não consegue chegar.

Sentir as mãos de Kate sobre as costas deixa os braços de Rosemary com pele de galinha. Um calor espalha-se no pescoço e desce pela coluna. Os dedos de Kate massajam devagar e Rosemary pisca os olhos, as mãos nas suas costas tornando difícil respirar. Fecha os olhos. Pequenas gotas de água escorrem do cabelo de Kate para os ombros de Rosemary, arrepiando-a. Uma brisa morna faz-lhe cócegas nos dedos dos pés e o sol beija-lhe o rosto. O seu corpo parece sorrir, cantar e chorar, tudo ao mesmo tempo.

— Vou só pôr mais um pouco. Não quero que apanhe um escaldão — diz Kate, espremendo mais creme para cima dos ombros de Rosemary e esfregando-os com delicadeza.

Na sua cadeira, Rosemary descontrai. É-lhe difícil não chorar ao sentir tocar na sua pele nua.

— Já está — diz Kate e aperta levemente os ombros de Rosemary antes de tirar as mãos.

— Obrigada — replica Rosemary, respirando fundo.

— Vou num instante mudar de roupa — afirma Kate, pegando na sua mala e dirigindo-se ao vestiário.

Enquanto ela se afasta, Rosemary levanta os olhos e repara que tem uma mancha de pele queimada entre as omoplatas.

CAPÍTULO 50

Quando Kate acorda, já há luz lá fora. Abre a janela enquanto se arranja. Ouve duas crianças a brincar no jardim vizinho antes de irem para as aulas; imagina-as a sujar os uniformes escolares enquanto brincam, ou se calhar ainda estão de pijama. Riem e gritam como macaquinhos endiabrados até a mãe os chamar para o pequeno-almoço. O som fá-la pensar em Jay e recordar o rosto dele a iluminar-se ao referir as sobrinhas e os sobrinhos. Não falam desde o beijo. Desde então, volta e meia dá com ele a olhá-la de uma maneira que a deixa pouco à vontade, mas não no mau sentido. É como se sentisse uma luz brilhante e quente a pairar em cima de si. Por vezes pensa que ele podia dizer-lhe alguma coisa, mas como isso não há meio de acontecer também não toca no assunto. Continuam a conviver como se nada se tivesse passado. Ela não sabe ao certo se isso a incomoda ou não. Pensou em ligar a Erin e falar-lhe de Jay, mas a sua própria indecisão impede-a de o fazer. Primeiro precisa de pensar bem sobre o assunto.

Um carro faz marcha-atrás na rua, a tampa de um contentor de lixo cai com grande estardalhaço e alguém grita: «Porra!»

Kate veste-se depressa, começando pelo fato de banho. Hoje em dia é para ela um modo normal de começar o dia: esticar o tecido justo sobre a pele nua e meter umas cuecas e um sutiã na mala.

Depois enfia um vestido e um casaco de malha preto e a seguir moda de ideias e troca-o por um amarelo.

Quando sai, é saudada por um céu azul que promete bom tempo. A porta da casa ao lado abre-se e duas crianças vestindo

uniformes vários tamanhos acima dos delas saem a balouçar como patinhos, seguidas pela mãe que carrega dois sacos de desporto e uma mala com livros a tiracolo. Sorri a Kate que responde sorrindo também.

— Gostamos de amarelo — diz a criança mais velha, apontando para o seu casaco. De repente, Kate repara que, exceto em uniformes escolares e funerais, é muito raro ver crianças de preto e pergunta-se porque será que o usa tanto. As roupas escuras nunca suscitam muita simpatia entre as crianças pequenas. Pensa no que usava quando a mãe começou a deixá-la escolher o que vestia de manhã: *leggings* escoceses com *t-shirts* às flores, calções cor de rosa com camisolas verde-lima, para não falar das botas de borracha com rãs que até no verão calçava. Levou muito tempo a perceber que a sua maneira de combinar as roupas não fazia sentido ou que até as roupas podiam dar um resultado certo, como uma complicada fórmula matemática.

Quando Erin foi para a faculdade, deixou de vestir uniforme e de repente a rotina matinal tornou-se muito mais longa e complicada para ela. Kate sentia o stresse escoar-se por baixo da porta do quarto da irmã, como a nesga de luz que ela costumava verificar se existia quando ia deitar-se à noite.

— Mãe, onde está a minha camisa? — gritava Erin do cimo das escadas, de *jeans* e sutiã e com a toalha encostada ao peito.

— Estava no chão do teu quarto, portanto, lavei-a. Ainda não secou.

— Mas quero vesti-la!

— Não podes pôr outra?

— Não, porque teria de mudar de *jeans* e de sapatos.

Às vezes, Kate via Erin sentada à secretária de manhã a secar uma peça de roupa com o secador de cabelo.

— Porque é que o teu *top* está molhado, Erin? — perguntava Kate à mesa do pequeno-almoço.

— Não está molhado. Está quase seco. E a culpa é da mãe.

— Não podes usar outro?

— Oh, não comeces.

A recordação faz Kate sorrir. Erin continua a preocupar-se com a roupa, mas anda muito mais descontraída. Desde a conversa durante o protesto, todos os dias enviam mensagens uma à outra. Kate telefonou a Erin na noite anterior para lhe desejar boa sorte na clínica de fertilidade, e Erin quis saber se havia progressos em relação à campanha. Sabe-lhe bem falar de forma mais franca com a irmã — como se tivesse finalmente encontrado uma amiga que existia há muito, mas em quem nunca reparara.

Kate fecha a porta à chave e inicia a sua caminhada em direção ao lido. Uma raposa atravessa a rua à sua frente e lança-lhe um olhar embaraçado, fazendo-a lembrar alguém a voltar para casa depois de uma noite a cruzar-se com pessoas que vão trabalhar. Os contentores ainda não foram despejados e o ar cheira ao lixo acumulado nos passeios. Uma flor-de-mel desabrocha à porta de uma das casas da rua, libertando um perfume celestial. Quando Kate passa por ela, pensa que a sua cidade é assim: o doce e o amargo, lado a lado.

Quando chega ao lido, a piscina está vazia. Ao sol da manhã, a sua superfície parece uma folha de alumínio. Uma camisola foi atirada para as costas da cadeira vazia do nadador-salvador.

A caminho da receção, Kate pergunta a si mesma se Ahmed terá passado nos exames. Só o saberá daí a uns meses e lembra-se bem de como a espera foi dolorosa quando fez os seus. O verão arrastou-se, carregado de expectativa, e as suas amigas dispersaram, não se queriam ver umas às outras e recordar as suas preocupações. Quando finalmente agosto chegou, ela estava demasiado nervosa para abrir o envelope castanho. Acabou por ser a Erin a abri-lo. Rasgou a margem superior do envelope como uma criança a rasgar o papel de embrulho de um presente de Natal, mas foi de uma gentileza surpreendente ao ler-lhe os resultados (mais baixos do que Kate esperava, mas suficientemente bons para entrar na universidade). Kate pergunta-se como abordará Ahmed o envelope castanho. Vai abri-lo ele próprio? Vai fazê-lo de imediato

na faculdade, ou contemplá-lo durante algum tempo antes de, receoso, rasgar o canto, com a porta do quarto bem fechada e, atrás dela, o ruído da respiração da sua família?

Quer dizer-lhe que compreende o que ele está a sentir, mas não o encontra na receção. Nem qualquer um dos colegas dele. O balcão está vazio, à exceção de um pato de borracha colocado junto à caixa registadora. Está ali desde a sessão de fotografias do protesto, mas só agora Kate dá pela sua presença. Na ausência de pessoas, parece ser o guarda do lido. Kate quase lhe pergunta onde estão todos, até se lembrar de que é de plástico.

É então que deteta movimento no café e ouve vozes no interior. Não ia lá desde o casamento de Frank e Jermaine. Pensa nas flores de papel e no laçarote ao pescoço de *Sprout* enquanto abre a porta.

— Olá lindo — diz Kate, afagando as orelhas sedosas do cão.

A cauda de *Sprout* chicoteia com força os seus tornozelos. Kate sente que há pessoas a olhá-la que ela ainda não viu. Vira-se para cima.

Estão todos aglomerados em volta das mesas do café, uns sentados, outros de pé ou encostados ao balcão: Frank e Jermaine (acabados de chegar da lua de mel), Hope, Elis. Jake, Ahmed, Geoff e os restantes empregados do lido e do café, bem como outros rostos habitualmente vistos no lido. O adolescente com o fecho da camisola corrido até ao pescoço. A jovem com o bebé a dormir encostado ao peito, a boca entreaberta deixando um pingo de baba na blusa da mãe. O rapaz que nada de costas e a instrutora de ioga, a mulher que exhibe a sua nudez no vestiário como se ela fosse um vestido de baile, os amigos que partilham gel de banho e boatos, o homem de fato de mergulho e o rapaz dos óculos de natação. E, no meio de todos eles, Rosemary.

— Estava a ver que nunca mais chegava — diz.

As mãos seguram uma caneca de chá vazia. Ellis tem uma mão pousada nas costas da cadeira dela.

— O que aconteceu? — pergunta Kate, levantando-se e largando *Sprout*.

O cão dá umas voltas debaixo da cadeira de Frank e acaba por se sentar aos pés do dono.

— Acabou-se — diz Rosemary. — Eles ganharam.

— O que quer isso dizer?

— Temos quatro semanas — responde Rosemary demasiado alto, com a voz trémula. — Quatro semanas.

Quase grita e o bebé desata a chorar. A jovem mãe levanta-se, aperta a sua menina contra o peito e embala-a suavemente. Kate nunca ouvira Rosemary gritar e fica espantada.

— Desculpem — sussurra Rosemary.

A mãe sacode a cabeça e sorri-lhe, solidária. Balouça o bebé enquanto caminha, fazendo «shshsh». Vai até ao outro lado do café, abre a porta e a luz dourada do sol banha-lhe o rosto, enquanto anda para trás e para a frente junto à piscina. Por instantes, Kate imagina que está tudo bem. O lido continua a existir, tão bonito como sempre. Talvez tenha havido um engano e possam fazer alguma coisa.

— Quem disse? — pergunta Kate a Rosemary, virando-se de frente para ela.

Cruza o olhar com Rosemary, mas mal reconhece os seus olhos tão cheios de raiva e tristeza.

— Recebi uma carta da câmara — responde Rosemary. — Enviaram uma para cá, claro, mas também outra para a minha morada. Antes nunca o tivessem feito.

— São umas bestas — resmunga Ellis, afastando-se do grupo e encostando-se ao balcão do café.

— O que vamos fazer? — pergunta Kate.

— Nada — responde Rosemary — Acabou-se.

— Não pode ter acabado — argumenta Kate.

Olha em volta para os rostos onde está gravado o desalento. Enquanto os fita, o Pânico sai do esconderijo no seu interior.

— Também li a carta — diz Jermaine — e infelizmente também penso que chegou a hora. A câmara resolveu aceitar a oferta da Paradise Living. Dizem que procuraram alternativas, mas não encontraram nenhuma. O lido tem mais quatro semanas de vida, a seguir fecha. E depois, assim que a venda se concretizar, a Paradise Living será legalmente a sua proprietária. Daí em diante poderá fazer o que quiser com ele. O que, como todos sabemos, é

fechá-lo ao público e transformá-lo num clube privado para os seus inquilinos. Fazer desaparecer a piscina e transformá-la em campos de ténis.

O estômago de Kate dá um nó. A nuvem que conseguiu afugentar durante tanto tempo instala-se em cima da sua cabeça e todo o seu corpo parece dormente. Detesta-se por ter prometido ajudar, por se preocupar, por falhar.

Ninguém sabe o que dizer, por isso ninguém fala. Kate vê Rosemary no meio dos outros, o rosto pálido e os olhos cravados na mesa. Ao fim de algum tempo Rosemary volta a falar, a sua voz agora mais baixa e trémula.

— Só queria dizer... — A sua voz estremece, por isso tosse baixinho e recomeça. — Só queria dizer obrigada.

Levanta a cabeça para Kate, fixando nela os seus olhos azuis e vivos, brilhantes das lágrimas. Ao fitá-la, também os olhos de Kate ficam rasos de água. Leva uma mão ao rosto. Em seguida, Rosemary vira-se para os outros, os amigos desgostosos que se reuniram para a ajudar a salvar o seu lido.

— Obrigada por tentarem — diz Rosemary. — Para mim é muito importante tudo o que fizeram. E eu sei que o seria também para o George.

Kate repara que a voz de Rosemary se embarga ao pronunciar o nome dele e que as lágrimas lhe voltam a nadar nos olhos. Kate lembra-se da fotografia de Rosemary e George no dia do casamento que viu em casa da amiga e do livro de receitas de capa preta que agora guarda com tanto orgulho na sua estante. Lembra-se da primeira vez que viu o lido, na capa do folheto feito por Rosemary: a fotografia de um homem a mergulhar na água tranquila.

O lido começou por fazer parte do seu trabalho, mas tornou-se muito mais do que isso. Reaprendeu a nadar mas, mais importante do que isso, voltou a viver. Ajudar Rosemary Peterson a salvar o Brockwell Lido foi uma maneira de provar algo a si mesma. Mas agora tudo terminara. Tinha falhado.

— Fizemos o nosso melhor — continua Rosemary —, o que agradeço sinceramente. No entanto, às vezes o nosso melhor não é suficiente.

Kate escuta Rosemary e sente algo partir-se dentro de si.

À sua volta, os outros fazem os possíveis por se consolar uns aos outros. Hope arrasta a cadeira para perto de Rosemary e encosta a cabeça no ombro dela, mas Rosemary não se mexe — imóvel na cadeira, olha para fora, para a água.

O grupo acaba por dispersar, com relutância: os nadadores têm de ir trabalhar ou para a escola, ou para casa. Saem do café em silêncio. Frank despede-se com tristeza e depois dá o braço a Jermaine, chamando *Sprout* para lhes fazer companhia. Ellis, Jake e Hope fazem o mesmo, aproximando-se de Rosemary e tentando encontrar palavras reconfortantes antes de desaparecerem discretamente. Rosemary ignora-os a todos, incapaz de os olhar de frente. Kate não quer deixar Rosemary sozinha, mas já está atrasada para o trabalho.

— Por favor — diz Kate, reprimindo as lágrimas ao encarar Rosemary. — Ao menos posso levá-la a casa?

Rosemary abana a cabeça.

— Apetece-me estar sozinha — explica.

Assim, Kate segue para o parque. O dia já não lhe parece tão belo. Caminha de cabeça baixa.

Uma vez sozinha, Rosemary senta-se à mesa a contemplar o lido. Vê a luz incidir sobre a água e o relógio que continuou a tiquetaquear quando o tempo parou. O nadador-salvador retoma o seu posto e a pouco e pouco a piscina enche-se de pessoas. Ao fim da manhã, um grupo de crianças da escola chega e elas riem, enchem os cacifos coloridos com as mochilas da escola e correm para a água. Algumas descem pelas escadas mas outras saltam, lançando para o ar jatos de água, como repuxos. Os professores assistem, com os braços carregados de toalhas e as pernas das calças molhadas dos salpicos. Por enquanto o lido está como sempre foi. Como Rosemary pensava que sempre seria.

Ali sentada, recorda tudo desde o início. O dia em que o lido abriu, o que significou para quem ia lá nadar durante a guerra e, em

seguida, George e tudo o que aconteceu depois de se encontrarem um ao outro no parque, em volta de uma exuberante fogueira.

O café enche por volta da hora do almoço, invadido por carrinhos de bebê e mulheres que fazem perguntas sobre a ementa vegana e casais de idosos que lá vão ler os jornais. Mas os empregados não pedem a Rosemary para desocupar a mesa: deixam-na ficar sentada com a caneca vazia à sua frente e continuam a trabalhar por ali, sentando grupos e pedindo a outros clientes que aguardem no deque. Ela mal dá pelo que se passa em seu redor; está demasiado perdida no passado. Ao olhar para a piscina vê-se a trepar o muro do lido à noite com George, recorda-o a declarar-se em fato de banho, imagina-o a saltar para a água nas aulas de natação que dava aos domingos de manhã enquanto ela o observava de fora, orgulhosa.

Quando a tarde se torna noite, o pessoal do café varre o chão e recolhe as cadeiras do deque, empilhando-as sobre as mesas. O barista desmonta a máquina de café e limpa-a, polindo com cuidado as partes metálicas. Por fim, Rosemary levanta-se lentamente, endireita as costas magoadas e faz uma careta quando sente a sua habitual dor nos joelhos, preparando-se para o curto trajeto até sua casa. Pode ser lá que vive, pensa enquanto caminha, mas o seu lar fica atrás daqueles muros de tijolo e dentro daquele retângulo perfeito de água azul.

Na mesma altura em que Kate chega a casa do trabalho e se deita na cama, Rosemary regressa ao seu apartamento, gira a chave na fechadura e fecha a porta sem fazer barulho. Atira as chaves para cima da cadeira e dirige-se para o quarto, tira os sapatos e enfia-se na cama. Em pontos opostos de Brixton, as duas mulheres fitam o teto e choram.

— Lamento tanto, George — diz Rosemary entre lágrimas.

— Lamento, Rosemary — chora Kate.

CAPÍTULO 51

Depois de ficar a saber que o lido vai fechar, Kate pensa que deve ser demasiado doloroso continuar a ir nadar. Mas acaba por concluir que as suas braçadas matinais são a única coisa que a arranca à cama. No *Chronicle* esquiva-se a qualquer contacto visual com Phil, trabalha silenciosamente nas suas histórias importantes e retoma também alguns anúncios sobre animais de companhia, a fim de evitar conversas com ele sobre o seu trabalho. Regressa à rotina que tão bem conhece, teclando no computador de olhos cravados no ecrã. De vez em quando, levanta a cabeça e vê Jay observá-la como se visse o que se passa dentro dela e percebesse exatamente como ela se sente. Não sabe se deve ou não falar com ele, mas a ideia de ele conseguir ver o seu sofrimento é insuportável.

Nas quatro semanas que restam, o lido é uma boia de salvação. E Kate agarra-se a ela. Dentro de água, finge que nada mudou. Como podem as coisas correr mal quando a água é tão azul e o sol do verão está no seu zénite? Enquanto nada o seu *crawl* imperfeito, mas tranquilo, sente-se abrigada, protegida do futuro. Sabe que o lido vai fechar. Mas enquanto nada não sente senão a água fria à sua volta e o calor do sol lá em cima.

Kate não é a única a frequentar o lido em julho — o derradeiro mês. É como se todos os nadadores de Brixton tivessem querido despedir-se.

Uma manhã vê Frank dentro de água e na seguinte Jermaine. Trocam um aceno de cabeça quando passam a nadar um pelo outro. Num outro dia dá de caras com Hope e a neta Aiesha. Vê

Hope ao lado dela, de havaianas, touca de natação e fato de banho amarelo bem justo ao seu corpo rechonchudo. Traz pela mão uma menina que, na opinião de Kate, deve ter uns sete anos.

— Cuidado com a borda, querida, é escorregadia — avisa Hope.
— Não te esqueças de pôr já os óculos. Eu ajudo-te a descer pelos degraus, minha pequenina. Segura-te bem aos lados, cuidado agora, meu anjo.

Kate vê avó e neta entrarem na água. Aiesha começa logo a nadar e Hope fica sozinha, com uma expressão de amor absoluto estampada no rosto. Quando Aiesha para e põe os pés no chão, Hope levanta a cabeça e vê Kate. Acenam uma à outra.

Num domingo, Ellis aparece com Jake e Kate repara que ele nada muito melhor do que o pai, mas que abrandava para não o deixar para trás.

Além dos frequentadores habituais, vêm outros. Kate ouve-os conversar no vestiário, dizendo que nem sequer sabiam que o lido existia antes de ler no jornal a sua história e a notícia do seu encerramento. Quando o dizem, Kate sente um aperto no coração. Tal como ela, descobriram o lido demasiado tarde.

Só ali falta uma pessoa. Kate nada sozinha sem a amiga para a ajudar a corrigir o movimento dos pés.

Depois de se secar e vestir, Kate percorre a curta distância até onde Rosemary vive. Levanta os olhos para a varanda, que reconhece graças aos vasos de alfazema. A corda da roupa está vazia como uma árvore nua.

Quando chega à porta de entrada, prime a campainha e espera que ela toque em casa de Rosemary. Enquanto aguarda, recorda a refeição que ali partilharam, no tempo em que a esperança era ainda algo a que se podiam agarrar. Sente o calor do sol nos ombros, mas o seu cabelo molhado é uma sensação agradável em volta do pescoço. Ao fim de uns instantes ouve uma voz conhecida no outro extremo do intercomunicador.

— Quem é?

— Rosemary, sou eu, a Kate.

— Ah, olá — cumprimenta Rosemary.

O intercomunicador zumbe baixinho nos ouvidos de ambas, como se receasse o silêncio e decidisse preencher as pausas da conversa.

— Posso subir? — acaba por perguntar Kate.

O zunido sobe de tom.

— Hoje não, desculpe — responde Rosemary.

Kate não sabe como reagir. Antes de dizer seja o que for, Rosemary continua.

— Hoje não, desculpe. Estou muito ocupada.

Kate quer perguntar-lhe o que está ela a fazer, mas a hesitação na voz de Rosemary demove-a. Prefere dizer:

— Senti a sua falta hoje no lido.

Kate lembra-se da primeira vez que nadou com Rosemary: de vê-la rejuvenescer dentro de água enquanto ela própria fazia o papel da insegura. Sentiu então que a força de Rosemary estava escondida por baixo da roupa que usava em terra firme, um superpoder enterrado por baixo não de uma capa, mas sim de um fato de banho azul-marinho.

— Pois é. — A voz de Rosemary é baixa. O intercomunicador entra em cena com o seu zumbido suave.

— Vejo-a amanhã? — pergunta Kate.

— Não, não creio.

Apesar de se encontrar do outro lado da estrada, Kate ainda ouve as gargalhadas atrás do muro da piscina e o zunzum das conversas das pessoas que fazem fila à entrada.

Kate ouve Rosemary suspirar.

— Não posso mesmo.

Kate tenta lembrar-se de algo para dizer que convença a amiga a sair do apartamento, mas não lhe ocorre nada.

— Está bem, então — diz ao fim de algum tempo —, mas espero que ainda mude de ideias.

Depois de uma última olhadela à casa de Rosemary, Kate atravessa a rua e dirige-se a casa. Pelo caminho, com o cabelo a pingar-lhe para as omoplatas e o passeio quente debaixo das solas

finas dos seus sapatos, a voz de Rosemary ressoa na sua cabeça: «*Não posso mesmo.*»

Sabe que deve ser difícil para Rosemary, mas receia que, apesar de tudo, ela se arrependa de não ir nadar naquelas últimas semanas. E sente a falta dela. Ir nadar no lido nas últimas semanas tem sido melhor do que não ir, mas custa-lhe entrar na água sem a amiga. Perceber que não voltará a nadar no lido com Rosemary enche-a de tristeza. O seu estômago contrai-se quando mete na cabeça que esse fim está à espreita logo ao dobrar da esquina, como o Pânico que está sempre a poucos passos dela. Desce a rua rapidamente pois começou a escurecer, e por sua vez dá por si sozinha.

CAPÍTULO 52

O som dos salpicos rompe o silêncio do apartamento de Rosemary. Ela fecha as portas da varanda e o lido silencia-se. A sala está novamente sossegada.

Rosemary puxa as cortinas por cima das portas e uma sombra azul e fresca envolve a sala. Está caótica: caixas espalhadas pelo chão, livros empilhados junto às estantes e volumosos sacos de lixo preto aos cantos. O tipo de confusão normalmente originada pelas grandes limpezas.

Começou pelas estantes. Tirou um livro de cada vez, sacudiu o pó e limpou as prateleiras. Demorou tanto tempo que teve de parar a meio. Metade dos volumes aguarda no chão ser devolvida ao seu lugar já limpo. As mobílias estão todas desarrumadas. Puxou o sofá para aspirar atrás dele, mas depois não conseguiu voltar a pô-lo no sítio, por isso está atravessado a meio da sala.

Enquanto limpa, ouve as mensagens deixadas naquele dia, as vozes dos amigos enchendo os cantos da sua casa como perfume.

«Levei Aiesha ao lido esta manhã» diz Hope enquanto Rosemary estende o braço para o espanador. «Está a nadar tão bem. Já nem precisa de braçadeiras. Foi pena não estares lá para a veres.»

Hope aclara a voz e Rosemary para de espanar a mesa de centro e olha para o aparelho, à espera de que a amiga continue a falar.

«Amanhã passo por lá outra vez para te ver. Sei que disseste que não podias ir, mas espero convencer-te a vir nadar. Sei que é

horrível, mas o lido está a acabar. É uma pena não aproveitares. Bem, adeus. Até amanhã.»

O aparelho apita e a voz de Hope dá lugar a uma voz mais profunda, uma voz masculina. A voz tosse.

«Senhora P? É o Ellis. Era só para saber como vai. Tenho um saco com tomate e morangos da época com o seu nome para lhe dar quando voltar a visitar-me. Bem, era só isso.»

Volta a tossir.

«Então adeus.»

«Adeus» responde Rosemary. Os seus amigos não a abandonaram, como calculava. Era como se tivessem combinado visitá-la e telefonar-lhe à vez. Vão experimentando táticas diferentes para a fazer sair de casa para ir ao lido. Mas, por enquanto, nenhum deles foi bem-sucedido.

Pousa o espanador e olha em volta. Com tantas caixas e sacos e a mobília desarrumada, parece mesmo que se prepara para mudar de casa ou ir de férias. Mas para onde iria? Senta-se no chão, encostada ao sofá, lembrando-se de Kate naquela mesma posição a teclar no portátil quando ela esteve com gripe. É bastante confortável. Muito embora o apartamento fique no quarto andar, estar sentada no tapete fá-la sentir-se mais perto do chão e abrandar o turbilhão que vai na sua cabeça. Apetece-lhe deitar-se e assim faz, afastando-se do sofá e estendendo-se no chão. Cruza as mãos sobre a barriga e ali fica a olhar para cima.

Há uma pequena fenda no teto a ramificar-se a partir do lustre pendurado no meio da sala e, a um canto, a tinta está a descascar. Talvez fosse capaz de pintá-lo, mas não sabe onde param os pincéis. Se calhar deitou-os fora, juntamente com o escadote e o berbequim elétrico.

De repente, sente-se estafada. *Deve ser das arrumações*, pensa. Trabalhou muito e demasiado depressa. Fecha os olhos. Mesmo de olhos fechados vê a fenda e a tinta a descascar; tenta concentrar-se nelas e não no céu azul e nas nuvens que tentam invadir-lhe o espírito. Talvez os vizinhos tenham tinta. Daqui a pouco vai perguntar-lhes.

Rosemary é acordada pelo barulho de alguém a bater à porta. Endireita-se de repente e sente-se tonta enquanto o sangue corre para a sua cabeça. Recompõe-se, de novo encostada ao sofá, põe-se de pé e arrasta-se até à porta.

— Já vai, já vai.

Abre-a e é com espanto que vê Jay no corredor.

— Rosemary — diz ele.

— Jay.

Ele ocupa quase todo o espaço da porta, o cabelo desgrenhado emoldurando-lhe o rosto como se estivesse à frente de um candeeiro aceso. Exibe um sorriso amável, mas Rosemary olha-o de testa franzida.

— Como é que veio aqui parar? — pergunta ela, espreitando o corredor atrás dele.

— Alguém abriu a porta lá de baixo... posso entrar?

— Bem, acho que já entrou — diz ela, voltando a entrar em casa.

Ele segue-a e fecha a porta. Olha em volta e repara na balbúrdia, na mobília toda arredada.

— Estou em arrumações — explica Rosemary, sentando-se no sofá.

— Já percebi.

Ela olha para ele sem dizer nada.

— Quer que eu lhe faça um chá? — pergunta Jay instantes depois.

— Fiz chá agora mesmo — responde Rosemary, pegando na chávena e bebendo um gole. Está frio. — Oh, devo ter dormido mais do que pensava — diz, entregando-lhe a caneca.

— Desculpe, acordei-a?

Rosemary abana a cabeça. Gostaria que ele não tivesse perguntado nada; está envergonhada por ter adormecido a meio do dia. Que horas são? Olha para o relógio: são treze e quinze. Jay leva a caneca para a cozinha. Regressa minutos depois com dois chás fumegantes. Entrega um a Rosemary e senta-se ao lado dela. Ambos beberricam o chá.

— Como está a Kate? — pergunta Rosemary depois de alguns goles. — Tentou vir cá. E telefonar.

— Calada — responde Jay. — Muito calada. Concentrada no trabalho. Tenho tentado animá-la, mas é difícil saber o que dizer. Ela não quer falar. Acho que está demasiado dececionada. Tenho a certeza de que estão as duas.

Vira-se para ela. Aquece os dedos na caneca e Rosemary acha que ele parece um rapazinho preocupado. Isso entristece-a, mas apesar da relutância em deixá-lo entrar, há qualquer coisa de agradável no facto de o ter ao seu lado. Estar com ele fá-la sentir que está com Kate, de mão dada, mas sem precisar de a encarar e ver a tristeza no rosto dela, ou a sua própria dor refletida nos olhos dela.

— Ela sente mesmo a sua falta, Rosemary. E sei que não me compete dizê-lo, mas acho que devia ir até ao lido. Restam poucos dias... devia estar lá e não aqui fechada. Precisa de se despedir.

Respira fundo como se tivesse ensaiado o discurso pelo caminho (e tinha).

— Está no intervalo do almoço? — pergunta Rosemary.

Jay consulta o seu relógio.

— Sim, mas ainda tenho tempo.

— Obrigada por ter cá vindo, agradeço que tenha desperdiçado a pausa do almoço nesta visita. Mas como pode ver, estou muito ocupada. Há muito que devia ter começado as limpezas de primavera. Tenho realmente muito que fazer. Simplesmente não tenho tempo para ir nadar.

Levanta-se, mas logo a seguir senta-se como se a tivessem empurrado violentamente para o sofá. Solta um suspiro e olha para ele. A expressão dele aguarda a verdade.

— É que não consigo dizer adeus — acaba ela por dizer em voz baixa.

Os seus olhos vão de Jay para a sua mão, e roda a aliança de casamento no dedo. Está-lhe larga... O seu corpo pode ter engordado, mas as mãos emagreceram. Roda-a vezes sem fim.

Quando George morreu, dois anos antes, foi ao lido a seguir ao funeral. A cerimónia teve lugar de manhã. Apareceram poucas pessoas: pessoas do bairro e alguns amigos de infância, os que ainda estavam vivos, com as suas famílias.

— Obrigada por terem vindo. Ele teria gostado muito — foi dizendo às pessoas.

Mentalmente perguntou a si mesma que raio estava para ali a dizer. *Ele teria gostado que fossem ao funeral dele? Como podia ele gostar se estava morto?* Mas repetia sempre o mesmo: não sabia que mais podia dizer.

Vestiu um saia-casaco preto emprestado por Hope. Estava-lhe grande e o tecido fazia-a sentir choques de eletricidade estática. Mas não se preocupou: a única pessoa para quem se arranjava estava dentro de uma caixa de madeira.

— Por favor, levem algumas sanduíches, senão é um desperdício — dizia a quem deixava o velório.

Embrulhava sanduíches e folhados de salsicha em papel de alumínio para dar às pessoas como se estivesse a distribuir aqueles sacos pequenos com lembranças das festas de aniversário infantis. Os embrulhos do papel de alumínio faiscavam, desadequadamente, contra os fatos pretos quando as famílias regressavam, de carro, autocarro ou a pé, às suas casas. Depois de todos saírem sentou-se e comeu uma ou outra sanduíche de ovo já seca, pois lembrou-se de que não tinha comido nada todo o dia. Em seguida atacou a salada de frango e os folhados de salsicha. Quando encomendou comida à empresa fornecedora, não sabia que quantidades pedir. Não lhe passava pela cabeça que as pessoas comiam mesmo durante os velórios. Mas aprendeu que não é verdade o que se diz: a morte não tira de modo algum o apetite. Todos comeram e beberam — ainda bem que, no último minuto, decidiu servir também vinho, chá e café.

Rosemary sentou-se e dirigiu-se ao *buffet* já seco. Um dos empregados da empresa entrou na sala para recolher as travessas e apanhou-a com migalhas de massa folhada nos dedos e na gola do saia-casaco preto. Sacudiu-as, envergonhada, e deu-lhe uma gorjeta particularmente generosa.

— Posso ajudar a levantar a mesa? — perguntou, tirando migalhas de cima da toalha e deitando-as num guardanapo de papel que dobrou.

— Não, está tudo sob controlo. Devia ir para casa, senhora Peterson.

Apanhou mais migalhas com guardanapos de papel, foi buscar a mala de mão e despediu-se dos empregados, aceitando as condolências deles com um gesto de cabeça e um «obrigada».

Mas não foi para casa, pelo menos logo a seguir. Em vez disso, pegou no equipamento de natação e dirigiu-se ao lido. Quando lá chegou, a tarde ia no fim e o céu parecia um pêssego com nódoas negras. A piscina estava cheia de crianças e ouvia-se o apito do nadador-salvador sempre que uma criança se atirava à água e salpicava tudo em seu redor, pelo que era repreendida de imediato, antes de voltar a mergulhar.

No vestiário despiu a roupa, que deixou cair aos pés formando uma mancha negra. Na mala encontrou uma moeda de cinquenta *pence* junto ao retrato de George. Dobrou o saia-casaco, guardou-o no cacifo, trancou-o e empurrou a porta do vestiário.

A primeira coisa que a atingiu foi o barulho. Salpicos, risos de crianças, o apito do nadador-salvador, o vento. Dirigiu-se lentamente às escadas.

Quando a água a recebeu nos seus braços, deu-se conta da dimensão do esforço e da concentração que ficar de pé todo o dia lhe exigira. Recostou-se e deixou-se vaguear. A água fria foi como um par de mãos no seu corpo, os dedos no seu cabelo.

Com a água a entrar-lhe nos ouvidos e a cobrir-lhe o rosto, pela primeira vez naquele dia, deu-se ao luxo de chorar. Deixou-se flutuar a olhar para o céu e a ver a bola das crianças que brincavam ali à volta passar por cima do seu corpo. Olhou de esguelha para o grande relógio que a observara durante a maior parte da sua vida.

Virou-se e começou a nadar uns bruços lentos a pensar em George. O jovem George a mergulhar da prancha alta, braços estendidos como um pássaro de asas abertas. George a nadar debaixo de água e a passar entre as suas pernas. George a beijá-la à borda da piscina, às escuras. George deitado ao sol como um lagarto e ela a vê-lo e a amá-lo. Por mais piscinas que fizesse, elas não chegariam para recordá-lo completamente, para recordar toda a vida deles. Em volta, as crianças continuaram a saltar para boias e

dos ombros umas das outras, ignorando a senhora que chorava enquanto eles nadavam. Nem sequer a viam: ela era invisível. A única pessoa que a via sempre estava enterrada na terra fria.

Ficou até o lido fechar. As esfregonas começaram a lavar o chão do vestiário enquanto ela se mudava. Quando atravessou a recepção, viu os nadadores-salvadores colocar a cobertura em cima da piscina. As pontas dos seus dedos estavam engelhadas, o peito doía-lhe por ter passado tanto tempo dentro da água fria. As nódoas negras tinham-se espalhado pelo céu que agora estava quase todo escuro. Só lhe restava voltar para o apartamento vazio.

Quando chegou a casa, não acendeu as luzes. Pôs o fato de banho molhado no lava-louça e dirigiu-se à sala, onde se sentou na poltrona de George. Havia uma manta dobrada em cima de um dos braços e tapou-se com ela, apertando-a contra o colo e o pescoço. Ficou sentada na poltrona dele às escuras toda a noite, fitando a sala vazia. Quando o Sol surgiu, adormeceu.

Agora Rosemary olha para Jay, tentando pensar como fazer para se animar e fugir das lágrimas que se acumulam no fundo da sua garganta. Imagina um cordel preso aos seus ombros a puxá-la para cima, endireitando-se no sofá.

— Já me despedi dele uma vez, posso voltar a fazê-lo.

— Muito bem — diz Jay.

Ficam os dois sentados mais algum tempo. Antes de sair ele ajuda-a a repor os livros nas estantes e o sofá contra a parede. Pega nos sacos de lixo que estão ao canto, põe-nos ao ombro e sai.

— Diga-lhe... — começa Rosemary, depois cala-se.

— Eu digo-lhe — promete Jay.

Rosemary fecha a porta, ouve o rumorejar dos sacos de lixo enquanto ele caminha em direção ao elevador. Ouve o elevador tocar, o arrastar das respetivas portas a abrir e a fechar e depois fica novamente sozinha.

CAPÍTULO 53

Hoje é o último dia do lido. Ao anoitecer, Geoff fechará as portas pela derradeira vez. Dentro de pouco tempo, a Paradise Living assinará a escritura.

O escritório do *Brixton Chronicle* está silencioso. Kate é a primeira a chegar. Phil aparece logo a seguir, mas vai direito à sua secretária sem a cumprimentar. Desde a discussão que evita falar com Kate ou olhá-la diretamente. No emprego, Kate anda agora o tempo todo de auscultadores nos ouvidos. Por vezes escuta música, mas a maior parte do tempo nem isso.

Phil enviou-lhe um *email* com algum trabalho administrativo para fazer e ela começa em silêncio, tentando não pensar muito enquanto tecla. Jay chega, entreolham-se, acenam com a cabeça um ao outro, mas Kate não tem vontade de conversar. O beijo deles pertence ao passado. Concentra-se no ecrã.

Enquanto escreve, pensa se Phil voltará alguma vez a dar-lhe tarefas importantes. O melhor que ela fazia era procurar trabalhos para fazer por conta própria. Teria de fazer alguns serões, mas agora que já não tem a campanha a ocupá-la, e além disso vai deixar de nadar, tem mais tempo livre.

E é então que começa a chorar. De início, as lágrimas vêm devagar, escorrem-lhe pelo rosto, molham o teclado e ela não se dá ao trabalho de as limpar. Continua de olhos fixos no ecrã, mas as palavras encavalitam-se umas nas outras. Não consegue continuar calada e um soluço desprende-se do seu peito, sacudindo-lhe o

corpo todo. Jay deixa o seu lugar e vai para junto dela, toca-lhe nos ombros.

— Kate, Kate — diz, a voz abafada pelos auscultadores.

Kate não se mexe nem tira os auscultadores, por isso ele puxa-os devagar e vira a cadeira dela para si.

Phil espreita disfarçadamente por cima do seu computador e vê Jay baixar-se e apertar Kate nos braços. Ela não oferece resistência e ele abraça-a com mais força. Kate encosta a cabeça no ombro de Jay e ouve o coração dele bater sob o tecido de algodão macio da *t-shirt* que cheira a café e a tinta de impressão.

Kate quer dizer alguma coisa, explicar o que está a escapar-se dela, mas não consegue. Sente-se exausta, como se o seu corpo tivesse sido torcido e espremido como uma toalha antes de ser pendurada a secar. Os soluços acabam por ser menos profundos, permitindo-lhe falar.

— Sinto-me um fracasso tão grande — diz — e não acredito que estou outra vez a chorar. Deves pensar que sou louca. Talvez seja. Mas é que estou tão cansada. Queria que isto acabasse bem. Não acredito que vai mesmo fechar... que hoje é o último dia.

Kate pensa em Rosemary e pela primeira vez repara que a sua melhor amiga é uma senhora de oitenta e sete anos com quem travou conhecimento por causa de um artigo sobre um lido que era preciso salvar. Pensa no fato de banho de Rosemary, pendurado, intrépido, na varanda dela como uma bandeira.

— Vai correr tudo bem — diz Jay, os braços ainda a apertá-la contra si.

Kate espera que ele diga mais alguma coisa e, como isso não acontece, pensa que provavelmente ele não sabe o que dizer, tal como ela não sabe o que dizer para se alegrar a si mesma ou a Rosemary, não sabe como remediar as coisas, não sabe o que quer da sua vida. Talvez a verdade seja que as pessoas de facto nada sabem, apenas fingem com enorme habilidade. A maior parte do tempo.

— Vai correr tudo bem — repete Jay para o cabelo dela.

Por esta altura já Phil se levantou e anda para trás e para a frente, junto à secretária de Kate. Ela vê-o por cima do ombro de

Jay e, surpreendentemente, com o rosto contorcido de preocupação. Ele inclina-se e dá-lhe uma palmada no ombro. É uma palmada inábil, trémula. Ela fica tão admirada que foge ao toque dele.

Kate imagina-se a flutuar por cima dessa cena naquele momento e a olhar para si mesma: lavada em lágrimas, abraçada ao colega em pleno escritório, a mão do chefe no seu ombro. Estão sozinhos, rodeados por uma confusão de pilhas de pastas e papéis. Uma fotografia de Rosemary junto ao lido está afixada ao placar atrás do seu computador. Como foi ela ali parar? Lá fora, a cidade gira em torno deles. Bibliotecas fecham e cafés abrem, pedras disparam contra as janelas de agências imobiliárias, dentro de autocarros pessoas levantam-se para dar o lugar a grávidas, mais um camião que atropela um ciclista, uma festa de casamento entra em peso num velho autocarro de dois andares e há quem nade pela última vez ao ar livre num lido.

Phil aclara a garganta como se fosse falar. Nada sai. Tosse e volta a tentar.

— Vai correr tudo bem — diz, à semelhança de Jay.

— Mas, e se não correr bem? — pergunta Kate, enxugando os olhos e endireitando-se um pouco na cadeira.

Olha para um, para o outro e depois em volta. Jay e Phil continuam calados.

— E se não correr bem? — repete. — Sei que estamos a falar de uma simples piscina, mas não é uma simples piscina para Rosemary, Hope, Ellis, Ahmed, Geoff, Frank, Jermaine. Todos nomes que há um mês eu nem conhecia.

Agora vira-se para Phil, os seus olhos sujos de rímel fixos nos dele.

— Há tantas coisas que parecem não ter qualquer importância. Vivemos com elas, passamos por elas e pensamos *não faz mal*, ou *não importa*, ou *não é grave*. As cidades mudam e as empresas expropriam comunidades inteiras para construírem apartamentos de um milhão de libras e *não importa*. Mas depois um belo dia acordamos e verificamos que importam imenso. Há tantas coisas sem importância, como por exemplo se vou comer massa gratinada

ou esparguete à bolonhesa ao jantar, ou se fico gorda com determinado fato de banho, ou como está o meu cabelo hoje, ou se o meu antigo professor da faculdade acha que estou a sair-me bem. De certa maneira, era com essas coisas que eu passava a vida a preocupar-me e não com as outras.

A princípio a voz treme-lhe, mas pouco a pouco ganha força, firmeza. Jay largou-a e, encostado à secretária dela, observa-a.

— O lido não é só um buraco no chão cheio de água onde meia dúzia de pessoas por acaso nadam de vez em quando. É maior do que isso; é tão maior que quem não o vê não está a usar os olhos da maneira correta. Conhecer Rosemary ensinou-me isso. E quem diz o lido diz a biblioteca ou o centro de juventude, ou aquele bloco de apartamentos onde o homem que lá morou a vida toda recebeu ordem de despejo. Tudo assuntos dos quais este jornal fala todos os dias ou devia falar. Todos eles importam. E é grave. É tremendamente grave.

Levanta-se. Phil recua um pouco, como se receasse que ela o fosse atacar. Ela pega no blusão pendurado nas costas da cadeira e pega na mochila que está no chão.

— Com licença — diz —, mas tenho de sair.

Kate sai do escritório, desce os degraus que dão para a rua, sem nunca olhar para trás. O sol recebe-a de braços abertos.

CAPÍTULO 54

Pelo caminho, Kate telefona a Geoff e descreve-lhe o seu plano. Ele escuta-a em silêncio.

— Está bem — diz ele por fim.

Quando chega ao lido, ele espera-a de chaves na mão. Ahmed não vai trabalhar naquele dia. A piscina atrás deles não tem ninguém, recebeu os últimos nadadores, depois foi limpa para a remoção definitiva do equipamento.

— Não sei bem porque estou a fazer isto — diz ele, entregando a Kate um molho de chaves. — Mas vale a pena arriscar.

— Obrigada — disse ela, aceitando as chaves que ele lhe estendia e segurando-as com cuidado, como se elas se partissem facilmente.

— Avisa os outros?

— Veremos o que posso fazer.

Em seguida dá meia-volta e dirige-se à porta da frente pela última vez. Kate procura na argola metálica a chave certa. Ouve passos, alguém corre na sua direção. Levanta os olhos e vê Jay, a câmara a um ombro e um saco ao outro.

— Recebi a tua mensagem — diz, parando diante dela.

Tem as faces coradas da corrida.

— Não te sintas obrigado — diz ela. — É uma ideia maluca, na verdade... podemos ser despedidos. Ou detidos.

Ele dá um passo em frente, pisando o limiar da porta.

— Eu quero — responde.

Continua a correr até à receção. Kate olha para ele com dificuldade em tomar uma decisão. Depois recua um passo e deixa-o entrar. Juntos, fecham a porta e Kate dá a volta à chave. Quer pedir-lhe desculpa por ter-se mostrado tão distante e praticamente não lhe falar desde o beijo. Mas a ideia do lido tem-na absorvido na totalidade.

— Vamos arranjar qualquer coisa para bloquear a porta — diz, e Jay segue-a ao longo do corredor vazio.

Os dois pegam numa mesa da sala dos empregados e encostam-na à porta da receção. Em seguida, procuram as salas de ginástica e transportam o mobiliário para a frente da piscina. Quando terminam, uma barricada feita com mesas, cadeiras e bicicletas estáticas bloqueia a entrada.

— Deve ser suficiente — diz Kate.

Há uma outra entrada pelo café onde eles fazem o mesmo, fechando a porta à chave e empurrando contra ela mesas e cadeiras. A sala parece vazia; os baristas e empregados já levaram a máquina de café e os aventais estão pendurados na ponta do balcão. Kate imagina-os a despi-los pela última vez.

Ficaram algumas mesas no café e Kate senta-se a uma delas, tira o portátil da mochila e liga-o. Em seguida começa a escrever.

Enquanto escreve, Jay explora o lido vazio, aproveitando para o fotografar. A água está tranquila e azul, a cadeira vazia do nadador-salvador de sentinela à piscina silenciosa. Tira fotografias ao relógio e aos expositores sem nada lá dentro. As persianas estão puxadas para baixo, assemelhando-a a um bar de praia no inverno. Desce os corredores fotografando o sol da tarde a incidir sobre o pó da sala de ioga vazia.

Quando sai para o deque, a fim de se dirigir ao café, ouve vozes do outro lado do muro do lido.

— Não esvaziem o nosso lido — gritam.

Jay volta ao café e tira uma fotografia de Kate a escrever no computador, o rosto completamente concentrado. O barulho obriga-a a levantar os olhos. Fotografa-a de novo.

— Desculpa — diz ele. — Não pude evitar. É que chegaram.

Kate levanta-se, olhando cheia de expectativa para a porta. À medida que as pessoas se aproximam da recepção o som de vozes torna-se mais forte. Agarra no braço dele.

— Não esvaziem o nosso lido!

Kate e Jay espreitam pelas janelas da recepção. Está uma multidão à porta. As pessoas trazem cartazes, uma faixa gigantesca e formam uma longa fila à porta do lido. O barulho é tanto que Kate conclui que devem dar a volta ao muro, criando uma barreira de corpos e bloqueando a entrada. Vê Ellis — ele vira-se e acena-lhes. Jake também lá está, com Hope, Jamila, Aiesha e Geoff. Junto deles encontram-se Frank e Jermaine. *Sprout* tem uma bandeira presa à coleira onde se lê «Salvem o Brockwell Lido» escrito em maiúsculas. Kate vê o adolescente, a jovem mãe com o bebé e o marido ao seu lado. A instrutora de ioga também veio, tal como o nadador-salvador e os empregados do café e do lido.

— Nem acredito que vieram todos — diz ela a Jay.

— Não teriam vindo se não fosses tu — responde Jay, sem tirar os olhos dela.

Kate sorri, nervosa, e afasta uma madeixa de cabelo do rosto.

Há uma figura corpulenta ao fundo da fila, cujo rosto Kate não consegue ver. Ele vira-se e sorri — é Phil. Com um cartaz. Kate sente o coração bater cada vez mais depressa.

Phil vira-se novamente e olha-os através da janela. Acena com a cabeça e ela imita-o.

— E agora? — pergunta Jay.

— Esperamos.

CAPÍTULO 55

Os manifestantes não arredam pé toda a tarde. Ellis e Jake distribuem cervejas; Frank oferece bolachas. Os residentes passam por eles e tiram fotografias; alguns entram na fila e são-lhes entregues mais cartazes. Enquanto eles aguardam ao sol, Kate escreve sentada no café. Envia um artigo novo para alguns jornais nacionais e blogues locais e divulga o *link* da petição sempre que pode. A quantidade de assinaturas não para de crescer ao longo do dia. A cada nova subscrição ela salta de felicidade. Pensa nas pessoas da comunidade que querem ajudar até ao fim a manter o lido aberto e sente-se menos desanimada. Pode ser um caso desesperado, mas não está sozinha. Só queria que Rosemary ali estivesse.

— É melhor vires ver isto — diz Jay ao final da tarde.

O pôr do sol entra pelas janelas do café e ilumina o cabelo de Kate. Ela levanta os olhos do portátil.

— É a polícia?

— Ainda não, mas parecem-me representantes da Paradise Living.

Dirigem-se à receção e espreitam pelas janelas. Hope separou-se dos manifestantes e fala com um grupo de homens de fato. Kate distingue entre eles o vogal que conheceu nas reuniões; os outros, não os reconhece. Hope segura com força o cartaz contra o peito e gesticula com a outra mão. Ellis afasta-se da multidão e junta-se à conversa.

Um dos homens aponta para o lido, outro olha para o seu relógio. Kate não ouve a conversa, limita-se a ver através do vidro, perguntando a si mesma se a polícia virá a caminho e quanto tempo resistirá a barricada improvisada. Jay aproxima-se mais e ela sente o calor do ombro dele contra o seu. Instantes depois, o grupo de homens dá uma última olhadela ao lido e sai apressadamente. Hope e Ellis regressam ao grupo. Hope abre caminho por entre os manifestantes e consegue aproximar-se do vidro de modo a ser ouvida por Kate.

— Quem eram? — pergunta Kate aos gritos do outro lado da janela. — Foram chamar a polícia?

Hope abana a cabeça.

— Eram da Paradise Living. Disse-lhes o que tinha a dizer! — exclamou ela. — Mas não vão fazer nada hoje... acho que querem ir para casa jantar. No entanto, voltam amanhã. Dizem que temos a noite para sair do edifício deles ou terão de tomar medidas. O edifício «deles». Que lata! Estão-se nas tintas para o lido... O que me custou ouvi-los dizer que é «deles»... Bem, vai ser, depois de feita a escritura.

Jay olha para Kate. Lá fora, os manifestantes também se viram para ela. Kate pondera a possibilidade de serem expulsos pela polícia e obrigados a entregar as chaves aos senhores da Paradise Living. Só de pensar nisso sente-se tonta e tem dificuldade em respirar. Imagina o seu Pânico a rastejar por ela acima e a tentar derrubá-la. Mas resiste-lhe.

— O que queres fazer? — pergunta Jay.

Hope continua lá, de pé junto ao vidro, aguardando a resposta de Kate. Só queria poder perguntar a Rosemary ou a Erin o como havia de proceder. Mas depois sente a força renascer dentro de si.

— Só saio daqui arrastada — declara Kate.

Hope sorri e repete a resposta dela aos gritos para os outros ouvirem. O grupo aplaude.

— Tens a certeza? — pergunta Jay.

— Tenho sim.

De repente, Kate deixa de sentir medo. Vê o seu Pânico tão nitidamente como vê Jay à sua frente, mas desta vez recusa-se a

encará-lo, recusa-se a admitir a sua presença. Quer ficar ali até ao fim, participar, mesmo que não consiga nada. Tentar. Pode ser que o lido feche de vez, mas quer assegurar-se de que fez tudo o que estava ao seu alcance para tal não acontecer.

— Então fico contigo — diz Jay.

— Não tens de ficar.

— Eu sei.

Ele olha para ela e repara como ela está diferente da rapariga que costumava cruzar-se com ele nas escadas do escritório, ou acenar-lhe do outro lado da rua. Continua linda, mas é como se uma luz se tivesse acendido dentro dela. Está luminosa e ele delicia-se com o seu calor.

CAPÍTULO 56

O apartamento de Rosemary continua virado do avesso. Quanto mais ela arruma, mais a confusão aumenta. Já por várias vezes ouviu gritar «não esvaziem o nosso lido» lá para os lados do parque. De vez em quando espreita pela janela da varanda os manifestantes que contornam o muro do lido, mais ou menos de costas para não serem reconhecidos, e depois retoma as suas arrumações. Cansa-se e faz muitas sestas, estendida no sofá, tentando não sonhar com o lido.

Quando acorda de um sono mais prolongado, apercebe-se gradualmente de que já é noite e de que a porta para a varanda continua aberta. Os manifestantes calaram-se entretanto. O vento faz balouçar as cortinas e a sala é invadida pela escuridão do crepúsculo. Um arrepio percorre-a, ela levanta-se e vai devagar ao quarto buscar um casaco de malha. O quarto está tão desarrumado como a sala, com o chão coberto de caixas por causa das limpezas. Contorna-as e abre as portas do guarda-fatos, à procura de uma coisa quente. Estica os braços para chegar a uma das camisolas impecavelmente dobradas na prateleira de cima e quando a puxa derruba não só a camisola mas, também, uma caixa que estava mesmo ao lado. A caixa vira-se, a tampa cai e imediatamente pilhas de cartões de um preto e branco brilhante precipitam-se no chão. Fotografias. Dúzias e dúzias de fotografias. Chovem sorrisos.

Rosemary assiste e espera que a chuva passe. Fica de pé à frente do guarda-fatos, rodeada por um mar de fotografias. George está em toda a parte, a sorrir-lhe. Ajoelha-se e apanha-as ao acaso.

George a sorrir na prancha de saltos, o rosto virando para ela antes de mergulhar da extremidade, para se certificar de que ela o está a ver. George deitado na borda do lido, um livro aberto a tapar-lhe o rosto, as mãos cruzadas atrás da cabeça e os tornozelos sobrepostos. George a dar uma aula de *crawl* a um grupo de crianças: de pé junto à piscina, estica os braços como se estivesse a dar braçadas enquanto as crianças observam e riem.

Pega numa outra fotografia — desta vez, dela. Veste um fato de banho às riscas e tem um cone de gelado em cada mão — o fato de banho ali é preto e branco mas ela lembra-se que ele era vermelho e branco. Os gelados pingam-lhe para as mãos e ela estende-os para a câmara, de boca aberta. George obrigou-a a segurar neles enquanto tirava a fotografia, mas começaram a derreter e escorrem-lhe para cima. Ele só ri.

Há uma onde estão os dois, ambos agarrados à borda da piscina a bater os pés, a água a salpicar o ar e a refletir o sol. Essa foi Hope que tirou, imediatamente antes de eles mergulharem e darem um beijo debaixo de água, emergindo depois para respirar.

Noutra vê-se a piscina coberta de neve e George ao lado, de gorro de lã, cachecol e calções de banho. Nesta, Rosemary e George mergulham simultaneamente para o lado mais fundo. Parecem a sombra um do outro de tão sincronizados que estão.

Junta as fotografias no colo, afagando em cada uma o rosto de George. A sua vida está toda ali em volta, misturada, desordenada. Em algumas fotografias um polegar ficou à frente da objetiva, outras apanharam tanto sol que não se veem as caras. Mas Rosemary sabe como elas eram. E em todas as fotografias, o lido está presente, o fio que as une, o lugar para onde sempre remetem. O seu lar. Tem de fazer alguma coisa. Não pode ser o fim.

CAPÍTULO 57

A multidão persiste até ao anoitecer. Volta e meia, Kate olha para a fila à procura de Rosemary, mas ela não aparece. Verifica as mensagens no seu telemóvel, mas não chegou nenhuma. Telefona para o apartamento de Rosemary, mas vai direita para o *voice mail*. Não deixa mensagem; já experimentou várias vezes e Rosemary não respondeu. No entanto, sabê-la sozinha no apartamento, sem ir dizer um último adeus ao seu querido lido, entristece-a tremendamente. Só espera que Rosemary não se venha a arrepender quando ele fechar de vez. Nessa altura não terá hipótese de se despedir.

Envia então uma mensagem a Erin, descrevendo-lhe o seu plano e a tristeza que sente por Rosemary não estar ali com ela. A irmã responde de imediato.

«És incrível! Penso em ti. E em Rosemary — talvez ela ainda mude de ideias. Deve ser muito difícil para ela. Às vezes a esperança só traz dor.»

Kate relê o texto e de repente percebe o silêncio de Rosemary, a razão por que ela não quis ir ao lido e não quer que ninguém a veja. Talvez o melhor seja de facto desaparecer e não permitir que nada e ninguém — a luz refletida na água, as palavras de conforto de um amigo — nos dê esperança.

A multidão dispersa lentamente. Frank e Jermaine acenam a Kate do outro lado do vidro, dão meia-volta e vão-se embora de mãos dadas, com os cartazes ao ombro e *Sprout* a saltitar atrás

deles. Hope parte com Jamila e Aiesha, seguidas por Ellis, Jake e Geoff.

— Voltamos de manhã, querida — diz Hope através do vidro antes de se retirar.

Quando ela se afasta, Kate vê uma silhueta dirigir-se à entrada do lido. Percebe que é Ahmed. Com toda a agitação daquele dia, só então regista a falta dele na fila de manifestantes.

— Desculpe o atraso — diz o rapaz através do vidro assim que chega à janela e encostando-lhe o rosto. — O Geoff falou-me no vosso plano, mas hoje tive o meu exame final. Queria vir logo a seguir só que o meu pai insistiu em levar-me a jantar fora.

Cora, o que faz Kate sorrir.

— Parabéns! Agora é um homem livre!

Ahmed sorri e estende os braços como um pássaro preparando-se para levantar voo.

— Boa, amigo — diz Jay, levantando as mãos, decidido a abraçar Ahmed e a dar-lhe uma pancadinha nas costas, até que se lembra do vidro.

Ahmed também levanta o braço e fazem uma espécie de saudação, rindo em uníssono.

— Quis vir desejar-lhe boa sorte para a ocupação — diz Ahmed. — Mas também para lhe falar de um ideia que tive... e talvez seja uma maneira de salvarmos o lido.

Kate abre muito os olhos e fixa-os em Ahmed, fazendo os possíveis por abrandar os batimentos do seu coração. A esperança pode trazer muita dor.

— Desembuche!

— Pode não valer nada — diz Ahmed, subitamente nervoso.

— Por favor — diz Kate. — Precisamos de ideias.

Então Ahmed conta-lhe tudo.

— Bem, pus-me a pensar no lido depois do exame. Sentia-me mal por ter faltado ao último dia, muito embora soubesse que o exame era importante. E, de repente, lembrei-me de uma conversa que tive com a sua irmã Erin, Kate. Está recordada, naquele dia da manifestação dos patos de borracha?

Kate anui com a cabeça, lembrando-se de ver Ahmed a conversar demoradamente com a sua irmã junto à piscina. Ahmed tinha ficado muito entusiasmado quando soube que Erin também estudou gestão na universidade.

— Bem, lembro-me de ela falar num módulo que fez sobre o aumento das marcas de sítios, coisas... está a ver, como as bicicletas *Santander* em Londres, o Emirates Stadium... E de repente pensei... se para eles resulta, porque não há de resultar para o lido?

Enquanto fala vê a esperança reacender-se no peito de Kate.

— Continue — diz ela.

— Bem, talvez pudéssemos encontrar uma empresa que estivesse interessada em fazer publicidade no lido. Com a cobertura que a imprensa lhe tem dado... e que esperamos conseguir agora que se fechou cá dentro... — faz uma pausa e todos sorriem. — Bem, talvez tivesse interesse para um anunciante. Pesquisei algumas empresas e elaborei uma lista. E se algumas estivessem interessadas, talvez conseguíssemos manter o lido aberto.

Termina e enfia as mãos nos bolsos, olhando ora para Kate, ora para Jay, à espera. Kate só queria poder atravessar o vidro e dar um grande abraço àquele jovem maravilhoso.

— É brilhante, Ahmed — diz ela. — Mesmo brilhante. E de certeza que vale a pena tentarmos?

Naquele instante o telefone de Kate toca. Olha para ele e, para sua surpresa, vê o nome de Rosemary escrito no ecrã. Vira-o para Jay e Ahmed, para eles verem quem está a ligar. Depois respira fundo e atende.

— Rosemary?

— Kate, peço muita desculpa. Cometi um grande erro.

Tem a voz trémula.

— Rosemary, está tudo bem consigo?

Rosemary funga e a sua voz aclara-se um pouco.

— Sim, sim, tudo bem. Estou ótima, na verdade. Mas acabei de me aperceber de como fui tola. Devia ter sido mais corajosa, foi a simples cobardia que me impediu de ir ao lido e de a ver, de estar com os meus amigos.

— Não faz mal — responde Kate. — Percebo que isto seja doloroso para si. Não pode deixar de ser. É tão bom voltar a ouvir a sua voz.

— E a sua também, Kate. Escute. Tenho andado a pensar. — A voz dela é ainda mais rápida e parece mais forte. — Isto não pode acabar. Tem de haver alguma coisa que possamos fazer.

Assim, Kate diz onde se encontra e conta-lhe o plano da ocupação.

Rosemary ri e o som das suas gargalhadas dá a Kate toda a força de que ela necessita.

— Confesso que ouvi o barulho da manifestação. Mas não me passava pela cabeça que a Kate estava fechada aí dentro! Valha-me Deus. O George havia de gostar: uma ocupação, sem tirar nem pôr! Kate Matthews, é muito mais corajosa do que pensa.

É a vez de Kate corar quando Jay e Ahmed olham para ela e ouvem a sua parte da conversa. Levanta os olhos do telemóvel para eles e de repente lembra-se da ideia de Ahmed.

— Rosemary, o Ahmed teve uma ideia fantástica que pode ajudar a salvar o lido. Acho que ele gostava de ter a ajuda de alguém, mas, como é óbvio, estou aqui fechada...

Kate explica a ideia a Rosemary.

— Ahmed está aí? Diga-lhe que ele é um homem muito inteligente.

Kate transmite a mensagem a Ahmed, que volta a corar, e depois volta ao telefone.

— Acha que pode ajudar o Ahmed, Rosemary? Podiam ir os dois juntos a reuniões e a Rosemary apresentava os seus argumentos, tal como fez na assembleia municipal.

— Sim — responde Rosemary. — Faço o que for preciso.

Depois de se despedir e desligar o telefone, Kate diz a Ahmed:

— Parece-me que tem uma parceira para o seu plano.

CAPÍTULO 58

Kate e Jay ficam finalmente sozinhos. Sem ninguém, o lido está silencioso. Parece mais amplo agora, uma concha vazia ou um castelo de que eles são os guardas da noite. Kate estremece um pouco, receando ter cometido um erro. Mas quer levar aquilo até ao fim. O lido acolheu-a como um novo lar e ela quer permanecer na segurança das suas quatro paredes até ao último momento — até ser obrigada a sair. Voltar a ouvir a voz de Rosemary, e saber que ela não desistiu completamente, fá-la sentir uma determinação renovada.

— Estou morta de fome — desabafa Kate ao fim de um momento de silêncio.

— Também eu — replica Jay. — Vamos ver o que se arranja?

Regressam ao Lido Café e despejam os seus sacos para cima de uma mesa vazia. Kate tira um pacote de bolachas de aveia e uma quiche guardada dentro de uma lata. Jay trouxe sanduíches, *KitKats* e duas latas de gim com água tónica. No fundo das mochilas deles há mantimentos para uma semana — pelo sim, pelo não.

— Que banquete! — comenta Kate.

— Foste tu que fizeste? — pergunta Jay, apontando para a quiche. Apesar da parte de cima irregular, e ligeiramente queimada, tem ótimo aspeto e Jay sente-se de repente esfomeado.

— Fui, pois!

O seu ar orgulhoso dá a Jay vontade de estender os braços e abraçá-la.

De repente fica escuro.

— Merda.

Há um luar pálido lá fora, mas a metade da sala mais afastada das janelas está mergulhada na escuridão. Às apalpadelas, Jay encontra os interruptores e experimenta-os a todos.

— O mais provável é terem cortado a eletricidade.

Kate desaparece atrás do balcão do café e ajoelha-se, em busca de qualquer coisa.

— Devem estar aqui — diz, enquanto procura. Acaba por se pôr de pé. — Aqui estão! — exclama. — Lembrei-me de que deviam ter sobrado algumas do casamento de Frank e Jermaine. Admira-me ainda estarem aqui.

Volta para a mesa com algumas velas e uma caixa de fósforos. Acende as velas e a sala enche-se de uma luz alaranjada e quente. A luz das velas e os rostos deles refletem-se no vidro das janelas. Lá fora, o lido está escuro e silencioso.

— Perfeito — diz Jay, puxando uma cadeira para Kate e em seguida sentando-se também.

— Obrigada. Vamos comer?

Tira uma faca do pano da louça onde a tinha embrulhado e corta uma fatia de quiche para cada um. As latas emitem um silvo agradável quando eles abrem os seus gins com água tônica.

— À nossa.

— Está deliciosa — diz Jay, servindo-se de mais um pouco de quiche.

— Obrigada. Não sou grande cozinheira, mas estou a aprender. O George tem-me ensinado.

Jay parece não compreender e Kate explica-lhe: tem andado a experimentar as receitas do livro de George.

Kate para.

— Estou tão contente por Rosemary ter concordado em ajudar o Ahmed. Mas achas que ela vai sofrer muito se o plano não resultar? Se isto for realmente o fim, não sei se alguma vez ela vai ultrapassar a perda do lido. Toda a sua vida gira à volta dele.

Ambos pensam em Rosemary e no seu lido.

— Deve ser tão duro para ela — acaba ele por dizer. — Isto foi a sua vida.

Olham para o lido mergulhado na escuridão, imaginando tudo o que Rosemary ali vira e todas pessoas que ali conhecera. Comeram o resto do original jantar calmamente à luz das velas. A noite de verão encosta o nariz às janelas, as estrelas brilham no céu e refletem-se na superfície da piscina.

— Que pensas que vai acontecer amanhã? — pergunta Kate, por fim, beberricando o seu gim tónico e sentindo um calor subir-lhe às faces.

— Não sei — responde Jay. Provavelmente põem-nos na rua logo de manhã. Acusam-nos de invasão de propriedade alheia.

Kate suspira.

— Hum, pois é.

Olha para a água escura e pensa em todas as vezes que mergulhou nela nos últimos meses. Vive a apenas quinze minutos de distância, mas antes de ser escolhida para fazer aquela reportagem, nunca a tinha visto. Lamenta não ter sabido da sua existência mais cedo.

— Suponho que devia sentir medo — diz. — Mas neste momento não sinto.

Vê o seu reflexo no vidro e para variar não lhe vira as costas. Fita-o com determinação. «Aqui estou», pensa. «Estou aqui.»

Volta-se de novo para Jay.

Pensa em quantos dos últimos anos viveu com medo. O Pânico controlou a sua vida durante tanto tempo. Antes de descobrir o lido sentia-se em equilíbrio na ponta de uma prancha de saltos, apavorada com a distância a que se encontrava. Mas finalmente já não sente medo. Está pronta para saltar.

Assim, levanta-se, estende os braços por cima da mesa, pega no rosto de Jay com as mãos e beija-o. Ambos empurram as cadeiras para trás e põem-se de pé, desajeitados, de lábios ainda encostados. Em seguida ele puxa-a para si, encosta as suas ancas às dela e abraça-a pela cintura. A sua boca é quente, a barba áspera sob os dedos de Kate. Ela aperta-o contra si até estarem colados um ao outro, os corações a acelerar. Este beijo é diferente do primeiro e ela percebe porquê. Porque desta vez ela está pronta — pronta para ser amada.

Beijam-se à luz das velas, explorando o rosto um do outro. Instantes depois soltam-se e cada um cobre o rosto, as orelhas, o queixo, o pescoço do outro com beijos rápidos e suaves. Ele beija-lhe as pálpebras; ela beija-lhe as faces. Mas as suas bocas não tardam a unir-se de novo.

Ao fim de algum tempo Kate empurra-o ligeiramente e olha-o. Ele faz o mesmo, acariciando o rosto dela.

— Meu Deus, queria isto há tanto tempo — diz Jay.

— Também eu.

Só repara quando o diz. Podia estar cheia de medo até agora, mas é isto que ela quer. Ele é o que ela quer. Beija-o novamente depois solta-se, recupera o fôlego.

— Se esta é a última noite do lido acho melhor irmos nadar — sugere, despindo o vestido.

— Seria um disparate não irmos — concorda ele, desabotoando a camisa. A roupa deles vai formando uma espécie de rasto que vai dar à piscina. Kate demorou muito tempo a chegar ali, mas finalmente não tem vergonha da sua nudez. Jay solta um grito ao entrar na água, fazendo-a rir. A lua vigia-os enquanto eles nadam na água fria.

— Não estou habituado a isto! — exclama ele.

Ela ri e mergulha, o seu cabelo espraia-se em volta como algas. Kate estende as mãos em frente e abre os olhos, observando a sua pele clara e a silhueta de Jay nadando ao longe. Não sabe bem se é por causa dele ou da temperatura da água que o seu coração está a bater tão depressa. Emerge para respirar e nada na direção dele.

De início riem e salpicam-se um ao outro como crianças. Depois param de brincar e começam a nadar todo o comprimento da piscina lado a lado. Ele flutua de costas e ela faz o mesmo. Tenta contar as estrelas, mas são tantas que desiste.

Nadam até sentirem os corpos cansados e a tremer. Depois saem da piscina, a pele fria mas vibrante.

— Toalhas? — pergunta Jay.

Cada um pega numa lanterna e na sua pilha de roupa e descem o corredor até à receção, ambos a pingar o chão durante todo o

caminho. Kate procura atrás da mesa da receção e encontra uma caixa cheia de toalhas brancas, aliviada por os empregados terem deixado tudo intacto quando fecharam o lido pela última vez. Embrulham-se nelas e abraçam-se para se aquecerem um ao outro.

— Deve ser tarde — diz Kate, tomando de repente consciência da passagem do tempo, como se começasse a respirar depois de ter estado debaixo da terra.

O relógio da receção informa que é meia-noite e meia.

Dá-se conta da energia que aquele dia lhe consumiu: a redação dos artigos, a divulgação da petição e a preocupação constante. Está exausta. Até o alívio de ter voltado a ouvir Rosemary a deixou emocionalmente esgotada. Pega na caixa de toalhas, na sua roupa e na mochila, e Jay segue-a até ao estúdio de ioga. De lanterna na mão, procura os tapetes e encontra-os a um canto. Pousa a caixa e começa a desenrolá-los e arrasta-os para o meio da sala, dispondo-os de modo a formarem um quadrado grande. Ele ajuda-a até os tapetes de ioga ocuparem a área de um colchão, coberto de toalhas felpudas.

— Perfeito — diz ele.

Kate dobra-se, tira um saco-cama da mochila e abre-o em cima dos tapetes e das toalhas. Só tem um, mas pensa que não faz mal.

A luz das velas banha o quarto e duas delas refletem-se no espelho que ocupa toda a parede. Do outro lado há uma grande janela. Lá fora a escuridão é total. O cabelo de Kate pinga-lhe para os ombros e, a tremer, ela enrola melhor a toalha no corpo.

— Vem cá — diz Jay, abraçando-a e beijando-a.

Beijam-se de pé, em seguida ajoelham-se ao mesmo tempo, depois deitam-se em cima da pilha de tapetes e toalhas. Ela inclina-se para apagar as velas. Na escuridão, ele deita-se atrás dela, puxa-a para si e os dois corpos juntos formam um «S». Kate sente o coração dele bater contra as suas costas e abraçam-se com força.

— Podemos ser presos — diz ela em voz baixa antes de adormecer —, mas é bom estar aqui.

— Também acho.

Adormecem iluminados pelo pálido luar que espreita pela janela e se reflete no espelho como se ele fosse um lago.

CAPÍTULO 59

No dia seguinte, Rosemary encontra-se com Ahmed num café na Brixton Village. Chega cedo e escolhe uma mesa de canto com vista para o mercado. Vê muita gente passar pela montra ou parar para espreitar para o interior. É bom sair de casa. Após uma semana de inatividade sente uma energia nova dentro dela, agitando-a e quase, mas só quase, fazendo-a esquecer a dor nos joelhos. Bate com a mão no colo vezes sem fim enquanto aguarda Ahmed. O seu coração acompanha o ritmo das pancadas enquanto pensa no lido e em como deseja desesperadamente que o plano funcione. Mal vê Ahmed à porta, com um *iPad* debaixo do braço, acena-lhe. Ele pergunta ao empregado qual o código do *wi-fi* e dirige-se a Rosemary.

— Até pareces um homem novo — diz Rosemary, abraçando-o.

Ao princípio ele sente-se constrangido, mas depois também a aperta com força.

— Soube que terminaste os exames — diz ela, recuando um passo, sempre a olhar para ele e a sorrir. — Muitos parabéns.

Lembra-se de todas as vezes que o viu rever a matéria na receção do lido, *post-its* espalhados pela secretária. Pensar no lido e que em breve ele não passaria de uma memória faz-lhe doer o peito, no entanto não deixa o sorriso sair-lhe do rosto.

— Ainda não sei se passei — diz timidamente Ahmed.

— Oh, tenho a certeza que passaste. Não te preocupes.

Sentam-se os dois e Ahmed conta a Rosemary quais são as empresas que quer abordar e o que devem dizer-lhes. Ela fica

impressionada com o esquema que ele desenhou no *iPad* — é muito claro e elogia-o por isso, o que o faz corar novamente.

Rosemary nunca se imaginou a pronunciar as palavras «bom dia, por favor, queria falar com o departamento de publicidade.» mas ao longo da manhã repete-as umas vinte vezes. Revezam-se usando o telemóvel de Ahmed. Rosemary liga para uma empresa e Ahmed insere a informação no *iPad*, depois é Ahmed a telefonar enquanto Rosemary toma nota.

Ao fim de umas horas já quase esgotaram a lista, mas não têm nenhuma reunião marcada. Ahmed afunda-se na cadeira, a decepção estampada no rosto. Rosemary tem vontade de chorar — de romper em lágrimas em pleno café e soluçar como uma criança. Tenta pensar no que George faria. George seria amável para com o jovem.

— Creio que está na altura de bebermos mais um chá — diz, dando uma pancadinha suave no ombro de Ahmed antes de se levantar e de se dirigir ao balcão.

Mal se afasta, Ahmed pega no telemóvel e marca o número seguinte.

Há uma fila pequena e, enquanto espera, Rosemary vê uma pilha de exemplares do *Brixton Chronicle* sobre o balcão. Pega num e reconhece imediatamente o rosto da primeira página.

«Jornalista local ocupa o Brockwell Lido como protesto contra o seu encerramento», diz o título. A foto mostra Kate sentada no café vazio a olhar, pelas portas abertas, para a piscina. Ao lado dela vê-se uma mochila com um saco-cama a espreitar do fecho. *Jay deve tê-la fotografado e enviado a imagem para o jornal*, pensa, e ao imaginar os dois barricados, atrás de um muro de cadeiras e equipamento desportivo, Rosemary sorri e sente alguma esperança.

Minutos depois, a caminho da mesa, com o tabuleiro do chá nas mãos, numa luta para não o entornar, vê Ahmed a falar, todo animado, ao telefone. Ele levanta um polegar na direção dela. As mãos de Rosemary tremem ainda mais agora, derramando um pouco do conteúdo da pequena leiteira para o tabuleiro. Um empregado sai de trás do balcão e ajuda-a, colocando o tabuleiro em cima da mesa. Ela agradece-lhe.

Depois de se sentar e limpar o leite derramado, vê Ahmed terminar a chamada radiante.

— Temos uma reunião amanhã! — exclama.

E desta vez é ele que se inclina para a abraçar.

CAPÍTULO 60

Quando acorda, Kate demora algum tempo a perceber onde está. Fita o teto da sala de ioga e escuta a respiração pesada de Jay ao seu lado. Não quer mudar de posição, por isso, deixa-se ficar o mais quieta possível a ouvir os suaves ruídos do lido vazio. Os canos assobiam e os pássaros cantam lá fora, mas de resto está tudo silencioso. Jay está quente ao seu lado e ela aproxima-se mais, gostando de sentir a proximidade daquele corpo. É forte e macio e ela pensa que se cair ali em cima estará segura. Estende um braço por cima dele, o seu coração acelerando ao sentir o contacto entre as duas peles. Recorda-lhe a primeira vez que nadou no lido: o choque do seu coração ao sentir o frio e todo o seu corpo a despertar e a ganhar vida.

Olha para o teto e pergunta-se quanto tempo faltará para a polícia chegar. Virão naquele dia? No seguinte? Irão detê-la? E qual será a sensação? Nunca foi multada sequer. E Rosemary? E se o plano de Ahmed não resultar? Que fará ela quando o lido fechar para sempre, transformado pela Paradise Living num campo de ténis para os ricos? O dia estende-se à sua frente como as profundezas do mar se estendem para a escuridão. Não consegue ver o que lá existe. Não quer olhar. Então vira-se, encosta a cabeça ao peito de Jay e ele, a dormir, aconchega-a contra o seu braço.

Momentos depois também ele acorda e beija-a na testa.

— Então não foi um sonho? — pergunta, ensonado.

— Não, estás aqui fechado comigo e eu tenho medo.

Jay boceja e aperta-a contra si.

— Devíamos levantar-nos — acaba ela por dizer e depois de se certificar de que ninguém está a espreitar pela janela, os dois espreguiçam-se e saem da cama improvisada, passando um ao outro a roupa espalhada em volta dela, vestindo-se com pressa mas sem inibições.

Em seguida voltam ao café, abrem as portas que dão para o lido e sentam-se a tomar um pequeno-almoço original, constituído por restos da quiche e *KitKats*.

— É esquisito este silêncio — diz Kate quando terminam e ambos se recostam nas cadeiras a contemplar a água. — É como se estivesse tudo bem.

— A bonança antes da tempestade — observa Jay. — A Rosemary ou o Ahmed deram notícias?

Kate consulta o telemóvel e abana a cabeça. Sabe que eles devem estar ocupados a desenvolver o plano, mas naquele momento sente que no mundo só ela e Jay existem, enclausurados atrás dos muros do lido.

A água cintila, convidativa, ao sol da manhã. Kate já a viu muitas vezes, claro, no entanto aquele tom de azul ainda a deixa maravilhada. O brilho da água fá-la caminhar até à borda. É demasiado convidativo. Desta vez Jay não lhe faz companhia; fica na sua cadeira, observando-a e sorrindo-lhe.

— Não acredito que vim ocupar o lido e não me lembrei de trazer um fato de banho — diz Kate, despindo-se. — É a minha hipótese de ter o lido só para mim.

De pé e nua à beira da piscina, sabe que Jay está a olhar para ela. Tem consciência das curvas do seu corpo imperfeito. Mas não se importa. Desce os degraus e entra na água.

Por instantes, mergulha e abre os olhos. De início, a água deixa tudo indistinto, mas, mal os seus olhos se adaptam, vê a piscina alongando-se à sua frente, completamente vazia, à exceção de uma ou outra folha que rodopia lentamente à superfície. É estranho, parece um palco antes de os atores chegarem. Depois vem respirar à tona e começa a nadar o seu *crawl* hesitante.

Que ironia, pensa enquanto avança pela água fria, *ter esta calma e esta beleza quando as coisas estão tão más*. Apercebe-se de que

aquela pode ser a última vez que nada no lido. Pensar nisso parte-lhe o coração, mas sentir a água, o sol a refletir-se na superfície e a simples alegria de estar ali naquele instante devolvem-lhe o ânimo.

Quando se sente cansada, sai, seca-se discretamente e volta a vestir-se.

— Céus, és tão bonita — diz Jay quando ela volta para ao pé dele.

E pela primeira vez na vida, Kate sente que é capaz de ser mesmo bonita.

Deixam-se estar sentados algum tempo até que ouvem barulho do outro lado do muro do lido. Nervosos, entram e dão a volta até à entrada, espreitando pelas janelas, por cima da barricada de mesas e cadeiras.

Os manifestantes voltaram com os seus cartazes, só que desta vez vêm acompanhados por alguns polícias que atravessam o relvado atrás deles. O coração de Kate para de bater e começa a sentir um formigueiro na pele. Deve ser agora — estão prestes a ser postos na rua. As chaves serão entregues primeiro à polícia e depois, uma vez a venda do lido consumada, à Paradise Living. E então tudo terá acabado.

Ela estende a mão para Jay, que a aperta com força.

Kate vê Hope a falar com um dos agentes, tentando convencê-lo a levar um cartaz. O grupo chega à porta do lido.

Um dos agentes é um homem de cerca de cinquenta anos com as riscas de sargento no uniforme. Os outros três são muito mais novos — duas mulheres e um jovem de barba. As fardas deles parecem acabadas de sair da embalagem e têm um ar nervoso enquanto Hope volta a tentar convencê-los a levar um cartaz. O agente mais velho quer furar a multidão para chegar à porta, mas Hope, Frank, Jermaine, Geoff, Ellis e Jake formam uma barreira entre os polícias e a entrada do lido.

— Por favor, deixem passar, não queremos confusões — ouve Kate o agente dizer.

— Nem nós — responde Frank.

Jermaine está junto a ele, de braço dado. *Sprout* ladra a seus pés.

— Soubemos que estão duas pessoas fechadas lá dentro... queremos conversar com elas.

O agente fala alto na direção de Kate e Jay que estão colados ao vidro.

— Estão a ouvir-me? — grita o sargento.

Kate e Jay anuem com a cabeça, espreitando por cima de uma bicicleta estática que serve de primeira linha de defesa à barricada. A mão de Jake continua entrelaçada na de Kate. Ela sente o estômago às voltas, o coração aos pulos. As lágrimas acumulam-se nos seus olhos, mas ela tenta desesperadamente lutar contra elas — para não mostrar a dor que a derrota a faz sentir.

— Sugiro que ambos abandonem o edifício de forma voluntária — diz o agente —, ou terão de ser tomadas medidas para vos retirar daí.

— Espero sinceramente que não esteja a falar a sério, Billy Hooper — diz uma voz ao fundo do grupo de manifestantes.

Agentes e manifestantes viram-se para dar passagem a Rosemary, que se dirige à entrada do lido acompanhada por Ahmed. Ela olha para Kate através das janelas e acena com a cabeça, com um sorriso que aplaca o batimento do coração da amiga.

— Senhora Peterson — diz o agente.

Baixa os olhos e de repente não parece um agente da polícia de cinquenta e tal anos envergando uma farda elegante, mas sim um miúdo pequeno com a roupa confortável da escola.

— São amigos meus que estão aí dentro — diz Rosemary, que crava os olhos nos do agente Hooper até ele os levantar. Fitam-se por instantes e depois Rosemary continua numa voz clara: — Como têm passado os seus filhos? Ouvi dizer que foi avô! Parabéns.

Após uma breve troca de palavras com Rosemary, o sargento Hooper vira-se para Kate e Jay e o grupo de manifestantes aglomera-se à volta deles.

— Ouçam — diz ele —, vou ser sincero. De momento não estão a violar lei nenhuma por se encontrarem aí dentro. A proprietária do edifício, por enquanto ainda a câmara, precisa de um mandado judicial para vos abrigar a sair. Se continuarem a recusar-se depois disso, seremos instruídos a entrar e remover-vos à força.

Kate e Jay entreolham-se.

— O mandado judicial pode demorar vários dias — diz o sargento, vendo as expressões de preocupação de ambos. — Bem, assim sendo — continua, desta vez dirigindo-se a Rosemary — para já deixamo-la à vontade, senhora Peterson. Todavia, amanhã voltaremos para verificar se tudo está conforme e em paz. Se causarem danos... bem aí eles podem estar mesmo em apuros.

Kate quase ri... por que raio iriam danificar exatamente aquilo que querem proteger?

No preciso momento em que se começa a afastar, seguido pelos agentes mais novos, vira-se e o sargento olha de novo para trás.

— Aqui para nós, todos achamos uma pena ver o lido fechar portas. Eu vinha para aqui nadar quando era pequeno... vínhamos todos. Mas infelizmente a lei é a lei e, quer isso nos agrade ou não e a Paradise Living vai tomar posse deste edifício. O negócio está fechado.

Faz uma curta vénia a Rosemary e afasta-se, atravessando o relvado com os colegas em direção ao parque. Ao vê-los partir, a respiração de Kate finalmente retoma a normalidade e ela larga a mão de Jay.

— Que foi aquilo? — pergunta Kate. — Ele parecia mesmo ter medo de si, Rosemary.

Os outros manifestantes cercaram-nas para saberem porque se tinha o sargento Hooper comportado de forma tão dócil diante da senhora Peterson.

Rosemary abanou a cabeça a indicar que não era importante.

— Ele ia muitas vezes à loja do George quando era rapaz. O pai dele estava constantemente desempregado e o Billy tinha quatro irmãos e irmãs, por isso, o George enchia-lhe o saco com produtos e não lhe cobrava nada. Tentou que ele não desse por nada, mas o Billy era esperto.

— Muito amável da parte do George — comenta Jermaine.

— Bem, ele era um bom homem — responde ela.

Os manifestantes conversam durante algum tempo, felicitando-se uns aos outros pela pequena vitória.

— Então creio que agora só nos resta esperar pelo mandado judicial, não? — pergunta Kate a Jay.

Ele anui com a cabeça.

— Pode demorar alguns dias... temos comida para tanto tempo? — pergunta Jay.

— Não sei se chega — responde Kate. — Mas havemos de resolver isso, espero.

Com a notícia do mandado judicial, os manifestantes decidem que é seguro deixarem Kate e Jay, sabendo que para já, ninguém pode correr com eles.

— Até amanhã — gritam do outro lado do vidro ao mesmo tempo que acenam adeus.

Os únicos que lá se encontram agora são Rosemary e Ahmed, perto da janela onde Kate e Jay espreitam para fora. Rosemary fala-lhes da reunião que conseguiram marcar para a manhã seguinte.

— Bem, foi o Ahmed quem conseguiu, na verdade — diz ela.

Kate repara que ele parece mais confiante, como se os exames e a sua ideia o tivessem promovido de adolescente a jovem adulto. Kate lamenta não poder ir à reunião com eles.

— E quem ficaria de guarda ao lido? — lembra Rosemary. — Não, a Kate e o Jay *precisam* de ficar onde estão... zelando pela segurança do nosso lido.

— Então amanhã é o dia decisivo — observa Kate, olhando, nervosa, para os três.

— Suponho que sim — conclui Rosemary.

Em seguida, todos ficam calados, a imaginar o que o dia seguinte lhes reservará. A luz do final da tarde incide sobre eles e o lido, embora naquele instante não possa ser apreciada, exceto por um par de patos-reais que deslizam suavemente pela superfície da piscina.

CAPÍTULO 61

Ahmed vai ter com Rosemary à paragem de autocarro em frente ao apartamento dela. Veste um fato vários números acima do seu e sente-se desconfortável dentro dele.

— Desculpe lá isto — diz, apontando para o casaco largo mal vê Rosemary. — É do meu pai. A minha mãe diz que me compra um quando eu acabar os exames. Se eu passar nos exames.

— Bem, acho que estás muito atraente — diz Rosemary. — Nunca te vi tão bonito.

Rosemary escolheu um saia-casaco azul-claro. Quando o vestiu de manhã, achou que a cor lhe recordava o lido, por isso, não podia ser mais apropriado. Ahmed sorri e oferece-lhe o braço.

— Está preparada? — pergunta ele.

— Creio que sim.

— Estou um pouco nervoso.

— Eu também.

O autocarro encosta e, de braço dado, entram e veem dois lugares vazios à frente. Quando o autocarro arranca e percorre a rua, Rosemary olha pela janela e vê desfilar a sua Brixton. Circundam o parque e viram à direita, descendo a colina, passando pela igreja, onde os sem-abrigo se sentam a beber cerveja escondida em sacos de plástico, e pelo cinema até entrarem na rua onde fica a livraria de Frank e Jermaine e a estação de metro que despeja gente para a rua. Olha ao longo da Electric Avenue, tentando encontrar Ellis, mas só consegue ver a multidão que serpenteia por entre as bancas com os seus toldos de lona às

riscas. Depois Brixton funde-se com o resto da cidade e ela deixa de reconhecer ruas e lojas. Os cafés e os parques são da responsabilidade de outros.

Atravessam Kennington e contornam o Imperial War Museum, com os seus canhões de sentinela à entrada. Passam pelo Palácio de Lambeth, cujos torreões brilham ao sol do final do verão. Na Ponte de Lambeth, tanto Rosemary como Ahmed contemplam o rio nos dois sentidos de um e outro lado, e veem o London Eye e o Parlamento numa direção e, na outra, os imponentes edifícios de vidro que refletem a luz. O autocarro segue e passa pela Abadia de Westminster, pelo Big Ben e pela Parliament Square, em cujo gradeamento um grupo de manifestantes de cartazes na mão prendeu algumas faixas. Rosemary tenta ler o que elas dizem mas não consegue. Não sabe há quanto tempo elas ali estão e o que reivindicam. Não sabe se a luta delas sairá vitoriosa. Espera que sim.

Em Trafalgar Square, o trânsito intenso obriga o autocarro a abrandar e os dois veem Nelson no cimo da sua coluna e os leões de bronze de bocas entreabertas como se fossem falar. Na praça, repleta de turistas e pombos, homens-estátua vestidos de Charlie Chaplin e de Homem de Lata recebem moedas em chapéus pousados no chão.

O autocarro para finalmente em Regent Street, o seu destino.

— Obrigada, senhor condutor — agradece Rosemary enquanto Ahmed a ajuda a descer.

O autocarro volta a arrancar, deixando-os no passeio. A paragem fica em frente ao armazém de brinquedos Hamley's e a rua está cheia de crianças e pais que entram e saem da loja. Os empregados da Hamley's encontram-se junto à porta, uns de farda vermelha, outros vestidos de personagens da literatura infantil. Um grupo de estudantes chineses deixa-se fotografar ao lado de um urso gigante.

— Com licença, com licença — diz uma mãe ao passar por eles, segurando a filha pela mão e entrando no estabelecimento.

Por instantes, Ahmed e Rosemary ali ficam imobilizados, vendo as pessoas que se apressam em volta deles e ouvindo o ruído dos táxis e dos autocarros. Um ciclista grita a um condutor de autocarro

e um carro buzina a uns peões que atravessam a rua a correr. Acima deles, prédios todos iguais de fachadas claras destacam-se contra o céu azul, decorados com colunas uniformes e grades negras nos varandins de todas as janelas de sacada.

— Vá — diz finalmente Ahmed —, vamos lá.

Rosemary agarra-se ao braço dele que a guia rua fora. Continuam a cruzar-se com pessoas que andam às compras e lhes batem com os seus sacos ou quase chocam com eles por irem de olhos cravados nos telemóveis. Viram para Baker Street; aqui há menos confusão e Ahmed para, pega no telemóvel e certifica-se de que vão na direção certa. Rosemary espera que ele olhe para o telemóvel e em seguida para o que os rodeia.

— Hum — diz ele. — Somos capazes de ter um problema. O meu ponto azul diz que estamos aqui, mas esta rua não tem o nome, por isso, não sei bem por onde havemos de ir.

Volta a fitar o ponto azul e olha em volta, confuso.

— Desculpe, não queria atrasar-nos.

Rosemary abre a mala de mão e tira de lá um velho mapa muito usado.

— Isto ajuda?

Ahmed ri e aceita o guia. Juntos consultam-no e encontram a rua onde estão e a rua para onde querem ir.

— Pronto, já entendi.

— Às vezes não há nada melhor que um velho e leal amigo — comenta Rosemary, voltando a guardar o mapa na mala.

Chegam à porta do edifício com poucos minutos de antecedência. A fachada é em vidro e vê-se o interior da área de receção, onde uma mulher de batom vermelho sentada atrás do balcão fala ao telefone. Tem o cabelo grisalho, mas um aspeto muito jovem. Deve encharcar-se em creme hidratante, pensa Rosemary, observando-a.

Lâmpadas pendem do teto em cordões vermelhos e atrás do balcão a parede é em aglomerado. O teto parece feito de caixotes de madeira. Talvez se trate de um escritório novo e acabado de inaugurar. Não há dúvida de que tem um ar austero: ao lado da secretária da receção há uma mesa de vidro e uma zona de

convívio com assentos de dimensões variadas. Um *puff*, um banco alto, uma cadeira de sala de jantar e uma poltrona de couro. Uma pessoa desconfortavelmente sentada no *puff* observa-os.

Um jovem de rabo de cavalo passa por eles e sobe as escadas. A rececionista cumprimenta-o com um aceno e ele insere o seu cartão nas cancelas à esquerda e sobe mais uns degraus.

Rosemary e Ahmed viram-se um para o outro.

— Pronta? — pergunta Ahmed.

— Pronta — responde Rosemary.

Juntos sobem as escadas e abrem as portas.

— Bom dia! — diz a rececionista num tom simpático quando os vê à sua frente. — Em que posso ajudar?

— Temos uma reunião marcada — diz Ahmed, procurando no bolso o papel onde apontou os pormenores — com Tory Miller, às dez.

A jovem consulta o computador e anui com a cabeça.

— Sim! Vou informá-los de que já chegaram.

— O que é aquilo? — pergunta Rosemary, apontando para uma máquina alta com uma parte em vidro e outra em metal numa ponta do balcão.

A jovem sorri e levanta-se. A camisola dela termina mesmo por cima do umbigo, como se tivesse sido aparada com uma tesoura.

— É uma máquina de batidos — responde, divertida. — Deseja um? Ou um café? Posso pedir ao nosso barista que lhe prepare um.

— Oh, não, não — diz Rosemary, sacudindo a cabeça.

Não recusaria uma chávena de chá, mas não sabe se gosta de café nem o que aqueles nomes todos querem dizer. *Cappuccino*, *macchiato*, *flat white*... Palavras que não lhe dizem nada.

— Então não quer sentar-se? — pergunta a jovem — Eu acompanho-os quando eles puderem receber-vos.

Dirigiram-se à zona de convívio e Ahmed empoleira-se, desajeitado, na cadeira de sala de jantar. Rosemary opta pela poltrona, mas arrepende-se de imediato pois afunda-se nas almofadas moles que parecem querer engoli-la. Enquanto esperam, Rosemary cruza e descruza as mãos no colo. Alisa a saia e espreita o seu relógio de pulso. Respira fundo várias vezes, tentando

manter-se calma e não pensar na importância daquela reunião. Mas não consegue. Imagens do lido desfilam pela sua memória. A ordem é irregular: tão depressa vê o lido como ele era há poucos meses, quando nadava com Kate pela primeira vez, como se imagina lá a flutuar durante a guerra, quando era adolescente. Depois lembra-se de George, a nadar com ela depois dos tumultos, ambos a precisarem de se acalmar. Vê-o a sorrir-lhe e saltar para a água. E depois imagina o lido encerrado e transformado num clube particular, com a piscina cheia de cimento e sem a cadeira do nadador-salvador.

— Vão receber-vos agora — anuncia a rececionista.

Rosemary abre os olhos e levanta a cabeça, tentando lembrar-se de onde está. Ahmed anui com a cabeça. Ajuda-a a levantar-se da poltrona e juntos seguem a jovem através das cancelas de segurança e ao longo de um corredor comprido. A mulher começa por andar depressa, mas, vendo que Rosemary e Ahmed não conseguem acompanhá-la, abranda e caminha mesmo à frente deles. Finalmente chegam a uma porta fechada no extremo do corredor.

— Cá estamos! — anuncia a rececionista, abrindo a porta e revelando uma ampla sala de reuniões.

Cerca de dez pessoas estão sentadas a uma mesa comprida. Sentindo as mãos a tremer, Rosemary aperta-as com força.

— As suas visitas estão aqui. Deixo-as consigo.

O grupo acena com as cabeças e a rececionista fecha a porta. Ahmed e Rosemary ali ficam, de pé à frente da mesa, calados.

— Bom dia, sou Ahmed Jones — apresenta-se Ahmed, depois de respirar fundo. — Falámos pelo telefone.

Em seguida, lembra-se do conselho do pai e dá uma volta à mesa, apertando a mão a todos. Procura manter a sua mão firme e forte. Os presentes acenam com a cabeça a Ahmed.

— Muito prazer.

— E esta senhora é a Rosemary Peterson.

Rosemary continua plantada à frente da mesa, incapaz de se mexer. Ahmed volta para junto dela.

— Lemos sobre si no jornal — diz um dos homens sentados à mesa. — Um belo artigo.

— Foi a Kate — explica Rosemary. — A minha amiga Kate é que escreveu o artigo.

As pessoas em volta da mesa anuem com a cabeça.

— Apresentamo-nos? — propõe uma jovem ao centro, Tory, que diz ser a diretora de publicidade, e depois cada um diz o seu nome e o cargo que ocupa.

Rosemary tenta fixar os nomes, mas tanto os nomes como os títulos se fundem uns nos outros a ponto de ela se convencer de que um deles é «Diretor Chefe de Marca de Publicidade Executivo».

Terminadas as apresentações, Ahmed sorri a Rosemary e depois ao resto da sala.

— Como sabem, estamos aqui para vos propor fazerem publicidade no Brockwell Lido — informa. — No verão, o Brockwell Lido recebe centenas de visitantes todos os dias. Pensamos que a publicidade pode beneficiar-nos a todos. Nós mantemos o lido aberto e os senhores ganham uma oportunidade única para a divulgação dos vossos produtos. O fundo da piscina, por exemplo, é um excelente suporte para a vossa publicidade. Ao longo dos últimos anos saíram dúzias de fotografias de vista aérea da piscina em jornais e revistas de todo o país. Porém, para explicar melhor porque isto é tão importante para nós, a minha amiga Rosemary gostaria de dizer umas palavras.

Recua um passo e faz sinal a Rosemary. O grupo vira-se para ela, interessado.

— Não trouxe uma apresentação em PowerPoint? — pergunta um homem sentado à mesa.

— Uma quê? — pergunta Rosemary.

— Precisa de usar o computador?

— Oh, não.

— Certo.

Faz-se silêncio e, de um momento para o outro, Rosemary sente-se desconfortável dentro do seu saia-casaco, rodeada por tantas pessoas muito mais novas do que ela. No lido isso nunca teve importância — são todos iguais, uma vez despidas as roupas

que usam em terra. Mas aquele grupo de jovens desconhecidos, todos com o mesmo corte de cabelo e uniforme, intimida-a.

— Porque não nos fala do lido? — sugere Tory.

Inclina-se para a frente, pousando os braços sobre a mesa. O homem ao lado dela recosta-se no assento, caneta na mão. Os outros arredam as cadeiras até ficarem de frente para Rosemary. Ahmed olha para ela a sorrir, procurando encorajá-la. Estão todos à espera de a ouvir.

O medo de desperdiçar aquela última esperança, de errar, imobiliza-a. Aquela é a derradeira oportunidade e ela sabe-o. Sentindo todo o seu corpo a tremer, fecha os olhos e imagina um tranquilo espelho de água. A água está dividida por cordas em pistas: lenta, média e rápida. De um lado um relógio faz tiquetaque, observando os nadadores na água fria. Rosemary abre os olhos.

— Em Brixton temos um lido — declara. — E nado lá há oitenta anos. O lido é o meu lar, mas não é só meu... significa muito para toda a nossa comunidade.

De início a sua voz é trémula, mas vai-se fortalecendo à medida que ela conta a sua história. O grupo olha-a fixamente e Ahmed continua ao seu lado.

— Senti-o mais do que nunca nos últimos meses. É engraçado como é preciso uma ameaça de encerramento para as pessoas se aperceberem da importância que um lugar tem. Não conheço nenhum parecido. Pode estar tudo muito atarefado e stressado cá fora, mas dentro do lido sentimo-nos sempre bem. Quando as pessoas o visitam pela primeira vez, não acreditam que ele seja tão calmo comparado com o resto de Brixton. Por isso é tão especial... é um sítio onde nos podemos refugiar sem sair da nossa comunidade. Há quem lhe chame a «praia de Brixton»... é a única praia que muitas crianças dali conhecem. No verão ferve de pessoas. Pais estendem-se nas toalhas ou nadam com os filhos. Veem-se pessoas de todas as idades, adolescentes tentando dar nas vistas com os seus mergulhos, crianças pequenas a aprender a nadar no lado menos fundo, homens de negócios fugindo às suas preocupações. E eu.

Imagina o lido como estaria naquele momento, o pico do verão: risos de crianças, salpicos, o calor do Sol no seu rosto.

— E quanto à senhora? — pergunta alguém. — O que significa o lido para si? Há mais piscinas em Londres, porquê lutar por esta?

Rosemary fecha os olhos. Vê a água fresca e azul.

— É verdade que há muitas coisas mais importantes pelas quais lutar e muitas coisas mais importantes a acontecer no mundo — diz, abrindo os olhos. — Não paro de repetir para comigo: Rosemary, não importa.

Na noite anterior, sentou-se à beira da cama e disse-o vezes sem fim, tentando convencer-se de que aquilo não tinha importância, por isso, não era necessário ir em frente com a reunião, enfrentar aqueles desconhecidos e arriscar-se a tornar aquela última oportunidade uma desilusão. Desilusão para si, para o lido, para George.

— Mas importa. Importa muito. Tal como importou terem encerrado a biblioteca.

Fala cada vez mais alto e estremece. Apoia uma mão na mesa para não se desequilibrar.

— Quando o meu marido, George, morreu, foi como se chovesse todos os dias e eu não tivesse para onde ir. Ele era a minha terra firme quando tudo corria mal cá fora. Tinha oitenta e cinco anos. Teve uma vida boa. Achei que não devia lamuriar-me, havia muita gente na minha situação. Fomos muito felizes.

A vida dela era pontuada pelos sorrisos dele quando saía da água e pelo sussurro do ressonar dele. Costumava impedi-la de dormir, o que às vezes a enfurecia. Hoje tem saudades de se zangar com o barulho do roncar dele ao seu lado.

— Mas, bem, a verdade é que sinto a falta dele.

Respira fundo e ocupa os dedos com os botões do casaco, abotoando-os e desabotoando-os várias vezes. Um dos botões está quase a cair. Pende da linha como uma flor de caule partido. Alisa a saia, limpa o rosto e levanta os olhos.

— Podem existir muitas piscinas, mas nenhuma será a mesma coisa. O meu George não está nas outras, está no nosso lido.

O grupo fita-a, mas ela já se alheou da presença deles.

— Quando morreu, sentei-me na poltrona dele e tentei senti-lo junto a mim. Parece um disparate dito assim, mas não me envergonho de o ter feito. Bem, na verdade não resultou. Tentei que resultasse, mas não consegui. Ele simplesmente já ali não estava. Mas no lido, sinto-o. Sinto-o em toda a parte.

George está na humidade que recobre a piscina de manhã, no deque molhado, nos cacifos de cores vivas e no ar que ela inspira ao entrar na água, recordando-lhe que ainda está viva. Que deve continuar viva.

— Talvez seja verdade que a piscina não rende muito dinheiro. Talvez eu não passe de uma velha ridícula. Mas não posso permitir que me tirem o meu lido. Que me tirem o meu George.

Ahmed põe um braço em volta dos ombros de Rosemary e aperta-a contra si. Ela solta um suspiro profundo e a força dos seus sentimentos deixa-a exausta. Faz-se silêncio durante algum tempo, em seguida um membro do grupo levanta-se.

— Vamos ponderar a hipótese de colocar publicidade no lido. No entanto, precisamos de estudar o assunto primeiro. Daremos notícias até ao final do dia de hoje.

O resto do grupo levanta-se.

— Agradecemos-lhe por ter vindo. E a si também, Ahmed.

Rosemary olha como deve ser para o grupo à sua frente pela primeira vez desde que começou a falar. O rosto de Tory está vermelho. Alguns pestanejam vigorosamente, como se lhes tivesse entrado alguma coisa para o olho.

Ahmed aperta a mão a todos e diz um último adeus. A rececionista aguarda-os do outro lado da porta e acompanha-os à entrada.

— Vamos apanhar um táxi? — propõe Ahmed. — Acho que merecemos.

Ela anui com a cabeça e manda parar um — está demasiado cansada para falar. *Quando chegar a casa, vou dormir*, decide. Sabe que devia ir ao lido, dar as últimas novidades a Kate, no entanto sente que precisa de ir para casa e estar sozinha. Está esgotada e só lhe apetece deitar-se na sua cama, do lado que sempre escolhia quando George era vivo. No assento traseiro do

carro, Ahmed vê novamente Londres pela janela enquanto Rosemary se encosta ao seu ombro e fecha os olhos. Ao adormecer, conclui que fizeram tudo o que estava ao seu alcance. O que se podia fazer está feito.

CAPÍTULO 62

No terceiro dia da ocupação, Kate e Jay aguardam, ansiosos, a chegada do mandado judicial. Deslocam-se entre o café, a borda da piscina e a receção, espreitando nervosamente para lá da barricada. Sempre que Kate ouve vozes diferentes fora do lido, o seu coração dá um pulo, pensado que talvez seja alguém a trazer o mandado judicial. De vez em quando olha para o relógio pendurado por cima da piscina, certa de que os ponteiros se estão a mexer mais lentamente do que o costume.

Hoje, a fila de manifestantes é mais curta. Frank veio sozinho, deixando Jermaine encarregar da livraria; Ellis compareceu, mas Jake não, pois ficou a tomar conta da banca do pai. Todos lamentaram não poderem ali estar até ao último minuto, mas a vida tinha de continuar. Hope, talvez a manifestante mais revoltada, grita «não esvaziem o nosso lido» sempre que alguém atravessa o parque junto ao lido. À hora do almoço chega uma pequena multidão — pessoas das redondezas que aproveitam a pausa para ir ver o protesto de cuja existência souberam pelos jornais. Por instantes, ouve-se barulho, quando esses recém-chegados se juntam ao grupo, e Kate observa-os atrás das portas da receção. Hope distribui cartazes e Ellis fotografa com o telemóvel. Mais tarde, depois de os novos participantes regressarem aos seus empregos, Ellis insere as fotos na página «Salvem o Brockwell Lido».

O dia vai-se escoando mas nem sinais da polícia, nem da câmara ou da Paradise Living. Enquanto esperam, Kate caminha, ansiosa, em volta do lido ou rumo à receção. Põe a hipótese de ir

dar umas braçadas, mas pensa que eles podiam chegar enquanto ela estivesse dentro de água, nua, e desiste. Toma duche no vestiário vazio e em seguida vai ao computador ver como está a petição. O número subiu ainda mais pela noite fora e continua a aumentar durante o dia. Verifica o Twitter, onde o *hashtag* «Salvem o Nosso Lido» está a ser usado por residentes locais e entusiastas da natação. Enquanto Kate trabalha, Jay senta-se em silêncio ao lado dela ou dirige-se à receção para falar através do vidro com Hope e os outros manifestantes. À tarde, Hope e Jake deixam a fila por instantes, correm para o muro do lido e gritam a Jay que se coloque do outro lado, junto à piscina.

Kate segue-o e em breve estão os dois lado a lado no deque a olhar para o cimo do muro. Momentos depois, veem qualquer coisa voar. Jay inclina-se, estica os braços e apanha uma lancheira em plástico mole.

— Espero que ajude a chegar ao fim do dia — grita Hope do outro lado.

Jay entrega a lancheira a Kate que a abre. Lá dentro está um embrulho de folha de alumínio — contendo uma fatia de bolo de gengibre ligeiramente amassada.

— Pensei que podiam ter fome! — grita Hope. — É caseiro!

Olhando para o bolo achatado, especialmente feito para ela e Jay, Kate sente os seus olhos humedecerem-se. Combate as lágrimas e grita: «obrigada» para o outro lado do muro. Lembra-se da sua mudança para Londres e de que até há poucos meses praticamente não conhecia ninguém em Brixton, muito menos alguém que lhe fizesse um bolo e se preocupasse consigo. O gesto comove-a e ao partilhar com Jay a grossa fatia, sente que nunca na vida comeu nada tão bom.

— Estou ansiosa por saber como correram as coisas à Rosemary e ao Ahmed — diz Kate enquanto come. — A reunião já deve ter acabado.

A ideia fá-los cair novamente no silêncio. A felicidade de Kate ao comer o bolo depressa se esvai, com a lembrança de que em breve serão expulsos do lido. E depois? Regressa a casa e aos colegas de apartamento que nem se deram conta da existência daquela

campanha — provavelmente nem repararam que ela não vai a casa há três dias!

Como se lhe adivinhasse o pensamento, Jay põe um braço em volta dela e puxa-a contra si, abraçando-a com força. O telemóvel de Kate vibra-lhe no bolso e ela afasta-se de Jay para pegar nele e ler.

«Novidades? Beijinhos.»

«Ainda nada», responde Kate à mensagem de Erin. «O mandado judicial deve chegar a qualquer minuto. Também não tenho notícias da Rosemary e do Ahmed. Acho que vai ser mesmo o fim. Beijinhos.»

«Não desanimes», é a resposta da irmã. «Orgulho-me do que estás a fazer. Beijinhos.»

As palavras de Erin dão alguma força a Kate, mas ela ainda se sente exausta e aninha-se nos braços de Jay, deixando-se abraçar.

— Vai correr tudo bem — diz Jay em voz baixa, apesar de ambos saberem que pode não ser assim.

Ao fim de algum tempo separam-se e voltam à receção para verem o que se passa. Mal se aproximam da porta Kate vê Ahmed correr na direção deles. Procura Rosemary, mas ele vem sozinho.

— Como correu? E onde está a Rosemary?

— Acho que correu bem — responde Jake. — Ela foi para casa aguardar o telefonema deles... prometeram dizer alguma coisa até ao final do dia. Creio que isto tudo a arrasou... Veio todo o caminho a dormir.

Kate tenta imaginar Rosemary de pé num escritório ultramoderno a discursar para pessoas ligadas à publicidade, mas não consegue vê-la noutro cenário que não o lido.

Verifica o telefone de tantos em tantos minutos ao longo do dia, mas à exceção de mais algumas mensagens de Erin, não há nada. Ahmed também verifica o seu mas não tem chamadas não atendidas nem mensagens. A dada altura o seu telemóvel toca e ele quase o deixar cair de tão ansioso, mas é apenas a mãe a perguntar-lhe se vai chegar a casa a horas de jantar.

Ao fim de algum tempo, Kate não aguenta mais e liga para o apartamento de Rosemary a perguntar se ela já recebeu resposta

de algum potencial anunciante.

— Nada — responde Rosemary. — Estou sentada ao lado do telefone desde que voltei. Tenho medo de mudar de lugar ou de ir à casa de banho, não vá alguém telefonar.

— Acho que pode ir à casa de banho se precisar, Rosemary — assegura Kate.

— Bem, nunca se sabe... não quero deixar de atender...

— Ligue-me se a contactarem, está bem?

— Combinado.

Ainda à espera de ouvir chegar a polícia, ou representantes da câmara ou da Paradise Living, Kate fica surpreendida quando, em vez disso, a meio da tarde, ouve pessoas a rir e a tagarelar. Segue os sons desde o café, onde tem estado a consultar a petição e a página do Facebook, até à parte da frente do lido. Duas filas de raparigas, vestidas com fardas castanhas e amarelas e de mãos dadas, desfilam pelo parque, chefiadas por duas adultas. Ao lado delas, Phil. Quando o grupo se aproxima, Kate repara que todas têm nas mãos pedaços de papel que abanam levemente ao ritmo dos passos delas.

— Pertencemos aos escuteiros locais — diz uma das adultas quando Kate se junta ao grupo. — Viemos à manifestação.

Ellis e Hope dão-lhes as boas-vindas. Phil parece um pouco embaraçado, mas Ellis estende-lhe a mão.

— A maioria das nossas raparigas frequenta a escola local e vem ao lido ter aulas de natação. Ficaram inconsoláveis quando souberam que vai fechar. Nós também — diz uma das chefes.

— Então pensei que seria uma boa história para o jornal — acrescenta Phil, olhando, nervoso, para Kate através do vidro. Fitam-se um instante e depois Phil vira a cabeça, as suas faces ainda mais arroxeadas. — Tenho uma informação para vos dar — diz, evitando os olhos de Kate. — Parece que o mandado judicial vai demorar mais do que se pensava. Mas não muito. Mais um dia ou, na pior das hipóteses, dois.

Kate anui com a cabeça, agradecida pela ideia de Phil e a pensar como terá ele sabido. Sente o medo do que irá acontecer nos dias seguintes invadir o seu corpo, mas esforça-se por concentrar a sua atenção nas crianças, que conversam, ainda de mãos dadas, junto aos adultos.

— Elas é que fizeram os seus cartazes — diz uma das chefes das escuteiras e as crianças largam as mãos umas das outras e formam uma fila diante de Kate.

Exibem as suas folhas de papel com desenhos e pinturas do lido. São todos ligeiramente diferentes, mas têm algumas coisas em comum: as fortes pinceladas de azul-vivo e os sorrisos nos rostos um pouco retorcidos das pessoas que chapinham dentro de água ou a observam de perto. Ao ver o lido replicado em formas irregulares, coloridas, por aquelas crianças, Kate tem novamente vontade de chorar.

As raparigas viram-se para mostrar as imagens ao resto do grupo.

Jake fotografa-as atrás do vidro e, do outro lado, Ellis saca do seu telemóvel.

«Salvem o nosso lido», grita uma das chefes e as crianças fazem coro, gritando em uníssono e cada vez mais depressa, até as palavras saírem a tal velocidade que elas rompem às gargalhadas antes de retomarem as suas conversas.

As escuteiras permanecem ali durante algum tempo e as suas vozes alegres recordam a Kate o lido nos dias de verão, quando a água se enche de pessoas que lá vão nadar e passar um bom bocado. Pergunta a si mesma se algum dia voltará a ouvir esses sons. Os pais das crianças vêm buscá-las e elas dispersam-se pelo parque em pequenos grupos, levando consigo os desenhos que fizeram, à exceção de um ou outro que fica esquecido no passeio junto ao muro do lido.

Pelas seis horas da tarde, já todas as crianças saíram e o lido está de novo silencioso. Kate tenta vez falar novamente com Rosemary.

— Eles disseram que me telefonavam até ao final do dia — diz Rosemary ao atender. — Porque não disseram nada? Teriam

telefonado se fosse um «sim», não acha?

— De certeza que não quer dizer nada — responde Kate, mas o coração dela para quando se apercebe de que provavelmente é isso mesmo.

— Gostava de estar aí convosco — acrescenta Rosemary.

— Também eu — responde Kate.

Embora de repente desejasse estar noutra sítio qualquer. Não em casa, mas numa cama confortável qualquer a dormir um sono tranquilo, sem sonhos. Está exausta de tanta preocupação, da espera, da tensão sem fim à vista.

Nessa noite dorme mal, empurrando para o lado o saco-cama demasiado quente, e deitando-se sobre as toalhas no estúdio de ioga. Sempre que se vira, pontapeando o ar de tão agitada, acorda Jay que, calmo, lhe beija a testa e diz ao corpo dela que está tudo bem. Di-lo por ela, mas também para se acalmar, enquanto a lua ilumina o estúdio e a superfície da piscina adormecida.

CAPÍTULO 63

O Sol brilha num céu azul-claro. As árvores estão carregadas de pássaros, que cantam as suas melodias matinais ao despique, tal como os vendedores do mercado que competem no volume a que gritam os seus preços. Abelhas pairam por cima das flores silvestres que salpicam a encosta em volta do lido. Um homem passeia o seu cão e espreita pela janela para dentro do lido, descobrindo dois corpos a dormir embrulhados em toalhas na sala de ioga. O cão corre para o topo da colina onde, sentada num banco, uma idosa aprecia a vista.

— Olá — diz Rosemary, inclinando-se para afagar as orelhas do cão, que pousa duas patas nos seus joelhos e abana vigorosamente a cauda.

— *Stella*, para baixo! — grita-lhe o dono.

A cadela obedece e vai a correr farejar o tronco nodoso de uma árvore junto ao carreiro.

— Desculpe — diz ele.

Rosemary abana a cabeça e sorri. O homem e o cão descem a colina e Rosemary volta a ficar sozinha.

Está ali desde manhã. Quando chegou, o parque estava revestido de uma neblina que se colou ao seu casaco quando ela saiu do carreiro para caminhar sobre a relva. Subiu a colina devagar e sentou-se pesadamente no banco assim que chegou ao topo.

Agora o Sol já nasceu e incide sobre o lido, lá em baixo, no sopé. Ela vê a luz da manhã tornar laranja-dourado o edifício de tijolo. Fecha os olhos e vê a água azul e tranquila por detrás do muro.

Mentalmente, entra pela porta do lido e encontra George de pé no deque. Ali, à beira da piscina, ele observa-a e fica à espera de que ela lhe dê a mão para saltarem os dois para a água.

Abre os olhos e contempla o edifício silencioso. A velha árvore continua lá a um canto com um ramo a menos; nunca voltou a crescer depois de ela e George o partirem ao subir o muro. Lembra-se da madeira a lascar, da chuva de folhas e do quanto ambos se riram. O som das gargalhadas de George faz estremecer o seu coração.

Do banco onde está sentada vê toda a sua vida desfilar à sua frente. Lá está o carreiro que ela descia com os colegas da escola, caminhando debaixo da chuva antes de saltarem para a água de impermeáveis vestidos. Olha para o outro lado do parque onde uma fogueira ardeu no Dia da Vitória na Europa, quando os adolescentes gozaram a sua liberdade e ela encontrou o seu futuro num rosto desalinhado com faces rosadas e nariz direito. Não muito longe do banco, ergue-se a árvore contra a qual ela e George treinaram o pino, como se fossem as primeiras pessoas a ver o mundo de pernas para o ar, a sentir aquela sensação na barriga ao apaixonarem-se. É a mesma árvore diante da qual estiveram no dia em que se casaram, ele a apertá-la nos braços, ela virada para ele e para o sol brilhante.

Outro dono com o seu cão passa e cumprimenta-a baixando a cabeça. Rosemary mal dá por ele, tão concentrada está no lido, ao fundo da colina. Pensa na água fria e no casal de patos-reais criando ondulações à sua superfície. Vê o relógio e a loja onde George lhe pagou o chá no primeiro encontro. Vê a velha prancha de saltos, há muito desaparecida, e George a mergulhar a pique como um pássaro. Quase não rompe a superfície da água quando desaparece debaixo dela. Reaparece de rompante à superfície a sorrir como sempre lhe sorria.

— Rosy — diz. — A minha Rosy.

Para lá do lido, veem-se os telhados de Brixton e ela desce mentalmente as ruas que tão bem conhece. Passa pelo seu apartamento, levantando os olhos para os últimos andares do prédio e as alfazemas envasadas da varanda. Para no mercado à porta da

antiga loja de George, cheia de caixotes de legumes e do som da voz dele.

Avança um pouco e depois a cidade estende-se para lá do seu campo de visão. O horizonte é recortado pelos edifícios e pelas torres de apartamentos cujo vidro reflete a luz. Parecem estar a milhas de distância porque só isto importa. Esta vista do parque até ao lido.

— Acabou-se — diz em voz alta.

Um praticante de *jogging* vira-se e olha para ela. Rosemary parece estar a chorar, mas talvez os seus olhos estejam apenas húmidos da luz do Sol. O atleta respira fundo e arranca colina acima, depois desce, deixando Rosemary a sós com a sua vista.

CAPÍTULO 64

Quando Kate acorda ao quarto dia, senta-se, pega na roupa caída ao lado do tapete de ioga e veste-se rapidamente. O lido está em silêncio e o sol escoa-se pela janela. Olha para as flores silvestres lá fora, as cabeças vermelhas das papoilas erguendo-se acima dos loios e das ervas altas. Olha para lá das flores, para o parque, e é então que vê Rosemary no cimo da colina.

— Jay — diz, sacudindo devagar o corpo adormecido.

Ele agita-se e senta-se, esfrega o rosto e beija-a na face.

— É a polícia? O mandado judicial chegou? — pergunta Jay, olhando em volta.

Mas o lido está vazio e silencioso.

— Não, olha — diz Kate, apontando para fora da janela e para o topo da colina.

Ele vê Rosemary sentada no banco.

— Que estará ela ali a fazer? — pergunta Jay.

— Não sei, mas não indicia nada de bom. Se calhar acabou-se.

Dizer as palavras em voz alta provoca uma dor que lhe atravessa o peito. Kate tem vontade de chorar — sabia que o fim viria mas não pensava que fosse doer tanto.

— Talvez tenha chegado a altura de nos irmos embora — diz Jay em voz baixa. — Não queres ir falar com ela?

Kate abana a cabeça.

— Ainda não. Ainda não consigo sair daqui.

— Muito bem. Queres que eu vá?

Kate faz uma pausa e em seguida concorda. Ele veste-se e juntos empurram as mesas e cadeiras até desimpedirem o caminho para a porta. Kate vai buscar a chave e abre-a.

— Não demoro — diz ele, beijando-a.

— Está bem.

Kate abre a porta e o sol inunda a sala. Jay espreme-se por entre as mesas e cadeiras e dirige-se ao parque. Kate vê-o partir, depois fecha a porta à chave e encosta-lhe as mesas. De regresso ao estúdio senta-se junto à janela a vê-lo subir a encosta. Quando chega junto de Rosemary, senta-se no banco ao seu lado.

Estão demasiado longe para Kate lhes ver as expressões e ali ficam bastante tempo, a conversar e a contemplar o parque. Kate sente o Pânico erguer-se dentro de si, mas tenta empurrá-lo para baixo. Respira fundo e senta-se no chão, os braços em volta do corpo. Para não tremer imagina que está a nadar.

Parece não estar ninguém no parque, à exceção de Jay, Rosemary e o atleta que agora dá a volta ao fundo e se prepara para descer em direção a Herne Hill. Finalmente Kate vê Jay pôr-se de pé e estender a mão a Rosemary. Ajuda-a a levantar-se e os dois atravessam lado a lado a relva rumo ao lido.

Kate levanta-se também e corre a encostar-se à janela para os ver. Rosemary avista-a e caminha lentamente na sua direção, aproximando-se cada vez mais até estar do outro lado do vidro. Jay para à entrada do edifício.

Rosemary pousa as mãos abertas no vidro e Kate faz o mesmo, ficando as mãos de ambas apenas separadas pelo vidro.

— Está tudo bem — grita Rosemary. — Acabou.

Rosemary desata a chorar e Kate também. Porque, pela voz de Rosemary sabe que «acabou» significa o contrário.

Rosemary tem nas mãos um exemplar do *Evening Standard*. Abre-o e encosta-o ao vidro. Kate vê a sua própria imagem fitá-la. «Jornalista londrina organiza ocupação para salvar o Brockwell Lido», diz o título.

— Venha aqui para fora! — grita Rosemary.

— A polícia não está aí?

Rosemary abana a cabeça.

— Só cá estou eu.

Kate corre até à receção, empurra para o lado a barricada de mesas e equipamento desportivo. Assim que o caminho para a porta está livre, abre e sai para a manhã.

Kate olha para Jay, que está à entrada, enquanto corre para Rosemary. Ele anui com a cabeça. Ela continua a correr na direção da senhora que se tornou sua amiga.

— Acabou — diz Rosemary vendo Kate aproximar-se. — Ganhámos.

As duas amigas abraçam-se.

Kate chora, apercebendo-se de que fez o que nunca acreditou ser capaz de fazer quando conheceu Rosemary: ajudou-a. E Rosemary também chora, pensando em George e em todas as recordações que a preenchem como a água da piscina. Desde que tenha o seu lido, ele estará sempre com ela.

— Conte-me o que eles disseram — pede Kate, enxugando os olhos e soltando-se dos braços de Rosemary.

De pé junto uma da outra, Rosemary conta a Kate que recebeu uma mensagem de voz de Tory essa manhã a dizer que pretendem anunciar no lido. Querem o nome da marca deles escrito no fundo da piscina e o preço que estão dispostos a pagar é suficiente para a piscina se manter aberta. Já falaram com a câmara que aceitou a proposta.

Depois de receber a mensagem, Rosemary ligou imediatamente a Ahmed que naquele momento estava ao telefone com Tory, a discutir os pormenores. Rosemary dá então a ouvir a Kate a gravação da mensagem que recebeu.

«Parece uma boa oportunidade. Com toda a atenção que o lido tem recebido ultimamente por parte da imprensa, decerto obteremos o tipo de cobertura que desejamos. Por isso, é uma boa aposta. Mas, mais importante ainda, faz sentido. Comoveu-nos muito, Rosemary. Obrigada por partilhar a sua história connosco.

— A Rosemary conseguiu — diz Kate, olhando, orgulhosa, para Rosemary, com os olhos a brilhar.

— Oh, não consegui nada sozinha. O Ahmed foi maravilhoso ontem. E quando ligaram esta manhã disseram que ver o artigo

sobre a Kate no *Evening Standard* os ajudou a tomar uma decisão. Querem «capitalizar a boa vontade», acho que foi o que disseram.

— Mas e a Paradise Living? — pergunta Kate, uma ruga começando a vincar a sua testa ao lembrar-se do problema no plano de Ahmed: os investidores que já tinham pago um sinal para a compra do lido.

Rosemary abana a cabeça.

— Iam pagá-lo hoje, mas quando a câmara soube da oferta de publicidade mudaram de ideias. Parece que também houve um escândalo qualquer, encontraram amianto numa das novas torres de apartamentos da Paradise Living... não viu a história esta manhã no *Brixton Chronicle*?

Kate abana a cabeça.

— Quem escreveu o artigo? — pergunta.

Rosemary tira da mala um exemplar do jornal e mostra a reportagem a Kate. Por baixo do artigo lê-se: «Phil Harris».

— Então conseguimos mesmo? — pergunta Kate, virando-se para Rosemary, para aqueles olhos azuis repletos de felicidade.

— Conseguimos — repete Rosemary, voltando a abraçar Kate. — Obrigada — diz.

Kate não a deixa soltar-se. Assim ficam ao sol, abraçadas, como se acabassem de chegar a casa. Ao fim de algum tempo Jay rompe o silêncio e diz, apontando:

— Olhem quem lá vem — diz-lhes.

Frank e Jermaine caminham de braço dado e a rir. *Sprout* corre à frente deles e salta para Kate e para Rosemary, sempre a abanar a cauda. Hope acena-lhes e Ellis e Jake sorriem e acenam também. E Ahmed balouça os braços tão confiante que parece mais alto. Para variar, não está a pensar nos exames. O grupo cerca-as a sorrir, a rir. Ahmed e Rosemary abraçam-se e Frank e Jermaine estendem os braços para Kate e apertam-na contra os dois enquanto *Sprout* pula, desejoso de participar no abraço. Quando a soltam, Kate vê chegar Geoff e entrega-lhe o molho de chaves que tem no bolso.

— Acho que isto é seu — diz.

— Obrigado — agradece ele, aceitando as chaves. — Claro que é uma felicidade voltar a tê-las. Obrigado. Sinceramente, muito

obrigado.

— Creio que só falta fazer uma coisa — diz Rosemary quando o grupo acalma. Todos se viram para ela. — Nadar!

— Excelente ideia — observa Hope, erguendo nas mãos o saco do equipamento.

Juntos, invadem o lido, passam pela barricada demolida e descem o corredor. Kate espreita a sala de ioga quando passa por ela, os tapetes e as toalhas ainda no chão a provar-lhe que as noites passadas com Jay aconteceram mesmo. Dá-lhe a mão e saem juntos para o deque.

CAPÍTULO 65

Os meses sucedem-se e o lido continua a funcionar, com a longa fila para entrar a chegar até ao parque nos fins de semana. Lá dentro, a piscina recebe todo o tipo de nadadores. Há o que vai treinar, deixa uma garrafa de água e o seu relógio de pulso na borda e faz piscinas cronometradas com rigor. Há o que nada de costas, que parece não conhecer nenhum dos outros estilos e sabe exatamente a quantas braçadas está da parede, portanto, nunca bate lá com a cabeça. Há o nadador espalhafatoso que consegue uma piscina só para si (talvez faça de propósito). Há o que nada debaixo de água e pouca gente vê, pois desloca-se sempre rente ao fundo. Um deles é o chamado nadador-praticante-de-ioga: permanece no lado menos fundo, apoiado sobre um só pé e levanta as mãos acima da cabeça como se estivesse a rezar, antes de estender os braços em frente, dobrar os joelhos e saltar para a água. E depois há Kate, a que gosta de praticar o movimento dos pés.

Kate e Rosemary frequentam a piscina no final do verão e pelo outono dentro, empurrando com os braços a água onde folhas caídas flutuam como barcos. Todos os dias nadam na água fria e todos os dias ficam algum tempo sentadas no banco à porta do lido à espera de que o cabelo seque e a conversar.

— Amanhã à mesma hora? — pergunta Kate, levantando-se para ir embora.

— Amanhã à mesma hora — responde Rosemary.

CAPÍTULO 66

A raposa atravessa Brixton, abanando a cauda na sua correria. Apesar de o sol brilhar, não tem medo: aquela é a sua terra e sabe que pode andar por onde lhe apetecer. Corre em volta da vedação de uma escola: o recreio está apinhado de crianças que dão pontapés a pilhas de folhas de outono ou atiram molhos delas umas às outras. À tarde, regressa ao pátio já deserto, surripiando pedaços de sanduíches caídos e bolachas meio comidas. Depois de se alimentar, segue as crianças de Brixton que se dispersam pelo parque, ansiosas por tirar o máximo partido das últimas temperaturas amenas do outono. Algumas vão direitas para os escorregas; outras balouçam os sacos de natação e correm para o lido.

Ao anoitecer, passa pelos bares, a música a derramar-se do seu interior enquanto os clientes abrem e fecham portas para irem à rua fumar um cigarro. As pessoas agrupam-se junto dos aquecedores de exterior e a raposa aproveita para saquear os contentores do lixo até um *chef* carregado com uma nova remessa de lixo a enxotar.

No mercado, os vendedores encolhem-se nos seus casacos nas manhãs frias e durante o dia estendem capas de oleado por cima dos seus produtos para os proteger da chuva. Ao virar da esquina, na Station Road, os estores das lojas situadas nas arcadas estão puxados para baixo — alguns acabaram de fechar para a noite, outros encerraram definitivamente.

Todos os dias, ao amanhecer, ela corre para o parque através da neblina, passando por alguns *joggers* embrulhados no maior número

de camadas de roupa possível — aos casacos, sucedem-se cachecóis e luvas. A sua respiração enevoa o ar quando correm e o cheiro das fogueiras pega-se-lhe à roupa como a humidade às lâminas da erva.

Enquanto a raposa dá as suas voltas diárias ao Brockwell Park, as árvores tornam-se alaranjadas, depois vermelhas, em seguida cor de bronze, folhas caem como pingos castanhos em volta dos seus troncos, deixando os ramos nus.

No lido, os nadadores vestem fatos de mergulho para se defenderem do frio. Os mais corajosos usam o fato de banho, respiram fundo e mergulham.

CAPÍTULO 67

E depois chega o inverno. Os restaurantes de Brixton Village distribuem mantas aos clientes que se sentam de casaco vestido e se aquecem com *cocktails* e vinho. Mais ao cimo da rua, no cinema, uma banca recebe cobertores e alimentos para os que não têm para onde fugir do frio. Os que vão passear os seus cães ao parque caminham agora mais depressa do que no verão. Os campos de ténis estão vazios e a horta comunitária dorme, aguardando a primavera.

Está uma multidão no lido, dispersa pelo café e pelo deque.

— Ouvi dizer que mudou de emprego? — pergunta Hope a Kate.

Kate sorri.

— Sim, começo para a semana.

— Dizem que é no *Guardian*!

— É apenas um lugar de jornalista júnior — esclarece Kate, corada. Mas a sorrir.

— Mesmo assim é fantástico — diz Frank, que se juntou a Hope e Kate, acompanhado por Jermaine.

— Parabéns, Kate — diz Jermaine. — Se alguma vez precisar de algum livro para as suas investigações, sabe onde ir.

— Claro. À minha livraria preferida.

Hope pergunta-lhes como vai a loja. Eles contam que planeiam começar a vender livros novos de autores locais e organizar encontros com escritores nas suas instalações. Enquanto conversam, Kate olha para o fundo da sala. Estão ali Erin e Mark, os seus pais também, e naquele momento eles falam com Jay. Vê-se

uma saliência por baixo do vestido preto de Erin. Na semana anterior, ela ligou a Kate a dar a notícia e desataram as duas a chorar ao telefone. Kate está desejosa de ser tia.

Sente um calor crescer dentro de si quando olha para Jay a conversar com a sua família. Mas *tudo bem*, pensa, com ele vai correr tudo bem. Ele vê que ela está a olhar e sorri-lhe. Entreolham-se um instante e depois ele retoma a conversa. Ela irá para casa com ele nessa tarde — para o apartamento dele onde agora a roupa dela está pendurada no mesmo armário que a dele. Sabe que foi tudo muito rápido, mas, quando o colega de casa de Jay, Nick, disse que se ia embora, pareceu-lhes a atitude óbvia. Fechar a porta da sua casa antiga e gritar um último e ignorado adeus ao corredor foi a parte melhor. Ao trancar a porta e ao enfiar as chaves na ranhura do correio do novo inquilino, sentiu que também tinha deixado lá dentro o seu Pânico. Seguiu caminho e nem olhou para trás.

Ellis, Jake, Ahmed e Geoff estão junto ao balcão do café a conversar. Ahmed prepara-se para acabar o primeiro semestre na faculdade. Veste um fato novo que lhe fica muito bem.

Não ouve à primeira o que Hope lhe diz; está concentrada nas pessoas que a rodeiam.

— Acho que está na hora — diz Hope. Pousa delicadamente uma mão no ombro de Kate.

— Sim, sim, claro — responde Kate. Olha para trás, para o fundo da sala. Frank e Jermaine dirigem-se ao deque, abraçados. Veem-na e baixam a cabeça, ela faz o mesmo.

Hope segura no cotovelo de Kate, leva-a até à porta e saem para o ar frio. Jay e a família dela aguardam-na e Hope recua um passo, deixando Kate aproximar-se deles. Jay dá-lhe um beijo na face. Erin estende-lhe uma mão. Kate aperta-a na sua, lembrando-se de quando se sentava ao lado da piscina com a irmã e também lhe apertava a mão.

A multidão reúne-se no deque, em frente da piscina. A piscina está vazia e silenciosa, o céu por cima dela cinzento e nublado. O adolescente encontra-se de costas para a piscina. Veste uma camisa demasiado grande e tanto no peito como na barriga ainda se

veem as pregas de quando estava dobrada no embrulho. A gravata preta também é nova.

Tem uma folha de papel na mão. Olha para ela e depois para o grupo. Ao seu lado, os pais observam-no. A mãe sorri e tem vontade de avançar e apertá-lo nos seus braços, mas sabe que ele tem de fazer aquilo sozinho. O grupo forma um semicírculo virado para a piscina e ele começa a falar.

— Conheci a senhora Peterson, Rosemary Peterson, a primeira vez que vim ao lido. Já lá vão alguns anos. Ela veio dar-me os parabéns... disse que eu nadava muito bem.

O rapaz mudou de voz há pouco tempo e ainda não se habituou ao novo som. De pé, sozinho, com a piscina atrás de si, parece pequeno, mas fala com segurança.

— Ao princípio não acreditei nela, mas ela dizia o mesmo sempre que me encontrava. «Nadas muito bem» dizia ela. Se calhar, ao princípio não nadava nada bem, mas continuei a vir e a praticar e ela sempre a dizer-me o mesmo, até que acabei por ver que ela tinha razão. Eu estava a nadar cada vez melhor.

Levanta os olhos do papel pela primeira vez. As figuras de preto aglomeradas no deque olham para ele.

— Foi isso que ela fez por mim... mostrou-me como atingir a excelência. E sei que ela fez o mesmo por muitos de vós. Por isso é que estamos aqui.

O rapaz dobra a sua folha de papel e guarda-a outra vez no bolso. Volta para junto dos pais e a mãe dá um passo em frente, puxando-o para si. Ele deixa-se abraçar e encosta a cabeça ao corpo dela. A mãe aperta o rosto do filho entre as suas mãos. Ao fim de um instante, o pai também avança para ele e abraça-os aos dois.

Hope diz umas palavras, fazendo o grupo rir quando conta a história de Rosemary a saltar para a água com os colegas, todos de uniforme escolar. Fala do modo como Rosemary a tomou sob a sua asa quando ela se mudou para Brixton e foi trabalhar com ela na biblioteca, da amabilidade dela para com as crianças que iam escolher livros para ler nas férias de verão e do respeito com que sempre tratou as opções de leitura das pessoas, nunca revirando os olhos a um romance de título improvável ou a um livro de autoajuda.

Todos fazem sim com a cabeça e sorriem. Mesmo os que conhecem Rosemary há pouco tempo, pensam: *Sim, essa é a Rosemary*. Ouvir como ela era numa fase anterior da sua vida só vem confirmar a ideia que têm dela. Sentem que a conhecem desde pequena. Sentem que nessa altura já a conheciam. No fim, a voz começa a tremer a Hope, ao recordar a sua amiga mais antiga, desejando que ela ali estivesse. Quando pensa com quem irá partilhar uma fatia de bolo e conversar uma vez por semana, só lhe apetece meter-se na cama e nunca mais sair de lá. Respira fundo e retoma o seu lugar no grupo, onde Jamila abre os braços e aperta a mãe contra si.

Quando chega a sua vez de falar, Kate olha para Erin, depois para Jay. Ambos lhe fazem um sinal com a cabeça, o que lhe dá força para prosseguir. Dirige-se sozinha ao fundo do lido, de costas para a água e de frente para o grupo. Contempla os rostos reunidos no deque. A sua família encontra-se junto a Jay e sorri-lhe, encorajando-a.

Olha para os que estão à beira da piscina. Frank e Jermaine, abraçados, limpam ambos os olhos com um lenço de papel. Ahmed está ao lado de Ellis, Jake e Geoff. E à sua volta vê os outros rostos de Brixton que quiseram despedir-se. A jovem mãe com o seu bebé ao colo lembra-se de nadar ali já perto do fim da gravidez e de passar por Rosemary, que parava sempre para falar com ela. O adolescente e os pais, ao pé dos empregados da loja solidária e do proprietário do café preferido de Rosemary e Hope. Kate não reconhece muitas das caras. Olha para todos — os amigos de Rosemary, a sua comunidade, o seu lar — e sente-se invadida por uma onda de gratidão. Um ano atrás, a sua vida era tão pequena. Agora é muito maior.

Um pássaro voa por cima deles no céu cinzento e pousa para descansar entre a folhagem. Emite um som agudo; ela olha e vê manchas verdes e amarelas entre os ramos escuros. É um periquito. Observa-o por instantes e em seguida volta a fitar o grupo abrigado debaixo dos guarda-sóis do café. E então começa a falar.

— Quando conheci a Rosemary, sentia-me só num mundo que era demasiado grande para mim. Estava sempre com medo...

aterrorizada, na verdade. Vejo agora que estava presa. Precisava de alguém que me soltasse.

Respira fundo, lembrando-se de chorar fechada no quarto e de sentir que a escuridão podia dominá-la completamente e arrastá-la para um sítio de onde ela talvez não fosse capaz de sair.

— Conheci a Rosemary em trabalho, mas na verdade nunca me pareceu trabalho. A minha tarefa era escrever a história dela, só que ela quis saber a minha. Ajudou-me a encontrar o meu caminho. Sem a Rosemary, eu nunca teria conhecido este lido. Sem a Rosemary, eu nunca vos teria conhecido nem encontrado o meu lugar nesta cidade. Sem ela, eu continuaria perdida.

Diz as palavras em voz alta pela primeira vez e é uma espécie de libertação final.

— A Rosemary salvou-me. Sei que vai ser recordada pelo modo como lutou por este lido e conseguiu mantê-lo aberto ao público. Mas ela também me salvou a mim. Fez com que estar sozinha não fosse um ato de solidão. Era minha amiga. E sinto a falta dela.

Uma brisa põe a dançar o seu cachecol preto. Kate sente o vento na cara. O grupo está silencioso.

— Todos sentimos a falta dela — diz, um momento depois. — Por isso, quis que a recordassem, tal como eu, de uma forma especial: como a nossa Rosemary.

Vira-se e vai pela borda da piscina até ao lado oposto. Uns seguem-na até ao fundo, outros ficam no lado mais próximo do café. Kate está diante de Jay e entreolham-se por cima da água. Ele sorri. Erin, Mark e os pais de Kate também se encontram à sua frente, ao lado de Jay. Brian fecha os óculos e coloca-os no chão, ao seu lado. Mark dá a mão a Erin. Ahmed está junto a Geoff, que lhe põe um braço por cima do ombro. Kate observa quem está perto de si: Hope e Jamila, Ellis e Jake de um lado, Frank e Jermaine do outro. O adolescente encontra-se ao fundo, entre o pai e a mãe. Estão os três de mãos dadas. Está ali toda a gente, com os pés à beira da piscina.

Kate desabotoa o casaco e pousa-o no chão. Puxa o vestido preto para a cabeça, despe-o e fica de fato de banho.

Em seguida, todos começam a tirar a roupa de luto, revelando as cores vivas dos fatos e calções de banho. Quando receberam o convite com o curioso pedido, sorriram, concordando que era exatamente aquilo que se devia fazer. Despiram a roupa do funeral a conversar e a rir, saltitando para combater o frio. De repente, Kate lembra-se da história de Rosemary — a que Hope acabara de contar — e estende o braço para o casaco que deitara para o chão. Pega nele e veste-o, abotoando-o por cima do fato de banho. Os outros veem-na e riem, fazendo o mesmo com os seus.

Todos se encontram à beira da piscina de casaco por cima do fato de banho.

Kate dá um pequeno passo em frente, inclina a cabeça e olha para a água. Pensa em Rosemary e George nadando juntos a vida toda ali, no lido.

— Um, dois três — diz.

E todos mergulham.

CAPÍTULO 68

As flores silvestres regressam ao Brockwell Park na primavera. Durante algum tempo, parece que nunca mais chegam: o solo estala de tão frio e a erva gelada parte-se debaixo dos nossos pés. Mas elas acabam sempre por voltar. Quem vê a erva coberta de geada e as árvores nuas facilmente esquece que elas alguma vez lá existiram. Mas mal a nova estação boceja e estende os braços à vida, rebentos verdes começam a furar a terra. Os botões desatam a abrir como mãos fechadas em punho. E de repente há flores por toda a parte. Maravilhas de um amarelo-vivo, ranúnculos e narcisos rastejantes dominam as encostas. Para além do parque fica Brixton e o burburinho da cidade, mas aqui tudo é verde e silencioso.

O parque ganha vida, apinhado de famílias a gozar o primeiro sol. Casais adormecem sobre a erva, um apoiando a cabeça na barriga do outro. Um homem para a meio da encosta para dizer «tu consegues» à mulher que a sobe a correr.

No cume da colina há um banco de jardim. Dali vê-se o parque e os que vêm gozar o calor do Sol. Ao fundo da encosta, pessoas percorrem o caminho que vai dar ao lido, levando consigo os sacos com o equipamento de natação e as toalhas, desejosas de estendê-las e reclamar o seu cantinho desta praia citadina.

Na madeira nova do banco, está escrita uma mensagem: «Para George, que adorava esta vista. E para Rosemary, que a salvou.»

NOTA DA AUTORA

Este livro é uma história fictícia inspirada, de certo modo, no tempo em que vivi em Brixton quando era estudante. Impressionou-me o sentido de comunidade que ali se respirava, mas também não me passaram despercebidas as muitas mudanças que estavam a ter lugar — mudanças que se repetem em muitos bairros de Londres e de outras cidades.

Embora esta seja uma história inventada, o Brockwell Lido existe mesmo. A piscina ao ar livre do sul de Londres foi inaugurada em 1937. O verdadeiro lido tem uma história longa e complexa e de facto esteve um período encerrado na década de 1990. Foi em parte a luta dos nadadores do bairro que ajudou a reabri-lo. Na minha história, porém, optei pela ficção: imaginei o que aconteceria se o encerramento ameaçasse o lido na atualidade.

Também fui criativa em relação à verdade sobre outros locais de Brixton — inspirei-me nos lugares reais, mas usei a imaginação para tornar mais interessante a história.

Como londrina, tenho a sorte de contar com vários lidos na minha cidade: Tooting Bec, Parliament Hill, London Fields e Serpentine Lido são alguns dos meus preferidos. Mas há piscinas ao ar livre espalhadas por todo o RU e pelo estrangeiro. Muitas foram fechadas recentemente, mas algumas acabaram igualmente por reabrir — em geral devido às campanhas empenhadas das pessoas do bairro. Se nunca nadou num lido, não deixe de procurar um e mergulhar de cabeça. Quando o fizer, veja bem se não está

uma Kate ou uma Rosemary dentro de água consigo.
Provavelmente, também eu estou lá. Boas braçadas.

AGRADECIMENTOS

Este livro pode ter o meu nome na capa, mas foram muitas as pessoas que ajudaram a torná-lo possível e a quem eu gostaria de agradecer do fundo do coração.

Obrigada em primeiro lugar à minha família por me ter sempre apoiado e encorajado a escrever. Desde levarem-me a cursos de escrita e festivais de literatura até terem lido tudo o que lhes apresentei. Em especial à minha irmã Alex, por ser a primeira leitora do rascunho deste livro, mas também por me ter ensinado a nadar. A tua paciência e inspiração mudaram a minha vida. Obrigada a Bruno, pelo vinho, pelo chá, pelos jantares e, de uma maneira geral, por me amares. Também aos meus queridos amigos (demasiados para referir individualmente) por serem membros incondicionais da equipa Libby — é uma sorte poder contar com o vosso apoio. Um agradecimento especial a Hannah Friend, uma antiga colega que me encorajou a entrar dentro de água e foi a minha parceira de natação sempre que precisei. Um pequeno capítulo nas nossas vidas — mas com consequências decisivas para mim.

Um grande obrigado ao meu maravilhoso agente Robert Caskie, por acreditar em mim e em *A Piscina* e por me orientar ao longo deste processo com tanta amabilidade. Não há ninguém melhor que eu pudesse ter a meu lado. Também a Nathalie Hallam, por me ter ajudado a levar *A Piscina* a correr o mundo!

À minha brilhante editora Clare Hey, da Orion: aprendi tanto com ela, e o seu entusiasmo por esta história desde o primeiro dia foi espantoso. Obrigada a todas as pessoas da Orion, em particular

Sarah Benton, Rebecca Gray, Cait Davies, Jo Carpenter, Hannah Methuen, Andrew Taylor, Paul Stark, Rabab Adams, Rachel Hum, Sally Partington e Katie Espiner.

Para terminar, gostaria de agradecer aos nadadores do passado e do presente que inspiraram este livro. Nos últimos anos, observei e conheci entusiastas de natação dos mais diferentes tipos que amam os seus lidos, bem como as suas piscinas e os seus lagos, rios e mares. Todos partilham um grande gosto pela vida e a capacidade de se divertirem. Este livro é também para vós, com a minha admiração.